# VIUVA PROFISSIONAL

2015

**Edição de autor**

Todos os direitos reservados. Nenhuma reprodução parcial ou total desta obra, é permitida sem indicação da autoria de quem a escreveu ou nela participou.

Esta é uma obra de ficção, qualquer coincidência com gente ‘real’ é isso mesmo, pura coincidência.

@Entre Lisboa de 1995 e Lisboa de 2015

João das Neves

# A insustentável fraqueza do ser (espécie de fábula suburbana)

*Prefácio*

Sempre desejei escrever um livro sobre redenção.

Para isso havia que ter bordejado a longínqua vista da perdição.

Mas sempre fui cobarde demais.

Sempre tremi de medo e insegurança por qualquer sombra de excesso, sempre afoguei a minha própria personalidade sob o peso daquilo que achava que os outros pensavam de mim ou sob qualquer táctica elaborada a altas horas da noite para obter a droga que me daria por fim a validação confirmada por outros, já que não tinha a coragem em acreditar com força suficiente em mim.

O cliché é sufocante.

Perceber toda a ilusão elaborada pelo meu ego para manter uma degradação na qual ia buscar a minha identidade, sempre incapaz, no bem e no mal, para sair da minha zona de conforto.

Até perceber que me tinha tornado na minha maior vítima, aquele a quem fazia mal quando me faziam mal, roçando-me como porco no cio pelas lamas da minha auto-humilhação.

Não tinha coragem para responder em género, havia que magoar alguém, eu era um alvo fácil e sempre disponível.

Tinha dois prazeres nisso, libertava a raiva que tinha de mim por causa da minha cobardia inata, e obtinha uma recompensa moral por me sentir coitadinho, até de mim mesmo. Que glória aceitar toda essa sujeição.

Anos e anos a escrever em papéis soltos e amachucados no lixo, onde procurava entender.

Entender-me, porque não era fácil. Se quase sempre eram os outros que a sabiam toda e se acreditava na minha inadequação como se fosse a única certeza que havia na vida, contribuía para a minha aniquilação como *quid* mínimo, até ao ponto de me revoltar contra esta redução da minha individualidade.

Entrando a altas horas da noite destilando a fio e pavio planos escritos ressentidos contra o mundo que não havia sido aquilo que eu esperava que se revelasse para mim, o eu especial no meio de outros eus.

Imaginava outros passando por semelhante, mas eu era especial, afinal escrevia com alguma graça sobre aquilo que achava que só me acontecia a mim.

Era finalmente a minha vingança. Cuspiam, os outros e o mundo, no prato que eu era em plena luz do dia? Toma lá que a vingança é minha destilando arsénico literário pelas noites dentro.

Entrei no ciclo da revolta, contra tudo e todos, incluindo, contra mim.

O que só acentuou o ciclo.

As crenças, acerca de mim, do mundo e das mulheres, observaram como é óbvio, alterações.

Mas apenas porque no desespero após mais um abandono, acabei por rejeitar também as anteriores formas de pensar, não funcionavam.

Pior que isso, degradavam-me. Mas não eram eu. Nós não somos as nossas crenças, somos a vontade de acreditar nelas.

E se as minhas crenças me degradavam, havia que as mudar, pois eu não suportava concorrência.

Havia que começar a estudar de uma vez por todas, a origem dos meus supostos problemas. O ressentimento como categoria filosófica entranhado em 100 000 anos de antropogénese.

As gajas. Havia que estudar o inimigo, todas as desconsiderações, acentuando o grau de maquinações, pois acreditava piamente que era uma questão de afinar o mecanismo. A minha taxa de sucesso não era má, nem a minha influência no reino do estrogénio. A vergonha interiorizada é que extrapolava completamente a minha interpretação. Cada sorriso parecia escárnio, cada conversa um gozo, cada assunto alheio uma referência indirecta a mim.

O medo continuava a comandar-me.

Afinal, após algum estudo metódico sobre o gajedo, nada tinha que ver com as fêmeas.

Havia dobrado as Tormentas.

Mas e o registo da cabotagem anterior?

Pensar o passado nada tem que ver com reviver o passado, mas perceber os processos de pensamento envolvidos.

Seria justo deitar fora aquela parte negativa de mim que originou algumas resmas de páginas escritas na mais profunda solidão e amargura? Mesmo que de mim a mim infligidas?

Não de todo. Para isso havia bastado aquela que por desfastio havia queimado tudo o que lhe escrevera, percebendo eu na altura que ela era secundária em relação à minha vontade de produzir beleza por escrito.

Não podia permitir-me ser hipócrita.

A escolha da personagem literária foi inspirada por eventos reais. A viúva profissional tem uma pessoa concreta que começou por ser para mim o símbolo das mulheres que fodem de forma industrial, aniquilando por completo a individualidade do sujeito que com ela se cruza.

Queria, no blogue em que teve origem, revelar a mediocridade e convencionalidade daquela que ia buscar a sua autoimagem com vista à crença na unicidade, à sua capacidade de desapego emocional.

Eu vingava-me do mundo fazendo-me sofrer, ela fazendo sofrer. E eu achava-me superior por isso.

Nem a imagem é justa para com a pessoa real, nem para comigo próprio. Era só a dor a falar.

Reeditava com ela o que já havia feito com outras, em método urdido pacientemente, e com eficácia elevada.

Após a cisão, o ressabiamento durou algum tempo, mas a vertigem perdurou, até ao momento de perceber que a imagem burguesa da mulher emancipada era atemporal, um verdadeiro cliché pelas eras, dando, aparentemente, novo sentido à ideia aristotélica de a mulher ter o seu destino no seu corpo.

Havia portanto que revestir com cor e carne esta mulher emancipada que baseia o seu mérito próprio no poder de compra que tem no mercado da carne, também ela caçando valor para si, através de outros, como eu.

A descrição desta mulher convencional nada tem de chauvinismo. Afinal o remorso ressabiado tem um não sei quê de *i would rather not* como lamento pela forma como nos tratamos uns aos outros, pelo menos com a morte e a eternidade como pano de fundo.

O que de seguida se apresenta foi o que sobrou das folhas amachucadas, dos cadernos rasgados, das notas perdidas em autocarros e metros por Lisboa.

Para não deitar fora como cobra que muda a pele, as emoções na origem das letras. Ainda que com batom falso e cosmético pó de arroz para compor minimamente a velha pele já sem uso.

Espero que não gostes, caro leitor e leitora.

I

**Eu**

Quis a Providência ou a genética que eu nascesse com um temperamento brando e doce.

Fui condicionado, ou melhor, educado a ser bem-educado e comportado, sendo compensado em amor pela minha mãe aos mimos que meu pai sonegava enquanto se divertia com outras. Talvez por ter nascido em berço de madeira com caruncho, a minha mãe tenha desenvolvido como todos os pobres deste país aliás, um fraquíssimo sentimento de auto estima, o que a levou a aprofundar ainda mais o já de si infinitamente profundo laço entre mãe e filho.

O meu pai havia sido abandonado pela mãe, crescendo à moda antiga, com o trauma de ter sido preterido por um dos progenitores, pela sua mãe, o que influenciou o seu comportamento futuro em relação às mulheres, que eram o terreiro onde buscava a aprovação nunca conseguida ou suficiente para superar a rememoração em surdina da rejeição materna, numa procissão de mulheres seduzidas e logo abandonadas antes que primeiro o abandonassem...de novo…

Assim, com um marido semi-ausente e manipulador, a empregada doméstica na sua própria casa dedicava-se ao filho que cresceu mimado e amado como príncipe medieval.

Outros meninos menos afortunados que eu, tratados de forma mais áspera iam calejando as armas do futuro, os punhos e a língua. Aprendendo a andar à porrada e a emitir frases feitas e presença de espírito desarmante para com qualquer interlocutor, desde que perante audiência.

Mesmo esses meninos com quem me comparava tinham pais diferentes do meu. Seus pais eram brutos, talvez secos mas mal ou bem, presentes.

Infelizmente, havia pessoas, suponho com razão, com pais piores, abusadores e violentos, mas falo aqui de situações ainda dentro daquilo que era normal naqueles tempos, nos anos 80 e 90.

Este é o meu caso e a minha cogitação acerca dele, sei que há casos melhores e piores.

O meu pai não é uma ‘má pessoa’, é também ele o resultado do seu meio e de uma forma de viver de antigo regime, decorrente do ambiente miserável do Portugal das classes humildes. Sempre me lembro de

escrever nas fichas de aluno, nos questionários de escola e outros, a profissão dos meus pais, operário e operária fabril.

Jovens com pouca escolaridade no 25 de Abril de 1974, conheceram alguma riqueza material nos anos passados entre 1980 e 1993, curiosamente até os dinheiros da CEE começarem a entrar e com eles os trabalhadores menos remunerados de outros países, não que tenha algo contra isso, mas posso afirmar que com a excepção dos empregados de escritório, a generalidade dos operários portugueses viu a sua riqueza material estagnar com a entrada de gente menos exigente a nível de salário.

Os operários foram dando origem aos empregados de escritórios e serviços, perdendo o país uma espécie de lucidez ligada à fatalidade da existência, trocada por gerações de gente educada no politicamente correcto e em ambiente de verniz, que aceitou e abraçou a sua diluição pós-moderna num monstro de 500 milhões de pessoas, não sufragado, desde que pudesse confirmar publicamente a sua sofisticação com a adesão à última moda ou a expressões provincianas em língua estrangeira.

O meu pai sempre olhou de soslaio para a escola, recebeu pouco carinho do seu pai, e desde cedo se queria ter uma camisa melhor tinha de trabalhar para a ter. Chegou a comer as sandes que os outros meninos deitavam para o chão, no áureo Portugal salazarista, porque não havia comida em casa, e portanto julgo natural a sua aversão e dificuldade para com a escola, afinal, as deficiências calóricas e proteicas não ajudam muito no percurso académico.

Para ele o filho era uma continuação do seu território, do seu valor sempre à prova provavelmente por causa do seu segredo de ter sido abandonado pela mãe, determinado até hoje. Não foi abandonado numa roda dos expostos, mas ainda conviveu com a mãe uns 3 ou 4 anos, o que é pior, pois uma criança percebe que há uma diferença entre uma mãe que a abandona sem a conhecer, e uma que a abandona após alguns anos de convivência, que é pior, pois numa há a rejeição do que não conhece noutra a rejeição é maior e mais profunda porque foi-se embora apesar de ter conhecido a criança. Percebo que isso seja perturbador e traumático.

A sua pedagogia era desconcertante, a um bilhete do professor da primária queixando-se da minha caligrafia, toca de meter-me nas férias de Verão a fazer 50 e mais cópias de textos e não sei quantas vezes a tabuada, naquilo que para ele era um exercício no meu melhor interesse, mas que para mim era uma angústia diária de ter que fazer, pressionado, para mostrar ao pai castrador e juiz, que parecia ter sempre novas tarefas para o dia seguinte. Certa vez queixei-me que me doía a vista e obtive uma saudável proibição de oito anos sem ver televisão.

Era assim a pedagogia do meu pai, temia que eu fosse atropelado, e portanto proibia-me de ir para a rua brincar com os outros meninos e meninas.

Não se podia esperar outra coisa de uma pessoa disfuncional, infelizmente, educada à moda antiga, também ela extremamente disfuncional, para não dizer psicótica, onde as crianças eram educadas de forma rude e quase despojada, para serem homens e mulheres antes de tempo, preparados para as agruras da vida e onde a única forma de ascensão pessoal era na mesa da ceia com a bagagem dos anos, exigindo aos mais novos uma reverência que era quase sempre negada na praça pública pelos pares de condição. Ouvi muitas vezes com admiração silenciosa, relatos de mais velhos congratulando-se com esta educação que haviam recebido, como se se engrandecessem a si próprios por terem suplantado tal teste de sobrevivência e como celebração do seu momento (então) presente nos fortes e vigorosos homens com H que se haviam tornado. Havia ouvido isso da boca de meu pai e de outros ao longo dos tempos e o meu espanto residia em perceber como podiam rememorar com uma espécie de saudade, a sujeição passada, a rudeza dos modos e a miséria dos actos. Mas era este o contexto do meu contexto social.

É óbvio que cresci a temer e a insurgir-me contra tudo que fossem figuras masculinas ‘fortes’, ou dominantes, e sempre me dei melhor com mulheres que com homens que antagonizava mutuamente.

O meu pai bateu-me umas quatro ou cinco vezes nos dezasseis anos que conviveu connosco, nunca faltou comida em casa mas tudo o que fosse gasto comigo, filho único, parecia ser desperdiçado a seus olhos. A violência do meu pai não se fazia sentir na ponta de um cinto, chinelo ou colher de pau, mas nas conversas desdenhosas, nas advertências ameaçadoras e saloias, nos afastamentos, e nos desdéns. Nunca percebi bem qual era o seu ódio em relação a mim. De certa forma olhando para aquele homem naquela altura vejo-o hoje como uma espécie de autista, que tratava melhor os filhos dos outros, os amigos e as mulheres destes que a mim e à minha mãe.

Nunca tive quando precisei na infância e adolescência, um pai amigo, mas tive de forma muito sinuosa, uma espécie de educador. Um mitómano de voláteis humores, manipulador e manhoso, incapaz de reconhecer qualquer erro, uma pessoa cuja sobrevivência dependia de conseguir construir interpretações dos factos onde aparecia sempre a boa luz, passando o ónus dos defeitos de carácter sempre para os outros, uma vítima do seu ego, sempre numa desesperante luta por reconhecimento.

Quem não fazia parte do *draft* dos válidos para essa aprovação, como eu, contava para nada.

Talvez fosse a determinação que um filho traz. Quando tens um filho sabes que as promessas de juventude ficam irremediavelmente condicionadas. Meu pai e minha mãe eram crianças com 20 e 18 anos quando me conceberam, e portanto atalharam as vivências de aprendizagem atrás de um balcão fabril e uma renda para pagar.

Talvez fosse por saber que minha mãe nutria um amor incondicional pelo filho em que o marido assume, normal e saudavelmente, importância secundária, e talvez isso para ele não pudesse ser, pois deixava-o inseguro, sentir que não controlava a mulher totalmente, sob risco de ela poder reeditar o abandono materno.

Por isso a engravidou assim que pode, ele que tinha namoradas 'em três freguesias'. A minha mãe tinha 'jeito' para a escola, e o sacrifício prematuro de ter um filho condicionou-a na sua vida futura. Conscientemente abraçou esse sacrifício. Filha de mãe alcoólica que encontrava no vinho a fuga para a monotonia de uma vida inteira a sublimar a sua individualidade, um ser bondoso com menos de metro e meio, maravilha filosófica devedora à sabia alimentação do Estado Novo, com nove filhos nascidos e sete criados, amadurecidos sob o estigma do Portugal dos pequeninos em que uma mãe agarrada ao vinho era motivo de chacota pelas freguesias, chacota e estigma estendida à prole.

Porque gostava de meu pai, grande amor da sua vida até mesmo depois da separação, mas também para matar o borrego do estigma, a minha mãe casou-se prematuramente e originou-me.

Como pérola de condição humana repetida por todo o globo, o amor materno é uma força determinada e determinante, e neste caso como em incontáveis outros, o centro de gravidade passa a ser o novo ente saído de suas entranhas, perante o qual tudo se sacrificou e sacrifica, bem mais que alguns pais, que olham para o filho como um competidor directo pelo fascínio da companheira.

Das várias vezes que havia boas novas dos meus afazeres escolares, o progenitor em vez de orgulho, desdenhava e preparava o imberbe cachopo de oito, nove, dez anos, de que assim que fosse para a tropa, saía de casa sendo homem, ou que iria trabalhar para as obras. Eram esses os planos para mim, atávicos e redutores pareciam castigo, não fossem eles oriundos de uma ancestral forma de pensar.

Felizmente nunca percebi bem essas ameaças de tão ridículo era o *timing* da sua expressão. Eram meros desabafos, mal formulados ou encobertos, dessa difícil existência, que culminara num trabalho monótono e num sustentar mulher e filho não porque se sentisse como tarefa própria, mas porque a preocupação era a opinião que outros teriam de si.

Por isso a minha mãe nunca foi senhora de prosseguir estudos ou tirar a carta para poder conduzir. Para ir trabalhar, o seu grande escape no futuro, foi uma luta, pois era mais um domínio em que ele perderia controlo que precisava para se sentir seguro, mas lá percebeu que assim entraria mais dinheiro em casa, e logo poderia aceder ao objecto que melhor lhe conseguiria os favores sexuais das outras mulheres, o automóvel. É mais simples pagar o carro a dois, e dizer que é 'nosso', quando um rabo detém o monopólio do assento do condutor.

Não foi tudo mau. Longe disso.
Posso dizer que até fui um sortudo tendo em conta as circunstâncias e outros casos, infelizmente piores.

Escuta, tenho sempre de insistir, isto é nada perante casos dramáticos e bem piores de filha de putice social, filial e matrimonial.
Algum pudor devia-me impedir qualquer relato de 'dor' tendo em conta que o descrito pode ser considerado achaque perante outros casos, esses sim graves.

Tem alguma paciência comigo e concede-me algum desconto, por amor às letras, senão o livro acaba aqui.

II

**Tu**

Como te disse, cresci hostilizando e sendo hostilizado por figuras masculinas, e abominando a autoridade.

A minha mãe compensava tudo, dando todo o amor e até mais algum. Ensinou-me até que por vezes o amor em demasia poupa-nos experiências que nos ensinariam duras mas valiosas lições. Ensinou-me também num pau de dois bicos a ser o homem que meu pai não havia sido para ela.

O meu pai, como te disse, também é uma boa pessoa, apesar da sua aflição.

É íntegro, e com consciência moral, mas o medo, a insegurança traumática levaram a melhor dele, que sem escolaridade, (isto é, sem as ferramentas reflexivas que lhe permitiriam ter noção da falácia dos seus sentimentos), fazendo-o sempre compensar o abandono com um exagerado grau de egoísmo e atavismo.

Ele é também uma vítima. É a vítima.

Disse-lhe tudo isto uns anos mais tarde, sem qualquer medo da sua reacção oral ou física. Soube bem desabafar apesar de saber que o mal estava feito. À suposta pancada que recebeu da vida, fez profissão de fé gostar dele mesmo a todo o custo, já que mais ninguém parecia gostar.

É neste caldo contextual que me torno um rotundo menino da mamã, aliás figura comum naqueles tempos de maridos marialvas.

Isto é equivalente a uma condenação à morte nos subúrbios do Portugal pré CEE.

As minhas roupas eram pouco ou nada rasgadas, andava sempre arranjadinho, era aplicado na escola, até ter descoberto na 4ª classe que havia um ser estranho com feições bonitas que punha o coração a bater mais depressa, as raparigas.

A partir daí de excepcional, passei a apenas fazer os mínimos para passar de ano, já que a minha atenção se ia dividindo cada vez mais desproporcionalmente entre escola e cachopas. Minha mãe, sempre para a *frentex*, vestia-me a seu gosto, o que me valia sessões de pancadaria com quem não lhe entendendo o estilo de vanguarda cometia o erro da chacota, sempre à conta do vivo manequim que envergava o traje.

Estes pormenores todos deixam adivinhar portanto que a suavidade nos tratos e a dureza decorrente de um pai como Úrano, eram uma mistura explosiva para cair como tordo aos tiros de crianças com vida mais dura mas pais mais presentes.

Por arrasto ficava mais exposto a levar na corneta dos mais velhos ou mais agressivos, numa banalização da violência e num sentimento de inadequação por causa da rejeição de meu pai, (-Que valho eu se até meu pai me rejeita? Devo ter alguma coisa de errada para meu pai me rejeitar.) criavam invariavelmente barreiras, e o mesmo resultado, eu a chorar de encontro ao colo de minha mãe, e o regozijo do meu antagonista com mais um troféu para o seu amor-próprio.

Não porque me tivesse vencido, não, porque eu me vencia sempre e da pior forma possível, perdendo o respeito por mim, aninhado no valor que imaginava não ter.

Não eram os murros amparados pelo queixo que doíam, mas sim o não saber porque era assim, maricas e sem valor. O meu pai forte não podia estar errado, ele me rejeitava porque eu era fraco, amaricado. Era esta crença que me limitava e definia.

Nos primeiros tempos eu não era ainda saco de pancada, mas minha confiança decrescia ao ritmo proporcional que crescia o meu esforço para evitar combates que diminuíssem ainda mais o meu amor-próprio. Para isso tudo valia, tornar-me chacalídeo, sem espinha ou sabujo, tudo para evitar o confronto, que aliado à inaptidão acreditada interiormente e confirmada exteriormente graças à falta de experiência social, por não ter podido brincar com os outros meninos e meninas na rua, tudo isto só me aumentava a solidão.
Não era socialmente inteligente. Rebelava-me contra as figuras mais gozonas e autoritárias dos bandos de miúdos. O que invariavelmente me colocava em confronto com os mais velhos e habituados na troca de socos.
Isto mesmo fazia de mim o alvo preferencial das outras crianças que nestas idades, impõem o seu controlo e vontade através da força.

Grande parte desses índios já exprimia assim, na lei do punho, a revolta sentida por terem pais negligentes ou que os tratavam ao empurrão, por contraposição a eu e outros que ao terem mães extremosas e aparentemente melhor sorte na vida, que assim atraíamos as *vendettas* existenciais, ou seja, os índios vingavam-se nos betinhos, betinhos que se transformavam em índios quando apanhavam outra malta mais polida, nascida e criada na Lisboa de bem em meio de verniz citadino. Esta gradação em castas de complexidade social simiesca variava de acordo com a sorte ou azar de cada um na vida, dos pais, etc.

Vítima transforma-se em opressor e vice-versa num fluxo de ressentimento que lembraria uma guerra civil ou um confronto entre aldeias de canibais.

Outros, nos subúrbios da cidade desalmada, tinham pais sociais que frequentavam cafés bebendo café ou imperial ou um *brandymel* no final da ceia no final de um dia de trabalho, por aqueles cafés onde se metia a conversa em dia, e se espalhava o cheiro a amaciador do banho recentemente tomado só para terem pelo menos alguns momentos no dia em que estavam limpos e apresentáveis fora do trabalho.

A ida ao café representava o momento ‘Domingo’ no final da semana em que se vai à missa laica com a melhor vestimenta. Os filhos imitando as relações dos pais, criando amizades à socapa que se reflectiam nos dias seguintes.

Esses ficando na rua até altas horas estabeleciam as redes sociais que lhes garantiam mais à vontade na chilreada das ruas cheias de crianças até à hora de jantar, em famas conquistadas a sol e pulso que no tempo das hormonas dariam outras perspectivas e facilidades.

Eu e outros ficávamos em casa tentando esquecer o mundo lá fora.

Meu pai, pouco ou nada circulava comigo ou com a minha mãe, se não fosse do seu interesse.

Nós os dois parecíamos ser uma incómoda mochila que se carrega cheia de pedras, o que me acentuava o sentimento de vergonha. Vergonha e inadequação. Vergonha e inadequação a aparente orgia que me definia.

Se ao ambiente convinha uma pose mais informal, ele precisava da família para parecer respeitável, e aí podíamos aparecer cá fora.

Ai que chefe de família respeitável, mantém a casa e é trabalhador, e dá-se ao respeito.

Mesmo que capotasse um carro dentro de uma farmácia numa noite de putas e vinho verde.

Vergonha proibições *innuendos* e desdéns.  Eu era um empecilho nas conquistas prováveis. A minha mãe tinha de se vestir bem para sair com ele, para os outros saberem que ele tinha uma mulher boa, mas ai dela que os outros olhassem com agrado para seu corpo, umas trombas e maus modos surgiam por se vestir de forma demasiado provocante. A vida era um carrossel.

O passar do tempo em anos, apenas refinava a maldade e aumentava o dano provocado pelos punhos.

Fugia fugia e fugia, evitando, evitando e evitando, furtando-me assim a relativizar os futuros confrontos. Fugia não por medo de doer, mas de ceder a meio do ensaio, por me sentir envergonhado sem saber porquê.

Os terroristas de serviço começavam a poupar os meninos de boas famílias, sempre amparados no caminho de casa para a escola e da escola para casa. Quando o caso era grave havia sempre a possibilidade de mudar de casa para território mais pacificado.

Nós, que nem éramos ricos nem indigentes, conhecíamos todos os caminhos. Ao evitá-los apenas lhes confirmava a errada lógica de que me achava melhor que eles, e eu, e outros, servíamos de petisco no abrir da caça.

É no secundário que a coisa se refina e a violência ganha variedade. Violência aberta torna-se cada vez menos aceitável, não abertamente tolerada.

No preparatório havia conhecido o meu *bully*, à falta de meu conhecimento de palavra adequada na língua do Poeta, uso a língua de Shakespeare.

III

**Nós**

No ciclo preparatório passávamos do professor único, para uma multidão de docentes, bem como uma viagem de 25 minutos de autocarro até à escola. Carta-branca para patifarias paixões e brigas.

A parada começa no 5º ano onde os adversários se medem, nos objectos e nas posturas de forma a identificar rapidamente quem são ou o que são os intervenientes. Os primeiros choques começam após 5 ou 6 recreios. É com a habituação que começam os jogos de poder.

O tactear começa geralmente a encoberto. O abusador insinua-se num grupo, enquadra-se alia-se e escolhe a vítima sacrificial. Vai aumentando a violência das provocações e o grau de enquadramento, de forma a não suscitar reacções do grupo. Em pouco tempo domina a jogada e obtém um ou dois aliados alheios à sorte dos 6 ou 7 que ficam à mercê do tiranete.

De certa forma marginaliza com recurso a chacota e violência física o desgraçado ou desgraçada que lhe fixam o lugar no grupo. O sofrimento alheio serve como fulcro para a sua própria inserção. Nada como rebentar um pacote de leite com chocolate na cabeça do colega para fazer os outros rir, e o agressor sentir-se como divertido, e as potenciais vítimas como querendo apaziguar este manipulador para que não lhes aconteça a elas como ao desgraçado a cheirar a chocolate.

Depois há sempre uns tiranetes mais dominantes que aterrorizam o rebanho, e competem entre si no grau de popularidade.

O medo que observam nos outros só lhes confirma a eficácia do método e corrompe-os a tornarem-se sobre confiantes. Penso até que a rapina serve para compensar alguma lacuna que possam sentir e cujo método são, desconhecem, em equipa que ganha não se mexe e se o método funciona, para quê mudar.

As crianças não têm senão um sentido rudimentar de ética, que deve surgir em idade mais tardia com a experiência e a reflexão.

Há sempre alguns imunes e que se impõem, quer porque os pais são suficientemente sãos, quer porque com alguma maturidade prematura percebem o que está em jogo. Eu como a maioria, só percebia que me acontecia, e que não era bom.

No 5º ano como disse conheci o meu *bully*, que se revela completamente no 6º pois aproveitou as minhas fraquezas para ganhar ascendente sobre mim, e outros. É um facto inegável que há crianças mais meigas e crianças mais ariscas. É algo que nenhum psicólogo consegue explicar.

O meu *bully* acompanhou-me até ao 10º ano, apanhando os piores anos para se ter dúvidas sobre o próprio valor. Nesse tempo se eu fosse cão engasgar-me-ia com a minha cauda sempre enrolada no rabo.

Não tinha habilidade social nenhuma, por causa do episódio das cópias e das tabuadas que já te contei, por causa de não brincar na rua, e portanto também por ser menino da mamã.

Valorizava talvez em demasia todos os amigos que tinha ou pensava ter. O China, ou Chinês, que eram as suas alcunhas, era uma daquelas crianças com talento nato para ler os outros e para a manipulação. Não era na altura, nem deve ser hoje, uma pessoa integralmente má.

Era uma criança como outra qualquer. E qualquer criança é cruel. A suposta maldade é inerente não como defeito da nossa espécie, mas como factor de evolução, pois se fôssemos todos certinhos beberíamos óleo multigraduado e poríamos massa consistente nas axilas, ou seja seríamos máquinas num sistema fechado e não adaptável.

O China tinha também os seus problemas em casa e familiares.

Como te disse a técnica dele (e de outros) consistia em ganhar a confiança e depois dominar, geralmente com um momento chave de agressão ou ameaça de agressão.

Sem o saber, fizemo-nos amigos e íamos ao centro comercial passear nos furos e comer *croissants* de chocolate. Pareceu-me ser uma amizade normal como outras que eu tinha. O tipo até morava perto de mim, portanto era tempo passado em conjunto entre viagens e aulas, pois éramos da mesma turma.

Eu facilmente criava laços francos e incondicionais, e até tarde na vida tive dificuldade em cortar laços com amigos mesmo que o seu comportamento fosse sofrível. Ora foi com espanto que levei o primeiro pontapé no cú, literalmente, no pátio da preparatória.

Tentei ripostar mas a tal aversão à porrada de que te falei, lembras-te, para evitar a vergonha decorrente de sentir que de alguma forma merecia comer na corneta, evitou que fosse uma reacção firme, também perplexo pela agressão inusitada de quem tinha privado como amigo, pelo menos na minha cabeça.

Ele havia escolhido nova amizade a quem respeitava mais do que a mim, pelas roupas ou pela melhor capacidade de gestão de relação, não dando confiança a mais, e sabes que entre crianças e adultos, se não sabes gerir as distâncias serves de repasto.

Ora eu tinha encontrado mais uma útil função em que eu era bom, saco de pancada, com a agravante de ter o colo da mãe a alguns quilómetros de distância, e alguma revolta acumulada de vexames anteriores. Saco de pancada ou bode expiatório, sem reacção fiquei essa é que é essa, e recordei a contradentes da memória a incompreensão da rejeição que só comprovava a rejeição incompreensível do meu pai.

Hoje percebo que estamos todos condenados a viver com os nossos defeitos e falhas de carácter, na altura só me perguntava que raio havia feito de mal para merecer aquilo.

Devia mesmo de haver algo de errado comigo, portanto devia merecer mesmo este castigo, por parte de quem me oprimia. Que justificação haveria para a opressão, só uma invisível que meu pai via e alguns outros também.

Uma ou duas vezes me revoltei mas os murros e pontapés trocados, saiam de minha parte com pouco sal e salsa, e parava cobardemente a meio da contenda submisso como coiote enfadado cedendo à autoridade de *dux* de praxe de cara ameaçadora, dedos em riste e chapadas exemplares.

A minha falta de confiança e submissão haviam por fim se tornado em 2ª natureza.

Esse vexame e o sentimento de merecer, fizeram da minha vida um Inferno, ceder tornou-se natural para mim, e tornei-me carcaça predilecta dos abutres. Um ciclo infernal de baixa autoestima e crença em mim, confirmada pela atitude dos predadores dos fracos que a sabiam ler na minha pessoa. Passou a ser uma crença própria que me definia a personalidade.

Bem sei querido e forte leitor e leitora, que isto para ti são disparates, ou que nenhum sentido faz.

Bem sei que resolverias linearmente a coisa com uns murros e berros para aqui e uns pontapés acolá, nunca te deixarias chegar a esta situação degradante, mas peço-te que do alto da tua força e poder concedas ao fraco, eu, deixar exprimir a sua fraqueza insustentável, com uma compreensão que exalas do

alto do teu pedestal, ó vencedor da vida e ser perfeito.

O China tinha uma boa lista de clientes. Alguns até o surpreendiam de vez em quando, quando ele confundia a postura de evitar conflictos e confrontos (apanágio da maioria das pessoas) com cobardia e provava um pouco do seu remédio, como o Rui certa vez fez à corredor de um pavilhão, em modo de brincadeira respondendo com violência disfarçada ao constante gozo e ridicularização. Murros nos ombros, palmadas nas costas e empurrões em violência ritualizada e escalando na intensidade, pois o China não era parvo, sabia dosear a agressão dentro da escola de forma a estar dentro dos limites da repreensão ou possível expulsão.

Entraram numa dialéctica engraçada, China gozava e Rui brincava mais pesadamente, China para salvar a face perante a audiência esgaçava risos e com lágrimas nos olhos e rubor na face gozava ainda mais e Rui calma mas decididamente tornava-se ainda mais assertivo pousando nos ombros e nas costas o braço mais musculado e condicionado, como que sacudindo o pó de um saco de cimento Portland.

Nisso o China por vezes esticava-se, e a sua coragem via-se quando o opositor não tinha qualquer problema com violência, e o China tornava-se numa vítima suplicante como eu e outros. Desaparecia o *dux*, e surgia o nosso conhecido rabo entre as pernas.

China, não era o único nem o pior, conheci outros, que por comparação  tornariam China em Nobel da Paz e monge Zen, mas que felizmente nunca me tomaram como tarefa pessoal.

Este acossava-me desde o ciclo, calhando sempre na mesma turma, até que no 10º escolhi de propósito uma área diferente da dele para ver se me livrava de um tipo que já quase homem, ainda recorria a humilhar os outros para se afirmar a ele mesmo.

Bem, isso e o facto de o Professor Rosa de Matemática juntar álgebra e minisaiologia e premiar com melhores notas as alunas que optavam por peças de roupa mais curta.

O seu ensino sempre me pareceu o de alguém que apanha cogumelos em pé com cinco varas de metro e meio atadas aos dedos. Graças a este talento pedagógico, eu e outros lentamente perdemos o gosto por algo que até então dava gosto estudar.

Repito, falo do China apenas porque me acossava, ou eu deixava que me acossasse, desde o ciclo, hoje com toda a certeza é uma pessoa doce e agradável.

Não acuso, apenas exemplifico como para o mal e para o bem o meu centro de gravidade estava fora de mim. Não tinha qualquer espontaneidade ou controlo na minha vida.

Pairava sempre uma ameaça e uma confirmação da rejeição constante. Confirmava para mim, na exacta medida do sucesso social de quem me oprimia, que eu era um marginal, um resíduo, que por isso merecia ser humilhado.

Naqueles tempos tentei de tudo, aplacar, evitar, confrontar, ridicularizar (jogando o mesmo jogo), mas nada resultava. O dependente precisava da sua dose. O sujeito passava a ideia de maluco adorável, gajo na moda, de divertido *bon vivant*, e no topo da cereja ridicularizava os outros fosse por causa das roupas ou de algum traço característico, no caso do Rui era a cor da pele.

Ridicularizava a mim e a mais um ou dois fregueses habituais, um deles era o cruelmente chamado 'Empanado'. Isto da criança ser o mel do sonho tem que se lhe diga, nada como uma criança para saber onde magoar. E já não éramos tão crianças assim. Empanado porque tinha um andar característico. Chamava-se Bruno.

O Empanado, creio que nunca o chamei assim, era meu amigo também, mesmas turmas, mesmos anos, e caiu na mesma esparrela que eu, deu demasiada confiança e tornou-se vitima também. A associação criminosa dos dois pequenos meliantes obedecia a pressupostos complexos, China não o respeitava, mas gostava da imaginação para novas diabruras que empanado tinha. Preferindo ser tudo menos vitima as alianças simiescas faziam dobrar o peso opressivo sobre as vítimas.

Quando por apetite *uailde* do China, empanado se via no lugar indesejável de objecto de atenção, os afectos da sua amizade alteravam para com aqueles que havia ajudado a humilhar previamente.

Esta perspectiva é até muito adocicada pois quem merecia o respeito do China, achava-o um porreiraço, um gajo bacano, e partilhavam (quando raramente assistiam) a visão de que as humilhações e gozos só podiam ser merecidos.

Até um certo desdém ou pena por os fracos não se saberem defender.

Vários amigos do China me olhavam com silêncio e apreensão, não censurando o acto do amigo, mas procurando que raio se passava comigo…ou talvez, na melhor das hipóteses, pensando porque é que eu e outros tínhamos sangue de barata, não sei.

Esta ambivalência era desconcertante e perturbadora. Como é que um gajo que é tão mau para mim, é tão porreiro para outros. Já estás a ver onde vai dar não é? Confirmando que eu só podia ter algo de mal, de errado. Raio de pescadinha de rabo na boca.

Em minha defesa posso contar com três ou quatro ocasiões em que esbocei uma revolta, mas como vos contei, faltava levar até ao fim a decisão de resposta violenta, sem a qual nunca faria cessar o abuso, e expliquei o motivo que agora entendo.

A essa estúpida convicção de que eu tinha algo de errado e diferente, juntava-se o tenro horror a dentes partidos, dor e escoriações, bem como a vergonha de um espancamento sem apelo nem agravo, e assim ia sofrendo pequenas humilhações que pareciam mal menor em comparação à bomba atómica do tudo ou nada.
Há uma coisa gira nisto da visibilidade social. Quanto mais aceite é um indivíduo, menos resistências recebe nas suas acções. Especialmente em relação às críticas.

Quem com ele privava, olhava-o humilhando os outros como se nada tivesse que ver com o assunto.

Isso era problema do alvo. Este gajo respeita-me portanto, não me diz respeito.

No máximo um silêncio surdo e uma curiosidade doentia na análise da humanidade de outro à luz de um nariz escorrendo sangue.

Filosofar observando as situações-limite dos outros.

Havia uma voz qualquer vinda do hipocampo que dizia para não se fazer nada, não fosse sofrer-se a mesma atenção.

Passa sempre o grupo a ser a única realidade capaz de reverter o processo, mas o medo individual apenas o reforça.

IV

**Vós**

O pior é que não era constante.

Acostumava-me a períodos de acalmia, e quando menos esperava lá vinha o enxovalho, o desdém o gozo e a violência, para servir de boneco e alvo de ridículo a outros no intervalo, ou um pontapé no rabo seguido de umas joviais gargalhadas.

Perante os outros com quem se socializa, o nosso valor desce mais a pique que uma abóbora na cabeça do Newton, e a dignidade passa a ser uma palavra. No recreio o acossado é olhado de lado como se de tinhoso se tratasse. O desgraçado é olhado como infra humano, responsável pela sua menoridade. Muitos evitavam, iam para onde o agressor, o China e outros, não estava.

Alguns saiam do ciclo vicioso, lembro o Armando, também tenro, mas que começou a vestir melhor, logo a pertencer a um ameaço de elite (grupo informal de populares ou míticos), *cool*, à qual não era *cool* agredir sob pena de represálias ou não aceitação.

Os mal trajados eram bons para isso. Os polos coloridos de Armando por debaixo de *sweats* de marca puxaram-no para cima embora a custo, ao início. Mas assim que as hostilidades acalmavam, e para evitar o retorno, as vitimas que se haviam safado tornavam-se cúmplices. Acho uma estratégia normal.

Anos mais tarde, percebi a preocupação de Armando e Nélson com a roupa, este era um dos motivos. Foram inteligentes.

O poder económico dos progenitores tinha correlação com o suposto grau de sofisticação da prole.

Para eles, aquela gente tão urbana, os outros apareciam como culpados do seu destino. Os suburbanos, a meio caminho entre a cidade e o campo, só podiam merecer a vida anacrónica em relação ao tempo coevo, que tinham.

Quem fazia o ordenado esticar para comer até ao fim do mês, só podia comprar roupa na praça.

Roupa de marca só se fosse contrafeita, e por isso a roupinha cara era o bem de prestígio para distinguir as classes em «luta». Luta por reconhecimento em que uma classe vampiriza a outra no sentido de a

utilizar para ter valor para si mesma, só quando te fazes objecto de sucesso, podes legitimar a tua vida dignificando-a com a imaginação da inveja que pensas que os outros sentem por ti.

A escada vinha por aí abaixo, os estratos impecavelmente ordenados de acordo com as posses de cada agregado familiar, e o profundo nojo, de cada um desses agregados, em ser arredado da dignidade que achavam que o sucesso conquistado trazia.

Quem partilhava a lógica, reforçava-la com poses e escolha criteriosa de palavras, gestos e censuras, para com os estratos inferiores, e com admiração para os superiores. O vício, da vergonha e da admiração desde sempre repetido como cliché gasto acompanhava os tempos e apoiava-se no crédito. Tudo para fugir à reprovação e ao asco de outros pobres de espírito como nós, especialmente se nos faziam sentir que o crédito era uma coisa moderna e natural.

Uma epidemia de desperdício e futilidade, porque há uma epidemia predatória em que nos usamos uns aos outros como tijolos dos nossos egos a ressacar validação e conforto material.

O ressabiamento aumentava com a suposta rejeição, pois quando vives com semelhantes a ti, no pensar, falar e sentir, e achas que estás correcto, tudo o resto te parece disfuncional.

Aquela merda de dinâmica parecia-me nojenta até porque nunca teria posses para me fazer aceite e comungar como igual. E porque também percebia que qualquer tentativa de adaptação era sinónimo de humilhação. Jogar com as regras ‘deles’ seria jogar o seu jogo, aquele com que eu não concordava.

Com a separação de caminhos finalmente no 10º ano, que me custou ter de mudar de área e chumbar um ano, pura e simplesmente porque passava mais tempo agarrado aos jogos do *Spectrum* que a ir às aulas, ao menos podia sempre jogar mais um jogo para vingar a humilhação. Que tinha a escola para mim? Pouco mais que desassossego, enxovalho inesperado e grupos cujas cadeias de agremiação exigiam coisas pouco acessíveis à senhora de metro e meio mais dez centímetros, que ficara sozinha a tratar de mim, pois o velho Úrano havia rumado a outra Gaia. Assim, *skates*, computadores caros, ou roupas de marca estavam inacessíveis, chumbei o único ano do meu percurso escolar mas estava livre com 16 anos. Estaria? O mundo não se havia modificado muito com a ameaça distante. Via-o ocasionalmente mas as miúdas por exemplo continuavam a olhar-me de soslaio, perguntava-me porquê.

Quando passas demasiado tempo de joelhos, se te levantas não sentes logo o alívio nas rótulas. Demora um bocado.

Inconscientemente nas interacções sociais dava comigo a assumir automaticamente poses submissas e chacalídeas, por força do hábito e da tal crença interior várias vezes confirmada pela realidade.

Sempre em sobressalto, condicionado pelos ataques extemporâneos do passado. Digamos que havia perdido para sempre a minha espontaneidade, e qualquer pessoa que não é espontânea não é autêntica com o que isso acarreta no relacionamento com os outros.

O pior era esconder o segredo da minha submissão, esconder que havia algo errado em mim, confirmado por meu pai, meu carrasco e seus muchachos involuntários. E acima de tudo confirmado por mim próprio.

Demorou algum tempo a perceber que afinal não tinha nada de a não ser uma revolta em relação a esta instrumentalização que entendia que fazíamos uns em relação aos outros.

Passei a odiar castas, e em particular, gajas que passavam por cima da minha individualidade, ou gajos que me desprezavam ou tentavam instrumentalizar.

Escusado será dizer que todo aquilo que se odeia, exerce igualmente fascínio, e como verás não poucas vezes fui seduzido para o abismo.

O único mal que eu tinha em comum com a maioria das restantes pessoas, foi ter tido uns pequenos azares. Não era eu que tinha o problema da necessidade de humilhar outros. É preciso algum distanciamento das ocorrências para perceber isso e eu começava a ter.

Demorei ainda mais tempo a perceber a lasca cravada no meu espírito, que mesmo tendo desaparecido o barrote, teimava em fazer lembrar a existência da madeira.

Com consequências que nem hoje consigo ou quero quantificar. Em suma, opino hoje que o dano cometido por abusadores a abusados, é irreversível. Nunca sabemos como mudariam as circunstâncias se determinada criança não fizesse o que fosse a outra criança.

O que aumenta a gravidade desta difícil questão.
Não cortei as veias nem gosto de empalar vertebrados, mas amadureci como pessoa revoltada, com as injustiças essencialmente e com a forma como nos tratamos uns aos outros.

Sei que o monstro do medo e o pavor de me sentir filho de um deus menor continuam em alerta para com os meus momentos de fragilidade.

O pior do *bullying* não são os sopapos, a cara dorida ou o vexame superficial. O pior é a postura de vítima que se torna uma natureza, uma espécie de síndroma de Estocolmo a todos aqueles que no presente e futuro nos farão mal. Mistificamos os agressores e depois quase não sabemos viver sem eles.

A nossa identidade forma-se como contraforte em oposição à humilhação que uma vez retirada a força que nos oprime, ficamos sem saber como nos definir ou pensar.

A violência torna-nos menos nós, escravos, escravos do nosso medo.

V

**Eles**

Durante anos culpei a sociedade, os colegas que assistiam e nada faziam, e até a mim, raios até o Pai Natal culpei por não trazer uma doce cicuta que me raptasse para longe de tudo isto.

Quando o ódio passou percebi que o agressor era também ele vítima, percebi que por vezes era inconscientemente eu o agressor, quando tinha comportamentos semelhantes aos que criticava, raras vezes, felizmente.

Tal como sentia quando via meu pai agredir minha mãe, chorando e tentando impedir, passei a ficar viciado e à vontade em situações tensas, só ali sabia reagir. Só nelas me sentia em casa.

Havia-me habituado à venenosa excitação nervosa, que embotava todo o restante espectro de frequências no relacionamento social.

Quase todas as interacções eram moldadas pela minha tentativa, eficaz, de provocar qualquer interlocutor, e passar por vitória a minha capacidade de o deixar fora de si, provando a mim mesmo que já não era vítima.

A herança dos opressores, perdura além da sua presença, parecia-me.

O mais engraçado é que não há culpados, senão um único.

O pensamento de que é normal isto pelos tempos, sinónimo de relativamente aceitável ou de uma mal-amanhada ideia de ‘natureza humana’. Esta postura é a culpada.

Geralmente este fogo arde-te por dentro quando sabes que acontece aos teus filhos.

Podes dizer, quando te orgulhas do teu filho espancar outros na escola, que é natural como nos babuínos, leões ou lobos, mas devias seguir o curso lógico do teu pensamento e matar uma vaca à dentada rasgando-lhe a carótida.

Lembro o impacto disto num colega nosso, que era exímio no seu *skate* e um paz de alma.

A militância ao *skate* tornava-o inseparável do mesmo.

Lembro-me de o ver cair numa poça de lama, com *skate* por obra de uma brincadeira do China, ao pé do refeitório virado para o lado do campo de futebol.

Lembro-me de ver toda a gente a rir, com riso excitado de primatas, misturado com doses de curiosidade mórbida e alívio de '- uff não fui eu', e lembro-me que não participei da risada, mas nada fiz. Medo.

Esse rapaz nunca mais foi o mesmo. Tornou-se calado e reservado, escolheu daí para a frente os seus interlocutores e nunca mais se permitiu ser aberto e confraternizar não fosse correr o risco de 'dar confiança'.

Ser *cool* era o código postal, era meio caminho andado. Ser *cool* ou ter um grau de agressividade ligeiramente superior podia aplacar as investidas dos rufiões que no fundo só caçavam os *underdogs*. O que dava poder aos *bullys*? O *status*.

Ao início acreditei numa diferença de natureza, mais divina neles que em mim, depois esperteza ou inteligência, e depois perdi-me.

Não era por certo uma diferença no índice de massa corporal, os piores que conheci não tinham cara para levar um estalo. Eram agressivos, manipuladores e dissimulados.

Tardiamente percebi que a sua maior qualidade estava em saber ler as fraquezas dos outros e tirar partido delas. Meter o dedo na ferida de outro, para obter o biscoito para si.

O agressor era oprimido por uma individuação desfavorável só sublimada pelo sacrifício de outrem. O pobre diabo mais próximo.

Como relata qualquer cliché (palavra que não me canso de repetir neste mundo do progresso) televisivo,

as chamas só alastram no terreno seco mas não inflamável da natureza pacata das vítimas, da tendência geral, mais acentuada nuns que noutros para evitar a violência e o conflicto. É disto que o agressor vive para obter o *status* e a recompensa.

Ele não faz por mal, mas tem de te usar para obter a sua própria validação.

Não digas que a culpa é dos pais, eles por vezes nem sabem ou foram eles mesmos vítimas e tornaram-se parcialmente disfuncionais. E apesar de sermos responsáveis pelas nossas escolhas, uma escolha só é uma escolha quando aparece visível como escolha.

O *bully* não vivem só na C+S.

Se tens o azar de buzinar inadvertidamente habilitas-te a ter um em frente ao teu carro, disposto a aliviar a sua tensão ou a mostrar à mulher que consegue bater em gajos mais pequenos que ele.

São sempre os mais dispostos a utilizar a violência, o velho e amigável método que sempre se revelou eficaz, e como a autoridade não tem o dom da omnipresença ou da ubiquidade, podes ser tu a próxima vítima.

O passivo-agressivo é *bully* também.

Se te preparas e lhe partes o queixo, passas tu por agressor.
No trabalho todos conhecemos um colega que manda bocas e a encoberto da brincadeira rebaixa os outros.
Ninguém se habilita a dizer nada pois na sua forma passivo-agressiva, pode defender-se dizendo que não se pode brincar, ou que o acusador não sabe brincar. Medo.

O *bully* propaga-se muito longe da extinção. Há quem acredite que o seu antídoto é o homem *New Age*. É o medo que cria o *bully*. O medo e a ignorância.

Se um filho teu ou filha levarem porrada ou pior, se forem rebaixados psicologicamente, que vais fazer? Bater na criança, malhar nos pais, preparar a tua filha ou filho para o inferno diário da escola?

Vais falar com pais que sentem orgulho pelo filho ‘ser mau como as cobras’?

Ou vamos todos fazer como no recreio, aliviar ou insurgir se a coisa tocar ou não a nós?

Vais continuar a pensar no teu íntimo que as vítimas merecem este tratamento porque são mais fracas, ou porque merecem?

Vais, graças à tua boa sorte negar a existência destas coisas feias ou se existem não queres pensar nelas porque a vida é algodão cor-de-rosa?
Talvez as personagens do pequeno texto sejam fictícias, talvez o discurso na primeira pessoa seja trasvestido.

Durante uns tempos pensei estar livre de opressões.

Quando finalmente aprendi a defender-me minimamente, achava estar invulnerável aos ataques do passado, que passei a relativizar.

E à distância, esfumado o medo, dormente a mágoa, consegui ver a miséria na agressão. A fraqueza dos agressores.

Eu perdoei aos meus.

Outros, ou outras estavam para vir.

VI

**Memórias avulsas da nossa escola**

1989

Entrei pelos portões da Escola Secundária de São João da Talha.

Tinha visto esta escola ser construída num local que era cheio de oliveiras e sardões indolentes que se banhavam no Sol do Estio.

Uns quantos velhotes que já a memória e a morte levaram, usavam o espaço para prender as cabras aos zambujeiros para ruminarem o pasto não fugindo da ponta de umas longas cordas de *nylon* de branco encardido.

Quando começaram as obras, dizia-se que era uma escola que ia nascer ali.

Portugal não tinha ainda entrado na merda da CEE.

Nunca frequentei uma escola construída por fundos comunitários, e orgulho-me disso.

E pá, foi uma festa, alegrámo-nos com a assinatura do bochechas, eu particularmente, afinal isto ia ser Europa, íamos estar em igualdade com os outros que periodicamente eu via um pouco por todo o lado, que vinham cá no Verão, com grandes carros de grande cilindrada e ares de quem vinha ao zoológico.

Finalmente íamos ser evoluídos como os tipos que víamos na Eurovisão, e até julguei que vinham loiraças morar no meu prédio, (eu que era maluquinho por loiraças), e que íamos deixar de ver na televisão corridas de pipas de vinho motorizadas e o 70 X 7.

Em 1988 cai o Muro e parecia que o mundo se revelava num futuro promissor e leve, muito leve, como prometia a propaganda americana em forma de filmes idiotas que se prolongavam até ao «Isto só vídeo» apresentado por Virgílio Castelo já nos anos 90.

Não estive tempo suficiente na Escola Preparatória da Bobadela, para me afeiçoar a ela, que era como o nome diz, «preparatória». Que coisa vinha aí, que precisava de preparação? O Secundário.

Ir para São João dispensava-me o passe social, e a respectiva liberdade de viajar em veículos pesados cor de laranja e brancos.

O Secundário aparecia com uma solenidade mais rigorosa e adulta, que prometia exigir mais estudo e juizinho. Juizinho com 13 anos? Pois…

Era uma aflição saber se ficávamos naquela escola ou íamos para a de Sacavém. Lá fiz a minha matrícula com a minha mãe envergando um largo envelope castanho caqui, formal como um Estado, onde dormitavam os papeis de matrimónio lectivo entre mim e a instituição que nascera naquele olival contíguo ao acampamento de ciganos que na altura não contava com mais que 4 ou 5 tendas e 3 ou 4 barracas de contraplacado e telhados de zinco ferrugento.

As aulas começam em Setembro, e em Setembro nunca tinha visto tanta gente da minha idade junta, especialmente cachopas, de Santa Iria, Bobadela, São João da Talha e até de Póvoa de Santa Iria. A primeira geração pós CEE reunia-se no mesmo espaço.

Na escola, que cheirava a nova, quando entrei, toda a área que rodeava o Pavilhão de Electrotecnia era em terra batida.

Na Bobadela era ancião, aqui, começava novamente por baixo. 7º O. Fama de ser uma das turmas mais indisciplinadas, o que nos enchia, rapazes, de orgulho.

Quem é que aos 13 ou 14 anos sabe o que é disciplina?

Aprendemos desde logo que aquele calor de Verão que lentamente ia morrendo esmagado pelo Outono que já se adivinhava nas brisas da tarde, era sentido como narcótico torpor emanado pelo cimento, aproveitado pelos nossos jovens corpos quando nos sentávamos nas bases dos dois mastros à entrada da escola, ou nos muros que compunham os canteiros e que circundavam todo o recinto. Nos intervalos ou nos furos, rumávamos em procissão para esses locais, falando falando falando, aproveitando o calor que da massa pétrea emanava, outros optavam pela sombra fresca ou pelas escadas, ou pelo corredor que levava à sala de convívio, ou pelas sombras arbóreas no *limes* do recinto, ou pela antecâmara de cada pavilhão, aquele espaço vazio em que nos amontoávamos à espera do professor ou professora, no qual dois degraus encostados à parede se enfrentavam, descendo de altura quando acompanhava o desnível em direcção à porta de alumínio e vidro que dividia o exterior do interior do pavilhão, lajeado por berrantes de tão sóbrios pedaços de grés cor de fígado, ladeada por paredes brancas e um relógio de rosto cinzento que supostamente indicava o tempo analógico.

Nesta sala de entrada interior, se fazia a distribuição para as salas de aula, e ao fundo havia de cada lado, duas casas de banho, ao meio, os corrimãos conduziam ao piso superior, forrados a madeira para afogar as esquinas líticas, que culminavam em parapeitos elevados para evitar quedas que nunca ocorreram ao contrário das provocadas pelos rabos acelera via corrimões abaixo, cujas solas meio gastas não evitavam travar na aterragem.

Sob as claraboias superiores eram os únicos acessos aos telhados que quando visitados se revelavam cemitérios de bolas descarnadas em cauchu tresmalhado.

No pavilhão principal, aquele que aloja o conselho directivo e que está logo à direita de quem entra pelos portões, tinha o guichet da telefonista logo à entrada à esquerda e a Biblioteca à direita, em frente lá ao canto tinha o famigerado conselho directivo e ao canto as casas de banho para os professores. No piso de

cima respiravam paredes cobertas de corticite que abafavam os sons indesejáveis e no canto Sudoeste está a sala de audiovisuais, protegida com o maior gradeamento da capital, mais sofisticado que o de um estabelecimento prisional, e até porta de ferro. Sempre foi uma célebre sala de visitas dos amigos do alheio, e consta que até aparece por vezes nos roteiros culturais das sociedades de larápios.

Nas salas com cadeiras de ferro pintado de azul, e tampos de madeira envernizada, as secretárias com pernas pintadas de castanho e tampos creme pálidos, olham com atenção as ardósias pretas penduradas na parede branca, que babam pó de giz que se acumula na caleira inferior onde repousa o apagador de marca Cisne, e no canto da sala, quando não recolhido, dormita o retroprojector, vermelho ou laranja.

No canto do segundo pavilhão fica a Reprografia, só visitada quando se faziam os convites para as festas da escola.

Consoante a sala e o pavilhão, podíamos perder a atenção em paisagens viradas para o Tejo calmo e sereno, para os baldios da freguesia, rasgados pela estrada movimentada e extinto chafariz, para o acampamento de ciganos com suas pressões de ar apontadas e parabólicas expectantes, para o canto Noroeste do recinto de onde se avista uma árvore de grande porte e um ameaço de canil, onde em tempos como actividade escolar montámos um ninho de cegonhas. Pontificávamos nas janelas quando a matéria não puxava e ocasionalmente éramos saudados por um rosto conhecido, elevado acima das coberturas em fibrocimento, cinzento como pavimento de Inverno.

O campo de jogos era tapetado por alcatrão, e não pela mariquice colorida que lá está agora. A Norte do mesmo, por detrás dos balneários havia um morro amatagado, de onde se podia estrategicamente espreitar para dentro dos dois pavilhões cimeiros à escola, autênticas torres de menagem de todo o recinto. Numa delas residia a sala da associação de estudantes, num rés-de-chão envergonhado.

Quando andávamos a morrer de paixão penumbrávamos aquele espaço como cão vadio em traseiras de restaurante, a ver se a vista se lavava com os fotões do alvo do nosso desejo.

Nas costas do famigerado pavilhão de Electrotecnia, a malta fumava a soldo do encoberto, resguardados de olhares inquiridores e meneios desdenhosos, e quando queríamos beijar os pares a salvo da falta de privacidade, era ali, com *patches* dos U2 nas calças, que de perna aberta e entrançada na do outro nos abraçávamos e curtíamos, como se dizia na altura.

Nos interstícios dos pavilhões marginais, jogávamos à bola, ao bate pé, ao rei manda, imunes a queixas

dos professores pelo barulho provocado.

Anos mais tarde, apareceram por aqueles lados uns pavilhões pré fabricados, de madeira que já eram velhos quando eram novos, onde se encaixavam 20 ou 30 alunos em cima de um ruidoso soalho de madeira, paredes de aglomerado e total desconforto térmico não amenizado com as modernices do ar condicionado. No Verão limpávamos o suor e olhávamos as mini saias das confirmadas ninfetas, no Inverno, dávamos graças por estarmos juntos e assim aquecendo o ar da sala, pese embora os resquícios aqui e ali de humidade e lama que teimava em vir nos pés assistir às aulas.

Uma dessas salas, quando no último ano eu já preparava as despedidas, foi a sede do efémero MAPA, Movimento para a protecção do ambiente, que após umas arrojadas incursões militantes no aqueduto sobre o rio Trancão, (contra o atentado ambiental de uma incineradora defendida por muitos nem tanto por outros, -especialmente por uma comissão ad hoc que tomou conta das operações até ao momento em que alguns elementos foram surpreendentemente regalados com promoções laborais e outras atenções- subtilmente emperrando o protesto) sala essa que sob o tecto falso, guardava garrafas vazias de cerveja de litro e até um colchão de campismo velho e gasto.

Naquelas mini ruelas e avenidas fazíamos competição de acne querendo rasgar a pele, até ele ansioso por uma efervescente liberdade de testosterona e estrogénio incompreendida.

Gabo diz que as casas são as velas onde ardem as vidas dos homens.

A nossa escola foi a lucerna onde ardeu o aromático azeite do nosso viço.

Recordamo-la com saudade. Não apenas por causa dos verdes anos, mas pela inocência ainda assim que transpirava dos ébrios poros de betão.

Na sala de convívio, grandes bancos longitudinais encostavam-se à parede, um desenho de um colega ganhou o concurso para nos saudar à entrada da sala de convívio, um boneco de surfista, *naif* mas na moda e de boas energias, que durante anos saudou os transeuntes.

Assim que passávamos o pórtico do local de convívio com refeitório e tudo, tínhamos uma viragem à direita para os comes e bebes, para um canto onde se fizeram concertos de 605 Forte, Mistake e outros.

No canto oposto ficavam normalmente os equipamentos de som e as colunas das festas da escola e onde eu e outros ganhámos umas eleições para a associação de estudantes, fazendo as contas à percentagem de alunos votantes mais motivados para votar, os do 7º ano, e portanto a campanha resumiu-se a disponibilizar jogos de computador em *Commodore Amiga* 500 e chupas, arrasando em sufrágio a concorrência, que só em rebate no quis conhecer após a derrota, na tasca da Maria onde fomos comemorar a democracia com cerveja.

A meio pernoitava na Parede Norte, uma entrada de alumínio e vidro que não me lembro de alguma vez ter visto aberta.

Quando se entra, de frente as casas de banho e à esquerda um amplo espaço onde durante algum tempo chegaram a estar 4 ou 5 *Spectrum's* 128k numa época em que pouco ou nada se falava de computadores por iniciativa da Presidente do conselho directivo da altura a Professora Maria do Céu.

Foi nesse espaço uns anos mais tarde que consultei as minhas notas de aferição para o passo seguinte, o Ensino 'Superior'.

À esquerda desse espaço, mais duas salas, para eventos, normalmente fechadas para os fregueses, mas num certo ano recuperadas por duas estagiárias de anglísticas boas como o milho, e que me levaram e a outros a desenvolver um interesse súbdito pelo alemão que por um lado levou a pintar a sala de jornalismo no pavilhão central, por outro a declamar um poema em alemão sem microfone para uma plateia de colegas incrédulos e enfastiados e por fim a privar com aquelas boazonas em início de carreira com uma natureza bamboleante verdadeiramente hipnótica.

O tal carismático pavilhão central onde também havia aulas de trabalhos manuais, onde no 8º fiz uma estante tripé em pinho que nunca assentou uniformemente no chão.

Nunca faltei ao respeito a professor ou professora, nem nunca tal me passou pela cabeça.

O mais que fazia era lamentar a sorte de ser expulso, por uma qualquer tontice, numa aula de inglês em que uma graçola dita sobre o Bucha e o Estica provocou o riso geral e a companhia para a rua de mais alguns colegas que não conseguiam parar de rir de forma sonora.

A Manuela branquinha como a neve, certa vez instigada por colega malandro, o China, perguntou candidamente:

«-Oh stora, o que quer dizer ‘shit’?», o que provocou risada geral pois o par ingénuo do lado dela e maroto do lado dele, indicava que não era o ‘sheet’ de ‘folha’. Manuela ficou vermelha.

E a professora também.

Prazeres inocentes branqueados na memória.

Lembro as viagens ao Gerês, onde a malta se embebedou com *whisky* de Sacavém, que descobri mais tarde ser feito com caramelo e álcool etílico comprado nas farmácias circundantes bem longe do projecto de ASAE por nascer.

Nessa viagem lembro a professora de Geografia, uma estátua grega no feminino, que recusando as bebidas pagas oferecidas no Gerês pelos mancebos autóctones, preferia falar com os alunos e alunas, embora a maior parte deles estivesse interessado em dar azo às rédeas soltas, geralmente em companhia dos professores de educação física. Tive uma conversa adulta e muito interessante com ela, que me fez sentir homem além do rapaz que eu era, uma conversa humana, entre dois seres humanos. No dia seguinte polvilhámos as ribeiras e o rio daquele lugarejo no Parque natural, e alguns como eu decidimos experimentar uns mergulhos ficando horas posteriores a tremer à beira da hipotermia.

Lembro outras viagens uma a Óbidos onde no 8º ano, em modo apache eu e outros trocando calhauzadas pelas muralhas fora, parti acidentalmente uma terrina abandonada aos elementos mas que por represália sua dona decidiu valorizar milionariamente junto do posto da GNR o que me valeu um puxão de orelhas por parte do Professor de Religião e Moral, e um silêncio de esfinge para que ninguém soubesse que era eu o culpado do atraso geral da excursão.

Parámos na Nazaré, molhámos os pés no Oceano.

Organizámos uma viagem aos confins do Alentejo com o Professor António, e debatemos o mundo olhando para as estrelas à sombra de duas piscinas iluminadas pela luz da nossa fogueira dentro de um parque de campismo.

Fomos a uma discoteca no dia seguinte celebrar o Carnaval, e não se conseguia ver a cara de ninguém. Bons tempos.

Tivemos um professor excelente de Físico-Química que gaguejava, naturalmente mais gaguejava quanto mais nervoso ficava, tivemos uma professora excelente de Inglês, que a anos poucos de encetar a reforma, ainda vestia vistosas calças de cabedal, e andava de Honda *Civic* alheia a isso que fosse envelhecer, envergonhando com frescura de espírito muita adolescente.

Tivemos o célebre professor Malaca, excelente professor de História, conhecido pela sua motorizada e cabelo encaracolado, a professora de Português que sensível e sem saber como motivar os alunos travessos nos fazia apaixonar pela lírica, o professor de Matemática que também podia ter sido merceeiro, a professora de Relações Públicas que não se conseguia desligar dos profundos problemas que nos conseguia apresentar, atrás de um rosto bonito com profundíssimas covas dos olhos e mágoas embutidas. Lembro a professora de Educação visual que teve a brilhante ideia de meter alunos a avaliar colegas.

Lembro um jogo de futebol entre professores e alunos que terminou com umas trocas de sopapos e chutos nas canelas, lembro os torneios de pingue-pongue, as trocas de prendas no Natal, lembro os jornais que fizemos, as visitas às rádios, as entrevistas ao João Pinto, Figo e Rui Costa, lembro as miúdas gemerem com o Jorge Cadete e o seu penteado à cabeleireiro californiano, lembro-me das funcionárias, do Abel, das tardes de basquetebol, da Carina de olhos verdes, da Alexandra flor-de-lótus, lembro-me da aposta feita na Paragem da Talha e dos 4 bagaços bebidos que supostamente não me embebedariam e da consequente aula de Matemática dada por uma engenheira que tinha ido ali parar, e de ver a sala toda a andar à roda agarrado ao quadro e às cadeira para não dar cana.

Lembro um colega, sempre preocupado com a sua incorporação na última moda, que levava um símbolo da Volkswagen ao peito, e de outro a gozar com ele e o primeiro a perguntar: «-Tens a mania que és engraçadinho?» …

Lembro um concerto de Delfins no Pavilhão Desportivo, lembro dos torneios de futebol à roda bota fora, do campeonato de vólei, do Barros, do Cajó, do Caveira, do Belfo, do Giló, do Cócóri, do Armando, da Rute, da Sónia, e de toda uma galeria de gente que se perdeu algures no tempo arrumada em qualquer gaveta agora ignota senão pelo esforço de rememoração.

Lembro-me dos finais de tarde com o fluxo de baixa e preia-mar por entre as goelas daqueles portões, lembro-me das modas, lembro-me de ir nadar ao Tejo, lembro-me do incêndio da Unitarma, das festas dos Santos na freguesia, do rancho dos Cachoeiros, de jogar no campo do Sanjoanense, de treinar ginástica no pavilhão de zinco que estava onde está hoje outra tasca e uma coisa qualquer para a juventude, lembro-me da sensação que foi a inauguração do enorme centro comercial Arcada, de passar horas no

Fojos, do *Haunted House* e as noites de *snooker*, do *Harley Bar*, do *First Gallery*, e da famosa discoteca no bairro dos telefones que esqueço o nome.

Lembro desenhar um barco e um gajo com uma cana, num teste de Matemática a dizer «Não pesco nada disto.»…Lembro uma Professora mandar-me ir comprar dois chocolates um para ela e outro para mim, como prémio de ter tido a melhor nota do teste.

Lembro um cão de Castro Laboreiro que foi por uns anos guardião daquela escola, afável com os alunos, irascível com os ciganos que acossava com um ladrar agressivo até que lhe saiam do outro lado das redes.

Lembro por fim, após ter terminado o ensino Secundário decidi fazer uma pausa e ir à tropa.

Lembro de passar fardado, por aqueles portões, e olhar para a escola que havia sido minha. Ainda era. Ainda é.

Tal como todas as seguintes.

Coisa curiosa a juventude. Nela não existem erros, apenas aprendizagem. É também a culpada dos vícios do futuro. Habitua-nos a um impacto exacerbado das coisas e pessoas e nós. O embotamento provocado pela experiência repetitiva, faz-nos continuar a procurar até morrer, o mesmo nível de intensidade. Não era suposto passarmos dos 40.

Pela carência ou pelo excesso, o vinco é feito aqui.

Livre da primeira fase, queria afogar-me naquilo que me havia sempre escapado. A razão de existir, humilhar-me ainda mais perante a deusa.

VIII

**Erecção erupção**

A maré disse-te adeus.
Tirámos aquelas fotos colados um no outro nas máquinas à la minuta no metro. Falsas figuras de nós próprios, na Quinta dos cavalos alugados tão longe.
Tracy Chapman cassete de músicas românticas numa cama não nossa.
Outros eus como pele de cobra para trás lançados no meio de nossas roupas espalhados pelo chão espelhados em rostos que se reflectiam e tu perguntaste se era só aquilo, num assomo de não saberes o que para mim significava tudo aquilo.

Diga-se de passagem, que contigo também nunca tive grande sorte.
Imprenhe de significado para ti, sempre no teu meio caminho a caminho de algum lar, apenas uma folha que ser árvore perde ocasionalmente.
Toda a gente vive como se jogasse o mesmo jogo, mas não se pode falar das regras.
É uma regra.

Não sendo leproso, nenhuma mulher se chegava a mim.

Tu chegaste, num intervalo entre amantes, sabias-me ali presente e submisso.

Tantos anos a sonhar com a primeira vez com aquela pessoa especial, e é só esta merda?

Encaixar um cilindro num buraco, esfregar e esperar paz por isso? Foda-se triste condição humana.

Só o amor, ou a imaginação a martelo dele, permite ainda dar alguma dignidade à coisa.

Eu tinha a minha cona, e divinizava tudo o resto à volta.

Na tua vida foste para mim, Vera, a puta que me usou. Perdoei-te claro.

Esquece isso.

Usaste-me, não porque me fodeste e largaste. Não.

Mas porque me usaste para te vingares do mundo. Fodeste-me, abandonaste-me e ligaste-me a foder com outro para que eu te ouvisse.

Não sabes que isso hipnotiza o traumatizado, que continua sem saber pensar a violência que sobre ele se abate?

O traumatizado é estúpido, voltou ao lugar do crime.

A foder na pensão perto das Picoas, onde a dona te conhecia, não largavas o telemóvel.

Aproveitei que foste à casa de banho para ver o que espreitavas, era a fotografia do teu namorado, e eu a tua vingança de qualquer coisa que te tinha feito.

Não há duas sem três.

Chamaste-me uma terceira vez, fingindo lágrimas. O teu último nome mudara, e perguntei-te se não achavas que tinhas feito o suficiente. Casada com outro depois de teres gozado com o nosso casamento anos atrás, querias-me de novo para ti.

Dei-te um sorriso e desejei-te felicidade.

Sabemos hoje que ela não passa de um desejo.

IX

**Brisa frígida**

Veste-se com denodo pela moda que regendo vai.
É aliás a sua maior virtude.
Autêntico diapasão para com qualquer moda idiota que esteja no ar, no momento.
Nas ambas vezes se sabe vestir e arranjar. Assenta-lhe bem qualquer roupa que coloque.
Corpo desejável já percorrido por alguns outros antes de mim, deixaram rasto em fotos nas redes sociais, e nas suas posturas, e bem que os olhos revelam os primeiros sinais de desencanto.
Por outro lado, espreita por entre os anacrónicos olhos, o olhar magoado de cachorrinha assustada. É angolana com uma pele apenas um pouco mais escura que a minha.
As primeiras leis do jogo foram:'1-Penso noutra pessoa e 2-Sou bissexual.'
Beijámo-nos, na esplanada do restaurante com as melhores francesinhas de Lisboa, gerido por uma família de chineses.
Estou-me a cagar para isso, quero lá saber das tuas preferências. Já me bastam os meus desejos e fantasias. Quero é comer-te impregnar-me de ti, cheirar-te, engolir-te e perder-me em ti, tu não contas para nada, és só o meio onde me quero perder para depois me encontrar.
Quero é saber a que sabe o sabor da tua língua. Quero é afogar-me na tua carne como um porco com cio que se rola na esterqueira.
De noite na Expo deixei-me inibir com os cabróes dos pescadores mirones que insistem em passar mais

tempo a olhar para dentro dos carros que ordeiramente pastam no pontão de cimento o salubre encosto dos corpos, que a aflição dos peixes presos pela vida na ponta de um anzol.

Noto-lhe pequenos triunviratos de pelos nas auréolas dos mamilos, e logo a minha incontinência judicativa nota o contraste entre a atenção que demonstra na roupa e descura no corpo. Deve doer arrancar pelos dos mamilos.

Veste-se como cantora da moda, mas fraqueja no brio íntimo.

Detenho-me a notar com agrado a diferença de cor da minha carne branca e do auréolo de chocolate que me acolhe ignoto e molhado.

Trabalhávamos no mesmo sítio.

Um palhaço que por lá andava, *geek* de computadores, fraco em conhecimentos forte em bazófia, vitimizado pela sua namorada ao sabor dos caprichos e da sua própria mania de ser esperto, tentara várias vezes comê-la, confidenciou-me ela. No seu discurso, a mulher era algo de essencialmente sério, o bibelot lá de casa, a deusa em papel civilizado. As outras, para foder, abaixo do nível daquela que adivinhando a sua reificação, o oprimia em casa, acenando sempre que necessário com o poder da vulva. Este tipo claramente olhava para a vida como uma sucessão de código de máquina claramente definido. Pelava-se há anos para provar porcamente e a si mesmo que conseguia fazer a uma mulher o que vira nos filmes pornográficos de juventude, aos quais a sua companheira gorava qualquer ideia com má cara. Ela achava-o doente, marioneta como muitos que ela conhecia. Incapazes de algum senso e distanciamento perante as suas próprias feridas.

E no entanto ela…

Olha para mim como se eu a estivesse a foder. Vinte e quatro ou vinte e seis anos, quem gosta de mulheres não se deixa impressionar com homens em cima. Dei por mim no regresso a casa a cheirar o cheiro de sua vulva nos meus dedos espalhado, como sempre, algo estremece no fundo de mim, espreitando-me algo daquilo que apenas aparenta ser.

Dei por mim no seu quarto. No quarto da mulher que eu esperava ser uma bomba, mas deparei-me com o Nemo na cama e golfinhos pululando pelas paredes. Senti-me no jardim da Celeste, quando entrei nela cruzou os braços em protecção cruzados sobre o peito, e fico sem saber qual de nós dois está mais próximo do poço da patologia.

Estou com o período.

Não me importo.

Após pedinchar algumas horas depois de me ter obrigado a ver a novela, lá me deu o prémio da vulva, a ver se me calava.

A determinado momento olhei para baixo, e ela olhando-me como quem assiste a uma tragédia grega. Esforcei para vir-me rápido. Tínhamos combinado o fim-de-semana inteiro, mas ficámo-nos por um Sábado.

Foi dizer à amiga que eu ia depressa demais e muito intenso.
Tinha toda a razão. Não consigo perceber de outra maneira.
Aliviou-me mais a reconfirmação de que a deusa tem pés de barro, que propriamente o sémen que misturei com a menstruação.

X

**V de Vi**

Havia avisado de que assim que a visse não lhe falaria, encostaria meus lábios nos dela.
Que grande par de mamas.
Tomaram muitas miúdas de vinte anos terem o corpo como o dela. Agradou-me ter quarenta anos, ser de Cabo Verde e desejar alguém dentro dela, ou quem sabe nas suas órbitas.
Faltam-me três países para correr os PALOP todos.
Havia recambiado a filha não sei para onde.
Casa de desempregada sazonal, saudou-me com velas, uma cama branca coberta de pétalas escarlate de rosas. Parecia um leito sacrificial.
Muito calma muito meiga a falar. Calma em tudo.
Calma demais digo eu.

Trabalho mas sou estudante, e o que tu queres é alguém que te ajude a pagar as contas.

Para mim, viver a vida não passa por ir a bons restaurantes. Mas por viver a ilusão como se de verdade fosse. Como se o outro fosse a final e gentil resposta à solidão costumeira.

Louvaste os meus feitos sexuais, como se eu não merecesse o respeito de supores que eu percebia que era mentira. Assim que virei costas continuaste procurando pela Internet, e eu continuei satisfeito por prosseguir viagem.

XI

**Viúva profissional**

Apunhalando a pastilha elástica com os dentes, respirava a largos sopros pelas narinas.
A moça que me saciou durante toda a noite jazia inerte numa ponta distante da cama.
Longe do abraço de amor ou carinho que não lhe consegui dar.
Encharcada em suor, que arrefece rápido à noite, e a faz procurar com a mão aberta e os olhos fechados

o edredão, o lençol cheio de sangue como prova que eu fiz questão de mostrar de que por estar quase no fim do período, não era impedimento para a voracidade do meu apetite.
Olho-a e o seu escasso talento na cama, os seus pés feios e frios, a sua cara feia ou não bonita para mim.
E penso que é uma condição de merda ser homem.
O orgasmo foi o metrónomo da noite.
A caminho de casa fingi uns gestos de carinho.
O efeito que as gónadas provocam no cerebelo já havia passado, vazias que estavam com solidariedade com o meu coração.
Porque é tão importante falar de cama?
Porque nem toda a gente tem jeito, fisionomia, imaginação, à vontade para isso.
Já não basta ser-se feio, que se se revelar um espantalho na cama, o feio ou a feia, e até o bonito e a bonita em menor grau, terão dado um certo passo mais para a solidão.
Despede-se de mim num assomo de paixão momentânea, pensando que o amor finalmente a encontrou.
Só penso em dizer-lhe para ter calma, que foi só mais uma noite de corpo, mas não acho o momento apropriado para lho dizer.
Conduzo para casa, como se tivesse passado mais um capítulo da minha vida.
Sinto-me do lado dos «fortes», é ela que está em suspenso por mim, e o mesquinho em nós não pode deixar de se manifestar.
Mais uma para o currículo, diz aquele diabinho que representa parte da nossa consciência nos livros do Tio Patinhas.
Coitada, mais uma que se apaixonou, não tens vergonha? Diz o anjinho...
E a rememoração de que foi por não querer iludir ninguém que larguei as anteriores.
Os meus colhões são mais fortes que eu. 150 gramas de chouriço como se costuma dizer, ganham a 85 quilogramas de porco. Esbofeteei o anjo, porque não pode falar mal de mim.
O mundo não tem nada a ver com a nossa ideia de justiça.

E não sei se iria suficientemente longe no buraco do coelho, ao dizer que o mundo se ri da nossa ideia de justiça.
Cada mulher tem sido a preparação da seguinte. A mim, a paixão dura-me meia dúzia de meses. No longo prazo.

A curto, é o tempo de recuperar de um orgasmo.
Após um ano e tal, bem intenso, voltei a escrever.
Por acaso e por capricho conheci alguém de Mafra.
Quem já não acredita em corações, começa a dissecar almas.

Eu, como outros, sou um deserto. Um cemitério. De raparigas. Uma ex-namorada uma vez disse-me isto com cara de horror.
Na altura tomei o teatro como expressão de falsa moral burguesa.
Agora percebo que a minha soberba é ter comido, ou ter sido comido por tanta gaja...e não passa de pueril contentamento.
Ela casou. E eu tenho sempre uma mesquinha suspeita de que todos os casamentos acabam mais cedo ou mais tarde. Não se sujeitou em ser a sua lista de amores e desamores.
Eu, se me ligar, é para não desligar. É o que todos dizem às amantes.
Mato-as e a mim, no processo.

Tivemos de tudo...paixonites infantis que nos faziam viver a 1000 por cento, como contam as canções do Carlos Paião. Frescas e leves, intensas, como o frio do orvalho de Verão, ou como o cheiro do feno após chover.
Paixões adolescentes que nos agarram pelos artelhos e centrifugam até não haver mais pinga de sangue, ou de sanidade.
A emoção é um livre carrossel.
Na idade adulta temos um amor, com tons de absoluto. Vestimos a pele da eternidade.
Dilui-se.
Corrói. Decai. Acaba. É o nosso mundo que mergulha com ele.
E a nossa crença.
O último degrau?
Este em que agora estou. Cheio de manha, cheiro a manha estratégia de engate a léguas.
As manhas, as fitas, são claras.
O jogo perdeu o interesse.
Eu tudo domino.

Algumas pessoas com experiência na vida, sustentam que é razoável partir de um princípio básico.
Concordando como princípio que sustenta um princípio básico, eu sustento que todas as pessoas são todas aborrecidas. E que a maior parte das vezes faço figura de parvo a encontrar conversa da treta para manter a conversa com quem acho mortalmente entediante, mas como não quero mostrar isso para não magoar, torno-me a mim um chato.

Existirá por aí alguma chata ou chato, que me consiga contradizer?
Este princípio quase básico, tem no mais elevado grau de pureza, a força negativa capaz de ser a mais potente força motriz em forma de repulsa. O aborrecimento repulsa.

O aborrecimento é a bota que oprime o traseiro, empurrando-nos continuamente para forçadas novas descobertas.
O tédio, que por si tem uma natureza calma e sedativa, é a força com potência para meter toda a gente em movimento.
E se dissermos que o tédio é a razão de todo o mal, não andaremos longe da verdade.

O lado oposto da atracção é o tédio. O tédio é absolutamente mágico, no seu efeito mobilizador através da repulsa.
A corrupção do tédio derrama-se claramente, no comportamento das pessoas. Especialmente no trato com as outras pessoas. Nada é mais entediante para uma pessoa que outra pessoa. Uma pessoa entediante é mais entediante que um livro entediante.
Veja-se o santo mais badalado da Cristandade, no mais paciente estala o verniz após aplicação de puro bom e velho tédio. Veja-se o nascimento das birras das crianças, só germinando quando a brincadeira já não diverte.
O entretenimento é a esta luz, não a razão de se estar vivo, mas a fuga do efeito corrosivo do tédio. O tédio é a mais próxima sensação da morte mais próxima.
Não a morte física, mas a real, aquela que é a negação da vida.
O nó de Susana começa aqui.
É uma fugitiva, como nós.
Ela caiu na fuga.
O aborrecido é aquele que visceralmente sente repulsa pelo estado que pára o tempo alongando-o como se fosse uma paragem da e na vida. Perda de valioso...tempo.
Tempo e tédio, eis o eterno.

## Viúva profissional - parte II

Quando penso em ti com mais força, sei que é porque estás a pensar em mim.
Em relação a ti, tudo o que seja menos que tudo é nada.
O teu cheiro, o teu sabor, a tua língua, os teus braços.

Lembro-me desses nossos momentos fugazes como lágrimas na chuva.
Tenho *post its* espalhados pela casa e no para-brisas do carro, lembretes para não me esquecer de

respirar.

Copo atrás de copo, bebo este malte tão velho quanto o meu amor, na esperança que após o engolir o sabor da tua boca já não esteja na minha...debalde...como fantasma residente que se recusa a aceitar que morreu.

Escrevo-te e para ti escrevo. Escrevo-te pelas barras de uma rima.
A tua língua...
A tua língua é o mais fascinante isco no mar, irresistível, para peixes incautos como, eu que ao verem tal isco ao sabor das correntes que não são vistas, vai sôfrego tentar beber a doce saliva que ontem provei, só para ser surpreendido por um peixe enorme e carnívoro, oculto sobre o fundo arenoso, com o artefacto enganador ondulante, ironicamente alguns milímetros acima da doce boca.

Escrever é um minete. Eu gosto de fazer, tu gostas de receber.
No entanto estamos os dois à sombra, no Sol do anonimato.

Nós, na tua cama, mascamos folhas de louro, fazemos duas coroas com o que sobra, coroamo-nos como rei e rainha de uma timocracia de paixão.

Na praia perto de tua casa apeteceu-me mergulhar na água. Tirei as minhas roupas, e contei-te que os antigos gregos faziam a lavoura desnudos copulavam com a terra em charquinhos de pequeno esperma, e com as mulheres sobre a terra aberta ainda quente, em orgias de mosto e fertilidade.

Desejei erguer um templo assim, mas somente me deixaste projectar a sombra de uma forca.
O ocaso levou-te para longe de mim, e a sombra do infinito veio fazer-me frio de novo.

Tempo e tédio, eis o eterno.
O movimento amoroso nas nossas vidas é uma cópula.
Uma cópula é um movimento mecânico de contraste entre dois órgãos de dois corpos diferentes. Um reclama em gritos de uníssono o outro. Pede-lhe a falta para voltar a gritar pelo outro desesperadamente.
Assim com as paixões, que madrastas são ondas hertzianas tudo absolutizando à sua passagem.
Precisamos da falta do nosso amor para o desejar ainda com mais força e lágrimas nos olhos de o termos repelido, só porque o quisemos sentir longe para o sentir ainda mais perto.

Nenhum juiz daria a justificação de um divórcio com base no tédio que a mulher causa no marido.
O Sol deita-se em tons de mel.
A força motriz não é a criação, a criação é a resposta à força motriz que é o aborrecimento.
É como o fluxo e refluxo das marés, inolvidável, rítmico, quase eterno.
O pêndulo das nossas vidas é lembrado na hora da nossa morte, apenas porque os ponteiros são os nossos braços de infante querendo colo, e as horas, os nossos amores.

O homem não é um animal social, a não ser que seja um animal de caça, necrófago e canibal. Todos os humanos são aborrecidos, aborrecem-se a eles e aos outros.

Os que a si próprios se aborrecem, divertem os outros.
Entreter o outro é a mais aguda forma de me aborrecer a mim, onde só posso acabar por morrer, passivamente, por fastio ou dar um tiro nos cornos só por curiosidade.

Só, na minha secretária, é fácil com o teu silêncio pedir letras. Mas elas saem-me da carne, e se eram tónico antes do toque da tua carne, agora são cílios que laceram a minha, com a lâmina da distância.

Apostola do entusiasmo vazio navega pela vida com uma interjeição nos lábios, faz de missão ser entusiástica e alegre onde quer que esteja especialmente para que os outros vejam, está presente em todo o lado e disso faz questão. O aborrecimento sustém-se do nada que liga a existência e as vidas. O sentimento de tontura é o mesmo que quando olhamos da borda de uma varanda muito alta, e o abismo parece chamar-nos para si.
Cansamo-nos de viver em chão argiloso e mudamo-nos para chão arenoso. Cansamo-nos do campo, vamos para a cidade. Cansamo-nos da Pátria vamos para o estrangeiro.

Fartamo-nos de uma mulher, dedicamos doravante amor a todas, sozinhos no nosso peito. Magoamo-nos com um homem, queimamos o chão tenro e pulsante de irrigar sangue, para que mais nenhum lá subsista.

Passei o dia a tentar vir à superfície. Mergulhei tão fundo na toca do coelho que agora para saber onde é o cima ou o baixo, tenho de chorar para ver para onde corre a lágrima.
Lágrima de alegria porque já morei na tua boca.

Se nada faz sentido, é porque ainda ando a tentar apanhar o equilíbrio e a perceber o porquê do fascínio. Como o sabor acre de uma garrafa de velho líquido de malte.

**Viúva profissional - parte III**

Em papel espalhei letras em orgias
Encostadas, juntas, separadas por vírgulas, traços
Travessões

Transe de quem mal dorme
Por escrever sempre o mesmo
Um caminho para o teu nome

Agora por folhas de papel ancião
Continua a tinta a jorrar
Porque não é por se ter cantado a canção
Que uma música se deixa de assobiar.

O teu corpo é outro papel onde escrevo as cartas de amor para ti.

**Viúva profissional - parte IV**

Pêndulo.
É verdade, de verdade às vezes apetece-me chorar.
Dir-se-á «-Que frescura...», pois que a vida é assim e um homem não chora.
O problema é quando começamos a ser tão rebeldes, que a própria variação permitida como aceitável para o que a vida poderia ser deixa de ser suficiente, um pouco como dois amantes que já nem sabem o que descobrir um do outro.

A ideia de que as coisas poderiam ser bastante diferentes, arde nos toros de que isso resolveria os sofrimentos que passámos nesta vida...será isso uma espécie de renúncia?
Claro. Só o rebelde renega.

E no fim, no fim de contas, é só em *solitude* que nos encontramos.
Beijando o nosso reflexo no espelho que ninguém encontramos que nos ature e adore a não ser por não ter mais nada por que viver.

E todos os sonhinhos, ilusõesinhas, os pormenores acabam por ser espinhos pequenos e pedras em sapatos, que nos lembram o quão balançados estivemos para qualquer lado.
Com essa entrega sentimo-nos ludibriados.
É isso que no fim levamos daqui, um sentimento de termos sido enganados só porque gostávamos que as coisas tivessem sido diferentes. Dói, mas é a parte que não renuncia à felicidade, ainda que amargue.
A torre mais alta dela, que não permite dar o coração ao seu mancebo adiado, é aquela em que já tem a desconfiança entranhada. Sem esperança deambula na expectativa, mas nunca no sonho, de encontrar um homem a quem amar, mas no entanto acreditando no amor.

Só a falta de força justifica o cálculo.

XII

**Tempo (tic)**

A ampulheta, a ampulheta, a areia que escorre entre os dedos ao som de uma corneta
Corneta anunciante do fim, que se afasta do nascimento à velocidade de um
alucinante cometa.
Escrevinhas, como na canção, os planos da tua vida em sonhos balbuciados na areia.
Matas o tempo em pequenos suicídios alheios à sombra que congeminas na tua teia.
Quando no tempo pensas é porque já passou demasiado e os teus planos falharam,
Saíram ao lado, ou tornaram-se no que não estavas à espera, até os fracassos
fracassaram
E corres, corres corres à volta do teu antiquado crescente umbigo, viver é um treino
para a morte
O tempo não pára e a ele que julgavas matar vê impávido a tua lenta agonia
abandonado à tua sorte.

Nascer, morrer, não causam estranheza, cada um por si só, mas aquilo que se faz no meio
É a almofada do angustiante desespero, tens o teu tempo aqui, aproveita-o e o que fazes com ele?
Passam os anos, passam as passagens de ano, tudo passa e o rio o mesmo já não é
E urge dar à tua vida um sentido, que na adolescência é cósmico, pujante sem freio
e vai amainando amainando como folha condenada ao Outono, sentes o tempo passar na pele
Acabamos por ceder, ceder ceder e já só queremos sopas e descanso e uma história que mantenha de pé
a necessidade de dar finalidade à vida, não já uma epopeia, mas um conto menor, corremos atrás dele
Mas é só à volta de um tiro de pistola que não ouvimos partir e acabará por detonar no coração.

**Tempo (tac)**

Não são os sonhos que perdem pujança, como o sangue pueril que se esbate nas paredes das veias com o passar do tempo.
A entrega, a nossa entrega a eles é que não pode deixar de esmorecer, seja pela força da desilusão seja pela brutalidade da descrença.
Sabemos que o outrora apetecido agitar das águas só trará a suspensão do lodo, e mais vale um lago tépido e visível a curta distância, que um remoinho de incertezas. É cada vez mais a segurança, a protecção contra surpresas, que se instala e aninha. O cálculo ganha terreno, antes um parvo (a) que nos carregue, que um esperto (a) que nos derrube.
Já não acreditamos...tão só...
Porque achais que é aos jovens que recorrem as agências de marketing e similares, procurando qualidades como dinamismo, espírito de grupo, entrega?! Pois eles ainda não amargaram e ainda acreditam...

Já não acreditamos. Desdenhamos. A sombra do passado menoriza qualquer tentativa

do presente.
Não pode deixar de nos perseguir a ruína de amores passados, e a omnipresente suspeita de que se as do passado ruíram, tudo depois deles (ou da nossa crença neles) pode também ruir.
Não são capas ou falsa moeda. É só a capacidade de entrega, ou não, de um coração.

Aos 30, 40, 50...não se vive o que se vive, como se vive, aos 18. Porque aos 18, ainda muitas janelas no futuro se encontram abertas.
O futuro não é ainda um horizonte que enegrece sob o pêndulo da urgência.
Aos 18, o céu apresenta-se risonho, promissor e esperançoso.
Aos 30 morde-nos os calcanhares.
Aos 50 aponta-nos a sala onde devemos fazer contas.
Assim também o nosso ressentimento não é para o que insuflámos. Mas para a nossa própria gula, a nossa própria credulidade.
Envelhecer é o contentamento com o lugar-comum que outrora não considerávamos, de nós, digno.
A explosão do balão, é não conseguirmos aguentar as altas expectativas que criámos de nós, dos outros, do Amor...

O fim é inevitável mas não é o que está fora que o dita. Somos nós que mudamos.
As horas os minutos são já só as testemunhas da angústia de os saber um passo mais próximo do fim, da impotência de já haver passado o tempo próprio...e o que restará de nós?
A inevitável solidão se não levar para a morte a eterna companheira que é a memória da tua cara.
É que não pode deixar de esmorecer, seja pela força da desilusão seja pela brutalidade da descrença.
Sabemos que o outrora apetecido agitar das águas só trará a suspensão do lodo, e mais vale um lago tépido e visível a curta distância, que um remoinho de incertezas. É cada vez mais a segurança, a protecção contra surpresas, que se instala e aninha. O cálculo ganha terreno, antes um parvo (a) que nos carregue, que um esperto (a) que nos derrube.
Já não acreditamos...tão só...
Porque achais que é aos jovens que recorrem as agências de marketing e similares, procurando qualidades como dinamismo, espírito de grupo, entrega?! Pois eles ainda

não amargaram e ainda acreditam...

Já não acreditamos. Desdenhamos. A sombra do passado menoriza qualquer tentativa do presente.
Não pode deixar de nos perseguir a ruína de amores passados, e a omnipresente suspeita de que se as do passado ruíram, tudo depois deles (ou da nossa crença neles) pode também ruir.
Não são capas ou falsa moeda. É só a capacidade de entrega, ou não, de um coração.

Aos 30, 40, 50...não se vive o que se vive, como se vive, aos 18. Porque aos 18, ainda muitas janelas no futuro se encontram abertas.
O futuro não é ainda um horizonte que enegrece sob o pêndulo da urgência.
Aos 18, o céu apresenta-se risonho, promissor e esperançoso.
Aos 30 morde-nos os calcanhares.
Aos 50 aponta-nos a sala onde devemos fazer contas.
Assim também o nosso ressentimento não é para o que insuflámos. Mas para a nossa própria gula, a nossa própria credulidade.
Envelhecer é o contentamento com o lugar-comum que outrora não considerávamos, de nós, digno.
A explosão do balão, é não conseguirmos aguentar as altas expectativas que criámos de nós, dos outros, do Amor...

O fim é inevitável mas não é o que está fora que o dita. Somos nós que mudamos.
As horas os minutos são já só as testemunhas da angústia de os saber um passo mais próximo do fim, da impotência de já haver passado o tempo próprio...e o que restará de nós?
A inevitável solidão se não levar para a morte a eterna companheira que é a memória da tua cara.

XIII

**Anatomia do corno**

O corno é marreco.
O corno é curvo.
O que verga o corno?
O medo?
O baixo amor de si mesmo?
O amor em lume brando de outrem?
A ingenuidade?
O poder de negação?
A sua própria Natureza?
Um amor ao cálculo?
O amor pelo absoluto com forças relativas?

É perito na ontologia da queda e da perda.

O corno assume dois tons.
O corno absoluto ou metafísico, e o corno circunstancial ou físico.
Há um terceiro tipo, mas não quero que o caro leitor (a) se sinta ofendido.
Genericamente, o corno está disposto a abdicar de si, dos seus propósitos, em nome de um grande propósito. A ofensa passa para segundo plano em face do que as últimas consequências podem trazer para o quadro mais geral, que é o que ele espera da vida.

As últimas consequências são o fundamentalismo sobre a ofensa. Este fundamentalismo causa normalmente para o corno não corno, uma ruptura na relação, ruptura que o abana por completo nos fundamentos da existência.

É esse terramoto que aflige o corno comum.

Só o verdadeiro corno infeliz, o metafísico, faz por sobreviver além da catástrofe, porque ama o espinho que o atormenta.

Para o corno infeliz, o ente amado é fonte de sofrimento porque não se consegue livrar da dor que a traição provoca. Não se consegue libertar porque o cuspo do outro é, contra sua vontade, o mel da sua existência.
Este corno é um corno solitário. Ama o outro como a uma droga. Só é corno quem se enquadra numa relação.

Porque é que no amor, o encornado é culpado da sua culpa, enquanto o enganado pela mentira assume o papel de vítima? Vítima da perfídia alheia...

Para o corno comum, é a sua personalidade que é rejeitada, pois a seus olhos não é suficiente deslumbrante para cativar...e aí assume os primeiros acordes metafísicos, a saber, quando a traição passa a fazer parte de uma maldição cósmica à sua pessoa.
Mas ainda não chega. Detesta essa condição do fundo da sua bílis.
O corno metafísico puro, ama e odeia o que vai dar ao mesmo, a sua condição, que o diferencia do comum. E é aqui que se começa a transformar em corno comum.
É esta a dialéctica da encornação.

O corno comum agarra-se a uma ilusão, à convenção.
O verdadeiro corno infeliz agarra-se à própria existência que o oprime.
Agarra-se à âncora que o leva ao fundo.
O corno comum espera que a âncora o mantenha à tona, próximo e em uníssono com todos os outros.
Ambos têm em comum a traição.
Só é corno quem sabe e prefere manter-se como tal, diz a tradição.
O corno comum é o acomodado.
O corno infeliz é o corno profundo, alienado na sua condição inconsolável.

Um é vítima da sua vontade e ilusão, outro de um pathos terrível.
Ambos mergulham no lago do absurdo.
Um é verdadeiro amante de si próprio e do seu sonho.
Outro é o verdadeiro corno porque é a natureza ou a entidade de alhures que lhe prometem felicidade a sorver em pequenas gotas de arsénico.

Um é enganado pelas quimeras do seu cérebro, os desejos da sua carne, pelas imposições dos seus semelhantes. É o corno físico.
O outro é atraiçoado pela própria existência em que brotou.
É trazido à luz para ser cilindrado pela luz a que é trazido.
É o corno metafísico.
O verdadeiro corno não trata ninguém por corno. Só ele sabe o peso que lhe atarraca as costas.

Os cornos metafísicos reconhecem o peso da existência nas costas dos seus semelhantes.
Os cornos físicos gozam uns com os outros através das estradas da inaptidão e do desempenho.

O corno metafísico enrola-se sobre si mesmo como um feto a horas de nascer, enrola-se sobre a sua dor, sonhando que ela desapareça, cônscio apenas do seu sofrimento. Espera que a dor intensa passe e não se propague a ninguém.

O outro corno, o comum, acha que a dor é parte da vida, e não a parte mais importante. Escarna dos outros iguais a ele, por só ele conhecer o vazio desse gozo.

Um vinga-se da existência que o faz sofrer, outro celebra-a.
Um subsiste e segue em frente, o outro só pode continuar a entoar os belos cânticos forçados pela dor a sair de sua boca exigidos por nós, filhos da dor que o arde.

XIV

**In Sónia, pavão sem penas**

«É talvez o grande fracasso humano: a desproporção entre o valor e a dimensão. Não há nada que tenha o tamanho que mereça. (...) Acontece, registo, acontece, registo. Mas é tudo mentira (...) Maior tragédia do que esta não existe.» Miguel Esteves Cardoso, *Cemitério de Raparigas*

Rapsódia Solipcista
Doce Sónia
‘A melhor parte de roubar a vida a alguém
É o olhar, não quando ameaças, não quando magoas,
Nem quando vê a faca, é o olhar quando sente a faca em si’
Rasgando a carne, prenunciando a morte que a caminho vem
Assim os vampiros, recolectores em emoções viciados, assim as pessoas
A entrega com reservas de alguém os juízos precipitados de ti
Ambos o frio da lâmina sentimos, ambos sabemos que é a morte
E não é preciso ter os colhões cheios para falar de amor
O teu templo é uma miragem longínqua do vento secreto, voltas que dá a sorte.

E preciso e sorvo todo o amor a que consigo aceder
Não te assustes de sentir tanto.

365 vezes, um ano e tal
Pouco mais que olhares
Uma mão de palavras vazia
Não evitam afinal
Preconceitos e juízos, e pensares
Que me tivesses conhecido algum dia.

Às vezes, o mundo é duro e cruel
Só estamos cá para perder
Abençoa-me antes de te despedires
Despojada dos preconceitos que vestires.
Nua.

Estás condenada
Roguei-te uma praga
Estamos os dois na cama agarrados
Deitados num fardo de feno
Entrelaçado como meus braços nos teus
Festejando-te num leve aceno

Os meus votos de silêncio são meus lábios molhados
Que tua língua alaga.

Cessa a tua boca cheia de guerra
Danço comigo mesmo
Dá-me o teu som
Dá-me o teu cheiro
Sorvo-te e como é bom
Ver-te vires-te comigo em tuas pernas prisioneiro
Vem-te primeiro.

Não, não sou bruto ou agressivo

E que o fosse, ou castrador
Quem sabe se frontal
Foi por amor foi por amor
Foi por amor meu amor
Eu porque à dor tanto me esquivo
Queimo-me não por ser vela
Mas por ser castiçal.

Castiçal que se afoga em cera
Desesperado e suplicante
Pelo respirar de uma boca que quisera
Viver beijando-me num amor não degradante.

Se continuas com vitupérios
Acerca de mim formulados
As tuas palavras serão adultérios
Do silêncio dos nossos beijos não dados.

Persigo sim senhora o objecto
Do meu desejo tornado
Ternamente delineado o projecto
Bastante directo, sim
Ardo por saber se o que de mim para mim
Digo, tem no objecto, o efeito planeado.

Porquê?
Porque sou descompensado.
Talvez louco.
Vivo o amor a três.
Eu, o outro, e eu outra vez.
Amando nunca se está acompanhado
A outra é muito pouco...
Não se vê?

Não consigo dormir
Sonhando com o amor que vou fazendo
Dentro da minha cabeça.

E muitas susanas pululam por aí
Um cemitério de raparigas
Na minha recordação
Objectos artefactos
Desta forma de masturbação
Amo-me através de outras
Degraus de mim para mim
Cachorro que persegue a própria cauda
Dervixe de mim mesmo encarnado
É por mim, por mim, amor, que estou apaixonado…

Que a tua potência judicativa não aplauda.

Escapo da franja
Fria e sem dó
Não me quebrarás
Nas trevas, mas ainda vejo
Cala-me droga-me
Fode-me como uma puta
Venho-me lentamente
Quando me podes acompanhar
Faz-me chorar para lavar a mágoa
E para poder afundar.

No meio do inquietante negro gentil da noite, por mim me apaixonei
Na forma de uma qualquer susana

Efabulação de diamante chicote memória em açoite, não procurando
Um sim mas uma fantasia soberana.

Às vezes sinto-me (como ela) destroçado
Sozinho e no fim embalado
Dá-me vontade de regurgitar
Fico tão sozinho desboto até já nada restar
Independentemente dos corpos que tenho à disposição
Olho para o espelho e vejo algo translúcido que já não é o João.

Com esse par de lábios
Com esse pôr de lábios
Que são teus
Conduziste-me até ti
Seduziste-me até mim
Fui então fundado
Esfomeada precisavas de mim integral
Agora sobram os restos mortais
E a areia nos meus braços
Ainda me sinto esventrado
A espada lancina ainda na minha alma
Teus caninos no meu pescoço
Ou a cicatriz do julgamento sumário
Feito como amor escondido num armário
Por sobre máscara anual de um(a) falsário
Transformada no teu sudário...
Abandonaste-me dissecado, sorvido, esventrado
Não mergulhes de cabeça nos meus olhos
Faz muito tempo que água não tem
Apenas escolhos
Rememorações cicatrizes escombros
E sorrisos dos nossos confrontos...

A quem quer amar:
O amor é uma maleita,
Que o corpo não aceita
Que a alma não rejeita
O Amor
Não paga contas não dá indicações
Regula a tua vida pelo seu bater sincopado

Do teu coração por ele destroçado
Não aceita reservas nem dá justificações
Fica uma vida inteira de ti se alimentando
Acelera o fim, queimando os momentos que ao teu lado vão passando.

Eu :

Queria ter um momento
De alegria felicidade
Por cada abismo onde me lancei
Ao pensar que o amor era um alento
Da sinceridade igualdade reciprocidade
Cheguei até hoje sabendo que me enganei.
Olho agora para os desertos
De areias caveiras e arrais
As memórias são esqueletos despertos
Que não deixam esquecer os amores em que me dei demais.

XV

**A vida de Susana Pascoal (ensaio filosófico em forma de ficção)**

*Intro*

Sou daquele tipo de pessoas que nos acidentes de viação procura sempre ver a carne e as lascas dos ossos no tablier, e o sangue no asfalto.
Gosto de olhar para as pessoas, do baixo da minha timidez, e da minha amargura para com a vida e pensar que dores, ódios, amores, desilusões, abusos, forjaram o corpo e a mente da pessoa que diante mim observo. Sou um vampiro à custa das vidas e emoções das outras pessoas, para depois vir para este blogue escrever, para sugar já não a vida e a emoção, mas a possibilidade de atenção.
Sou uma pessoa desprezível não é?

Não sou frequentador assíduo de blogues e de bares (oh, como passo ao lado da vida...) mas não sei se existem blogues em forma de livro, ou livros em forma de blogue, no entanto é o que este pretende ser. Com a perda de alguma estrutura e coerência temática, ganha pela espontaneidade decorrente da disponibilidade do autor. Cessará quando sentir que o assunto já não me interessa.

Certa carne é mais tenra que outra.
E cerrei os dentes numa personagem por mim criada a partir de uma personagem real.
A minha personagem tem semelhanças com uma pessoa da vida real.
Chama-se Susana Pascoal, tem trinta e um anos, e é uma rapariga como milhares de outras. Gosta do seu barzito, do seu séquito, disco de vez em quando, um concerto com as bandas da moda, música que não ofenda a sua sensibilidade, autores que se podem encontrar em qualquer livraria. Teve uma infância normal, brincou com bonecas, continua a brincar com bonecos, era fã dos póneis da televisão, foi ao cinema ver «A Branca de Neve e os Sete Anões», via «Os Amigos de Gaspar», hoje vê sitcoms, teve discos de vinil do Avô Cantigas, e usava tranças quando ia para a escola. Teve, tem, terá uma beleza média, o acne da adolescência e do rubor passou-o num grupo de amigas mais feias do que ela, onde por vezes se sentia especial. Há sempre um amor de adolescência e com ela não foi excepção.
É segredo, mas perdeu a virgindade no secundário e quando chegou à Universidade já sabia que não tinha mais nada a aprender acerca do amor. Encontrou alguém, a quem se agarrou, não interessam os motivos, até uma personagem tem direito à privacidade, mas era uma âncora para o mar incerto de andar de braço em braço sem nenhum abraço chamar seu.
É como todas as mulheres um poço de aplicação e abnegação e acaba o curso no tempo regulamentar e safa-se na vida num recanto da função de todos. Começa a planear e a efabular a vida futura...Algo acontece e esse sonho desmorona-se. E muito mais coisas que se revelarão por si. Mas é este acontecimento traumático que nos interessa.
O ponto de passagem da minha personagem, para a pessoa real (aliás a sua justificação enquanto existente - da personagem ou da pessoa?!!) é um acontecimento traumático já por mim observado algumas vezes.
Chamo-lhe muitas coisas, mas gosto de ver este tipo de trauma como um puxar de tapete debaixo dos pés de uma pessoa. Chamo-lhe «a queda».
A queda do virtual para o real. Virtual de sonhos, aspirações, desejos, fantasias, para o real da vida crua e sempre além das expectativas.
No fundo, o lodo em que me movo, é o do absurdo. Partindo de Camus, comento-o, é que se para ele o absurdo é o silêncio do mundo à tentativa de doação de sentido por parte do homem, a queda é o ruir desse sentido. A partir daí nada nasce.
Gosto de esmiuçar estes acontecimentos porque eles representam algo que força o fio da tua vida a um

rumo diferente...nada será igual a partir deles...

Fio...nó...
Como qualquer nó, este que a minha Susana tem, é a interrupção de um fio.
Digamos, simplificando, que o fio é a sua vida.
O fio que entra é o mesmo que sai. Mas não é o mesmo fim. Tal como os restos mortais que sobram após um destes acontecimentos, não são a pessoa de outrora.
O fio após o nó não é o mesmo.

Mas antes de falar de mim, enquanto ficção de mim mesmo, falemos da minha Susaninha. É a minha ferramenta de verborreia. Algumas ideias e expressões literárias de minha safra serão transmitidas através dela.
A custódia pela personagem foi um processo longo e penoso, mas terminou num empate, nem ela foi encornada, nem eu tenho de pagar pensão alimentícia, ou direitos de autor.
Optei partir de uma personagem real, pois a personagem real que escolhi é já um símbolo que subsume o tipo de pessoa, temáticas e problemáticas que a personagem virtual pretende reflectir. A Susana é só um pretexto para o texto.
A queda, mostra-nos com clareza cristalina como a alma das pessoas é frágil, e sensível aos acontecimentos, e que não tem de ser tratado a não ser com a ligeireza com que um assunto sério merece.
Sou daquelas pessoas que gosta de ver os acidentes, a carne e as lascas de osso no tablier, o sangue no asfalto. O trauma é também um acidente. Gosto de saber para onde o carro ia, a que velocidade, qual o trajecto percorrido, quais os erros do condutor, se a estrada estava em conduções...chapadas da vida como se diz nas conversas de bar...
Trama, tédio, ilusão, desespero são os ingredientes deste monólogo na primeira pessoa, a Susana o meio pelo qual eles se misturam, não vejo motivos para que estas letras não sejam um *best read*...

(...)
**Susana Pascoal**

31 anos, solteira, entre relações públicas, psicologia, Sociologia, que é formada em Sociologia. Durkheim não engana.

Muito poucas empresas contratam licenciados em Sociologia, portanto aposto que trabalhas num organismo público, o que se comprova pelo afinco com que dizes que és muito ocupada.

É típico dos aspirantes a funcionários públicos.

Fisicamente, és bonita, nada de espampanante, mas já comi pior e a pagar.

Para o meu gosto falta-te um bocadinho de carne, mas também não acho graça a morenas.

O rabo não da para ver, mas pelo diâmetro da cintura, tens um belo exemplar.

Mas tens compostura e brio contigo, o que é manifesto, especialmente na forma de vestir, apreendida em duas versões diferentes, ambas extremamente normais. Sabes que o normal agrada a toda a gente... És a namoradinha perfeita para casar, do senso comum, és convencional e normal de tal forma que és boa para mostrar aos amigos. Sim que isto funciona por hierarquias *status quo* e cenários.

E tu que leste Durkheim, sabes disso.

És, como toda a mulher convencional, observadora da moda convencional.

Por isso mesmo, és um objecto de desejo. És apresentável e é o que toda a gente espera que seja o mínimo denominador comum de uma namorada bonita e de acordo com estatuto médio. É também nesse meio que procuras as tuas relações, que isto de andar com pés rapados não só vai contra o teu desejo de mulher de 31 anos de constituir família, como achas que mereces um homem no mínimo com o mesmo estatuto que tu.

Como és bastante solicitada, já deves até ter casado ou vivido junta, com alguém.

O motivo da separação, é que não vejo sequer descortinado parcialmente. Trocou-te por outra? Mais bonita, de melhor estatuto, não creio. Talvez se tenha fartado de ti, o que te deve ter custado atrozmente.

E provavelmente ele foi o namoradinho que esteve contigo durante a formação, desde o secundário talvez, onde achaste ter uma sorte imensa em o ter para ti, e após alguns anos começaste a acarinhar a ideia de constituir futuro com ele. Talvez.

Talvez tenha sido por não suportar a forma como és dada. És impulsiva. E essa impulsividade de certeza

que já te trouxe dissabores. Reparei na forma como agarras o copo, numa das tuas fotos pelas redes sociais.

A genica, a falta de delicadeza demonstram uma vontade só domada por um instinto ainda mais forte. A tua racionalidade é marioneta do teu desejo e depois dás com a cabeça na parede. Talvez ele não tenha suportado isso, talvez não tenha tido mais vontade de continuar a ter paciência...talvez se incomodasse com outros.

É bom o corpo quente de um varão encostado ao teu, promessa latejante de prazer, força que espreita por debaixo de cada músculo, de cada nervo e esgar arfante, tu ondulando no prazer que cavalga a força que te pode desfazer como se a dominasses, és tu a brincar com o fogo, e dominas a teus olhos, pois todos te tratam como uma princesa...com a sudação e o arfar a meio de uma noite quente, que o teu corpo exige, demanda entregar-se. Por vezes consegues controlar, outras não, e ele talvez se tenha fartado disso e não se quis sujeitar. Talvez, talvez. És uma contradição, na forma como agarras o copo, és sincera e cruamente natural. Mas és tudo menos sincera. És uma jogadora. Jogas com os homens, brincas porque também é fácil brincar com eles, e nisso assististe a uma metamorfose desde os teus tempos de secundário, onde de borboleta, passas a viúva negra, porque na tua teia só moram agora os restos mortais das memórias passadas de corações destroçados e sonhos destronados de antigos amantes e aspirantes a tal.

Como as coisas não resultaram, foi como se te tirassem o tapete debaixo dos pés.

Foste-te abaixo, custou. Muito.

«You say
One love, one life
When it's one need
In the night
One love
We get to share it
It leaves you, darling
If you don't care for it»

(U2, *One*)

Moraram uns anos juntos, mas com a separação tiveste que refazer a tua vida, talvez numa casa nova, ou talvez na casa dos pais. Aposto que foi para uma casa nova, hoje em dia a segurança do trabalho estatal permite isso e tens a mania e o orgulho de que és independente. Na tua casa nova incomoda-te a falta do que sonhaste, e por vezes quando o corpo e o sangue apertam, levas um amigo para partilhar o leito e o sexo. Mas não podes, nem queres, nem consegues ver-te numa relação.

A tua vida está confusa, tu estás confusa, estás no meio do deserto sem ponto de referência. Repito, acho que és uma pessoa muito carente, e estás muito desorientada, não podes nem queres envolver-te com ninguém.

Julgas que tratas os homens e os seus desejos por tu, és uma jogadora, uma sedutora, no fundo não passas de uma menina com uma varinha de condão que descobriste e manuseias com exactidão, plenamente convicta em surdina de que o teu horizonte temporal de fascínio, já teve o seu jubileu, e na medida em que a areia se afunda no funil da ampulheta, também o que tens a teu favor, se torna numa corrida contra o tempo para voltar a sonhar e a concretizar o sonho antigo.

O doce sabor da boca que te beija, da língua que te arrepia, dos dentes no lóbulo da orelha que te faz tremer o corpo, os lábios que estrangulas com os teus, os gemidos que soltas quando meneias a cabeça ao som da brisa que promete o prazer quase a chegar, o desejo tão forte que parece que a carne é o empecilho de dois corpos que querem deixar de o ser, a fonte que te escorre entre as pernas, quentes as tuas coxas, inebriante o teu sumo, sentires dentro de ti o outro e o espasmo em que a Natureza fala a sua língua e encarquilhas como as folhas secas do Outono, após te tremerem as pernas...amor, quando fores velha, apenas levas as rememorações...

Mas não consegues. E pensas que já passaste por muito e que a vida foi dura para ti, e isso dá-te uma falsa superioridade moral, porque a tua vida não passa dos mesmos lugares comuns, de projectos não teus projectados em pessoas iguais a ti, e que formam uma espécie de fraternidade de desconhecidos íntimos, e não apenas nos bares e discotecas que frequentas, na Ericeira e não só, e dá-te uma sensação de exclusividade e bom gosto, não é? Para ti, bom gosto é apreciar um bom vinho, não porque lhe sintas o sabor e ele te transporte, mas porque ao sorver o líquido estás a fazer o que é apanágio do estatuto, aliás quase tudo o que aprecias é uma escada para um degrau mais acima, especialmente algumas canções de que citas os poemas sem os teres ouvido na pele e ruminado em silêncio.

Mas os homens não têm, desde então, passado de uma procissão de desilusões, porque não os respeitas...Uma voz de mel, um sorriso na altura certa, um beijo que eles dão pensando que te conquistam a pulso, quando és tu que te armas em sereia e eles não têm cera nos ouvidos (desta vez é à Odisseia que tens de recorrer), e voltam a casa com o coração cheio, mas tu só paras quando os levas à loucura, quando satisfazes a voracidade que te arde no baixo-ventre, olhas para o lado e cospes para a vida vitupérios por não te fazer apaixonar por ninguém, e por os homens serem todos iguais, tão fáceis, e o demónio mora no teu sangue e dele não sai por isso o desespero aumenta porque sabes que não adianta fugir.

És a pessoa que eu não conheço mais manipuladora e calculista. E és transparente para mim.

A forma como agarras o copo é um meio caminho entre a «classe» que achas que deves ter, e o bastião a que te agarras para te sentires integrada num falso grupo de pseudo *hedoneidade*. (não confundir com idoneidade)
Essa forma de viver o hedonismo, com maior ou menor adesão ao mesmo pelo mesmo.

A forma como te ris para a foto, é uma forma não sincera mas ainda de manutenção de personagem.
É o mundo que conheces e o que está fora dele, deixa-te pouco à vontade.

Sabes portanto, jogar com os homens, e já pouco te surpreendem. Susana, és água morna.

Gostas de música de *chill out*, Gotham Project, e semelhantes, vibras com tudo o que esteja na moda, ou que esteja na moda por não estar na moda como Bob Marley...tu que nunca fumaste um charro, ou pensaste na denúncia social, ou como será viver em Kingston.

Gostas de música, de música de surfistas, e de surfistas. Mas não por fazeres *surf*, ou meteres o corpo regularmente dentro do mar. Parcialmente porque é *in*.

Na foto 2, o teu sorriso é de complacência para quem faz um disparate disparatado, ao teu lado. São estas «maluqueiras» parolas que te agradam, e trazem boas novas do inesperado da vida. Do seu colorido. És complacente com esse lado da vida, porque a tua já te dá uma superioridade moral, tu a menina que já

sofreu tanto, que se julga acima das parvoíces bem aceites dos outros.

Não te apaixonas ou deixas apaixonar, porque já não acreditas. Não porque tenham sido uma desilusão, mas porque pensas que já dominas o jogo por completo.

Contigo ele é jogado indiferentemente para os sentimentos rápidos dos homens que te querem.

A casa recente onde moras, numa qualquer urbanização cobiçada ou com qualidade visível por fora e vizinhos atentos e preconceituosos como tu, deve ser demasiado grande para o teu sonho ou projecto de vida futura e deves precisar de algo que te preencha o espírito, como Yoga, sessões de massagens, *body pumps* ou qualquer outra actividade que te preencha a espiritualidade, esteja na moda, e acima de tudo te relaxe.

«Love is a temple
Love, a higher law
Love is a temple
Love, the higher law
You ask me to enter
And then you make me crawl
And I can't be holding on
To what you got
When all you got is hurt»

*Terminus*

Vou terminar.

Aposto que deves estar indignada (vais dizer indiferente) comigo. Pensas que não gosto de ti.

Não é verdade.
É caso para perguntar « Did I disappoint you
Or leave a bad taste in your mouth?»

Eu só respondo com uma das minhas partes preferidas da canção:

« Well, it's too late
Tonight
To drag your past out
Into the light
We're one
But we're not the same
We get to carry each other
Carry each other
One»

E carrego-te deveras dentro de mim, para sempre, a não ser que me dê um AVC e eu me esqueça de mim também. Porque ao escrever-te não foi pena que senti, mas uma enorme ligação contigo, uma pessoa que não conheço, para afirmar sequer um terço do que afirmei. Mas o que afirmei, vem dos olhos de pensar em ti e de ti, como já te disse, e não mudo uma vírgula.

Foi muito bom, muito bom ter falado contigo, tão bom que tenho o coração com ternura sempre que penso em ti, apesar de seres uma parola e utilizares os «esquemas» mais que batidos que todas as mulheres usam para efectuarem os seus jogos. É evidente, mas nada censurável. As pessoas são feitas de hábitos. Esta carta, é como eu, e tu. Só tem princípio e fim, não tem meio. Eu interpelei-te, eu termino a interacção.

A tua vida só tem começos, fins e poucos ou nenhuns desenvolvimentos. Com os homens, começas e acabas, não desenvolves. Com a tua carência, só a sentes e satisfazes, só a vês nascer, e trabalhas na sua morte, não a pensas e ruminas, como se fosse coisa de ruminar ou pensar.

Irónico, para uma pessoa tão mediana, não?

E agora a afirmação mais pretensiosa que já ouviste...

Eu, que não te conheço, fui a pessoa, não familiar, que mais gostou de ti. E não perguntes porquê porque não ias entender.

Só tenho um pedido, amor. Do mais fundo de mim, Susana, sê feliz. Tu sabes que não é difícil.

Até sempre meu amor ignoto fica a saber que no desconhecido há algo que sente por ti.

Carrega esse pensamento, tal como te carregarei na memória. Imaginando o teu cheiro e o teu gemido. Até sempre meu amor.

«One life
But we're not the same
We get to carry each other
Carry each other
One ... one»

XVI

**One**

Olá amor.

Nunca pensei que estar fora do país, ou que os átrios de hotel servissem para alguma coisa.

Neste caso serviram. Para ajudar a difundir pornografia pelas caixas de *email* de amigos e amigas. E para escrever isto que agora lês.

E como quartos de hotel com televisões aleatoriamente plantadas são sempre altares de solidão, como as cidades nem sempre têm um clima acolhedor, como nem sempre a liturgia do bar e da discoteca são as minhas preces que estou no apetite de cumprir, prefiro uma garrafa de velho líquido de malte, um sofá confortável, e não me ajoelho, mas junto os joelhos como se fosse tímido, para portar o portátil.

Ora, isso justifica a atenção exagerada à tua pessoa, até antecipada, que pode ser confundida com engate farsola, ou estupidez grave, o que grave seria, se eu me preocupasse minimamente com isso. Poderias até perguntar, porque é que embiquei contigo, porquê tu. Não sei, ou melhor, desconfio. Partilhas aparentemente de gostos meus, apesar de seres tão, tão convencional. Já exclamas, «-Que arrogante!», pensa que é diferente dos outros. Não penso, sou. É bom, e é mau. Mas como já estou habituado, e como gosto perdidamente de ser assim, detesto tudo o que é cliché, e por aí vem o espanto do confronto entre ti e mim, mim, que me acho diferente, tu que acho semelhante a tudo o resto. Ao dizer isto não estou a dizer que és mais uma, que és igual a todas as outras, que não vales nada, que eu é que sou bom, nada disso.

Digo só que no pouco que apreendi do teu modo de operar, pensar, és clara e transparente, e não diferes

no comportamento de tantas outras pessoas a quem dou atenção da mesma forma. Sou curioso, especialmente pelas pessoas, e gosto de as testar e brincar não maliciosamente com elas. Foi isso que fiz contigo e provavelmente o que fizeste comigo. Tiro prazer disso, não é um problema em nenhum senti para mim.

Não estás a ler uma justificação. Estou a falar para mim através de ti dos teus olhos. Estás a ler um diálogo de mim para mim, a analisar o meu comportamento que analisa o teu. Não és aqui nem perdida nem achada, e só recebes estas letras, para pensares duas vezes antes de chamar a polícia, e para mostrares às tuas amigas que tens um perseguidor, um admirador, um pervertido (o que quer que lhe queiras chamar) atrás de ti.

Vai mais longe e diz aos teus amigos que te faço propostas indecentes e persigo compulsivamente e devasso privacidade, diz que te faço ameaças à vida. Vai ser bom para ti, que penso seres tão carente de atenção, toda a gente a sentir por ti, «-Coitadinha...» podem até fazer uma reunião lá em casa e planear uma acção de espancamento.

«And I can't be holding on
To what you got
When all you got is hurt»
Como vês dou-te algo, para poderes sorver mais um pouco de atenção, meu amor.
E não quero nada de ti. Repito, não quero nada, nada de ti. Até que esta seja a última vez que «falamos», pois que mais há a dizer?

O interesse que tinha em ti, diluiu-se já fiz o perfil de ti que precisava para entender o contraste entre nós.

O único fio de carne que nos prende, é tu poderes confirmar se o que eu digo se confirma ou não, mas nem isso é importante porque eu tenho tal confiança nos meus poderes de observação e análise, e a experiência raramente me mostra errado, que mesmo que contraries o que direi, não aceitarei facilmente a correcção.

Disse «- Até que esta seja a última vez que «falamos» porque não é final, porque de mim nunca ficarás sem resposta, mas se nada me disseres também não tenho mais nada a dizer. E não direi.

«We're one
But we're not the same»

E sabes o que é mais engraçado? É que acho que raramente brincaram contigo, e desta vez comeram-te as papas na careca por duas vezes.

Uma, parolamente, foi quando utilizo uma táctica de triangulação usada nos radares, neste caso bastou analisar o perfil dos teus amigos e amigas filtrar as susanas, observar estatisticamente a probabilidade de ocorreres em perfis diferentes e eis que tenho 90% de certeza de que a pessoa que penso que és nas fotos é aquela que és realmente. O teu perfil é psicológico, mas baseia-se no que dizes, como dizes e na tua postura no momento das fotos além do olhar os teus olhos, e cabelo na tua cara feia.

É o que faz «teres a mania» de seres esperta, perfil sem foto para ninguém te topar, e depois quando te falo em foto, respondes «-Brevemente.», como se fosses tu que mandasses no jogo, ou como se estivesses a falar com alguém amorfo, que ficaria em suspenso da tua boa vontade. Se algo interessa, vai-se atrás.

Mas deves ter muitos «admiradores» a fazer isso, não?

Outra foi, que sem dares por isso, eu roubei-te um beijo. Se o beijo é uma troca íntima entre duas pessoas, à superfície da pele trocando a respiração que nos vem de dentro, onde ambas se confundem porque se misturam, onde as línguas tentam sempre ir mais fundo no ser do outro que se beija, fora de lirismos, foste beijada contra a tua vontade.

Através da maior superficialidade, alguém, que nunca te viu tentou apreender o que de mais profundo de ti poderia ser apreendido neste meio de comunicação, entregou-se às imagens de ti que pensou encontrar, misturou a sua interpretação com aquilo que realmente és, e o resultado é algo que reconhecerás como vagamente teu, como é o sabor da pessoa que beijamos, na palma da nossa língua quando apartamos o beijo.

Fora de lirismos.

Unidos estamos na minha interpretação, algo de mim com algo de ti.

Estiquei os braços para ver se te apanhava, mesmo que sejas horrível, eu sou o princípio activo, és apenas a boca a quem roubei o beijo.

E mereces, porque não sei porquê, nunca escrevi tanto para ninguém como para ti, estranho, mas a vida é uma surpresa. Mentira. Mas não faz mal, isso não te importa.

Vais negar, com a mesma convicção que eu nego a tua negação da minha interpretação, mas o que é certo é que eu provei-te.

Que há mais a provar?

Tudo não passa de matéria para sonhos e decadência de memória.
Sem nunca te ter visto, sem ter ter tocado, cheirado, observado ao vivo.
E a minha Susana, não é uma ficção. O resto que possas dizer é irrelevante.

XVII

**Aguardo, Sangro**

Menina de maninhos dedos
Torvelinhos de amor
Na boca incrustados
Exalo o ar rarefeito

Dos seus medos
Ecos de ancestral dor
Sonhos em terra prostrados
Aninhados no seu peito.

Apesar dos cardos e rochas
Que no meu caminho se agitam
Os meus beijos foram as tochas
Das únicas sombras de amor que se avistam.
(e em lume brando não se alistam)

Procuras aqui, reflexos de um espelho
Sobre ti tal é o medo da opinião alheia
Sombra sombra do receio tão velho
Nascido de uma visão do mundo tão tão feia

Rubicão, zénite equinócio segredos
Em íngreme subida pela pele suada
Ofegantes suor, cabelos suspiros e degredos
De voracidade não não não mitigada.

Montanha triângulo perto do vértice
Mais alto a seguir se segue baptismo
O caos a desrazão cesso o juízo no vórtice
Do meu desassossego, mergulho por fim no abismo.

Linguagem além desta mensagem
Em palavras ocas traduzidas
Traduzindo a fugaz miragem

Em fotos de uma longínqua menina...à luz trazidas.
(estás satisfeita? De ti falei pela memória...)

O gongo soou
E nada agora termina
Quem sabe que amou,
Está sempre no dobrar da esquina.

– – –

O azedo mora no teu vómito
Quem sabe se ainda estás em jogo
Sim? Não?

Se sim fico atónito
Porque após a força da tua negação...
Transforma o gelo em fogo.

Desgasta-se o amante
Em jogos de rins
Mas te enganas se julgas
A mins
Com os mesmos medos que tu
Sou capaz de me entregar
Colocar completamente a nu
A dolorosa não me mete medo
E eu sempre te disse que tenho vísceras vivas
E só o medo menoriza
Tens com o teu vivido
Eu com o meu morrido,
Não tenho medo,
Só teme quem tem algo a perder
Eu nada tenho a não ser a memória da tua pessoa
Que só desaparece quando eu desaparecer
Nem me vou destroçar
Porque ninguém nunca por ti teve tanto bem-querer
Tanto beijo terno por dar.

Só o medo mata.
Faz anos que não tenho medo.
(enquanto formos bonecos animados um para o outro jamais seremos Homem e Mulher)
-são mais que quatro os olhos que aqui vão jazer -

XVIII

**Resposta a ‘One’**

Front 242 - *Headhunter*
Today he has no means
He's a lone man anonymous
But written in his cells
He's got the marks of a genius
I'm looking for this man
To sell him to other men
To sell him to other men
To make us rich and famous

One you lock the target,
Two you bait the line,
Three you slowly spread the net
And four you catch the man!

I'm looking for this man
To sell him to other men
To sell him to other men
At ten times his price at least
I'm looking for a man
Who knows the rules of the game
Who's able to forget them
To realize my aim

One you lock the target
Two you bait the line
Three you slowly spread the net
And four you catch the man

Caçador…

Agarro-me a ti de garras afiadas de forma mais brusca que ao copo, quero-te rasgar a pele, feri-la, morde-la, deixar dela jorrar o sangue, impuro, pestilento do teu corpo…

Carregas uma arma, um punhal, e procuras atingir meu coração desenfreadamente. Falhaste o alvo e atiras ao lado. A tua sobrevivência dependerá da minha morte ou pelo contrário morres quando eu morrer?

Sinto-me exausta, estou cansada de lutar contra os teus moinhos de vento, estou farta de lutar contra ti, de me justificar, de tentar erguer o meu nome que estendeste na lama. Também não tenho de o fazer. Insulta-me, enxovalha, odeia-me… o que é isso perante a graciosidade, a grandeza do meu verdadeiro ser.

Mato-me aqui para ti, de forma rápida, tal como apareci deixo de existir.

Adeus

Morri.

Susana

XIX

**Cadáver Ressuscitado**

«Giunse alfin il momento

Che godrò senz'affanno

In braccio all'idol mio.

Timide cure,

Uscite dal mio petto,

A turbar non venite il mio diletto!

Oh come par che all’amoroso foco

L’amenità del loco

La terra e il ciel risponda,

Come la notte i furti miei seconda!»

Mozart, *As Bodas de Fígaro*

(Suzaninha)

«Se as mulheres conseguissem gostar do que gostariam de gostar seríamos todas felizes.

As pessoas ficariam na miséria, mas as almas andariam nas palminhas.»

Miguel Esteves Cardoso, *A vida inteira*

Letras não são tretas caro leitor.

Basta olhar para as mulheres belas, atraentes, que diante de si caminham.

«-Mortas?!» - exclama o positivista uranista de determinada ideia de o que seja a razão.

«-Mortas.» - exclamo eu, o pessimista das ciências humanas, como se existissem outras.

Há dois tipos de morte, caro leitor.

«Há quem viva sem dar por nada, há quem morra sem tal saber», já dizia o poeta.

A morte física nem é a morte mais importante. È apenas uma morte por deficiência do material. Não uma morte onde o material se torna supérfluo.

Eu explico.

Quando morremos, é porque não conseguimos continuar a viver.

Ou os orgãos falham, a combustão do oxigénio faz das suas, a replicação celular, dá de si, ou seja, envelhecemos.

Ou...

Ou, morremos estando no pleno da força da nossa juventude. Há a morte não do corpo, mas da energia que o anima, eu chamo a essa energia fé e esperança, a um mesmo nome, amor.

Não apenas um sentimento de um futuro em aberto, mas uma crença profunda no valor de existir, de que vale a pena.

Imagine o querido leitor e a devota leitora, no que se transforma a vida quando nela não se acredita, a ponto de a morte se tornar igual à vida...

Pois bem, acertou... a vida transforma-se em morte.

Por dedução lógica, aquele ser vidente que passa pela vida como um adiamento do fim desta, é o mesmo que aquele que está morto.

O contrário de estar vivo não é estar morto. É não estar vivo. Estar morto, é contraditório, e não contrário a estar morto. Paradoxal, porque se contraditório, nega a evidência de se estar vivo.

Estar morto não é uma condição, e até que alguém me diga que estar morto é estar como não existente, mantenho as minhas reticências.

Este palrear todo, para introduzir o leitor nesta minha posição de que há gente viva que está morta.

Conheço muita gente assim.

A minha doce Susaninha foi a última que conheci.

Interessa-me sumamente como personagem literária, texto para pretexto, mas é tão convencional que pode servir de etiqueta, subsumindo todos os cadáveres que infestam por aí o ar.

A importância de falar em morte e amor nos mesmos contextos e parágrafos, é uma evidência que o próprio leitor e leitora podem comprovar, no conforto da própria pele.

Nenhum ser humano, a não ser que já falecido, concebe a finalidade desta vida, ou seja a felicidade, sem a relação amorosa.

Curioso, não acha caro leitor, como se associa a finalidade a felicidade.

Fim, e feliz, são irmãos de mãos dadas, e com isto não falo em suicídio.

Embora amar seja uma forma de suicídio.

A não ser que tenhas a capacidade de por ti mesmo (a), ressuscitar.

Como? Não deixando que a morte te mate. O que é a morte?

Deixar de acreditar na vida.

Deixar de acreditar na vida é deixar de acreditar no amor.

Muito aéreo? Muito teórico? Muito abstracto cara Susaninha?

Nada como juntar uma pitada de diluente.

E eis que transcrevo a minha experiência com o cadáver Susana.

No cadáver, não há muito a conhecer a não ser a causa da morte.

Interessa-me saber como morreram.

Não vagueando, aqui deixo o meu encontro com a Susaninha.

O meu engodo, era saber qual o seu trauma.

O dela era o despeito, por mim, por ter feito pouco das suas capacidades de sedução.

De ter mancebos a suplicar pela sua atenção, a bajular, por dá cá aquela palha, enfim, toda a devoção que os sedutores gostam, a saber saberem-se ser a religião de alguém.

Ora sendo eu agnóstico, não sou facilmente seduzido, a não ser com a promessa de descobrir uma peça defeituosa num motor que funciona mal.

Já sei qual é a avaria, mas quero confirmar.

Ela anuiu no encontro, não por interesse na minha pessoa, pas pelo despeito que já confidenciei.

Ela sabe-se vestir. Nada de mais, mas assenta bem. Nada de roupa de casamento para o Bairro Alto, mas a roupa denota um espírito que se ocupou de como ficaria sob aquelas vestes.

-Olá! – joguei-lhe com um grande sorriso.

-«Olá»- retorquiu ela com fingida reserva, e com expectativa para com o tipo de pessoa que eu seria.

-Então tu é que és a Susana traumatizada... – e ri-me da minha própria piada-quebra-gelo-encavaca-a-miúda.

-«Eu não sou traumatizada!» - responde.

Previsível. Nunca uma mulher responde de acordo com a vossa perspectiva, caros leitores.

Não negais, devotas leitoras.

Isso seria dar algum tipo de razão, seria admitir que parte de vossa ideia acerca delas estaria acertada, o que a circunscreveria a algo a que elas não gostariam de estar limitadas.

A mulher não gosta de limites.

Até ao pavilhão chinês, a conversa foi como ela, convencional.

Onde trabalhas, o que fazes, não é normal falar com pessoas que conheço na net, não gostei que tenhas dito x e y, e como conheces o Nuno, etc.

E lá fomos respondendo, impacientes pelo passar dos preliminares.

Eu esperava ansiosamente até poder começar a dedilhar as cordas dela, a ver se cuspia a música que eu esperava.

Ela, a ver se eu manifestava o comportamento análogo ao que ela estava habituada, dos varões que a querem facturar, mesmo que o neguem.

Finalmente, sentados um em frente ao outro, disparei :

- Susana Pascoal, és uma traumatizada de guerra, um cadáver - e comecei a rir-me quando me lembrei que pessoas convencionais podem levar a peito esta afirmação.

-«Porque é que dizes isso?»- mostrando surpresa pelo aparente disparate que eu acabava de dizer.

-Porque acho que és uma pessoa amarga.

-«Não sou João. Eu saio à noite, e tenho muitos amigos, tenho uma vida feliz, divirto-me.»

-Mas eu sinto que há um desencanto.

-«Não há desencanto. Pura e simplesmente há encontros e desencontros. Ainda não encontrei a pessoa certa é só isso.»

-A pessoa certa para quê?

-«Para passar a vida.»

-Há uma pessoa para isso?

-«Acho que sim, espero que sim.»

-E as outras?

-«Não sou de curtes, ou one night stands...»

Se eu tivesse gravado as conversas de outros cadáveres, teria colocado o gravador, na redonda mesa do Pavilhão Chinês, ao lado do bule do chá e teria escutado sozinho as mesmas respostas, as mesmas palavras.

Havia-me esquecido da minha intenção de seduzir o cadáver em casa, ( do mesmo modo que gosto de seduzir fufas porque sei que são casos perdidos), e resolvi insistir.

-Susana, eu acho que houve um acontecimento na tua vida, que condicionou todo o comportamento daí em diante. Foi uma ruptura, algo de muito importante para ti. E a tua atitude desde então, com os homens, com a vida, está sob essa sombra.

Já sabia que ia negar. Surpreendentemente, negou.

Fingiu o que todos fingem, um à vontade com a vida, que faz aceitar as suas vicissitudes.

Franziu o pescoço, meneou a cabeça, e disse que apenas, apenas, tinha tido um desencontro.

Caro leitor...

Eu fui para confirmar um óbito, não para encontrar uma pessoa desaparecida.

Insisti:

-Tinham feito planos futuros. Acordavas de manhã com ele na cama e ficavas a olhar para ele e a pensar se o que o teu coração te dizia era que ele ia ser o pai dos teus filhos.

Ficavas abraçada a ele a sentir o seu oscilar com a respiração do sono, revias a tua vida até ali, até ao momento fundamental da passagem de genes à geração seguinte.

Quando terminou foi como se te tivessem tirado o tapete debaixo dos pés, todo o trabalho de auto hipnose que é o amor, te trouxe, para o mais fundo dos abismos.

Tudo o que teu coração havia construído, ruíra.

Não interessa de quem foi a culpa, dele ou tua, condiciona na mesma a tua resposta aos que a seguir se seguem. Deixaste de acreditar, mana.

-«Não.»

-Eu sabia que ias dizer isso.

-«E então?!»

- O amor, Susana, é um estado de espírito que construímos para nós.

Mas somos espirituais, há muitas variáveis. Não há o amor em si. Só uma interpretação auto induzida.»

-«João, isso é literatura.»

-E aquilo que julgas que a vida é, ou que julgas que tu és, é o quê? É uma verdade matemática, queres ver...

Um homem é capaz de tirar o tempo para te escrever ou imitar um poema, para te saltar para cima em tons de chique...mas quantos estão dispostos para mexer na merda e no lodo das tuas memórias irremediáveis?

-«Não é outro método para me foderes?»

-Acusas-me de psicologia invertida. Uma foda contigo não passaria de uma punheta indirecta. Pouco mais me interessarias, que a interpretação de ti.

-«João, letras são tretas.»

-Tens razão. Deixa-me descer para entenderes.

-«Obrigado.»

-Beija-me.

-«Não.»

-Está bem.

Eu já sabia que não havia conversa possível entre nós.

Talvez o caro leitor fosse mais hábil.

Mas eu detesto lugares comuns, e o consenso é um lugar-comum, especialmente quando leva para a cama.

Peguei no meu casaco e fui-me embora.

Sentei-me no jardim, a olhar para baixo, para a mais linda Lisboa.

Seguiu-me.

Não lhe disse nada, levantei-me, agarrei-a, apertei-a contra mim, agarrei-lhe os cabelos pretos, ou alourados, ou o que raio é aquilo, e minei a boca dela com a minha língua.

Apertei-lhe o rabo contra o meu falo hirto, como se a fosse desfazer ao meio e fornicar por cima das calças. Rasguei-lhe a blusa até os seios surpresos estarem iluminados pela luz da Lua. Senti os duros mamilos quererem medir forças com os meus dentes, e quando lhe tirei a mão das pernas vinha molhada, meti-a na minha boca e suguei.

Fizemos amor logo ali, com o Tejo como testemunha e com um drogado como padrinho. Quando terminei, estava ofegante, e desiludido por não ter também desfeito completamente o banco do jardim. Sabe sempre a pouco, ter de dosear a força para não matar o cadáver por quem te apaixonas.

Disse-lhe:

-Queres falar de amor?

-«Quero.»

Fizemos amor no Jardim do Príncipe Real.

Sou um necrófilo.

XX

**Resposta a 'ONE' e a 'CADÁVER RESSUSCITADO'**

Do nada…

do desconhecido…de umas palavras trocadas com terceiros… encontraste em mim o verdadeiro sentido

para a tua vida, inútil, acomodada e amorfa… encontraste em mim, a tua luz das manhãs cinzentas e frias, e repletas de solidão…

Sim eu, a “parola” lembras te? , a julgadora cruel impiedosa, maquiavélica, ambiciosa a esquemática, sim EU, aquela que adora clichés e futilidades que nem do teu auto pseudo intelecto pensaste jamais existir …

Sim sou a que não tem a delicadeza exigida para pegar num copo, nem o conhecimento dos vinhos mais vulgares… a carente a coitadinha…

Passei a fazer parte do teu mundo frio e solitário… devias de agradecer filósofo, maníaco, depressivo...

Descreves-me, uma desconhecida, a quem não conheces os gostos, as sensibilidades, a matéria… a quem nunca viste nem imaginaste a figura, nem ouviste o som da voz… atreves te a escrever sobre mim, baseado em pressupostos alheios, conversas de cama, de engate, de amigalhaços?! Descrições apinhadas de pré-noções burlescas, conceitos picarescos, estereótipos de mulheres fúteis que levas para a cama…

Não sou mais uma personagem do teu livrinho de historias…com quem brincas maliciosamente e ao sabor da tua maldita inspiração… A vida não é feita de preto e branco (mais um clichézinho), onde as pessoas são catalogadas, rotuladas, e colocadas em pequenos lotes...

Tens razão há verdadeiramente um grande contraste entre nós, um buraco, um fosso intransponível… és amorfo… cruel… insensível… um verdadeiro cadáver em decomposição… e escondes tudo isso através das lindas palavras que escreves… para impressionar quem as lê… e no entrando falta-te a vivência, o sofrimento, a verdadeira sensibilidade, o aperceber que as pessoas são únicas, elementos soltos, livres, perdidos até se encontrarem… e não sou só eu…
Volta aos teus manuais… enfia novamente a cabeça nos textos de Froid e dos teus Mestres, porque mais uma vez enganaste-te, ainda não chegaste lá… ou então desiste e dedica-te a Maxmen ou à Playboy talvez tenhas mais futuro…
Por fim…
É lamentável que tenhas utilizado “ONE”, deturpaste completamente o sentido… talvez se deva à tua falta de jeito ou mau inglês... ainda não atingiste o significado de tais palavras…

Palavras ocas e banais é o que utilizas para me descrever… não percebo esse teu interesse pelo fútil,

medíocre e mais banal das mulheres…

Susana

XXI

**Dona Susana Pascoal, A Cavaleira da triste figura**

«Não sou mais uma personagem do teu livrinho de histórias...com quem brincas maliciosamente e ao sabor da tua maldita inspiração...»

Did I ask too much
More than a lot
You gave me nothing
Now its all I got

Olá, amor.
Não estava à espera de uma «resposta» tua, mas de certa forma o conteúdo da tua não me surpreendeu.
Surpreendeu-me o tempo que uma mulher com «M» grande demora a responder, tempo que parece ter sido passado de volta de dicionários e romances de cordel, regado com leite morno, bolachinhas e chinelas de peluche no aconchego do teu sofá de marca.
Tudo para dar uma réplica de acordo com a tua inflacionada auto imagem.
Tudo para não fazer mais que enumerar uns lugares comuns, e para te enganares redondamente.
Procuras surpreender-me de uma forma, e surpreendes-me de outra.

Mas algo me fascina em Susana. Acredito que ela acredita no que diz. Susana és uma pessoa convicta, por mais parola que possa ser a convicção, entregas-te a ela, isso aliado ao facto de me pareceres tão evidente, torna-te a meus olhos um ser adorável. Adorável, simplesmente adorável.
Até nos erros e palermices que dizes, és adorável. Cito novamente e desde já, aquele em que estás mais redondamente enganada:

«Não sou mais uma personagem do teu livrinho de histórias...com quem brincas maliciosamente e ao sabor da tua maldita inspiração...»

Como te enganas.

A partir de agora, ainda mais, és a minha personagem central, não apenas deste blogue criado para esse efeito, e para as declarações de amor que te faço, mas de toda a minha «maldita inspiração», no que toca à vida de uma convencional mulher com «M» grande pertencente à classe média burguesa.
Hã, que achas?! Melhor que levar-te a jantar, não?!

Em certa medida és burra não por esforço mas por talento.
Eu explico. Lês bem as palavras, mas não compreendes frases.
Como se completa um curso superior sem se saber ler ou interpretar pequenos textos, é que eu não percebo. É provável, que numa das residências da UNL onde residiste na tua formação, tenhas dedicado o teu estudo a estratégia de sedução barata e manha aplicada, e tenhas descurado outros aspectos da formação.

Fofinha, pareces estar tão habituada a canções de engate fatelas, que quando levas com algo de diferente, ou não reconheces ou não sabes como classificar.

Desde o início, tenho escrito uma espécie de carta de amor. Mas não reconhecerias uma mesmo que levasses com ela na cara, a não ser que principiasse com «Esta é uma carta de amor, (...)», de forma análoga a que provavelmente só reconhecesses uma história ou uma ficção, quando começa por «Era uma vez...»
Mas isto sou só eu a supor.

Como disse, OU és burra, OU não sabes português, OU não te dás ao trabalho de sequer ler as minhas longas missivas, mais do que uma vez. Apesar de estar mais inclinado para a última hipótese, não me importo mesmo nada.
Porque pareces estar a lidar mal com o facto de que finalmente, talvez, porventura o feitiço virou-se contra o feiticeiro...estás numa «relação» em que não és a actriz principal, e onde fiz contigo o que costumas ser tu a fazer aos outros, a saber, dei-te um bocadinho de conversa para sacar algo que me interessa, para depois deitar fora. Só que em vez de sacar uma voltinha no teu corpo ou tu no meu, saquei elementos de ti, que me permitem estar contigo quando eu quiser e a despeito da tua vontade. Menti-te, pois manipulei-te, e estabeleci um interesse só meu, mas isso entendes bastante bem, tu que só concebes relações de índole mercantilista.

E não venhas com conversas que saquei generalidades ou ficções acerca de ti. Saquei o que de mais genérico tu tens, que é seres absolutamente convencional, boa pessoa, não duvido, mas interessante naquilo que és, e não no que pensas de ti ou queres mostrar aos outros que és. Se não entendes isto,

nunca vais entender porque te dei atenção.
Mas também, sinceramente, me borrifo para se entendes ou não. Chocolate não é para brutas.

Como me dou ao trabalho de ler duas vezes o que quer que seja que as pessoas me escrevem, e como não preciso de bolachinhas e leite morno para espevitar os neurónios, e ainda porque preciso de ti como de pão para a boca, para me aqueceres e dar esperança nas minhas frias manhãs, respondo-te prontamente, mais por boa educação, que por tesão de que me leias ou fiques a pensar que ando atrás da tua atenção.

Respondo em duas partes. Respondo a par e passo ao que disseste anteriormente, às coisas divertidas que disseste, não para retorquir à enxovalhice, mas para tentar mostrar-te que não tens coerência nem lógica nem semântica no discurso. Não te pedi para responder, mas já que o fizeste, por uma questão de brio para contigo própria, responde coerentemente e com o mínimo de rigor, e deixa o paradigma lacónico para as tuas incursões predatórias de sedução, que para mim não terão efeito, pelo simples facto de que não ficarei a pensar no que queres dizer quando dizes algo seguido por três pontos...
Ok, amor?
A outra parte é mais literária, também tem uma mensagem para ti (mensagem em forma metafórica escondida como a felicidade sob o teu desejo), mas feita a pensar em mim e para mim, mas também não estou à espera que leias, quanto mais que entendas.

**I - A triste figura da cavaleira**

Cavalgas uma autoimagem de ti muito interessante.
Nota que digo cavalgas, porque a tua autoimagem não és tu. E é fácil de ver, porque facilmente te contradizes, seja porque não tens rigor lógico ou frásico, ou porque o que dizes é só para tentar picar ou ofender. Vamos às contradições primeiro.
Por exemplo, em relação às minhas palavras, elas são para ti num momento «lindas palavras» e noutro «palavras ocas e banais».
A questão que se coloca é se a contradição é intencional, o que mostra que me queres passar a mensagem de que te sentes atraída por mim, ou não é contradição, e para ti de facto o lindo é oco e banal, ou noutra variação, o oco e banal são lindos...
Em última instância, se eu te tivesse chamado a mais fútil e medíocre, e banal das mulheres, teria aqui a justificação pelas tuas próprias palavras.

Apontas o teu dedo indicador, que gosto que coloques na minha boca quando fazemos amor, e que

sofregamente sorvo ao ritmo dos teus murmúrios. Apontas o dedo para me censurar de arrogância e de pretensão por julgar conhecer-te e traçar-te o perfil.
Por várias vezes, nas poucas frases que elaboras, mostras afirmações intensamente arrogantes e pretensiosas. Cito:

1) «Encontraste em mim o verdadeiro sentido para a tua vida»;
2) «Nem do teu auto pseudo intelecto pensaste jamais existir» ao referires-te à tua pessoa, mas ainda vais ter de me explicar o que é um auto pseudo intelecto...é um intelecto fingindo ser intelecto em forma de carro?
3) «Estereótipos de mulheres fúteis que levas para a cama»...bem, regozijo-me com a tua preocupação com a minha vida sexual, se bem que não aprecio a ponta de ciúme que aqui demonstras, mas se fútil é sinónimo de oco ou banal, então afirmas que levo mulheres lindas para a cama. O que coloca um dilema. Tu és excepcional. Pareces-me oca e fútil, mas não és linda. Devo eu levar-te para a cama? Elucida-me, que fiquei confuso. Até porque nenhuma mulher que levei para a cama era fútil, não sei por isso lidar contigo fofinha, tens de me orientar. (por acaso já facturei uma fútil, mas foi há muito tempo...);
4) Meu doce, terno amor, Susana Pascoal, dizes:« A vida não é feita de preto e branco (...) onde as pessoas são catalogadas, rotuladas (...)»
No entanto não hesitas em rotular-me de «maníaco», «depressivo», «malicioso», «amorfo», «cruel», «insensível», «cadáver em decomposição»...só mimos.

Tudo porque te escrevo cartas de amor que não entendes. Tudo porque não me deixo apreender como tu te deixas, como um cliché. Tudo o que sai daquilo a que estás habituada, já te faz confusão, é desconfortante, não é?

Entre tantas coisas, és boçal, mas acho-te fofinha.
Por exemplo tens veia poética.
Note-se bem quando descreves a minha vida antes de Susana (A.S.) e depois de Susana (D.S.), manhãs cinzentas e frias? Só porque são passadas sem ti. Frias não muito, porque sou peludo e não passo muito frio.
Cinzentas porque no Inverno há pouco Sol, mas sem ti, são piores.

Mas achei bonito o que disseste embora não tenha sido tua intenção dizer algo de bonito para mim.

**II - A cavaleira da triste figura**

Inclinado na tua pedra tumular disse-te que te amava, tanto quanto quando ainda viva eras.
Passo os dias e as noites aqui de volta de ti, e de memórias, e ainda dizes que nem imaginei a tua figura?
Sim, eras parola, julgadora, cruel, impiedosa, maquiavélica, ambiciosa, esquemática, inveteradamente manhosa, caso clínico, destroço emocional, adoradora de clichés e futilidades, mas o que é o amor se não supera isso?
És carente, és uma coitadinha. Quando se esqueceram de ti, ainda estou aqui ao teu lado não é?
A enumeração das palavras «insultuosas» que exageradas por ti que eu supostamente de ti diria (uffa, fizeste um loop), é uma manha para me engatares, mas eu havia-te dito que não me queria envolver contigo, porque não gostava de morenas, e não gostava da tua cara. Tinha-te dito, que simpatizava contigo, mas só para amiga,amiga de verdade porque eu não te queria mal, nem tu a mim.
Mas apareceste-me um dia à chuva, depois do treino, e eu reconheci-te, e querias discutir comigo, mas não conseguiste.
Ficaste à chuva.
Caracterizas o meu mundo sem ti, como cinzento e frio...Mas achavas-te assim tão colorida e quente?
Chamas-me nomes, só porque sentes falta da minha boca?
Acalma-te, próxima 6ª, vou eu ter a tua casa de novo e de novo nos beijaremos.
Não tenhas medo, até lá sonha.
Devia de agradecer? Porquê Susana? E não deverias tu agradecer também?
Mais do que eu, porque eu dou-te mais importância a ti, do que tu a mim, portanto contento-me com o nada que me dás.
Que tens tu para conhecer? És o conjunto de lugares comuns transmitidos venereamente pela tua cultura.
Gostas do que os outros gostam, julgas pelo que os outros julgam, sentes como os outros sentem.
Dizem-me que tens voz de mel, mas de que me serve a tua voz, senão é para me dizer que me ama e só me insulta, e vocifera lugares comuns?
Tu é que és agressiva, e grosseira.
Atrevo-me a escrever sobre ti?...Atrevo-me?
Eu escrevo sobre o que quiser, sobre quem eu quiser.
E nunca tiveste tanta importância para ninguém como tens para mim, como personagem literária.
É o que tens de mais interessante. És mais interessante como personagem expressa em palavras, construída por mim a partir de ti, personagem que de ti não se afasta a não ser para te superar, és a sombra daquilo que eu penso de ti, achas isso um canto de amor, ou não?
Esta frase vai dar aí umas 2 ou 3 semanas de ruminação do Tico e do Teco, portanto manda-me votos de

boas festas quando a perceberes.
És tão colorida e quente no real, que eu prefiro-te fria e cinzenta numa efabulação minha no virtual.
Que conversas terias comigo na cama? Aquelas que dás por ti a repetir nas mesmas ocasiões? Ou o teu coração tem a elasticidade suficiente para sentir mais que a repetição do mesmo?!
No mesmo parágrafo falas duas vezes em cama. O que me queres dizer? Não sejas tímida. Freud explica.
«Froid» não conheço. Era irmão gémeo do outro, criado em França? É que «froid» é «frio» em françês, o que até não deixa de ser um lapso de língua irónico, pois o que és tu senão uma rainha de gelo, frígida, orgasticamente impotente...especialmente agora que estás morta e enterrada?!
Conceitos picarescos? O que é isso? Tem a ver com picaretas?
És uma menina.
Pensas por certo que a vida te tratou muito mal, e que só tu tens a experiência da dor.
És a rainha de gelo, mas o teu reino é apenas o teu próprio umbigo. Amor...
Como dizes...as pessoas são únicas, elementos soltos, livres, perdidos até se encontrarem, e é ou deve ser por isso que és uma nómada de abraços de braço em braço, de peito em peito, sugando amor e atenção, e com nenhum ficando a que chames teu...como se cada um desses peitos não tivesse um coração a bater lá dentro.
Incongruente, cara Susana.

Pretenciosa e arrogante, «ainda não chegaste lá», como se tu soubesses o que é ou onde é o lá, e como se eu lá quisesse chegar...
Maxmen e Playboy, são as revistas dos homens que frequentas e estás habituada, passam pelos olhos daqueles a que gabas os olhos nos perfis do hi5. Eu prefiro a Newlook, tem as mulheres mais bonitas e sem maquilhagem...e não trata a mulher como estás habituada a ser tratada, como um depósito de esperma, que pertence a uma gama, cujos modelos se orientam segundo o *status quo* do consumidor.

Ainda bem que usei «One».
É que também é a minha música preferida desde há muito tempo.
E tu és tão parola, que pensas que uma obra de arte só tem um sentido, que é aquele que lhe dás.

És ainda mais parola por acreditar na tua parolice.
Uma obra é tão mais rica quantas mais interpretações originar. Mas sugas tudo aquilo de que gostas, e és arrogante ao ponto de desprezar a interpretação alheia, convicta do tal castelo de areia construído no teu umbigo.
Tu não gostas da música, gostas do que pensas dela, e pensas que o que pensas é mais profundo e pleno de significado que aquilo que os outros pensam e sentem acerca da mesma música. Tal como o teu sofrimento é mais profundo que o dos outros.

Não sei se chore a tua morte, se dê graças por não teres de viver mais contigo.
Se algum dia me quiseres elucidar acerca do real sentido daquela música, tomaremos chá e me contarás.
Me trarás a luz.
Luz que não tens no teu caixão. Fica morta. Eu fico com o que penso de ti cá em cima, é bem mais interessante. Não te mexas no caixão, deixa-te estar até a escuridão chegar.
Abraço-me à tua laje e juro que te amo, cai uma lágrima que desce a terra de encontro à tua boca. Eu matei-te, lembra-te disso.
Amei-te, usei-te, matei-te.
Repousa em paz.

XXII

**Resposta a 'Dona Susana Pascoal, A Cavaleira da triste figura'**

"A volta da mulher morena"

"Meus amigos, meus irmãos, cegai os olhos da mulher morena
Que os olhos da mulher morena estão me envolvendo
E estão me despertando de noite.
Meus amigos, meus irmãos, cortai os lábios da mulher morena
Eles são maduros e húmidos e inquietos
E sabem tirar a volúpia de todos os frios.
Meus amigos, meus irmãos, e vós que amais a poesia da minha alma
Cortai os peitos da mulher morena
Que os peitos da mulher morena sufocam o meu sono
E trazem cores tristes para os meus olhos.
Jovem camponesa que me namoras quando eu passo nas tardes
Trazem-me para o contacto casto de tuas vestes
Salva-me dos braços da mulher morena
Eles são lassos, ficam estendidos imóveis ao longo de mim

São como raízes recendendo resina fresca
São como dois silêncios que me paralisam.
Aventureira do Rio da Vida, compra o meu corpo da mulher morena
Livra-me do seu ventre como a campina matinal
Livra-me do seu dorso como a água escorrendo fria.
Branca avozinha dos caminhos, reza para ir embora a mulher morena
Reza para murcharem as pernas da mulher morena
Reza para a velhice roer dentro da mulher morena
Que a mulher morena está encurvando os meus ombros
E está trazendo tosse má para o meu peito.
Meus amigos, meus irmãos, e vós todos que guardais ainda meus últimos cantos
Dai morte cruel à mulher morena! "

Vinicius de Moraes
A negação…

… é a primeira atitude de um assassino, após cometer um crime hediondo…

Sim, um assassino… cruel e impiedoso, que percorre passo a passo, o trajecto da mulher de Vinicius, por um caminho descendente e incerto, a passos ruidosos, pesados e inseguros…

Tencionas engana-la, iludi-la, cega-la, para no fim ceifar-lhe a vida… e dizes que é por amor... O que não farás por amor? Vejo-te capaz de tudo… de chorar, de sofrer, de gemer de dor, e pior, de exterminar a tua própria identidade por um sentimento fortuito de admiração… uma ilusão.

Se te amo? Que não é o amor, tal como a morte, senão um conjunto de expectativas vazias, sem fundamento e com um fim inevitável!?

Romeu, és um sonhador… como disse anteriormente, uma personagem caricata que alem de orgasmos psicológicos me faz rir. É por isso que sou a “rainha do gelo”, um coração de pedra, uma estátua, uma estalactite? Por não acreditar no amor?! Ou por não ceder ao leu galanteio, às tuas insinuações, ao teu convite para um chá?!

Não, não sou convencida, maníaca, autoritária, parasita, frígida… por mais que imagines, conjectures, analises e psicanálises nunca hás-de conseguir obter uma réplica aproximada da verdadeira SUSANA.

Concebeste sim a tua Susana, a tua marioneta preferida, a tua bonequinha imperfeita, tirada de uma qualquer capa de revista, descontrolada, feita em plástico revestida a gelo, frívola… e dizes que procuras a essência… talvez um perfume, um odor, tal como Grenouille.

Mas ao contrário de uma vítima qualquer, não necessito de recorrer a ajuda de terceiros para me proteger, recuso-me a ser colocada numa redoma de cristal… enfrento-te, persigo-te, assusto-te…ao ponto de me queres provar muito mais e por fim desejares a minha morte…

Mas no fundo… bem lá no fundo… estás ciente que nunca me alcançarás.

Susana

XXIII

**Tragédia para Ti**

With that skill that was hers alone
She drove her clutches into me
I was dumbfounded
She was hungry
She required me entirely

All that's left is here to remain
It's a dull and cruel pain
That passes the ages unaltered
Her stamp is in my heart
I still feel disemboweled
I clearly retain
A blank
The void
The sore in my soul
The mark in my heart
Her acid reign
Hot sun, global fun
Needed action, start to run

And that voice that was hers alone
Still resounds in me
She left me dislocated
Disavowed
And twitching
Her rhythm is in my heart
She inspired in me
An acute sense of treachery

Front 242 *Tragedy for you*

Como gosto de Vinicius. Subiste no meu apreço.
Estou a escrever isto, a atrasar-me para outra coisa, mas com um sorriso de orelha a orelha. Porque vejo, que te agarras a mim, com a mesma força com que te agarras ao copo.
É lisonja, senhores, é lisonja, porque não me enganei acerca de ti, e porque te agarras a mim. Porquê? Por causa daquilo que julgas interpretar por detrás de palavras, ou porque ainda há uma réstia de tragédia antiga nos calabouços do teu coração, que diz que o amor existe!?...Enquanto que nos corredores assépticos da tua mente corre a palavra de que viveste enganada até certa idade acerca de algo que não existe, e que gostavas tanto de acreditar.

Amorzinho, é impressão minha, ou vieste ter comigo, ao terreno da literatura?
Refreia-te, eu avisei-te para não correres atrás, podes cair e sair magoada.
Enfrentas-me? Persegues-me? Assustas-me? Ainda bem que mo disseste, é que ainda não tinha reparado.
Se me amas? Eu não te perguntei isso nem quero saber.
Convencida? Que tens tu que te convença?
Que galanteio? Que insinuações? Que convite para chá?
Fofinha, vi um convite para o filme «O Perfume», algures nas tuas linhas ? , ou vais responder que é só ficção?
Amor, tens de aprender a distinguir ficção de realidade. Olha que a tragédia que está agrilhoada nas húmidas caves desse teu coração destroçado, está a pregar-te partidas.

Tu és um pretexto para um texto, nada mais. Nada mais quero de ti.

Nada mais preciso de ti. Nada mais me interessa em ti.
Não te quero provar nada, a não ser o sabor da tua boca para saber a que sabe o beijo de uma defunta cujo coração já só bomba sangue, a temperaturas negativas.

Já estás bem morta. Já to disse, e sabes disso.
O teu crime...és vítima e assassina, ao mesmo tempo, teu peito continua a aquecer-se com a miragem de um amor prenhe de felicidade futura, assassino do desassossego que te mora no íntimo desde sempre, mas a tua cabecinha morena continua a dizer que o amor é uma cicuta, arsénico por nós elaborado e ingerido.
Queres argumentar? Eu defendo prós e contras. Mas quem quer ser coerente?

Nunca irei obter uma réplica aproximada da verdadeira...
« A negação…

… é a primeira atitude de um assassino, após cometer um crime hediondo…» - lembras-te?

Nunca te alcançarei...Talvez não, talvez já tenha chegado ao âmago, mas também quem quer pernoitar na terra queimada de ninguém que são as planícies do teu coração?

Que falta de originalidade Susana Pascoal. Não consegues melhor? Mimares-me com mimos meus, mima-me com mimos teus.
Eu não tirei a Susana de qualquer revista. Tirei das letras que comigo troca, tirei das fotos que tenho tuas, tirei do tempo que passei a olhar para elas, a imaginar-te, a interpretar os contornos do teu rosto, as expressões do teu rosto, das tuas mãos, a linguagem do teu corpo, e alguns enigmas do teu sorriso, tal como se fosses uma pintura, kitsch, mas ainda assim arte.

Esforça-te, dá-me algo teu, não me dês literatura alheia, se não consegues cala-te e beija-me.

XXIV

**<u>Anjos coléricos</u>**

As asas de Avalon
Ardem e batem
Nas profundezas dos mares de Orc.

Tau Ceti olha as estrelas
Bate o fogo-fátuo no charco
A cólera nos olhos
No sangue de quem ama
O colibri suga o tutano
A paz é um engano,
A guerra é a chama,
Os anjos banqueteiam-se
Com as almas virtuosas
Que carregam as asas
Que ardem na noite
Daquilo que não és.

Estou a subir muito e depressa na tua consideração. Não é esse o meu objectivo, nem sei porque estou aqui a responder-te mais uma vez…

Como por magia sei do que gostas, possivelmente conheço-te, melhor do que aquilo que pensas que me dás a conhecer.

E não sou arrogante.

Não estou carbonizada, ressequida como pensas entender. Sou uma flor, estou viva. Sou uma alma quente, intensa, apaixonada, sonhadora, ilimitada… não me tentes reduzir a tua mesquinhez.

Não te convidei a entrar em parte alguma, tiveste uma ligeira participação na minha peça de teatro, na minha vida. E entraste sem permissão, determinado a encontrar um poço finito de futilidade. A tua busca por mais uma mulher burra e vulgar como tantas que tu e os teus amigos conhecem. Essa demanda cessa aqui, encontraste o que querias? Provaste o que pretendias?

Não quero saber o que pensas de mim, porque não me conheces e mesmo conhecendo-me não me ficarias a conhecer, entendes?

Fazes-me rir quando dizes que me amas, amas uma morta? Mas que sabes tu sobre o AMOR…

XXV

**«Era uma vez...»**

Filosofo…

Não procuro surpreender…
Não procuro convencer um homem que desistiu de viver há muito…
Não tenho que te provar o que quer que seja muito menos minhas potencialidades ou carência delas…
Respondo-te por prazer… porque gosto dos orgasmos psicológicos que me proporcionas… e anseio o estimulo e o conhecimento de toda a fonte, viva ou morta…
tal como dizes sorvo o que de melhor têm os outros, os mancebos, os amigos, os amantes…

Vejo-te agora, ansioso, se não fumas róis as unhas, fraca figura deambulando pela vida, não a caminho de um bar, mas a caminho de uma pagina da net… completamente anarca e alheio a tudo e todos… inspirado no seu EU, no seu ego… e menosprezando o talento ou falta deste nos outros…

Não quero ser a tua personagem principal, nem servir de inspiração para uma tão fraca que inventaste ao sabor do teu bafo …
Deixa-me ser burra, fútil, parola.. não são esses os mais felizes?!

Que sabes tu a meu respeito, senão aquilo que te transmito…mas enquanto pressupores tanto mostras os teus receios mais profundos e lentamente a capa cai…
Desvendas o teu mistério, e tornas te num feiticeiro… que me transporta lentamente para o abismo, que me dá vida, conquista com sedução e que me mata no fim… morri para ti?

Ao contrário de mentiroso e manipulador, acho-te um brincalhão, uma alma perdida, e dependente do que chamas “relação”? Não és muito diferente dos outros… nem de mim…

A tua saga não tem excitus. Continua a analisar cada pedaço de texto, como se do meu corpo, ou de um chocolate se tratasse, dando-te prazer a cada lambidela.

Susana

XVI

**Resposta a «Era uma vez»**

Socióloga...
Olha que não.

Se mandas palpites para o ar, invertendo a nossa posição como quando se faz amor em jeito de luta por fome do outro, fazes o que censuras de fazer, e revelas estar interessada na minha pessoa o suficiente para pensar nela.

Fofinha, não precisas de justificar para mim, ou para outros olhos que imagines, porque me escreves. Ninguém te pediu. Não é necessário, a não ser que seja para ti...porque se torna óbvio que estás atraída por mim. Estás curiosa. Por um tipo da net, opaco, que te envia contos de amor, e contas de carinho. Por um relativo incógnito que já mostrou que não se revela. Que nega o excitus do encontro inevitável.
Não confundas com tornar difícil o inevitável para lhe dar o valor, como estás habituada...o mancebo difícil se faz para te dar a ilusão de luta, para assim que o comes, arrotares de despeito, ressentida pela facilidade. Eis o reino do vazio.
Portanto, a tua saga também não tem concretização possível, resta-te descobrir para quando o exitus adivinhado.
Se a tua curiosidade inicial acerca da novidade, não se dissipar, e com ela a graça que achas a ler e a responder, condenados estaremos a remoermo-nos um ao outro, a ruminar do que não nos conhecemos, em vez de nos comermos.
Como ao chocolate...

Mas, como disse, não precisas de justificar, eu não o faço.
Respondes-me por prazer, , porque gostas dos orgasmos psicológicos que eu te proporciono...estou habituado fofinha, mas estás em divída comigo...é que eu coitado, ainda não tive nenhum à tua conta...

Eu presto atenção, ao que dizes e ao que digo. Eu não disse que sorvias...eu disse que sugavas. Sugar, de parasita, não o melhor que os outros te dão, mas o tudo que te podem dar...sugas tudo o que não tens para dar, e olha que não ouvi isto de nenhuma conversa de engate ou cama.

Mas...
Que leio eu?!

Não posso...não aguento...
Susana, tu imaginas como eu sou? E escreves isso ainda por cima...
Tarefa hercúlea para uma rainha de gelo, que trata a frigidez na 1ª pessoa.
Mas...
A minha figura por ti imaginada, reconheço-a de artigos de primeira capa da *Cosmopolitan* ou de uma qualquer edição especial da «Maria»... Destroçado, como reconhecer, devia ser o nome do artigo.
Imaginas-me como me gostavas de saber...porque te dou atenção? Porque não estás habituada? Porque identificas abordagens desinteressadas como engates de algum desgraçado desesperado?
Não é só o que dizes, mas como dizes, que te revela, mais se calhar que o que desejavas.

Não me vejas no fundo de uma depressão, que não me encontras lá, a não ser que essa depressão seja o vale formado pelos teu lábios a montante, ou pelas tuas pernas a jusante, e mesmo assim vais conseguir olhar nos meus olhos que te devolvem o olhar em forma de carícia, aí sim, sorvendo a tua língua, ou o orvalho do teu abandono.
« (...)deambulando pela vida, não a caminho de um bar, mas de uma página da net(...)»
Olha que não, olha que não, olha que não...
Caramba.
Ou os bares são a mais completa expressão de uma vida plena para ti, o que não me admirava nada, ou, doce Susana, achas que ando aí a emborrachar-me para aguentar a minha vida...se fosse a tua ausência ainda o podia fazer, mas a minha vida, dá-me alegrias, como esta de te falar, e em ti pensar.
Falar contigo, dar atenção, é por ti, desta forma identificado como desgraçado.
Amas-te? Muito? Como?
Olha que não, olha que não, olha que não...

Não fumo, nem estou a roer as unhas.
Também não acho que tenha fraca figura, muito menos quando deambulo pela vida.
Olha que não, olha que não, olha que não...

Não queres ser a minha personagem principal...
Nem servir de inspiração para uma tão fraca, inventada ao sabor do meu bafo...
Como vais evitar isso?
Custa-te aceitar, que não tens nenhum controlo nesta «relação» (as aspas são tuas).
O que é que isso depende da tua vontade?
É indiferente que desapareças, que não respondas, que chames a polícia, ou que peças aos teus amigos

e amigas para virem-me tentar desmoralizar, aqui onde me lês.
Eu continuarei. A não ser que morra de cirrose, de acordo com a vida em que me imaginas.
Ainda não reparaste que não és caso achado nem perdido aqui?
E não penses que ando à volta de uma ficção, já te expliquei, que é sobre a tua essência que escrevo aqui.
Olha que não, olha que não, olha que não...

Os ignorantes é que são mais felizes, e não as parolas, as burras e as fúteis. Não confundas porque não é a mesma coisa.

«Que sabes tu a meu respeito, senão aquilo que te transmito…mas enquanto pressupores tanto mostras os teus receios mais profundos e lentamente a capa cai…»

Transmites-te a ti mesma no que escreves.
Doar atenção, revela os meus receios mais profundos? Quais? Espera, deixa-me pensar pela cabeça da tua personagem imaginada de mim...hmmm já sei, tenho medo de te encarar na realidade, tenho medo das mulheres em geral, ou tenho medo de me aproximar de uma, amargo que estou com a vida...inseguro, frágil, decrépito...acertei?!

«Desvendas o teu mistério, e tornas te num feiticeiro… que me transporta lentamente para o abismo, que me dá vida, conquista com sedução e que me mata no fim… morri para ti?»
Yap.
Não notaste ainda?
«Ao contrário de mentiroso e manipulador, acho-te um brincalhão, uma alma perdida, e dependente do que chamas “relação”? Não és muito diferente dos outros… nem de mim…»
Olha que sou, olha que sou, olha que sou...

« A tua saga não tem *excitus*. Continua a analisar cada pedaço de texto, como se do meu corpo, ou de um chocolate se tratasse, dando-te prazer a cada lambidela…»
Se cada texto que eu analisasse fosse chocolate, quando me fosse deitar, caia para os dois lados da cama.
Chocolate. Acertaste. Gosto muito.
Como a um corpo, eu não lambo o chocolate. Mordo-o, mastigo-o, saboreio lentamente com a língua, como-o.
Lamber, lambo gelados, ou gelo. O teu coração, sabe a morango? Ou a outro gelado? Ou só a gelo, que

nem espaço ou alegria tem para ter nem que seja um aroma, um sabor?
A que sabes tu, Susana?
Gostas de serenata que te faço, Julieta?
Dás-me corda para me enforcar...
Continuas, morta, continuo, contigo.
Beijo grande, ‘amor’.

XXVII

**Eco**

A morte cheira-me sem se denunciar.

XXVIII

**A terra prometida**

Pela correria que nestes Andes de sombra amainado pelas polainas do Sotavento, vou indagando aqui onde o meu coração entra no ocaso e na Aurora, pelo nome da Floresta que não chega a vir.

Sorriso que de têmpora embala, no orgulho automático do esquecimento vou vogando na saudade de Outrora, a delicadeza de um concentrado fingimento.

Pela rua de trenó desguarnecida
Pela paz que copula com o silêncio
Dou por ti tão só e vencida
pela vida
tão só de tão prudente.

Bates no peito como investida,
arrogante como só ele pudera, sou eu que de acordo
como estás vestida
te cheiro a vulva com sabor a Primavera.

A noite suavemente cai, como gotas nebulosas de nevoeiro
eu nas borbulhas do teu rosto me perdendo vou, adormecendo na pele lascada
que torneia as unhas dos teus dedos.

A Luz entra ginasta pelas janelas como presságio do dia que agora finda...
no toucador oráculo ao asseio cosmético,
cama tua local de copulação dormida
e do meu patético.

Teu rosto bonito, mas quanto queria não vê-lo
Após o equinócio passa a razão de eu ali estar, como sopro de cotovia
Vou nestes dias de deserto transitando
entre a angústia e o desespero
sem querer pensar no que faço, só para esquecer quem tanto quero
e tanto perdi um dia.

XXIX

**Feios, porcos e naus**

Quero mesmo esquecer-me de mim e de tudo o que existe, seja através de vinhos seja através de outros corpos.
Tudo o que me afaste da ideia a verdade que te foste embora.
Quando partir, o que mais quero é encontrar-te.
Sinto a tua falta, e só agora sei que me sentia completo ao pé de ti.
Fiquei desorientado, no deserto mais árido que aquele em que pensava estar.
Sem rumo, sem nau, nada me carrega a não ser o amor às letras que de novo redescubro, além do apego às sílabas do teu nome.

Viajo pelos corpos e espíritos de outras mulheres, sem critérios que não sejam a imersão no esquecimento.
Ela foi-me proibida e nada mais pensei senão em quebrar a proibição.
Quebrei e dormito no seu leito. Sazonalmente...
Muito bem se mexe ela.
Há ginásticas que nada têm a ver com a alma, e a minha lentamente vai apodrecendo.

XXX

**Amor e terno**

I

Sopra-me o vento na cara, e sinto nas narinas o aroma salgado da massa de água informe que se me apresenta.Estou na praia como se estivesse só.
Olho o horizonte e tento não me sentir única por causa daquilo que passei ou sofri.
Chamo-me jovem mulher, tenho uma vida inteira pela frente, e uma outra vida inteira sobre a qual não deixo de ruminar para trás .
Sento-me na areia e faço-a escorrer pelos dedos como ampulheta desejando que o tempo não passasse tão depressa. E que tivesse membranas interdigitais na minha mão. Já que passa, que passe um tempo feliz.
Mas não sou pessoa de pensar o que se faz om o tempo que jaz entre o nascimento e a morte. Olho para o meu redor e vejo o que felicita a maioria, concordo e acolho para mim no segredo como aspiração envolvente e destino do porvir.

II

Sinto o tempo a passar, acho que o relógio é a mais patética e fantástica invenção do Homem, que tem a pretensão de andar com o tempo no pulso.
O homem que quero na minha vida pode ser caracterizado pelo relógio que usa no pulso.
Não quero relógios de borracha e plástico. Os homens que os usam são imaturos e instáveis e pé descalços. Não quero homens com relógios que tenham braceletes de pele a não ser que seja de crocodilo, e seja um grande e rectangular relógio de marca acompanhado com roupa a rigor.
Quero os homens com os grandes brilhantes e poderosos cronógrafos feitos em titânio e aço, caros sumptuosos e ostensivos, orgulhosos. Um desses homens sólidos como os balcões de mármore dos bancos, vaidoso de si, faz um figurão na rua comigo na ponta de seu braço.
Estes homens andam de Audi, alargam sem engordar demasiadamente, a estrutura óssea, quando chegam aos quarenta anos. Absortos em criar e defender a família, deixam o idealismo de juventude que se submeteu à defesa do lar. Sou a rainha do Castelo onde ele sempre ganha mais que eu. Esta gama de homens tem no máximo duas ou três amantes ao longo da vida que eu nunca descobrirei, é dos meus

filhos que me interesso.
Os planos são feitos em conjunto e à noite quando chega e estaciona a *stationwagon* na garagem da vivenda, entra em casa e de vez em quando abraço-me a ele porque no meio de tantos homens é a ele que chamo meu.

III

Olho para a sua mão que engrossou desde a nossa festa de casamento, onde ele levou terno e estava tão elegante, demasiado elegante. Juntámos as duas famílias, e realizei a minha fantasia de miúda, olhando de frente para a aliança que lhe estrangulei no dedo, e agora é abafada pela carne gorda dos dedos que incharam; olhando para trás para a pré-corte, corte e namoro, primeiros dois anos de sexo selvagem, e os anos seguintes de planeamento ponderado de vida responsável em conjunto, zangas e reencontros (que bom é fazer as pazes) e não chegámos a passar pela crise dos quatro anos que costuma ser o verdadeiro crivo para todos os casais.
Casaremos antes de quatro anos de namoro não teremos problemas porque não falta o dinheiro em casa e não vivemos do crédito, é uma vida boa, melhor que a dos outros casais que ou são rivais ou amigos.
Fazemos tudo para não perder o que se construiu.
Ele não é mulherengo e eu não olho para outros.
Escolhi-o porque é sólido tal como o relógio os sapatos e a massa óssea, de jovem em fim de vida.
Escolheu-me porque sou uma boa mulher para andar na ponta do braço dele, apresentar à família e aos amigos, sou atinadinha da cabeça apesar de não ser virgem.
O meu pai adora-o e ele cativa quem quer. Joga à bola ao fim de semana com os meus irmãos, e depois no fim do jogo discutem negócios carros e as outras coisas que os homens falam para se sentirem mais próximos uns dos outros.
Nunca vi ninguém arrumar tão bem as compras na bagageira do carro, nem ser tão terno sem lhe ver ponta de aflição nos olhos quando me afaga.

## Depois de mim

Tens-me sentido sazonalmente dentro de ti, quando me lês em palavras que escrevo a negro, na ponta das quais sempre tive necessidade de encontrar e ter uma mulher. Como raio seminal, ejaculo palavras para que concebam em ti à luz do que é belo, para que saiam os pensamentos que te acompanham quando olhas sozinha o infinito que te faz parar.

Preciso dos teus olhos, preciso que olhes para mim.
Preciso que me recebas no mais recôndito do teu âmago, além do palavreado bonito, sob o qual se esconde um desejo mais sinistro de posse da tua alma.
Preciso que me deixes brincar à solta no mais lúgubre do teu coração, fazendo dentro de ti o amor como uma criança que brinca sozinha com o mundo fechada no seu quarto.

Li na tua pele, meu salgueiro que choras Sal, que nunca nos vamos tocar, ou ver mais, desde a última noite que passámos juntos juntos, eu não quero de outra forma.
O verdadeiro abraço que dura além do tempo é o abraço do absurdo. E quão absurdo é querer navegar à deriva no coração de alguém que não se conhece...no teu.

Condenados que estamos a ser pouco mais que destroços anónimos, ganha valor este ignoto trocar de olhares onde és por pouco tempo um pouco de mim quando me lês e eu provo um pouco do teu morno mosto quando contigo sonho.

Entro como nunca ninguém entrou dentro de ti, com a porta franqueada, salto pelas janela gradeadas, nem sei o que vai na tua cabeça, no escuro não consigo acender a luz, apenas posso adivinhar no negrume as sombras com as quais à noite te deitas murmurando o meu nome:'João.João.João...'

De mão na mão dada, na mão que raramente consigo dar acordo com a luz que foi acesa.
Espero à tua porta no fresco da manhã que ainda não nasceu encostado à parede molhada da tua casa.
Leva-me para mais longe, absorvo por completo o teu mundo, deixo-me encantar com aquilo que não é meu, voando um pouco para mais alto longe e sozinho de todos nós.

Não dei por te ires embora.
Não quero mudar a minha memória. Não consigo estar sem estar contigo a mim encostada, olho a tua cara enquanto dormes, e eu dormir não quero, não quero que passe este tal tempo em que cheiro cada expiração tua, e olho as curvas do teu rosto, fazendo por imaginar o filme da tua vida, adivinhando como será a tua alma através dos maneirismos que vagueiam na tua cara quando dormes.

Não estaremos nunca juntos de olhos dados e mãos abertas, como o negro dos olhos dos amantes.

Estendes as tuas asas negras na grandeza do Sol vermelho no Céu preto por trás de ti. Vens então à minha boca dar-me fôlego, só o suficiente para me ouvires sangrar.
Olho para a distância que de mim a ti se estende, já só caso com uma sombra tua, vai ter comigo onde a

onda beija a areia...eu já não vivo. Eu já não vivo.

Não sentes, não te dói, sentires-me dentro de ti?
Entro em ti?...

XXXI

**Síndroma de**

*Crazy*
Gnarls Barkley
I remember when, I remember, I remember when I lost my mind
There was something so pleasant about that place.
Even your emotions had an echo
In so much space

And when you're out there
Without care,
Yeah, I was out of touch
But it wasn't because I didn't know enough
I just knew too much

Does that make me crazy
Does that make me crazy
Does that make me crazy
Probably

And I hope that you are having the time of your life
But think twice, that's my only advice

Come on now, who do you, who do you, who do you, who do you think you are,
Ha ha ha bless your soul
You really think you're in control

Well, I think you're crazy
I think you're crazy

I think you're crazy
Just like me

My heroes had the heart to Lose their lives out on a limb
And all I remember is thinking, I want to be like them
Ever since I was little, ever since I was little it looked like fun
And it's no coincidence I've come
And I can die when I'm done

Maybe I'm crazy
Maybe you're crazy
Maybe we're crazy
Possibly

I

**Cara e coroa, primeira parte.**

Quando era novo tive sorte.
Descobri, por acaso, o livro da minha vida.
Eu e meus pais, havíamos mudado recentemente de casa, e no recheio vazio descobri um velho e amarelo livro como as solitárias asas de traça que o habitavam.
«Destroçado» era o título, e José Mendes encarnação o autor.
Mais que uma história corrida de episódios eróticos era a história sentimental de quem a contou.
Em dois anos, o tempo que demorou até que o famoso livro se transformasse em pó, não li outra coisa.
Apaixonei-me pelas paixões na primeira pessoa. Gelei com as desilusões. Jubilei com os prazeres como se fossem meus.
Acima de tudo deixei-me cair no caldo profundo da psicologia em jogo. No abismo profundo da alma humana.
A primeira frase do desaparecido livro, é uma frase tumular.
«Sempre tive a maior das facilidades em fazer apaixonar e desapaixonar, nunca amei.»

Revirei até hoje, que velho e amarelo já estou como as asas das traças, todas as implicações e consequências, possibilidades desta frase. Com o meu sangue e com a memória.
Corri os amores da adolescência com uma confiança de atleta, ombreando com o autor do livro que tanto me impressionara percorrendo mulheres à procura dos gastos pedregulhos que formam o caminho.
Sinto agora que este livro sempre me protegeu, salvando-me com suas mãos descarnadas para fora do absoluto, onde seria desfeito pelo desgosto e evitando-me o relativo, onde aprenderia apenas o insípido.
O autor sabia.
É inútil escrevinhar teorias acerca da mente humana. A Natureza não é apreensível senão por meio de um sonho mentiroso.
O autor sabia que seduziria o imberbe mancebo leitor em sonhos de fantasia de suor doce pueril e nocturno, em teorias vigorosas, mas que no fim da caminhada estaria o sorriso de olhar para trás. Levado à letra, amor não é senão arsénico. Misturemo-lo com doce vinho da terra.
Que tarefa deliciosa e inútil…falar de amor.
Toda a gente quer falar de amor. É o sonho mais doce da promessa de ninfeta à matrona mais anciã.
Varia o grau de entrega.

Quem não dá o que tem, perde o que não dá.

Agora que o meu sexo é defunto, e o meu apetite amarelo como as asas de traça, resta-me o conforto de veludo da rememoração. É porque sei que nada é eterno senão a eternidade, que consigo perdoar com lágrimas nos olhos e amor incondicional todos os pormenores que lembro de mágoa e alegria.
Perdoar, que arrogante, vejo agora.
Que privilégio ter privado, sentido, pensado, tudo o que me foi dado, antes de jazer no quarto escuro do esquecimento.
Que brilho fascinante do pulsar.
Descobrir o género humano através do amor, ou da falta dele.
Amor, palavra pirosa que dizia por mimetismo, mas cresceu em mim, como música pimba que se ouve pela primeira vez.
Começou pelo canto da boca contra o Sol poente.

II

Pela alma.
Sangue e esperma.
Tinha-los espalhados pelo interior das coxas, no baixo-ventre, no peito, e até nas mãos.

A noite havia ardido como pavio no arfar dos corpos ofegantes, e agora…já só restava a indolência das gónadas vazias.
Os primeiros sorrisos amarelos da manhã indecisa despontavam pela janela.
As manhãs de Verão são quentes e acompanhadas pela esperança de que duas horas antes do meio-dia ainda esteja fresco o suficiente para não suar.
A pele pegajosa e exausta pede por água, mas ao sentir outro corpo desnudo encostado a si, transmite impulsos muito profundos além do véu da razão, que despertam em surdina e em quarto crescente o desejo da cópula.
Na sua anca minha mão coloco, puxando-a para mim, e sei que é na boca que devo começar para acabar no frenesim menos original de todos, que desejo.
Todas as bocas cheiram a vida presa de manhã.
Arrancada do sono com a promessa de mais prazer, ela volta-se inconscientemente contente, por ver-se mais uma vez desejada.

III

Há um Sol do anonimato a quem ninguém escapa.
Às vezes só damos por ele, quando alguém vagamente conhecido morre, e essa pessoa ao cair sai da posição entre nós e o Sol, e é só quando ele, o Sol, nos começa a queimar a cabeça e a pele, que damos pela existência do outro, e mediatamente, que também podemos morrer.
Antes que consigamos dar pela falta do outro, só pela falta que a sombra útil dele nos faz, já suspeitamos e viramos a cara ao facto de que dê por onde der, o tempo da nossa existência é um tempo para a morte, um contra relógio a favor do tédio.
Uma dança de línguas é uma orquestra sem sentido.
Tédio. É a suave dialéctica dos colhões e do cerebrelo.
«-Livre.», dizem eles…só os castrati são livres.
Cantam ópera e os colhões nunca enchem.
Tal como a onda,que vem antes e depois de outras anónimas ondas, e se desfaz anónima na areia, e volta anónima e com o rabo entre as pernas, submissa para o lugar de onde veio, também os colhões enchem até nos povoarem os sonhos e sair pelos ouvidos, tal como crescemos arrogantes e confiantes, amadurecemos desconfiados e envelhecemos sentidos.
E a nossa razão pináculo civilizacional, orgulho bacoco, ou nega o corpo ou deixa-se perder pelo desejo do desejo.
Sou capaz de estar no meio das pernas de uma mulher e dizer que a amo, e cinco minutos depois não lhe consigo olhar para a cara, tal é o poder em mim, da força da vida.

Esse é o peso, a sombra do anonimato sobre qualquer amor futuro.
Olho eu para os olhos de Susana, com os corpos molhados de suor dos nossos corpos, e o feno húmido da tépida chuva ancestral, a trovoada que ao longe compete com o canto da cigarra.
Mascamos folhas de louro, fazemos uma coroa e planeamos amor futuro, sabendo cada um em si que os olhos brilhantes de um no outro são os falecidos no porvir, fazemos amor no feno, corro nu pela terra quente recém arada e ejaculo num sulco de terra negra onde me deitei de barriga e braços abertos e agradeço orando a Gaia tudo o que me deu, dá e dará.
Susana realmente ouve o que digo, não espera que me cale para continuar a falar.
Sabe que estou infectado de anonimato e morrerei de tédio.

IV

Quando penso em ti com mais força, sei que é porque estás a pensar em mim.
Em relação a ti, tudo o que seja menos que tudo, para mim é nada.
O teu cheiro o teu sabor a tua língua os teus braços.
Lembro-me desses momentos fugazes como lágrimas na chuva.
Tenho post-it's espalhados pela casa e no pára-brisas do carro, lembretes para não me esquecer de respirar.
Copo atrás de copo, bebo este whisky tão velho como o meu amor, na esperança que após engolir o sabor da tua boca já não esteja na minha, debalde…como fantasma residente que se recusa a aceitar que morreu.
Escrevo-te e para ti escrevo. Escrever é um minete que te faço, preciso de fazer, gostas de receber.
Despidos, na tua cama, mascamos folhas de louro, fazemos duas coroas, e coroamo-nos funebremente como rei e rainha de uma timocracia de paixão.
Na praia perto de tua casa apeteceu-me mergulhar na água, orgias de mosto e fetilidade.
Desejei erguer um templo assim mas vivi apenas à sombra de uma forca no pelourinho.
O ocaso levou-te para longe de mim e a sombra do infinito veio fazer-me frio de novo quando entrava em casa, em Lisboa, pela 25 de Abril.

V

Bestial idade.
Sodomizar esta moça que geme de prazer agarrada às almofadas, é o único motivo de me encontrar aqui.
Correndo atrás da novidade de inserir meu falo no orifício primo da vulva a que esta moça não se opõe e com vontade adere, vejo-me agora pensativo neste frenético momento rítmico de sodomização. Orifício sui

generis este, que me presenteia com alguns aromas sazonais do interior da toca. Não posso com ela e só estou aqui para me oferecer de novo à experiência na esperança de que surja algo de novo para mim debaixo do Sol.

Ao envelhecer torno-me calculista olho para a mulher objecto de desejo objecto de sexo objecto de adorno. Este calculismo enfraquece a pujança de sermos uma força, o tempo a vida vicia-nos, faz com que acalentemos as manhas. Falta a força desenvolve-se a astúcia podre.

Perco o viço e atraiçoo-me na minha anterior pessoa de criança.

Há quem lhe chame crescer e aprender a gerir recursos, há quem diga que é desejar o absoluto com forças relativas.

Ceder, eu chamo-lhe ceder. Ceder a tudo o que é mundano, mesquinho e fraco, autênticos contorcionistas morais, autóctones do cinzento, vivo com a minha essência projectada fora de mim, no reino do esquema do calculável do sonho adulto reactivo onde as lacunas sexuais do adolescente se tornam florescentes obsessões do homem maduro.

Fecho-me neste mundo de fantasia e afasto-me dos outros que se afastam de mim.

Talvez seja eu um mau homem, ou um homem sem escrúpulos, talvez seja resultado da nossa época que reduz tudo a uma relação de lucro ou prejuízo.

Isto é um certo tipo de dependência que avilta, pois queremos algo que o outro tem, queremos tudo, mas algo apenas nos chama.

A sofreguidão mecânica revela a tal ânsia recolectora de experiências em intimidades alheias, não sou um cemitério ou biblioteca bafienta sou um célebre jardim onde se relembram os frutos do passado.

Sou um cemitério. A vida não continua após a morte quando eu queria que a vida vivesse para sempre, só fora do tempo vale o tempo a pena. Apaixonados de nós numa projecção no futuro.

Não consigo viver no deserto da incerteza nem num baldio de certeza a prazo.

VI

A fumar um cigarro, alternava os olhos pela parede e pelas folhas das canas plantadas em frente da minha casa pobre de subúrbio.

Não consigo dormir, e só recordo a minha comunhão com a Natureza quando era miúdo, e me espojava nos tufos de erva sob o Sol quente e simpático, a olhar o azul do Céu tão azul e cristalino que me fazia lacrimejar, nos braços da minha materna amiga Terra.

Ouço-lhe agora a voz no abano das folhas laminadas dançarinas de um ballet russo ao vento e melancólico, fora do tempo.

Este vento promete Outono, em princípio de Verão. Lembra-me os Outonos passados, quando era miúdo,

quando ansiava pela novidade, por voltar a vestir os casacos de molho que esperaram meio ano, para voltarem a abraçar as costas de alguém.

Lembro-me do passado e encho-me de volúpia, porque o que não volta dá sentido épico à vida, e este vento soprou há milhares de anos e se o Criador quiser continuará a soprar.

Dá-me sempre vontade nestas ocasiões, de ir nu sentir o vento acariciar-me sentir a temperatura o cheiro sentir a presença do que me envolve.

Novamente volúpia, pelo fresco que não frio, a força vital manifestando-se sem mediações, o prazer da Natureza, que sinto, manifesta-se nos testículos que se encolhem couraçando a pele.

Diminuem, tornam-se humildes, e com a diminuição das gónadas torna-se o espírito maior e anseia como desde sempre a fusão com o Todo.

Menti-te, não estou a fumar. Eu não fumo. Estou sentado a escrever.

Mas o cigarro por vezes também te relaxa, para fazer meditar asfixia o fresco, que só sentirás nos tomates ou na vulva, ou em ambos, conforme o caso. Mas o fresco foge-te do peito e da alma, o cigarro não deixa o espírito voar com o vento, prende-te na carcaça velha da nicotina a fazer das dela mesmo por debaixo dos olhos.

Numa carcaça velha de uso e tempo, a que alguns chamam de autocarro, ouvi-mos:

-Acabei com os machistas…Golo!

-O Shéu e o Damásio, Golo!

O embalar do movimento nas curvas leva a que batas com a cara no ar trespassado a cheiro de suor entranhado dos cortinados verdes, onde durante o dia as cabeças se escondem do Sol quente e nada simpático, e durante a noite dormem, transformando o pano em improvisada almofada.

Adivinhamos o vómito lavado no chão que se enrola com um cheiro a bagaço, que espreita pela garganta do senhor, e retorna à toca dentro do seu peito. Seu after shave também navega por ali, sendo bem mais alcoólico que o álcool.

-Andei na OTA a seguir, …Golo! Golo!

A diáfana luz que não compete com os candeeiros laranja lá fora torna ainda mais este purgatório migrante ainda mais decadente e desgastado.

-Economista – Golo!

Olha para ver se alguém lhe acha graça, ou presta atenção.

Olha tu também.

Tem para aí quarenta ou cinquenta anos, bigode à velha guarda, hálito a cota do bagaço, cheiro pessoal geral a Macieira, perfume barato, pele velha e roupa limpa.

O boné vermelho, juvenilmente transvestido, contrasta com a austeridade do bigode. Podes ver a pulseira desmesuradamente grande no franzino braço moreno.

Ténis da praça de pseudo marca mimética no nome, calças cor de leite, já com muito pouco café.

Cola autocolantes do aeroporto nas janelas e deita os papeis para o chão, mostrando ou querendo mostrar – o que achas? – que andou na barriga do pássaro de ferro.
Foi o Sol, ou o bagaço, que o comeram por dentro?
O que achas?
Entretanto fumo um cigarro na companhia de bancos estropiados por mãos de adolescentes, também elas bailarinas russas de um ballet de assinaturas hieroglíficas.
Só estradas e prédios.
Os suburbanos, inóspitos habitantes destas paragens, descarregam a nau dos loucos, ordeiramente, e rumam em direcção aos lares entardecidos, deixando no autocarro a sua lembrança codificada em aromas de óleo gasto em batatas fritas testemunhando a gordura que acabamos por sentir nas mãos.
O boné vermelho tem escrito 'SPZ Centro'.
Olho para cada paragem, antes de também eu rumar ao entardecido lar, para apreciar o mulherio que vai pernoitando.
Entra uma aparentemente boa, não dá para ver se tem a carne rija, ou se é mais um milagre dos panos.
Desdentada dos incisivos, enverga uma camisola leopardo de cetim onde se adivinham os mamilos, esses sim, rijos.
Outro dia, outra gaja. Com fios de cabelo que parecem um sedoso tecido colado ao crânio, caem em cascata para dentro de um elástico de roxa cor espreguiçando-se depois em leque no delta dos seus ombros. As orelhas aconchegam a cascata e um fio de ouro sulca o pescoço.
Vivemos rodeados por muralhas porção de gente rodeada por muralhas por todos os lados.
Vivo preso numa luxúria que acarinho e alimento.
Sou tão anónimo, sabes?
Que farás quando me vires agora que te contei tudo?

XXXII

**Coração de vidro**

Esperei que a luz decadente me tocasse.
O Sol há muito que se havia desinteressado desta realidade aqui tão perto de nós.
É preciso o lombo de um animal de carga para olhar para a incontornável solidão. Amar é dar-me ao outro fugindo do infinito até ao infinito da solidão.
Viro a cara como malandra insegura quando me misturo aqui no corredor agora acessível, em frente a Anglísticos roubo fotões de luz ao chão à parede aos cacifos, às cadeiras. É parida uma sombra filha do meu assalto.
Disseste que ias para obras. Ias reconstruir tudo. Não sou tua dona.

Vim para aqui para estudar e tenho de andar a apanhar memória flácidas estéreis e secas pelo chão.
A ubiquidade toma um nome como se também ela tivesse direito à reencarnação.
O nome é 'TU'.
As primeiras palavras judicativas que cuspiste da tua boca para a minha foram 'És insaciável!', fiquei tão magoada, porque não existe saciedade para quem ama.
E quando bamboleavas o corpo para o teu amigo, o porteiro do 7Mares…tu ali toda enrolada com ele e nós sabíamos que só dançavas para mim.
O cheiro forte a *old spice* fazia-me espirrar, prefiro o teu aroma a frutos silvestres, e o teu hálito a esferográfica *molin*.
Quantas vezes nos deitámos juntas e quando acordava tinhas sumido…
Quantas vezes meus amigos fingiam não te ver quando ias de braço dado comigo, mesmo até me deixaram de falar…
Nunca pagavas bilhete de autocarro e o revisor fazia uma cara estranha quando eu pedia e pagava dois bilhetes.
Linda barriga é a tua, ia até ao Inferno por ela.
Vi logo que gostavas do jogo.
As duas na cama, não consegui deixar de sorver nos teus seios.
O abraço que te dava, sentia-lo como meu à volta da minha própria pele.
Sempre foste a parte mais emotiva de mim, aquela que sonha quando ao cair da tarde o Sol faz festinhas no rosto e as cigarras se calam com a brisa fresca.
Sempre fui…
Com o cabo da escova partiu o espelho em que nos víamos, caí em pedaços estilhaçados com força pelo soalho.
Espalhada como memórias flácidas estéreis e secas elo chão, como as que tenho dela, eu sei, eu é que sou real.

XXXIII

**Pena, deitada coitada**

-«Eu sempre fui muito amada João.»
Dizia-me ela , quando depois de me contar os seus desencontros amorosos, eu sentia pena dela.
Dizia-lho.
Ia aos arames.
Não queria que tivessem pena dela.
Que ter pena têm as galinhas, e que ela não precisava que eu tivesse pena dela, ela não era nenhuma

coitada.
Debalde me esforçava para explicar que a pena é um dos sentimentos mais nobres e extraordinários do ser humano, que é um partilhar da dor do outro, uma com – paixão.
Hipnotizado pelo cheiro da sua boca e pelo esperma quente no rosto interior de minha coxa perdia-me em pensamentos.
«Então porque te comportas assim com os homens? …» perguntava a mim mesmo…

Como boçal trolha magoado, as suas palavras nestas alturas, na sua alma não eram doces carrosséis.
Espécie inferior masculina que só serve para foder e usar como fulminante para a pena dos outros.
Várias vezes lhe apanhei as tragédias por sms, para a irmã, para as amigas, para a mãe, onde era de mim que falava, mas onde eu não me reconhecia a mim próprio remotamente sequer como personagem participante, tal não era a sua imaginação para o drama, especialmente para o papel da vitima, que só assim a turba lhe dava o biscoito e a salvação através da pena que troca o aplauso, eu que pela pena lhe abanei a vaidade.

Verdadeiras urdiduras filigrânicas de modo a aparecer aos olhos das amigas, irmã e mãe como uma parcela da equação cósmica, ela e o Universo, ela e o destino
Susana Pascoal, só luta contra a Providência. Nada mais, nada menos. A luta é agreste, fá-la penar.

Andei umas semanas ruminando na coisa. Ocupado com este pormenor, na minha tarefa geral e doentia de lhe mapear a forma psicológica de existir.
A determinada altura ocorreu-me…os homens que deixava chegar mais perto eram as promessas de Redenção, por palavras outras, eu, os outros somos o algodão com água oxigenada na sua vida.

O Baptismo a Confissão limpam a lama dos pecados passados também os homens passados e presentes são para a minha pequena ginasta, a catarse da sua imagem a seus olhos, da mãe, das amigas.
É tão mais fácil dizer que os homens são uns cabrões, nenhum se aproveita, que dizer que ‘destroço’ é o nome do nosso espírito e coração.

Que repetitivo, pensava eu…vulgar a forma de operar.
Sem deixar de ser terrivelmente interessante.
Outrora em tempos idos, outra havia conhecido, Dora de nome.
Seu pai também a havia abandonado e havia feito gato e sapato da mãe.
Dizia alto e em bom som, como trolha magoado, que os homens haviam magoado e feito sofrer a mãe,

agora fazia ela sofrer os homens.
*Modus operandi* recorrente, cama e carácter.
Na cama desenvolvem o que mais acham que agrada aos homens que na alcova dominam e no Inferno desejam, e uma *dramatis personnae* construída para povoar a imaginação admirada e deslumbrada de tão fáceis e pobres mancebos.
Por isso o apetite pelos mais novos…
Vi este cocktail tanta vez em andamento, funcionando á minha frente.
Com a Dora um mancebo da Força Aérea que representava dramas e paradas nupciais, para nós aspirando a que Dora visse, na residência ao pé da Imprensa Nacional, e num pardieiro qualquer em Viseu.
Com a Susana, era só olhar a trela que ela dava e o feedback que recebia, do seu séquito, de onde vinham os biscoitos, de todos aqueles que serviam para enfeitar a sua tiara, do mesmo telemóvel com que mandava á irmã as mensagens queixando-se que não conseguia confiar em mim, que a luta era titânica, entre o amor e as traições cometidas pelo objecto de amor (eu), que o próprio desconhecia…lado a lado com mensagens de imagem de mancebos se masturbando para ela, e imberbes surfistas que lhe queriam fazer 'malinhos' depois de noites passadas num carro junto á praia.

Tive e tenho uma sorte que agradeço todos os dias, tenho privado com pessoas interessantes assim.
Dir-me-ás caro leitor, que lido com bipolaridade, loucura, mas não. Não, lido com o sal da Terra, a loucura não é tão coerente, e nem tu percebes nada disto.

Como necrófago vou-me alimentando destes vestígios de extraordinário putrefacto tentando retirar de algures o algo que me faça entender o que quero entender e por vezes o individuo é apenas o veículo da minha compreensão.
São jogos meu senhor são jogos.
Jogos jogados connosco para nós.
Jogos dentro da nossa cabeça com a cabeça dos outros..
Algodão com água oxigenada lava as feridas e os plásticos, branqueia e desinfecta , e as amigas:
«Coitada, pois é tens razão, são todos iguais, que azar amiga…»
Amigas de data longa, habituadas a posarem para as outras através de sonhos embasbacados de mancebos de pila fácil e coração tenro, e aí Susaninha era rainha.
Mais longe, mais alto, morais como foder com os *ex* é mais asseado e seguro, ou fodi fazendo o serviço público de ajudar a sentir homem um tipo fraldoso que infelizmente teve um azar na vida, como se alguém gostasse de fodas por caridade…admite que me lês…são tiros certos para que te apaixones.
Eficaz heroína lendária na hipnose sedutora, dos homens que são todos iguais, de novo luta de Susana

contra o Universo, ela conhece e controla o Mecanismo…
Tão terrivelmente fácil que até dá pena.
Assisti em surdina, a eles caírem que nem patos, com os meus olhos onde ela jogou os seus, na Covilhã por exemplo.
Bastava sentar-se numa mesa, e sorrir ocasionalmente, não era preciso sequer falar.
Um, dois, três, ficam magneticamente hipnotizados, encadeados com aquela luz que é uma violeta perdição para as moscas num varandil.
1º teste.
No fundo do baú encontrei a personagem indicada a representar, corno. Fiz-lhe uma anatomia, vesti o traje com ultraje ostensivo, e levei-a dali, de forma a chumbar propositadamente o teste de tão esmerada princesa.
Sabia que o segundo teste estava destinado a ser ainda mais humilhante e rebaixante, e não me enganei, depois de percorrer ostensivamente sem ultraje bocas de mulheres e homens numa discoteca, tomei-a para casa, representando o papel de corno bravo, mas no fundo deliciado com este pedaço de ser humano que se revelava a mim.
Agradeci a Deus, ou à personagem encarnada pelo Universo contra qual Susana luta.

Estas amigas juntam-se no ambiente onde mais à vontade se sentem discos e *Lux's*, quem consegue o maior número de mancebos, recebe o prémio da noite, o biscoito do valor, numa representação de série B de uma qualquer 'O sexo e a cidade' em versão parola com jovens actrizes porno na fase descendente.

O algodão com água oxigenada lava as feridas e os plásticos quando a paciência de irmãos pais e mães está perto da lâmina do suportável, ou quando a imagem que as acossa é demasiado pesada de suportar, mulheres livres porque fodemos quem queremos quando e como queremos foder.

Qualquer tipo apresentável e minimamente inteligente serve, tem de se subir a parada.

Mana, não aguento mais, não consigo confiar nele, foi a conclusão a que cheguei depois de ter pensado até às cinco da manhã no carro de outro.
Mãe, eu mereço ser feliz, o azar que eu tenho, depois de me esfregar como gata lânguida por meia discoteca e balcões.
São seres abjectos que é preciso esmagar debaixo de poses de ginasta enquanto os fodo.
Merda de raça, exemplares a que ofereço revelações como a de que o meu namorado me fazia vir oito vezes, e ainda me quer foder e de vez em quando fodo com ele, e manda-me mensagens ainda, e já não fodo ao som da banda sonora da cidade dos anjos, nem saio de cima de ti quando o telefone toca.

A pena que não queria sentida em mim, queria-la despertada nos outros julga-se superior a mim o cabrão que não é cavalheiro.
Vives na imagem que julgas ver nos olhos de quem odeias, odeias-te a ti própria afinal, é este o cliché em que me esfreguei á tua frente.

Quantas vezes não posso ver as borboletas que fazes com a mão nem sentir apesar de tudo o que fazes com a miséria do teu choro, perdido entre nenhures e lugar algum, deitados na cama atraiçoámo-nos a nós próprios, perdidos em todo o lado e no fundo a pena que sentimos te cobre o dorso todo, e em segredo revelámos que és um anjo de hoje, vives e levas ao extremo de ti a pena da tua sorte escrevendo com a pena do teu sangue, és o sal da Terra e vais mais longe mesmo que no fim do Ocaso, é com o teu coração que pagas.

Os mortos também dançam Susana.

XXXIV

**Estádios**

Kierkegaard enumera com paciência oriental e detalhe exaustivo os 3 estádios na via da vida.
Estético, ético e religioso, que se diferenciam entre si pelas opções que o indivíduo para consigo toma, e que de certa forma de ver, relativizam algo que seja a verdade, pois cada um escolhe como quer ver o mundo, se entregue aos sentidos, à lei ou ao abismo.

O chato o chato o chato, é que ninguém vive completamente num só estado, a não ser por uma muito doente psicologia.
Hoje somos mais burgueses amanhã mais pecadores, e nos breves momentos em que a vida nos arranca à dormência, olhamos de soslaio e brevemente, as promessas do abismo.

A verdadeira força de carácter está no esforço patético de ir até ao fim em cada estádio, adeus à probidade então, permaneçamos em terras de ninguém. Só nossas.

Até para consumo interno, não serei hedonista inconsciente todos os dias dos meus verdes anos só porque não me quero habituar a deitar fora a minha vida, como predicam os éticos estetas.
Quando o esteta ético me fala em regramento do prazer para que a minha capacidade não fique

embotada, ou para que não fique pendente servo dos meus sentidos, desconfio de que seja um esteta ou mesmo um ético.

Dos religiosos não lhes conheço o traço, devem ser uma sociedade secreta nem para si mesmo conhecida, pois ninguém olha nos olhos do abismo de forma prolongada sem pensar em alguma altura em parar a própria vida. Os que lhe vão olhando de vez em quando, de passagem e a medo, guardam a mágoa existencial, em surdina e segredo, como se fosse a Matriz, de que poucos conhecem o esboço e a quantos poderiam comunicar o que experienciaram?

Os que se debatem com o Abismo, chamam-se 'poetas' entre os homens, das gélidas e solitárias alturas como referia Nietzsche.

Virar a cara é tão nosso, e só nos sentimos completos misturando tudo.

«Eu tenho uma coisa boa João, eu tento sempre aprender.» - dizia-me ela numa das poucas conversas que lhe saíram do coração e não da cabeça.

O problema é que deram-nos um espírito e nenhuma pista de como ele funciona.

XXXV

**Sob as sombrias nuvens de chuva**

Sob as sombrias nuvens de chuva, parei os olhos de lado, enchi o peito de ar, a ameaça de chuva eu não sabia como sair do deserto.
Talvez que o deserto não seja para que se saia, lá deambulando repetidamente até que por fim perceba que devia ter estado noutro lado qualquer.

Olhando, de baixo para cima, debaixo de ti para cima de mim sinto-me fora de mim mesmo espectador de mim próprio, ansioso de chegar ou estar não sei onde.
Mais bonita rosa quando tentas tocar com cada um dos pés em pontos cardeais opostos.

No meio da rosa-dos-ventos lasso-me quedando em calmaria, dormente em água tépida.

XXXVI

**Dérviche**

Susana, és um ser perdido em ti próprio sonhando que se perde em outros.
Os beijos que de mim saíram levavam o código postal do carinho mais profundo.
Desconfiados do número da porta ainda assim.

Nunca saberemos embora saibas porque pensas saber à boca cheia que conheces o Jogo, presa nos teus conceitos e certezas baseadas na tua interpretação das tuas experiências.
No fundo és como as sombras que tomam emprestada a sua existência de algo que lhes tapa a luz, e assim és mais rica em mim que nos dias em que acordas e te sentes tu.

Nas falsidades de ambos jogando o monopólio como crianças testa a testa nos testámos lábios nos lábios olhos nos olhos, fingindo não fingir o olhar com que nos olhávamos.

Jogando Uno em carruagens de comboio até à Covilhã.
Onde me custou a representação de corno bravo enquanto te carregava como saco de batatas inerte e vomitante, pelo ombro pela cidade abaixo. Achei deliciosas todas as tuas diabruras noite dentro, sem saber contudo como reagir.
Pensava apenas, que excelente caso de natureza humana muito além das minhas barreiras de protecção e separadores centrais. Nessa noite através de ti tive o encontro amoroso mais íntimo comigo próprio.

No meio dos teus olhos ébrios ainda te computando e analisando meu comportamento.
A mais genuína memória de ti, um hino.

Continua a descansar em paz, Susana Pascoal.

XXXVII

**1001 reflexos de 1000 reflexos**

Todos sabem que existem fotos que sob determinado ângulo reflectem supostamente até ao infinito a imagem fotografada e encarcerada num jogo de reflexões. Cada uma dessas brincadeiras de criança sob determinado ângulo mostra mais que a sua cópia e geralmente é a primeira ou a última a revelar ao olhar um pormenor escondido nas outras ofuscadas pelo seu gradual albedo.

A biologia evolutiva tem sido um fabuloso campo de saber um pouco descurado pela vox populi tendo em conta a sua aplicabilidade imediata por contraste com outras áreas científicas. Parafraseamos Descartes, cada um acha-se bem munido de bom senso e inteligência, o suficiente para descurar o mester alheio, e em parte é disso que se trata neste tutorial em como repetir planeadamente o que é causa de muito sofrimento para grande parte dos homens. Serem abandonados pela vulva que se havia colocado no centro do seu sistema solar. Veio-me a ideia em concreto a partir do mais cliché que é possível encontrar tendo em conta o espécime visado. O filme 'romântico' com a Kate Hudson, sobre como perder um homem em não sei quantos dias. Achei perfeito pela ironia aplicada ao espécime que vive com a narcótica imagem de si reflectida num lago como a personagem do mito. Pensei eu que a suprema ironia seria reconfirmar a mim e ao espécime que por mais excêntrico que pareça aos olhos de si mesma, não passa do mesmo barro que nos faz a todos membros de uma 'Humanidade'. Tudo isto demasiado rebuscado afinal para ser apreensível senão por mim. Fica a memória da piada, apenas para mim, até porque o ego tem uma função automática de protecção que impede qualquer reconhecimento de falha. O que acaba no fim de contas de ser o ideal, apesar de a doce tentação de esfregar na cara a doença dos outros ser tão aprazível, até para mascarar a minha própria doença.

O espécime, *mutatis mutandis* pertence a uma geração urbana demasiado efeminada e sobre polida, demasiado bem encaixada num mundo de conformação e convencionalidade negativa, entendendo-se por isto, uma convencionalidade que é ostensivamente anti convencional e que no final de contas faz parte de um largo mainstream ou daquele mainstream que se quer considerar *minorstream* mas é ainda mainstream. Neste *minorstream* escuta-se a música que o menor número escuta, ou olha-se para os filmes que o menor número ou apenas uns selectos poucos olham. Cria cada um e uma, uma imagem de si próprio, politicamente correcta, sem ângulos, sobre ideais bacocos e assentes em nacional porreirismo, que sob determinado ponto de vista, são uma versão delicodoce de cinismo. Alguns amam defender os fracos nem que para isso ataquem todos os outros, alguns adoram diferenciar-se da manada através da especialidade do seu ser, seja através do grupo de amigos cultivado, das diversas cores de cabelo

estivais, da ininteligibilidade dos gostos que gostam de mão dada, ou na colecção de lugares comuns com que por vezes tentam insultar os outros quando os contrariam ou atacam a sua zona de conforto. Esta civilização suburbana pensa as traves sobre que repousa, analisa-as deifica-as até ao ponto de se achar a o pináculo da sofisticação e civilidade, sendo até divertido olhar e provocar a instabilidade das mesmas, pois nem sequer tocam nas paredes que as deviam suster, mas como náufragos preferem ir ao fundo agarrados a barrotes podres.

O caro leitor ocasional, pode até ser um destes sujeitos, será fácil saber, pois a minha escrita é geralmente por eles tomada como algo de mau gosto, pois não sou correcto, nem politicamente nem esteticamente, nem o quero ser. Não confundo maturidade com a capacidade de não cometer as infantilidades que vão na cabeça quando brinco aos adultos, nem honestidade com projectar uma imagem que quero que os outros pensam de mim.
Esta civilização do chá com verniz, dá palmadinhas nas costas uns dos outros, compõem uma sociedade secreta até para eles mesmos, de purga das energias negativas, e do positivo forçado, são sociáveis em festas regadas a bebida destilada e por não conhecerem mais que o próprio umbigo acham que são um poço onde brota originalidade. O espécime analisado havia recolhido ao longo do tempo, nem um zé ninguém na sua lista de cama, nem um gajo normal, apenas pedaços de puzzle que em maior ou menor grau se encaixam na pintura escolhida para verdadeira, tão amena para a auto-estima. Nem todos seriam funcionais, teriam de ter defeitos humanos q.b. para dar um aspecto de veracidade do que seja a condição humana, toxicodependência, carência afectiva, ciúmes, libertinismo, e como eu costumo dizer, neste caldo, não traz sabor uma batata normal. Quem sempre escolheu comer desta sopa não se espanta com sabores convencionais. Foi aí que comecei a retalhar.
Sabia que projectava uma imagem de algum fascínio ou distância, pela não convencionalidade do meu discurso, e a assertividade com que o mantenho. Cedo comecei a perceber que esse fascínio se reduzia até distâncias de controlável à medida que a fêmea dava mostras de me controlar com a sua sapiência com pés de barro. Tinha tido semelhante experiência com Lúcia, que enquanto não entrou para a Universidade me ouvia com deleite fabular, e quando entrou, já debatia com certezas de assuntos que não conhecia, e quando terminou já desvalorizava por completo o discurso alheio pois o que se procura não é o saber, mas uma bengala para a nossa auto estima. Mesmo que nada tenha mudado a não ser o nosso tempo de dedicação aos assuntos que o outro relativiza.

Caro leitor assente:
**Proposição número 1: Não interessa o que se diz, o conteúdo da mensagem, mas sim o que projecta ser.**
Comecei a perceber o completo desdém por assuntos que identifiquei como meus e desde logo percebi

que o espécime era *damaged good*. Reagi de acordo, respondia a mensagens com cada vez menos tempo de espera para a interlocutora, valorizava o seu conhecimento e saltava pelos seus *loops* como caniche bem comportado e submisso, sem deixar de perder a provocação de modo a fazer durar a tensão o suficiente para lhe traçar o perfil. O passo natural seguinte seria claro, exigir-lhe companhia, e confessar a minha necessidade visceral da mesma, colocando no seu campo a decisão de satisfazer essa condição. O resultado é óbvio, cede à mulher ou a outro estímulo externo a faculdade de te alterar o ânimo e com toda a certeza vais cair com os burros na água. As mulheres fartam-se demasiado rapidamente, a não ser que tenham uma cenoura em frente ao nariz. O primeiro passo foi abdicar da ascendência temática e vulgarizar-me, a segunda jogada seria revelar-me igual a tantos outros coninhas que ela manipula pelas discos desta capital, o terceiro foi mostrar-me como satélite da sua orbe celeste, o quarto seria então impor a minha presença, fosse através de convites, de SMS, de textos e videoclips, de presença pronta e constante, e de cartas para o trabalho. Tinha de retirar toda a folga ao espécime para o mesmo poder agir da forma mais aborrecidamente convencional que lhe fosse possível.

**Proposição número 2: Menos é mais, a mulher racionaliza menos, e o seu foco de atenção também é menor, portanto não a tentes impressionar com a tua intelectualidade ou os teus profundos insights, mesmo que ela te diga que é isso que procura, pois vais ficar a anhar.**
O que por arrasto leva a outra conclusão:

**Proposição número 3: Não interessa o que ela diz.**
A mulher diz aquilo que pensa que sente mas a maior parte das vezes lógica e hipotálamo exprimem coisas diferentes. Temos a tendência de achar que as mulheres funcionam ao mesmo nível de abstracto que os homens. A mulher é extremamente mais complexa, e uma das provas é a desproporção dos números de fêmeas em actividades esotéricas, a mulher adora tudo o que não consegue explicar, nesse caso é como a hiena que só respeita o que que lhe é mais alto, ou como a iguana que só come ou ataca o que lhe cabe na boca. O trabalho de despolimento não teria sido completo sem a minha própria humilhação, e colocação no polo oposto aos dos machos tipo da zona de conforto do espécime. A dita humilhação veio através da discussão constante ante os testes que naturalmente me lançava, rebate ponto a ponto, sentimentalismo exacerbado, admissão de culpa, pedidos de paciência, tiradas jocosas facilmente identificáveis como inseguras, e acima de tudo expressões de necessidade de auto justificação, que começam imediatamente a surtir efeito assim que o espécime se desinteressa da minha área temática, e eu carrego no acelerador. Revela que estás longe de todos aqueles que ela frequentou, ela irá ser lacónica para que te esforces na roda da gaiola, e quando te quiser magoar vai dizer que detesta o que fazes, só que se referindo a ti no plural, metendo-te no mesmo saco. Vai-te dizer que é honesta, frontal e que espera o mesmo, traduz isso exactamente como o contrário, o fumo é só para te manipular

emocionalmente, mesmo que ela se veja assim a ela mesma. Em experiência anterior, Susana que lhe era tão parecida, também sustentava ser a pessoa mais frontal do mundo, mesmo quando era apanhada a mentir. Não sejas moralista em relação a isto. A função da mulher é perceber do que és feito, vai-te inconscientemente lançar testes e desafios para ver como te moves, não tentes correr atrás do prejuízo, mantém-te no teu curso mesmo que ameace com a perda do prémio, e o prémio é a vagina. Relembra-te da proposição número 3.

**Proposição número 4: A mulher usa e abusa do seu poder sexual.**

Se pensarmos que a mulher desde os 14 anos quando começa a desenvolver maminhas, recebe cerca de 4 piropos por dia, ao fim de um ano recebe 1460; aos 24 anos recebeu 14600 e aos 34, 146000. Pensa sobre isto. Em 20 anos de gajos com mais ou menos rebarba, mais ou menos verve, achas que vais fazer alguma diferença tentando impressioná-la? Que achas que fez ela em 146000 abordagens ou cumprimentos? Aprendeu a usar o seu corpo, a sua promessa de sexualidade, e a criar defesas e estratégias de manipulação. Também raramente funciona como nos filmes, em que compensa ser puro e honesto, a maior parte das vezes vais servir de foca bébé nos dentes da orca. Mais uma vez, se queres que ela jogue joguinhos contigo, elogia-a, pergunta-lhe o que quer dizer com x, pede-lhe para debaterem as ideias de filme a ou vídeo b, mostra que estás imbuído em participar no rodeo onde ela carrega nos botões. É meio caminho andado a não ser que ela não tenha *stock* suficiente de pilas pedestres para te substituir. 146000 oportunidades para refinar a sua influência sobre o sexo oposto, achas que é uma arma que vai desprezar? Nem o Michael Jordan teve tantas oportunidades de treinar os triplos. Ela irá jogar os *timings*, prometer e depois retirar, deixar *innuendos* e promessas adiadas, far-te-á correr ou parar, basta que te desligues do resultado, ou seja do prémio, para que vejas claramente a teia que ela tece para que te percas dela assim que cais. Apenas pertencerás a uma dita elite se te desligares do resultado, do prémio, da possibilidade de uma repetição mecânica em que vazas as gónadas usando o seu corpo, se te desligares da ideia futura de foder. Assim serás diferente de todos os básicos que a elogiavam enquanto ninfeta e que agora lhe gabam as fotos artísticas com elogios *new age*. Só assim mostras que as estratégias que desenvolveu foram em vão contigo. Mas há sempre um nível onde podes ir mais fundo, tenta jogar o seu jogo com ela, tenta manipulá-la psicologicamente, num jogo em que perderás inexoravelmente. Tenta fazê-la sentir diferente por não sentir, debalde, apenas serás interpretado como mais um coninhas ressabiado por a não poder comer. A partir do momento em que estás em suspenso da sua decisão para a cópula, perdes validade. Ela apenas terá de saber gerir, a não ser que queiras levar o jogo até à bancarrota só para pintares o novo esboço de mundo da excentricidade convencional e aborrecida. Que ela nunca aceitará pois a tal válvula de protecção do ego vai-lhe dizer que o quer que seja que digas nada tem que ver com ela porque tens mau perder porque a queres comer. Portanto mesmo que queiras jogar perdes na mesma.

**Proposição número 5: Escolhe bem e exactamente para o que queres, a fêmea que receberá a dádiva da tua atenção.**

Escolher fêmeas com lastro, ou seja, fêmeas cuja história ou passado traumático te fazem grão de poeira em cintura de asteroides cósmica, é uma batalha perdida antes de começar. Não te sintas impelido a salvar com o teu sacrifício, mulheres que ainda dormem com os *ex* à noite, e não me refiro a dormirem fisicamente. A 'gasteza' de cada mulher, para com a vida, as relações, não é o resultado apenas de uma longa experiência mas sim de um ressabiamento de as coisas não terem corrido como ela gostaria, o que denota que se te perdes por uma gaja que achas que te vai dar uns fodões na cama, o mais certo é seres usado para isso mesmo, ou então vais ter apenas uma mulher a fazer a revisão ao clitóris. Vais ter gajas gastas a chamarem-te de imaturo apenas porque lhes apontas a patologia conhecida como síndroma da desafectação, que se caracteriza por uma mimese de entrega só para justificar o facto de precisarem de foder. Efabulam motivos para tu seres o escolhido, não te percas esses motivos não são para ti, são para elas se convencerem a elas mesmas. Lê a proposição número 1 e não tentes convencer das qualidades que ela te imputa, aquilo é um monólogo. Vários objectos de estudo analisados já comprovaram este *loop* que é apenas sinal que estás a falar demais. A ceder. Quando isso acontece coloca-te alerta, desliga-te do resultado. A não ser que estejas a experimentar, e nesse caso insiste para que a coisa morra mais depressa. Porque vai acabar por morrer. A seguir a uma mulher vem uma mulher, o mesmo com um homem, há em quantidades industriais. Não te prendas, nem te deixes cair na 'gasteza' em que ficas presa ou preso aos astros do passado. Vai-te foder a vida sexual e emocional no futuro. Não tentes resgatar o teu possível parceiro ou parceira com números de circo ou *flashes* antes sendo melhor a deixares essas pessoas entregues à sua própria 'maturidade', solidão, e desadequação de afectos. Eu sei que parece cruel, mas pior que um traumatizado só dois, e se te arrastas por lá muito tempo, vais ficar politraumatizado, politraumatizada. A não ser que estejas a fazer um estudo, e nesse caso já não há cura para ti. Foge de pessoas que não demonstram pensamento próprio, ou que são sobranceiras com o teu só porque não faz parte daquilo que é fino achar de bom gosto. Já o havia referido, mas vai-te neste caso obrigar a focar na cona, porque é o que passa a importar mais já que não é possível obter conversas inteligentes não manipulatórias, ou realmente sentidas. Quando a cona passa a centro de gravidade, perdes o equilíbrio pois deves ler a proposição número 4, e não cedas o teu poder a ninguém. Perder tempo com joguinhos de vingança, não deixa de ser perder tempo. Caga nisso. Deixa cada um entregue à sua magnética personalidade. Dá um caldo na tua cabeça se fraquejaste na tua vaidade e quiseste jogar o jogo e fazer a análise do jogo. Apesar de não ser um erro porque no mínimo revês matéria, é perda de tempo. Acima de tudo, deixa a pessoa com quem te envolveste, ou melhor ou no mínimo na mesma, que quando a encontraste. Não vale a pena andar a criar por aí mais politraumatizados. Arranja uma desculpa e um fingimento para terminar algo que nunca floresceu, especialmente quando sabes que foi um jogo

jogado a dois ainda que ela ou ele te tentem convencer que são 'puros'. É perda de tempo, e cada um tem direito a viver com a visão da vida com que se agrilhoou. Não jogues jogos, mesmo que estejas a fazer uma experiência científica. Vais acabar por ter de arranjar um fingimento para te libertares de teia que ambos teceram e fica sempre algo colado nos dedos. Não jogues, mesmo que gostes de estudar psicologia humana.
A biologia evolutiva tem sido um campo de saber negligenciado, e seu estudo pouparia alguma dor existencial, e reduziria o consumo de Prozac e quejandos. Isto implicaria a dificílima aceitação de que a Metafísica é inexorável e que as coisas são assim mesmo e não de outra maneira. De forma mais concreta a relação entre homens e mulheres revela claramente duas forças que concorrem para o mesmo objectivo, mas que a individuação revela como crueldade. No cômputo geral o mecanismo copulatório da população funciona, o indivíduo é que o torna absoluto. Por mais interessante que sejam as nuances de indivíduo para indivíduo, no meu caso de mulher para mulher, o acto sexual sendo negado tem uma dimensão espiritual semelhante à do suicídio. Para se nascer de novo é preciso morrer primeiro, e assim sendo, cada escolho no caminho se torna um degrau de luz em direcção à iluminação.

XXXVIII

## A lenta agonia da diástole

Outrora lambia os teus passos pelos corredores que me passavam à frente dos olhos e ressentia o facto de nada me dizeres, embora sentisse uma ligação qualquer pelo ar e não eram as ondas hertzianas. Acabei por me ir embora do lugar da convivência possível com ressentimentos em relação a ti por saber que havia algo, mesmo confirmado pelo nosso amigo em comum, e nunca ter tido uma janela de confirmação. Provavelmente, uma tipa de cabelo cor de laranja quer arranjar um gajo com cabelo rosa *choc* com mínimo discurso excêntrico possível. Durante uns tempos ainda pensei que nos iríamos encontrar em algum lugar, mas pouco tempo depois soube-te comprometida com alguém e ficaste associada a uma imbecilidade da minha parte de ter imaginado algo que não existia. Quando tempos mais tarde se manifestou uma opinião tua acerca de mim, óbvio é que o que estava enterrado ressurgisse. Nunca teria havido uma atenção prévia e no entanto sentias que tinhas algo a dizer sobre mim…sem me conheceres ou o que tinha acontecido. Mesmo assim pensei que se tivesses sentido alguma coisa não teria sido forte ou profunda, o suficiente para te fazer tomar uma acção, a ti uma mulher que trata a vida por tu. Pouco tempo mais tarde senti-te emocionalmente ligada a mim, porque ninguém quer chocar alguém com conversas de pilas extra grandes, se nada sentir pelo alvo. Ressurgiu algo relativo ao suposto engano da minha parte que não havia sido. Mas não desapareceu a animosidade pois alguém que é capaz

de afogar o que sente por mais fraco que seja o sentimento, é alguém calculista e com um auto controlo que impede qualquer tipo de abertura franca de peito. Por um lado é motivo de admiração por outro é motivo de cautela especialmente se aquilo que se procura é um acesso à tua intimidade. Por fim, a sensibilidade à tua existência e a jocosidade à ideia de uma amizade, apenas compreensível pela escassa convivência entre nós, revelaram-me que não havia nada a fazer enquanto a compreender algo entre nós. Lição de humildade pois nem tudo se deixa reduzir a meia dúzias de proposições que magicamos nas nossas cabeças. Erigiu-se uma cidade contra minha (pelo menos) cidade e estas foram as nossas trompetas de Jericó. Acabámos aos toques de língua por ruelas de Lisboa, num momento em que provavelmente te encontras com menos ânimo na tua existência, numa antiga vontade minha e que nos apanha a ambos em determinado ponto do rio onde já não se tolera o som que alguns seixos fazem a água murmurejar. A ausência desse gosto pelo silêncio que a água ruidosamente pressagia caracteriza exactamente a passagem pelo tempo que não nos deixa mais maduros mas mais velhos, perto da morte final, porque gastos prematuramente em cogitações sob a carga de experiências passadas. Afinal foi apenas um duelo de línguas. Para mim não foi. Foi apenas o testemunho de algo trágico, que devia ter acontecido e não aconteceu. Frontal como um choque de locomotivas a demasiada consciência exaurida das lutas de sujeitos numa relação, especialmente quando um deles busca a intimidade do outro. Criou calo, e agora é a zona de conforto, não dispostos aos excessos do passado, e a cansar por caminhos já percorridos. Dissemos a nós mesmo que havia bastado. E deitámos fora a criança juntamente com a água do banho. Eu não, tu. Uma prova disso é o meu texto que te passa agora pelos olhos. Podes dizer que é um dos artifícios clássicos de (previamente notado) sedução, mas teria porventura mais sucesso cumprindo as habilidades que presenteias como dicas e regras. Para quem gosta de sinceridade, não há mais sincero que falar na solidão da leitura de um texto e não nos diálogos inconvencionais por uma rede social. A imaturidade arrasta sentimentos fortes além de um mudo confortável de *barbie* e *ken*, e por isso deve ser respeitada e não vista como um degrau imperfeito na nossa caminhada pelo tempo. É difícil verbalizar e trazer ordem a isto especialmente ao que te estou a dizer e que me faz passar como um azarado ao jogo no casino do Estoril, que ainda não percebeu que não há maneira de ganhar e vai acabar pendurado no candeeiro da saba com um lençol abraçado ao pescoço. Claro como uma bofetada na tromba, a ideia de que quem menos se entrega ou mais se controla melhor controla o fluxo  e uma das formas de controlo passa pelo desapego no qual és mestre. No qual sou cego. Então torna-se claro…eu não aprendi. Apenas repeti a mesma fórmula ano após ano. Tu evoluíste. Refinaste-te após cada percussão do metrónomo, e estás numa escala de controlo muito acima da cave onde me vomito. Ou então estás nem aí…e voltamos ao início…eu como espantalho que inclina o pescoço para trás sempre que sente um afago, esperançado que seja o teu, e não um corvo que lhe deseja a palha jugular. E sabes, apesar do erro clássico, inclinaria de novo o pescoço para trás mesmo que me valesse o epíteto de J o ‘estúpido’ significaria que estaria sempre à espera do teu toque e a fornalha não deixava apagar o lume,

que em ti com o tempo comigo deixaste extinguir. Sísifo só enganou os deuses durante algum tempo. Eu engano-me há uma eternidade.

XXXIX

**As SS**

Parte 1

Por mais disparates que se pensem e passem a escrito, nunca a tolice ou o carácter insondável do mundo darão descanso a pessoas que buscam constantemente perceber, compreender. A partir das suas experiências e dos seus olhos tentam primeiro vogar sobre a dúvida metódica e em idade adulta sobre a suspeita que tudo passa a cobrir como manto verde de erva fresca. Não deixamos de procurar o tesouro ou a Hidra que nos petrifica, seja a arrogância, a curiosidade genuína ou a mera ingenuidade que nos motivem as velas enfunadas. Acredito que nada faz sentido se não for compreendido.

Tenho de compreender, mas como rabo-de-cão, sempre me foge a apreensão do fenómeno observado, não apenas longe das minhas capacidades apreensivas, pois como luz de vela sempre se pode dar luz a um quarto, e depois a outro  e a outro deixando os anteriores na escuridão assim que a luz deles de novo foge. Não, os quartos são sempre os mesmos e são sempre outros, sempre feitos de paredes que nunca estão no mesmo sítio, que não me deixam duvidar da minha razão, mas também não lhe dão muito brilho no uso da sua luz. A procura de uma verdade inamovível com que virar o mundo, é também cepa torta na minha vinha, pois com a mesma pressão sei que o mundo joga comigo não se deixando apreender e que só através do meu pensamento esgravatando nas frestas do paredão da barragem, posso ter a ilusão de ver a albufeira que se adivinha por trás. Mas ouço sons, repetidos, que se tornam melodias. Reconheço padrões geométricos e de cor, variações de temperatura na minha derme assinaladas, cheiro aromas associados a outros estímulos, reconheço encadeamentos de pensamentos como necessários, e choro sabendo que tem de haver uma estrutura por detrás destas coincidências que se repetem.

Tenho pesadelos à noite pensando que depois de tanto esforço só vou chegar à mesma superfície daqueles que passam pelo mundo numa base de imediato e tangível. Angustiado, não porque me sinta melhor que os outros mas porque o apelo de chegar ao coração das coisas é tão forte quanto o corpo de uma bela mulher que me faça latejar por uma celebração de vida. A minha vinha tem vinhas e uvas como as outras vinhas, bem espremidas dão um entranhado mosto que irá parir um vinho, como parem os outros mostos. Sei que as castas diferem, a poda e os adubos também, mas no final sai ou vinho ou vinagre. Por melhor que se enxerte, depende da água que cai, e do Sol que arde. Depende do sabor do

vidro, e do palato do provador, e de tantas outras estrelas que o que interessa mesmo é a vindima, pois só se sabe o valor da colheita depois de se tirar a última rolha.
Adoro mulheres. Considero-as maravilhas da Natureza, poços de força, e a maioria dos meus heróis são do sexo feminino.

Mas que mulheres são essas que motivam a escrita de meia dúzia de páginas de texto, de volta da mesma enxertia de sempre, da mesma casta do mesmo cacho, de forma a perceber até ao ínfimo pormenor como surge o estranho vinho que recolhemos em colheita anterior? Há que perceber, sempre, o como e o porquê. Especialmente se a suspeita filosófica te revela que nada é o que parece, e que por detrás da aparência há uma intenção. A intenção, mais que o véu de Maia, é a paixão do revolucionário. E só o homem é revolucionário, e só o consegue ser sozinho. Não há diferença de valor civil ou antropológico entre homens e mulheres, nem sequer moral. Há homens 'bons' e mulheres 'boas'. Mas como se testa o carácter de determinada cepa senão a plantando em socalco irregular e arenoso para ver com que raízes se agarra à vida e frutifica? Alfa e Omega em parada nupcial, e esmagamento nervoso.

Suponho que a afirmação da raiz de cada um se faça à conta da vontade com que fazemos crescer as nossas ramas para o lado da nossa vontade e não da determinação da poda. Não é orientar os cachos para onde sopra o vento, de facto o que nos faz humanos é vivermos e morrermos por opção por ideias. Há qualquer coisa de nós de caçador, e de recolector. Um faz a sua sorte, outro aproveita-a. A filógenese ratifica as duas. Também a sociedade dos homens e das mulheres.
A mulher sempre foi um poço de assomo para mim. Sempre senti nelas uma diferença diferente da minha. A sua convicção nos momentos presentes sempre teve em mim um efeito narcoticamente hipnótico. Como se nunca pensassem que podia estar alguém por detrás da cortina. Começa logo por aí e pelos discursos maternos a divinização do feminino, aos olhos de um rapaz a certeza da rapariga tão mais avançada no crescimento que ele próprio só pode ser emanada de um ser superior. A mãe também diz que as meninas são de algodão doce e caramelo, e os rapazes de cobras e pedras, e cresce o pobre homem sentindo que tem de merecer o ser superior que começa desde o berço a perceber que com sorrisos e choros pode levar o paizalhão a pegá-la ao colo ou a mostrar-lhe o maior sorriso do mundo. Com um pouco mais de tempo tem o adulto domesticado ao sabor da maior parte dos seus caprichos, pois que mais quer um pai que proteger a filha do mundo duro e ensinar ao filho quão duro o mundo é? Entra na adolescência o rapaz a toque de punheta, suando acne por todos os poros do seu corpo inadequado, violado por revistas pornográficas omnipresentes, mini saias constantes, anúncios estimulantes para delícias nocturnas e toda uma cultura que coloca a masculinidade na proeza de satisfazer sexualmente o sexo feminino, ou no mínimo na capacidade de lhe obter os favores? O próprio pai se baba se o filho já colecciona namoradas pelas casas dos amigos, mas prefere negar tal liberdade à filha que é mais pura

que a água de nascente. A ninfeta descobre que um peito que desponta como um broto primaveril num pomar de romãs exerce um fascínio sobre qualquer homem, mais ainda que as farsas que representava para o pai, e assim começa a sonhar que tem um talento, herdado da mãe, que é mágico, e que é conseguir o que quer de outros seres que não possuem a beleza que ela tem. Presas quer ele quer ela de uma antropogénese incompatível com a cultura que nos molda, ele com instinto copulatório  vinte vezes superior por causa da testosterona e ela por causa do estrogénio condenada a ser fraca fisicamente tem de se valer do que a Natureza a fez valer, e é essa sensação de possível submissão que faz brotar a ilusão de guerra, na qual o homem perde pois só tem acesso à vagina através da dança que a mulher ordena dançar. Afinal a vulva é dela, e se ele quer, tem de ser à maneira dela.

Torna-se assim a tolice da guerra dos sexos, a não existência mais existente de todas, pois onde quer que encontremos uma mulher e um homem, ela vai ocorrer, mas eis que surge uma aurora, mais dourada que as anteriores, e que coloca uma outra perspectiva. Mercê do seu génio, o homem possibilita a vida, de forma diferente que a mulher uterina. Ele faz, inventa e protege, e sente-se bem assim. Mas a acentuada percentagem de conforto actual tornam o homem supérfluo, a mulher não precisa dele para atingir o grau de conforto já bem aceitável que ela tem. A mulher encontrou um lugar no mercado de trabalho de forma a libertar-se da dependência financeira do homem, os serviços são dela. Que pode o homem oferecer senão a gradual submissão à toda-poderosa vulva? Às mulheres urbanas de hoje em dia, não chega submeter o homem, há que humilhá-lo, transcender o masculino, com a força do ressentimento de Eva e de milénios de sujeição à testosterona.
Não chega a ser um ser em grau de igualdade, é um porco porque lhe deseja o corpo, como tantos outros com os quais mediu forças ao longo do processo de crescimento de maminhas e ancas voluptuosas. É um básico que só me quer pelo corpo, então quer-me usar como depósito de esperma, mas vou eu usá-lo como eu quiser, veremos quem é o mais forte. Irónico ter-se tornado o homem em troféu de caça por causa da hormona que o fez caçador e protector dos seus. A mulher sente-se no topo do mundo, os homens depilam-se para lhe agradar, usam cremes, cantam *pop*, as *pussycat dolls* elevam exponencialmente pelos media a glorificação do poder sexual que a mulher tem, único aliás a par do condicionamento das crianças. Nada há que não se venda que não envolva uma mulher em trajes menores, e até há estudos de género que lançam suspeitas na ciência feita só porque foi feita maioritariamente por homens. Há noites de *ladys nights* em que os trouxas pagam e as mulheres isco não, e até nos casamentos já é suposto um homem ajoelhar-se e abdicar de parte do seu rendimento sobre a forma de um adorno, anel, para ter a honra de desposar uma vagina sobreinflaccionada. Um marciano diria com o seu olhar objectivo, que de facto, o homem é o ser mais bem domesticado do planeta.
É fácil, se seguirmos uns princípios e alguma experiência (para limpar a merda que nos enfiaram na cabeça, que se designa por ‘endoutrinação’) perceber como e porquê somos manipulados. Ao fim de

algum tempo começamos a reconhecer padrões e sintonias.

A manipulação é uma influência exercida por comunicação de molde a levar outrem a fazer ou algo que não quer ou resiste, ou que o emissor quer que o receptor faça, de forma alheia à sua vontade. E é aqui que a porca torce o rabo. O manipulador encontra sempre um interesse para o outro na manipulação que nele opera. É o que se parece com o branqueamento da manipulação para que quem manipula não se sentir um filho da puta ou uma filha da puta. Várias razões podem basear este mecanismo de protecção, experiências passadas, uma certa mundividência, uma conveniência, a arrogância de achar que sabe mais que os outros ou mesmo mau carácter, entre outros. Experiências passadas como se me fizeram a mim vou fazer a outros ou nunca mais vou sofrer; certas mundividências nas quais o mundo é assim, toda a gente sabe, etc. ; conveniência porque eu gosto de fazer mas não que me façam a mim, etecetera etecetera, e atenção que é válido para homens e para mulheres. O que para mim sempre mais me interessou, foi a questão das experiências passadas e da mundividência.
Como é que alguém chega a determinado tipo de comportamento e como é que depois o justifica. Isso fica para depois deste preâmbulo, na parte dois.

Parte 2

Eu. Ambos os sexos estão sujeitos ao princípio de economia de esforço. Ambos querem comer o melhor do bolo. O homem foi domesticado por uma sociedade em que a força e a integridade morreram com a economia de serviços e foram trasvestidas com o espectáculo dos desportos e das telenovelas. Viu-se o masculino despojado do seu poder negocial para com a vulva, o papel de protector, restando vender-se a si mesmo de acordo com as regras de uma encapotada sociedade matriarcal. Arde no altar da ninfa inflacionada, perdeu a parceira e ganhou a Senhora, vive agora nos escombros da sua catedral de religião extinta e sente que há algo mais fora da *stationwagon* e dos mocassins domingueiros, mas não sabe o que é no meio de tanta ordem e drama que são o ruído que sua dona emana e ao qual foge por abrigo em longos passeios de *btt* ao fim de semana, ou surf, ou vómitos em traineiras de pesca ou jogos de bola ou serões no café afogado em álcool para suportar o inferno da vida doméstica.
O papel desonesto da ambivalência feminina é este, esforça-se e desunha-se para controlar, subjugar o masculino através da vagina, e ressente-se de o conseguir.

Durante a adolescência perdia-me em incompreensão pelo sexo oposto, nas suas reacções, suas charadas, cheguei a acreditar que era eu o inadequado. Surpreendia-me por não se jogarem as mesmas

leis e fui enganado como quase todos ao pensar que a vulva requeria técnica de toque em acordes certos. Tornámo-nos calculistas pois não percebemos que estas regras contraditórias e esta publicidade à existência da melodia do flautista de Hamelin eram afinal a trapaça que nos levava ao afogamento no rio *Weser*. Foi a machadada final na nossa integridade, a troco de umas pregas de carne. Alguns foram mais longe, como eu, no caminho para o fundo do poço. Não desisti nem me contentei, enquanto não percebesse. Analisei os métodos, tive de privar de perto com elas, trocar a análise delas para mim e de mim para elas, e dei por mim a jogar com o mesmo jogo e mesmas armas, e não gostei do que vi quando olhei para dentro. Vi alguém que se degradou por causa do seu impulso para o erótico, e que acabou a jogar o eficaz mas sujo jogo da sedução. É básico, implica perceber um pouco da mulher como uma entre iguais, e não é que resulta? Tirá-la do pedestal, e perceber que a pila vale mais que a vulva, afinal nascem mais mulheres que homens, morrem mais homens que mulheres e o Y faz toda a diferença. Mas eu estava viciado, queria ir mais longe e conseguir esfregar na cara das manipuladoras a plena compreensão das suas tácticas básicas, ingenuamente querendo ser responsável pelo momento de catarse em que se dariam conta da falácia do seu comportamento, e de que afinal as básicas são elas.

A mulher é ser fingidor que sente que é dor a dor que deveras sente, já dizia o poeta. Como esfregar na cara qualquer coisa de que ela não se apercebe nem concebe que o pacóvio homem lhe esfrega na cara? Como mostrar a um ser hipnotizado pelo brilho, que por detrás da carne vem o esqueleto, se não temos qualquer brilho para ela? Tenho tido uma sorte imensa nas relações que tenho tido, quer nas boas quer nas menos boas, e percebi que quanto maior é a rodagem da mulher por vários homens mais esquemas e estratagemas ela elabora. O objectivo deste blogue é exactamente deixar aqui testemunho literário para que possa ser útil a alguém pensar os temas das relações e da sociedade burguesa. Uso a minha personagem 'Susana Pascoal' como epíteto desse universo complexo que é a teia que as mulheres tecem presas na sua biologia.

Su não nasceu assim. Nem ela nem So. Fizeram-se assim, ao longo do processo de crescimento, no qual a figura do pai desempenha sempre uma forte influência. Su quando a conheci esgrimava a sua auto estima com mancebos do Quartel militar mais próximo, e com surfistas, com uns media a performance física, e com os últimos a psíquica pois toda a gente sabe que os surfistas são uns paz de almas. Vencer uns através de sessões de sexo extenuante e vencer outros através de os conseguir levar ao ponto de ruptura emocional eram os troféus que lhe permitiam mostrar a si e às amigas que era uma mulher, desejada, emancipada porque fode como fodiam os 'homens'. Diria Freud que era a 'inveja do pénis' mas não, era mesmo um ressabiamento interiorizado por anterior desconsideração do pai. À sua maneira a humilhação do homem compensava o abandono do seu pai que tanta impressão lhe havia feito em criança. Quem fode industrialmente e é incapaz de sentimentos que não superficiais corre o risco de se

defrontar com o princípio de individuação de alguém, ou por outras palavras alguém vai ficar chateado por ser usado nesta vendetta contra o mundo. Era esse o prémio de compensação na fantasia dela. Largar o cachopo sem lógica possível para o abandono, de forma a fazer que ele parta a cabeça a perceber o porquê. Esta é uma das clássicas, a mulher sabe que o seu comportamento ilógico é extremamente perturbador para o homem, que se deixa com ela envolver emocionalmente, ele vai tentar perceber o mecanismo, e partir a cabeça nisso. Motivado pela promessa de vulva e da dor da rejeição encontramos aqui os dois estímulos eficientíssimos para a insanidade de quem se perde a pensar no que elas pensam. Su tinha portanto uma lista imensa de traumatizados que sentiam perder uma boa cona que comia homens e que portanto ao  rejeita-los, os estava a colocar numa mesma longa lista de fracassos, o que não pode ser pior para o sentido de individuação de cada um. Duvido que Su elabore conceptualmente este mecanismo de humilhação, mas usa-lo sabiamente, funciona e isso basta-lhe. So, a mulher dos cocainómanos lisboetas, funciona como *modus operandi* semelhante, e mesmo registo. É um pouco mais ingénua apesar de ser igualmente hábil a traçar plano de jogo. Percebemos o plano de jogo quando algo não faz muito sentido e pensamos que pode haver de lucro e para quem em determinada situação. Todas as mulheres dão o litro nas primeiras relações sexuais, é o anzol que fisga o cachopo para encontros futuros além de que a sua auto imagem depende daquilo que acham que eles acham delas. Já o tinha notado em Lu por exemplo, com a desenvoltura que me sabia a falso. É de certo modo enternecedor. A desenvoltura de Su era  diferente, era descolhoadora, e se eu fosse um pouco menos experiente na altura teria ficado impressionado. Su fodia o parceiro, no ponto de lâmina em que o tenta submeter sexualmente.

Grande parte dos homens só gostam de fazer sexo por prazer genuíno, e as primeiras vezes nem corre bem por causa das perspectivas de envolvimento emocional e ansiedade de performance. Su, estava condenada a sofrer as consequências da sua luta contra o mundo. Como é que alguém chega a determinado tipo de comportamento e depois o justifica? Através de tentativa erro experiência, dor e chico esperteza. O mais importante para a mulher é a sua autoimagem. Aquilo que pensa de si não está radicado em profundas cogitações acerca da vida da personalidade ou da metafísica dos vícios e da virtude. A mulher acha que é um ser mágico contraponto ao homem que é dado a essas especulações meditativas, e portanto o sol da fantasia é sempre mais paradisíaco que o frio deserto da contrição reflexiva e portanto a mulher deixa a inteligência à superfície, ou seja, a chico esperteza. Esperteza que se manifesta através da análise daquilo que vê nos outros que a veem a ela. Ou seja, é através do impacto que julga ver causar nos outros que aufere se o que está a fazer está a resultar ou não. Se determinado soutien cumpre o efeito de fazer o homem olhar, a ‘opinião’ dele não é suficiente pois o pobre tolo olharia para qualquer soutien amparando mamas. A opinião de outras mulheres iguais é sim valorizada pois elas participam na mesma fraternidade que toca as mesmas notas no embasbacamento dos homens, assim a mulher tende a dar mais atenção à opinião das outras e a ostentar as suas conquistas para as outras ao

mesmo tempo que para os homens, mas no final, é a opinião delas que conta. O homem para Su funcionava então e deste ponto de vista, como a sua parte de teatro representado para trocar medalhas com So e com a outra que compunha este trio maravilha, e que haviam partilhado não só um quarto em residência universitária, como mundividências e tácticas de engate, numa amizade osmótica roçando pinos de competição, embora as mulheres achem que a amizade feminina é bem mais pura que a masculina. O caminho para So estava asfaltado pela impressão em Su. A heterodoxia da minha comunicação é o anzol que uso, que aliado à projecção de que nem todos os homens são broncos adoráveis faz com que as manipuladoras se atraiam como moscas por açúcar. O problema está em que não gostam nada de quem joga o mesmo jogo sujo. Faz lembrar-lhes que jogam sujo, e que ainda não somos os redentores do género masculino que elas estão à espera. Quando o encontrarem, se o quiserem ver, vão passar por cima dele como fazem e fizeram com todos os outros. Mas desengane-se aquele que pensa na alma feminina como errante à procura da virtude perdida. No íntimo desconfiam e admiram o homem íntegro, mas como medem a inteligência dos outros pela capacidade para a astúcia e de enganar os semelhantes, o homem franco que tenha o azar de ficar em suspenso por uma destas mulheres é como disse, trucidado. Perdem-lhe o respeito assim que o corrompem (justificando a sua confortável mundividência de que o mundo é corrupto e os sãos são doentes porque limitados ao jogo interior de adesão à virtude) ou que o sentem vulnerável. Um homem íntegro não dá luta a não ser se for para o corromper. Por isso se mantém afastadas destes, por lhes lembrar o que não são. Precisam mesmo muito de se sentirem inteligentes e a inteligência básica é essa de conseguir dar a volta aos outros num jogo de charadas em que perde quem se deixa colar. Su não tinha pretensões de qualquer pensamento aprofundado e fundamentado sobre qualquer assunto. So tinha. Mas ambas partilham a mesma aversão a citações, confundem-nas com manientas manifestações de erudição ou submissão abjecta a palavras mortas. Nenhuma pensa que citar seja dar ao outro a possibilidade de ver por si. Nenhuma se considera superficial, embora Suzi não tivesse qualquer passatempo que não passar o tempo livre na praia a pescar surfistas. So deleita-se na companhia de quem lhe prolonga a fantasia, o seu mundo de Pollyanna, no qual a sensibilidade é exacerbada por documentários artísticos sobre os males do mundo, ou no mundo de néon onde se perde o sono e a figura por falta de descanso. Ambas utilizam o silencia como arma sempre que acham que é eficaz. Su quando apanhada em falso, So quando acha que o peixe esticou a corda. Paula usava o silêncio para sentir o conforto do imbecil que se mantinha no séquito. Qualquer mulher se sente mais segura com um séquito com o qual não tenciona foder. Só depois de um príncipe encontrado que corresponde a uma ideia feita mas não assumida é que o amor surge, por definição prévia do amável. Lembro certa vez Su vogando por casa nua de porta aberta para toda a rua ver. Espreitou-me no cimo das escadas e me escondi mas sei que ela me viu. E continuou nua descendo as escadas para a casa de banho sabendo que eu lá estava e fingindo-se surpresa quando me viu e esperando uma crise de ciúmes pelo que me ri. Su não respeitava as mulheres que por mim se revelavam interessadas na altura. Para ela

eram todas tansas. Porque eram todas pessoas de boa índole e sem o grau de complexidade de manha que ela tinha e que achava como assertivo de inteligência. Para Su, se era uma pessoa simples, era estúpida. Muita gente funciona assim, como critério e avaliação dos outros. So foi a mais indigentemente ligada a este saloio modo de estar. Para So, desprovida quase por completo de vida interior pois era incapaz de estar sozinha sem documentários que a distraíssem de pensar, só o desconhecido ou o semelhante eram dignos de ter brilho. Liga-me certa vez às tantas da manhã com uma conversa sem sentido e frisando que estava bêbeda e acompanhada, a qual como depois compreendi não era para mais que fingir um interesse revelado através da desinibição alcoólica. Su também uma vez fingiu querer debater «O Nascimento da Tragédia» pensando que assim me arrancaria da apreensão constante, mas quando se apercebeu que eu era capaz de passar 30 minutos a falar sem pensar em sexo, afinal, o seu terreiro, desistiu suavemente de conversas interiores.

A melhor forma que tens de perceber se a mulher que frequentas gosta de ti ou é apenas mais uma pobre alma torturada, é falares-lhe daquilo que realmente gostas, e vais ver que se ela gostar de ti, se cala e ouve até ao fim. As outras esperam que te cales para continuarem a sua conversa. Umas escutam-te, outras esperam que te cales. Não abuses da receita a não ser que a queiras entediar. Su por duas ocasiões revelou a frieza da sua análise e por muitas mais exigia a minha entrega total, precisava de se sentir vitoriosa. Uma foi quando do nada me revelou que achava que sabia porque as mulheres se apaixonavam por mim e outra foi quando eu  num carro com 3 mulheres ela incluída, monopolizei a conversa mantendo toda a gente bem-disposta, ela interpretou como se eu precisasse de dominar as mulheres. Como dizia o amigo Freud, ao falar de algo ou alguém revelamos muito sobre nós e que delicioso foi ver que a pobre vítima do mundo era incapaz de um ‘momento de cumplicidade’ verdadeiramente sentido. E é esta a sua força e a origem da sua falta de carácter. Não falo mal de nenhuma mulher em particular ou geral, apenas exprimo o resultado das minhas observações. Portanto, não sei bem que pretendo com este texto. Nada tenho mal resolvido senão as limalhas de entender que há uma semelhança nos métodos, e que mulheres assim nunca serão de ninguém, estão cicatrizadas para a vida.

XL

**Aspiro**

Como soluço chorado no peito da noite espreito a janela do teu quarto onde desejava estar a fazer amor, a macerar o meu corpo em espasmos que me esgotassem de dentro para fora, e poder em paz poder falar de amor sem o esperma a pressionar-me as têmporas.

Limito-me a beber a chuva que recolho no meu rosto através das arestas que culminam nos meus olhos apontados para teu quarto. Deixei-te num pilarete um livro com meses de confissões para nós enrolado em plástico para proteger da chuva que teima em querer desfazer qualquer papel testemunha da minha obsessão por ti.

Horas acompanhado pelos cigarros que não fumo a partir a cabeça a tentar perceber um mundo que me interpela e me espanta pela complexidade que não se adivinha e me esmurra na cara sempre que parece que o estrangulo com uma chave ao pescoço. Horas a confessar-me para ti em assuntos que te passam ao lado como cometa profetizado no dia da morte de César  e queimas tudo como um bando de folhas murchas que varreste no jardim.

Que lição me deu a vida nesse dia, a do eterno abismo entre o meu mundo interior e o que morre fora de mim.  Não entro mais em casa que não me convida, e guardo quando consigo os labirintos da minha cave, apesar de o som que vem do mundo chilreante me usar como caixa-de-ressonância para ampliar o próprio ruído a que chama música.

Passeio horas a lembrar as curvas do teu rosto os teus cabelos louros e pretos, castanhos e como a minha mão caminha tacteando todas as curvas do teu crânio e a ponta dos meus dedos sentindo a tua pele oleosa, seca, quente ou com cadáveres de laca, massajando-te afagando-te, em carinhos que achas infantis.

Como rotundo fracasso, forço a minha entrada em rectangulares sucessos adiados, que derivam entre abraços masculinos com validade genética.

Caminho sozinho de mão dada na tua, pela noite junto ao rio, com vento estival sussurrando na nuca, e um arrepio que pressagia o Outono, e sinto que tal como as estações do ano, o tempo passa em ciclos de morte e renascimento, e que nunca mais vou despedaçar meus lábios contra um jovem rosto de coração

destravado, morre dentro de mim como ampulheta sem gás as ilusões que faziam bombear o entusiasmo que dava vida à vida, parecendo que vou estagnar num ocaso lento sedento pelo último raio de sol.

Tanto procurei  por entender que a magia esboroa-se como fatia de pão quinzenal deserta de entusiasmo por caminhos não trilhados e tempo para os trilhar.

Onde encontrar outra viatura que acelere a fundo o pedal para chocar comigo de frente num abraço de cuspo e suspiros já não podendo adiar a distância que oprime, cessando a individuação, onde encontrar a refém que me arranque da humanidade consciente que é sentir o seu desejo puro cristalino directo e sem desculpas ou paragem nas boxes, alguém que sirva de escolho para meu casco naufragar violentamente que sorva avidamente o que a vida lhe dá sem a pretensão de controlar cada diástole e que seja como eu humana, presa de si mesma e do pulsar que nos une a todos na carne e nos afasta no espírito?

Viras-me o traseiro que se aninha sob o abraço que te dou, e logo a natureza me chama para o transe a energia teima em não morrer moribunda fingida sob a indagação se sou eu uma ficção, ou se o mundo que me rodeia está pejado de autómatos.

XLI

**O pequeno dâimon**

Quer a fortuna que eu viva num latente desespero, tenso entre aquilo a que não me submeto e a gratuitidade de não ter aquilo que desejo.

Quer a fortuna zombar comigo não me dando exactamente aquele pouco que sei que quero.

Que jogo este tão cínico e irónico, parece que sigo o rasto de um animal que se esvai em sangue ferido de morte, apenas para me aperceber que esse animal sou eu e que ando a arrastar-me em círculos.

Servem as relações para ter acesso ao lado humano que o meu está programado para procurar, as mulheres. Gosto de tudo nelas e só as minhas arestas de insegurança me impediram de mais felizes desfechos no que concerne a relacionamentos. Não sou uma pessoa fácil, reconheço, não sei muitas vezes como lidar comigo, e até sou marreta o suficiente para fazer exactamente o que quero ou o oposto do que outrem quer só por forma de teimosia e de vincar o meu ponto.

E acima de tudo, sou algo observador, e ainda ando atrás de uma estrutura. Tento dar sentido às coisas, e

não gosto de dar o braço a torcer.

Quase qualquer mulher me arrasta para uma relação, pois não sou muito esquisito em relação à porção de humano que me é dada aprender.

Gosto de tudo nas mulheres menos daquilo que mais as caracteriza, a sua capacidade de vender o corpo coquete como forma de jogo eliminatório, o tal critério que aufere a escolha de parceiro.

Tenho-me torneado em torno dessa questão tão própria e composto formas de imitação, inovação ou rejeição ou seja de entrar ou não nessa dinâmica. Ora nunca gostei muito de sabujar ou arrastar pelo fundo de lagos de maior ou menor dimensão, e muitas vezes sinto que isto é uma desculpa para falta de habilidade em conversas moles. Mas não consigo esconder que a obsessão pelo sexo me cega. É o sexo que me faz ver.

Não me consigo contentar com o sexo do metrónomo, em doses saudáveis e moderadas, só vejo sentido nesse acto tão pouco original, quando me encontro numa maratona para passar além do monte do orgasmo e ver a nova paisagem que se promete. Só a exaustão total é para mim o ponto médio de satisfação. Esqueço-me por vezes que lido com outros seres humanos, que se calhar querem algo mais que serem os veículos do meu Nirvana sempre adiado.

Adoro congeminar teorias acerca da vida depois de exangue de esperma, coberto pela minha sudação e pelo calor dela ofegando perto da minha derme. Ideias e fodas andam de mãos dadas neste meu mundo. Só ao início gostam elas das minhas teorias.

Quando me tomam por garantido ó meus amigos, que o tenho preso por uma vulva, as teorias começam a enfadar e a minha necessidade inesgotável da próxima dose dá-lhes a segurança interna de que o peixe não vai a mais nenhum esteiro no Oceano.

Não me considero mais masculino que o meu próximo, ou mais dotado, apenas sinto o que sinto quero o que quero e exprimo-me assim.

Já nem sei por onde escolher, escolho as que prometem companhia na exaustão, e me saem como beatas indignadas, e as mais impolutas voltam à casa como caracol, assim que a necessidade de transgredir a moral para fisgar o peixe se esvai.

Não sou eu que as saco, são elas que tentam a sorte, e eu vou à boleia nos seus corpos.

Quer Deus que nunca chegue perto daquilo que me faz correr. Tenho nos cornos uma programação que em momentos vitais me faz bamboleante.

Virar-me para os homens também não é solução. Jogam os mesmos jogos, com um pouco mais de virilidade, mas em velhaquice de manual, estão em pé de igualdade, além de que não me atrai. Resta-me o consolo de me pensar em possibilidade de escolher entre o celibato e a devassidão, sabendo desde sempre que nem ao mar nem à terra pertenço eu. Dá-me vontade de colocar anúncio no jornal oferecendo o meu corpo a todas as ninfomaníacas disponíveis e fornicáveis, mas já dei algumas fodas a contragosto, e não foi coisa bonita de se ver.

O corpo tem de me agradar e a alma não me desiludir.

Dure o tempo que dure, a fonte seca e me lembro que não sou autónomo, vivo para cona, e mesmo que abdicasse como rei caduco, apenas abdicaria por reacção e nunca de peito livre.

Posso restringir-me a punheta ou a punheta alguma, mas estou apenas a varrer para debaixo do tapete.

Vou construir um harém, e perder o amor em monólogo que tenho. Não o tenho porque não há diálogo. Ao menos na caça ando distraído com  a possibilidade de alfinetar mais uma vítima.

Sempre acreditei que qualquer forma de restrição era anti natura. Não entendia o regramento de Platão, afinal ele tem razão só a a partir dos 40 é que começa a fazer sentido.

Conheci alma semelhante, Susana, mas mesmo ela por vezes fugia. Com duas iguais, talvez os meus problemas estivessem resolvidos. Mas quer a fortuna que eu amanhe o barro que o calcário me dá, e assim nem à mão mato a ansiedade vinda não sei de onde que me fustiga como onda que maralha no farol.

Vejo as jovens ninfetas com as carnes hirtas e debutantes e mato logo à partida os pensamentos de ‘e se...’, pois a paciência que nunca tive se esgota cada vez mais, só de pensar. Resta-me apreciar e deixá-las descobrir-se com pessoas da mesma idade, pois que ave de rapina seria eu estendendo a minha caminhada sobre os pátios alheios?

Belas pernas, boas mamas, excelentes traseiros. Ando todo o dia de óculos de Sol por Lisboa desalmada, para poder comer em paz e em segredo todo o decote incauto, todo o tom de ple insuspeito, todo o menear de anca desabafado. Não há punheta que me compense a obsessão, e se houvesse, já não tinha gervásio para isso.

Caralho da testosterona. Leio por aí as idiotices do desejo feminino igual ao masculino e eu como outros só podemos por as mãos ao sobreolho e pensar onde raio moram essas mulheres quentes e fornicadoras, pois que nenhumas a bom gosto transitam nas nossas ruas. Todas essas conversas mais não fazem que o lugar de placebo para uma ideia de igualdade em relação aos homens que elas querem ter. Já não basta usarem sapatos iguais, querem acreditar que a natureza as fez iguais, mas é problema delas acreditar em quem lhes mente.

Ser homem é um inferno. Pensar em sexo 24 horas por dia, só se deixa de pensar em foder quando a pila dói a cada erecção e mesmo assim só deixamos de pensar quando pensamos em não pensar. Produzem os colhões espermatozoides aos milhões, sem acto consciente da nossa parte. A natureza que em tudo coloca parcimónia e economia de energia e processos, não ia escolher a tomateira do homo sapiens para dar a sua festa de abundância.

Transfiguro-me no acto, preocupado em entregar-me ao prazer, em dar prazer e à espera do *Kundalini*, mesmo que implique a minha morte, morro sempre na praia.

Nas vezes em que a pila murcha e supostamente o orgulho do macho lusitano decai, sei por minha luta é só uma onda que não beija a praia até morrer por mais mulheres que foda vou sempre ter de olhar este demónio de frente, e afinal isto nada tem a ver com elas.

Reduz-te cara amiga às tuas espiritualidades cor-de-rosa, de auto ajuda e de energias positivas, eu tenho o pequeno demónio vermelho da testosterona, e por mil infernos passo no que te fascina porque não entendes.

XLII

**O percebes**

Vejo a espuma urrar em recta de aceleração rumo a meu rosto.
Amo-a.
Choca contra mim com toda a fúria indiferente de que é capaz.
Nada sou entre ela e a parede de rocha em que me encosto. Limito-me a adorar a força com que me envolve, e a agradecer tudo, a forma como se vem na minha cara com espuma e borbulhar indiferente a mim, ao que sou, que nem roça o seu desprezo pela minha existência.

Dás-me Susana, com tanta vivacidade de cor, todos os tons que consigo apanhar com as mãos, de muito do que seja uma natureza humana.

Os estranhos sms a início, os telefonemas esfíngicos, a troca de pastilha e de línguas lábios nos lábios encostados, no bar do Bairro Alto onde te indignaste por me sentar de lado e eu soube que algum interesse terias em mim ou em estender o teu poder sobre mim, querias-me ver de frente, não não via ainda a parede de rocha colada nas minhas costas, mas já a suspeitava.

Munidos com o lastro com que naufragaríamos, trocámos amassos pelo Príncipe Real, fantasia por mim guionada e por nós representada, levada por ti à cena como forma de me captares o interesse. Tinhas interesse em captar o meu. Não por medo de me perder, porque nunca me quiseste ganhar, mas por me quereres prender, para servir de reconfirmação, mais uma, da tua autoimagem abonatória de ti, sobre ti mesma.

Levei-te a casa e acabámos por visitar o teu quarto onde tantas tragédias e comédias representámos, onde iluminavas a divisão contígua quando acordavas às 3 da manhã para me ir ver as SMS do telemóvel...ou quando saias de cima de mim para atender o telemóvel ao teu *ex* namorado.

Bons tempos que recordo com saudade.
Ia-me despistando a caminho da Covilhã por exaustão da noite anterior e vi um outro lado do teu bonito rosto, após a embriaguez tomar posse, vi-te mentir, vomitar dormir no carro com outros enquanto esperava por ti, até apalpá-los à minha frente, não fazia, não faz mal.

Vejo-te como onda que me passa por cima para chocar com a rocha atrás de mim.
Tomavas banho e passeavas nua pela casa de porta aberta para que te vissem da rua por entre beijos

conjugais me falavas das performances sexuais de velhas conquistas sempre na fila para um matar de saudades.
Vi tantas cores daquilo que sei hoje acalmaste, e tomas freio no calor que te envolve como quando te beijei e vi um sincero corpo necessitado de amor, mas magoado por dentro, e como acalmaste, perdeste a graça...morres agora pelas memórias que magoam cada vez mais assim que as sufocas, e...

Eu que adorava continuar a ver todo o Oceano que te empurrava de encontro a uma rocha e o vosso filho afinal teu e do mundo era no fim de contas o meu sustento por entre espuma branca e borbulhas espumantes olho a linha de água de frente.
Repousa, repousa em paz Susi.

XLIII

**Estrada de Damasco (II)**

Alguém algures disse que no amor e na guerra tudo é permitido.

Não vejo necessidade de distinção.

O amor é a continuação da guerra por todos os meios.

Sim, tu gostas dela, e ela gosta de ti. Mas a que esforços se dedicam para chegar ao fundo do outro, para se arrancarem à mediania da mediocridade onde um mundo consensual e balizado vos fornece os contextos em que se conhecem?

É guerra. Nada mais que guerra. Schopenhauer dizia-lo, não sem um amargo de boca.

Pura, cristalina, sem remissão, sem quartel, sem qualquer pensamento de derrota. Guerra, total, urbana, civil, fratricida.

Guerra.

E no entanto só tu és acusado de ser soldado. Para ela é sobrevivência.

Ai, os homens são todos iguais, mentem com todos os ossos do corpo, fingem, manipulam, representam. Escutas isto geralmente da boca de quem passa 2 horas por dia a maquilhar-se para ir ao supermercado

mais próximo. Ou de alguma mimada a quem a beleza concedeu alguma ponta de arrogância.

Tu sabe-lo. No jantar com que a fisgaste, meteste o teu melhor fato, e até a tua barriga era menor porque cuidavas do teu aspecto. Queria-la tanto na ponta da tua boca, que afogaste o sentimento de estares a ser falso, fingido como se fizesse parte da guerra, e como as coisas são assim.

Fingias ser porreiro avesso ao ciúme e à posse, sensível e moderado, ou estouvado e imprevisível de acordo com o que manipulador lias que ela procurava. Mentias a ti mesmo, que engraçavas com a miúda e que os teus critérios nada tinham a ver com um apresentável rosto simétrico, um par de mamas e um rabo apalpável e invejável.

Fingias ser respeitável e sóbrio, e até ofereceste prendas aos pais dela no Natal, até a emprenhares e garantires tua.

Fingias ser o mais útil e ajuizado dos homens caindo no fosso de tentação, de lutar sempre pela aprovação de familiares e amigos dela, de forma a que ela perceba sempre que é uma tonta por te largar, que grande partido és que já nem te reconheces, até porque nunca te conheceste.

Depois de a fazeres casar, mas não convencido do anzol de latão no seu beiço, é outra maratona que começa na tua degradação, que pintas com a cor falsa da maturidade que tem de ceder, escondendo o jogo, a guerra.

Vestes bem, és extra simpático e atencioso com ela nos jantares de amigos, onde te esforças por impressionar não vá ela perceber que és uma fraude. Extra defensor das mulheres como se precisassem de defesa tua, só para agradares e garantires a tua dose de cona conjugal.

Tentavas impressionar na cama, ansiedade de performance levava-te a perguntar se ela se tinha vindo ou se tinha gostado.

Perdias minutos que pareciam horas nos preliminares, e depois de te vires davas-lhe beijos e afagos na cabeça, a não ser que nela lesses que tomava isso como sinal de fraqueza tua.

Se fodia bem abrias-lhe as portas quando andavam na rua, se não fodia, ainda eras mais servil para continuares a garantir a dose de mau serviço.

Passavas horas lambendo aquele clitóris, até te doer o maxilar só porque teimavas que ela tinha de te pensar como o melhor amante que conhecera, e não te querer trocar por outro.

Fingias que não querias estar longe dele, e assim que em privado saltavas para aquele jeito teu de não tomar o primeiro passo muito obviamente apenas o suficiente para ele pensar que o desejas. Em loucuras calculadas baixavas-lhe as calças e lambias-lhe o falo com a mestria que tinhas aprendido na tv ou na tua peregrinação amorosa, mais entregue a perceber o mecanismo que em te entregares ao momento, afinal podes ter homem com um estalar de dedos.

Ele adorava-te por isso. Assim que te abria as portas, e te colocava gentilmente a mão nos rins quando te tratava como princesa, sabias que as outras por aí não estavam a fazer um melhor serviço que tu. Fodiam como coelhos, até que te começaste a fartar de meter a sua pila na boca, com cabelos e cotão das cuecas de algodão que usa.

Nojo, é por ali que ele mija, e assim que queres ele dá-te a água para apagar o fogo do teu desejo, para que não lucrar com isso obrigando-o a tratar-te bem? Não sejas parva.

Só o impressionas até garantires o anzol de aço bem cravado nas suas guelras.

Sabes que ele não vai a lado nenhum. Ele sabe que tu não vais a lado nenhum. És boa para mulher dele e ele para te criar os filhos. A reificação anula-se bidireccionalmente.

Ele fode por fora, outras que lhe dão o que lhe deste ao início. Ela fala de outros com as amigas quando saem e tu pensas que falam de crochet.

Não há dia que um colega de trabalho não a assedie, e ela não responda com um sorriso de quem sabe talvez um dia, ou de que finge que é só simpatia por parte do aspirante que manda o barro à parede.

Por vezes até ele fica tão desleixado que começas a puxar por ele contrastando com o moreno de colarinho imaculado e bronze windsurf que todos os dias te diz que tens um sorriso cremoso.

E tu estás presa a um voto, que é apenas um voto.

A corda ensebada perdeu o brilho e tu o ascendente. Tatuas estrelas na mão ou *piercings* no umbigo, ele na perna da bola e faz penteados *tomahawk*.
Ele imerso em novas actividades que o façam dinâmico a teus olhos, ela cada vez mais adulta e entregue aos filhos, fazendo-o sentir um poucochinho culpado por não conseguir igualar em amplitude o sacrifício.

Ao fim de uns anos, se ainda continuam juntos e os filhos não de pais separados, amoleces as mãos ao calor da lareira e perguntas-te que caralho é aquela pessoa que cintila por detrás de uns olhos apagados.

XLIV

**Lapsus Linguae**

Após o primeiro orgasmo a satisfação do alívio escorreu pelo meu rosto sob os auspícios de um terno sorriso, olhando para ela com um coração aberto de carinho, no qual me pareceu ver uma alma da outra margem que vinha ao meu encontro, em vez de me tornear para perceber o meu perímetro.

Essa ilusão trouxe-me alegria, parecia ser humana.

Mais tarde confrontada com esse raro momento apelidou-o como um acto de cumplicidade entre duas pessoas.

Fiquei a pensar nisso. O cuidado em não dizer manifestação de amor, mas sim, um acto de cumplicidade.

Não poderia sentir amor, coisa vaga e sem contexto definido.

A mulher hodierna que trata a vida por tu, vai além da foda e do envolvimento emocional. Não se entrega, especialmente a merdas que a podem magoar, e às quais no fundo já não dá uma migalha de crédito.
Estas mulheres adoram-se sentir emancipadas através da frigidez emocional. Maturidade para algumas delas, não é a consciência do abismo que faz borrar os pneus, maturidade é a recompensa de se terem condicionado a não sentir, a procurar as estradas menos sinuosas onde a serpentina da paisagem passa por caleidoscópio da rotina do entulho.
Exultam nos seus vestidos negros voluptuosos pela capacidade em controlar o sentimento ou nada sentir, por claro contraponto ao estrogénio da puberdade.
Confundem o estar-se vivo com fígado de boi cru em mar de tubarões, o frenesim da fome passa por celebração de vida.
Ao vir-se reservam-se ao sentimento do seu corpo, e ao fazer vir, enaltecem com a perfeição técnica a vaidade da sua alma.

Dois celebrando a vida através de esporra e ofegantes espasmos, faz parte de um quadro asséptico e calculado, normal como um mundo sem deuses.
Dois celebrando a vida através da missa que o corpo em *Agnus Dei* derrama, religados após extenuação celular até às mitocôndrias que arrebanham os lençóis, de mão dada e felizes por juntos, é ideia estranha e tomada por ficcional e digna da pena do leproso condenado ao ostracismo de rarefeito contacto humano.

A tudo o que lhes confirme a lógica e a fantasia dão valor.

Á criança que sentia outrora, contrapõem a madona pétrea e calculista como forma de sentirem uma evolução naquilo que chamam de vida.

Cumplicidade implica mais um acto consciente e adulto que se pratica a encoberto de uma noite social em uníssono com outra pessoa cada um fechado na sua individualidade, pois é isso que significa ser adulto. O auto controlo, a noção da nossa falência por cada pecado que inevitavelmente cometemos…cumplicidade…é tão seco ser adulto e pode até deslumbrar como videoclip de uma radicalmente nova música, mesmo que use as mesmas notas, cumplicidade do mesmo coração desgastado pela repetição aborrecida dos amores e desamores, onde a entrega já não é possível senão enterrada na mesma imaginação fácil e em solitude, que a arrasta para a acção, mas depois a faz escarrar para cima daquilo que acha que já controla e domina.

Assim o cúmplice é aquele que pactua com a sua própria relativização enquanto ser humano que endoidece pela foda e pelo toque da carne, pela carta aberta e cheque em branco em devassar o corpo do outro com língua luxúria saliva e suor, para o caralho com a cumplicidade.

Apenas o frio e a seca, os despojados de sentimento falam em felicidade adequada.

Vivemos num viveiro de gente desapaixonada dedicada a celebrar a sua fantasia de verniz, incapaz de acometimentos e loucuras descontroladas, cada vez mais ficções de si mesmos, e tal como So, com as raízes secas como planta defunta em vaso de terra desidratada.

XLV

**Condição suficiente**

A comida sabia-me a palha de papel, insonsa e inodora.

O apetite cultural e criativo já não me movia.

Em nada acreditava ou achava que valia a pena.

Só me lembrava da vacuidade das promessas que ela havia feito e não cumprido. De como me parecia amar tanto no passado e abandonado sem razão, enxotado para fora da vida dela.

Partia a cabeça à procura das minhas falhas e culpas, da vergonha longamente assumida e incubada pela crença de uma inadequação ou imerecimento.

Que tenho eu de mal? Onde é que errei?

A cona e sonhos de vida futura, diziam-me agora adeus como mão apoiada em parapeito de comboio que parte, deixando apenas uma dura e grande lição, paga muito, demasiado caro. Mas eu só me preocupava com a cona, com sua falta com a sua rejeição.

O sexo tornou-se uma merda assim que percebi que estava sozinho.

Aqui me tens aqui me levas era o seu paradigma horizontal, e só conseguido a esforço, implorando e prometendo perder a minha barriga de cerveja. No final do curso de que éramos colegas, ela sentia-se já autorizada e ganhando estatuto e eu era apenas um pobre merdas perdido em espantos metafísicos de tipos falecidos há que séculos.

Fugia fodendo, utilizava-lhe o corpo para me esquecer de mim, de orgasmo em orgasmo. Perdia-me em cima dela, esfaqueando-a repetitivamente com meu falo, durante horas seguidas, lutando pela pequena morte que faz tremer as pernas e que ela nunca sentira. Tinha de provar que a conseguia satisfazer, para manter a cona, para me confortar a mim mesmo como garanhão lusitano, para ter a certeza que ela gostava de mim. Para me esquecer de tudo o que uma lucidez irresponsável me lembrava.

Certa vez por teimosia passei hora e meia sem parar em cima dela repetindo o tal ritmo mecânico, abnegadamente indo ou rachando a ver se ela se vinha, se ia ao oásis orgasmático, comigo de pulso aberto de me apoiar na cama e ela alagada em suor, num claro relâmpago de inexperiência da minha parte, que acreditava que era a falta de injecções de carne que lhe causavam a falta de alívio da sua energia e da sua dose de endorfina.

Não se veio, nunca se veio, e eu continuava a achar que a culpa era minha. E ela a pensar que o sexo era uma maçada desagradável e sem graça, uma merda que desarrumava a casa e despenteava o cabelo.

Por vezes dizia-me que eu tinha andado perto. Lambia-lhe a vulva durante uma hora, parecia gostar, mas aorgasmática ela era comigo.

Quando sua respiração e som dos gemidos atingia níveis sonoros extraordinários para a exclamação dos vizinhos, lá me soltava da minha tarefa obsessiva vindo-me de seguida perseguindo a romântica ideia e ilusão do orgasmo simultâneo.

Teimosia, necessidade, insegurança. Ela era linda e só por isso tinha de ser mantida, como um puro-sangue, mesmo que não se goste de cavalos.

Comecei a aparecer a seus olhos como um pobre diabo, um tolo sem futuro, sem nível para a levar na ponta do braço. Mas não podia pensar em aberto desta forma sob pena de manchar a imagem impoluta que queria ter da sua moral. Preferia pensar e dizer que éramos incompatíveis. Ela queria um homem organizado, digno dos pergaminhos que lentamente conquistava.

Feito estúpido sacrificava-me em calculismo e sentido de dever, ia ter com ela a casa ouvindo-lhe as lamúrias existenciais, sempre na esperança de que teria cona se pedinchasse o suficiente, ou apenas se o meu amor estivesse bem-disposto.

Não conseguia quebrar a linha com quem me havia apaixonado, e já havia há muito partido deixando-me em cais aguardando seguir para outra margem. Nada tinha que comer nos dias que lá passava, raramente me dava algo para comer, ela que também se alimentava mal, e com a mãe me censuravam se lhes dava cabo do queijo ou do chocolate. A minha voz interior soluçava ser demasiada humilhação, mas a puta da esperança de tudo voltar a compor-se, dela não ter agorafobia ou ataques de choro. Considerava-a doente e queria ampará-la, sem perceber que adoecera junto, culpando-me por querer fodê-la mas também não o conseguindo evitar. Sempre que retornava a casa, vogava vazio e frustrado, estar na minha pele era um

veneno mortal.

6 meses muito bons, ano e meio mais ou menos e 2 anos de merda.

Eis o sumário.

Instintivamente queria continuar minha amiga sabendo dos meus sentimentos por ela. É uma capacidade feminina épica, fazer corta mato sob os sentimentos dos que por elas ficaram em suspenso, onde a única saída é o polido e cínico 'ficar amigo'.

Algumas mulheres são como as hienas, medem as presas pela altura, descartando-as desdenhosamente se são mais altas delirando ainda com as suas janelas de possibilidade em aberto.

Assim foi, descartou-me mesmo depois de me ter dito que me queria para sempre e de ter acendido umas velas na igreja e na areia da praia.

Um refrescante novo mundo banhou-a na cara, a vida revigorava lá fora. Pelo meu lado passei uma semana a ouvir a música do Moby, *Why does my heart feel so bad?*.

Sentia-me no fundo do poço, rejeitado e isolado no Tarrafal do falhanço. Frustrado também por ter aguentado dois anos sem foder. Quer dizer, sem foder com ela.

Ambos lamentávamos. Eu por ter perdido uma fêmea apresentável, e invejada pelos outros, a minha fonte de validação, ela por ter perdido precioso tempo comigo.

E agora como vou foder, pensava. Não fazia sentido foder com mais ninguém.

Preocupava-me a minha dose regular de endorfina.

Lembrava-me do seu olhar  absorto e judicativo, tanto menos inquiridor, enquanto eu a fodia, sozinho e desacompanhado…neles se lia a sua inquirição acerca da condição humana e a fraqueza dos homens, na sua aflição pelo calor do corpo de uma mulher.

Nada como uma mulher que não se vem contigo, para filosofar sobre ti de perna aberta. Espectadora judicativa sentia-se como Tomás de Aquino perante o mundo.

Andou uns tempos por aí aos caídos, desprezada por gajos que a fodiam como prémio de consolação. E contava-me. Eu sentia um misto de revolta com uma profunda mágoa, que me dava vontade de chorar, por perceber bem porque era descartada por uns e idolatrada por mim. Esta cadeia trágica só me lembrava que a sua total ignorância sobre os motivos, a isentava dos juízos sobre mim e me colocava no lugar do gajo que não se vem e filosofa de perna aberta, via nela portanto a encarnação da mulher presa ao seu destino, o seu corpo como dizia o Estagirita.

Percebi então que a cona não é mais importante que a pila, e que não é apenas um controlo emocional do ser de matéria superior sublimada em contos de fada e cantigas de amor, que determina a menor dependência do sexo que as mulheres se gabam de ter. Há também uma epidemia de falta de saúde.

Abre olhos sinistro. *Ishtar* tem pés de barro.

Ela preferia uma realidade que lhe confirmasse as crenças mais secretas, especialmente a de que tinha pouco valor. Qualquer amor por ela sabia a falso, incapaz de se deixar amar, ou de conviver com a sua ipseidade.

Naquela altura de nada me valeriam todas as palavras e ideias do mundo. Se eu voltasse atrás e comigo falasse, o eu do passado ia fazer apenas aquilo que pensava na altura.

Não estava preparado nem tinha humildade para isso. Estava esfomeado e acreditava viver num mundo de fome e desespero, e quem tem fome não é alimentado. Passei ao lado de muita cona, mas isto é só o sombrio reflexo desses tempos, como se lamentar a cona perdida não fosse confirmar o valor excessivo da mesma.

Conheci miúda análoga, etiquetada com o *Bolero* do Fancy, que tinha como a anterior a nitidez de como faziam avaliações de mim, do homem.

Esta ia buscar valor à sua actualização temporal, e não provando a si mesma que era capaz de superar os desafios a que se propunha. Esta tinha mais espírito de rebanho, se bem que para se sentir especial tinha de se mascarar de ovelha  de lã negra ou de cor minoritária.

A primeira lá vomitava e chorava, mas ia em frente rumo à prova a superar. Esta comparava as penas e as escamas com aqueles que se enquadravam na sua definição de actualizados, e actualizadas.

Eu sabia que só um homem capaz de lhe captar a atenção se diferenciaria dos demais. Ela queria provar a minha vulgaridade dando-me por garantido, que ocorreria assim que eu fosse meigo para ela, o que na sua ideia correspondia a não ser adulto, igual aos despojados a quem se entregava no zénite da sua fantasia.

Muitas mulheres acham que por te abocanharem o falo com a vagina, ficam a saber tudo o que há a saber sobre ti, como que por osmose.

Esta dando-me por comido dava-me por conhecido e conquistado. Cagou-me com a facilidade de quem come dois quilos de figos maduros, e foi tão fácil.

Bastou seguir o padrão de concordar com as idiotices provincianas dela, bastou-lhe dar crédito e levar a sério o que dizia.

Ela gostava do que gostava, não porque isso a confrontasse com algo, mas porque fazia parte da imagem projecto com que se transformara em boneca de si mesma.

As mulheres são óptimas a pentear e a vestir bonecas.

Cada mulher é a boneca de si mesma.

Também não se vinha, não se entregava, e os seus gemidos no acto soavam a desabafos de quem desaperta um parafuso teimoso. Não era um ser humano que estava ali, como a outra que me olhava por detrás do sal do suor. Era outro autómato judicativo completamente perdida na certeza da sua ilusão.

Eu tinha-o percebido, quando notei que nem uma pergunta havia feito sobre mim, ou das rodas que me mexiam, só sabia falar dela, tão certa estava da actualidade da sua ficção.

Quem ela admirava e com quem privava, partilhava-lhe o estilo e os gostos que quanto mais anónimos e excêntricos mais comprovavam o seu gosto de vanguarda, a especialidade do seu ser.

Como típica portuguesinha, tudo o que fosse estrangeiro e radicalmente não *mainstream* era de bom gosto.

Não tinha um interesse geral pelos outros ou pelo que os outros significam. Muito menos em perceber o fascínio que lhe possam causar a início. Fez uma caridade a um sem-abrigo dando-lhe um cobertor. Não por ter a empatia suficiente de sofrer com ele, mas porque precisava de se sentir num grupo moderno e actualizado de gente decente.

E também para poder contar.

Sob certo ponto de vista tudo se pode entender ou explicar.

Cabe a cada um não virar os canhões para dentro e marchar.

Se conhecemos bem a nossa sombra como negar que os outros carreguem também o seu próprio inferno, especialmente se com ele transportam um orifício no meio das pernas.

XLVI

**Breve etologia das paixões - Parte I**

A Arqueologia da fraqueza.

Foi com pouca idade que me apaixonei por aqueles seres de suaves feições e hipnóticos sorrisos.

A cara de uma menina parecia ser uma imagem passível do transe da memória repetida nas paixonites de cada ano, da 1a classe aos linguados da Preparatória.

A princípio a inocência rejeitava tudo o que a Eros pertencesse a partir de um sentimento interior de castidade alva, de proteger intuitivamente a sacralidade do nosso ser de meninos, de não sermos maus ou porcos cruzando a fronteira do desconhecido.
Meu pai incentivava-me a tomar iniciativas, que ele na minha idade já era todo esperto, e eu na idade dele já entendo como me via não como individuo mas como sua extensão genética.

Como tesouro de minha mãe bebia a água fresca e cristalina da purificação para longe da Queda, para longe da brutalidade que lateja sob a nossa carne, e manter um amor puro para com o outro futuro ser de sexo diferente.

O adultério paterno culminava, revelando o acto dependente da fornicação como a suprema traição de minha mãe, bondosa e íntegra por todos os poros, e portanto, quer a rejeição da figura paterna, quer o seu afastamento não me deixaram perceber afinal que graça havia naquele desejo que nos faz escravos.

Os incentivos paternos de me fazer a tudo o que mexesse, contrastavam com o forte sentimento da minha especial existência, não só achava que o mundo tinha de vir até mim, como rejeitava qualquer rosto que não fosse alvo do meu desejo. A incompreensão da minha sexualidade tornou-se uma natureza.

A primeira vez que vi uma revista pornográfica virei-a várias vezes até perceber que raio de interesse tinha aquela ginástica. Mas os meus quatro anos me fizeram perceber que havia uma tensão lúbrica e luxuriante na manipulação de gónadas antagonistas, e isso por intuição fazia sentido.

Na primária, as hipnoses do meu corpo em desenvolvimento ocorriam sobretudo a partir da cara, e ainda hoje me perco por uma cara bonita. A etologia moderna explica que nada tem que ver comigo mas com uma suavidade de feições que acalma a tenra prole.

Não ligava a miúdas até uma me ter tocado pé com pé numa noite de festa de aniversário de minha querida prima e me ter dito que gostava de mim. O sentimento de me sentir apreciado e especial para alguém deu sentido inicial ao porquê das pessoas se enamorarem.

-

A minha estima começou a emanar da forma como me protegia das rejeições se bem que a princípio não pensasse nisso. Rejeitei, ou tratei com maior relatividade, as jovens meninas que se apaixonaram por

mim, e pelo menos duas foram à minha procura a minha casa, para gáudio de um orgulho muito interior e próprio de sujeito magoado pelas dúvidas lancinantes do pai, e pelos seus ataques de vergonha tóxica e desadequação. A validação patente nas raparigas que tomavam a iniciativa provava que nada de errado se passava comigo, a minha mãe exultava com a confirmação da beleza que seu filho tinha a seus olhos, reconfirmado noutros. Ao pai nada se dizia pois a sua ideia era mesmo rebaixar o filho e qualquer sucesso não lhe comprovava o valor, pois eu rejeitava frontalmente abdicar da minha identidade própria. Não era portanto o filho que tinha «sucesso» com as mulheres, era o tipo a quem ele pagava a alimentação e os livros da escola, e que não o bajulava como ele queria.

Os primeiros ameaços de ensaios amorosos ocorreram no clima do meu poder de atracção, contudo não me sentia atraído pela Fernanda dois anos mais velha, embora fantasiasse repetidamente e me masturbasse à exaustão pensando no encontro acordado entre ambos, para curtir e na minha cabeça para lhe mostrar que tinha uma erecção debaixo do fato de treino de viscose com bolsos rotos. Mas se a pélvis chamava por ela, faltava a beleza de rosto que desse significado cósmico, troquei a fantasia dela pelo da Paulinha, sem lhe dar mais cavaco. Rejeitado clara e frontalmente, que me lembro de forma elegante, e a primeira vez que dei comigo a pensar sobre a metafísica da rejeição.

Porque é que o mundo exterior não concretizava a vontade interior deste ser escolhido?

A inadequação de vestes, de atitudes e sistemas de crenças revelou-se como o reflexo de narciso no sinistro lago de onde se mirou antes de se afogar.

Esquece lá as miúdas sofisticadas, não as abordes, há um fosso que não tens compostura ou dinheiro para transpor. A civilidade escolar da República portuguesa dos anos 80, implicava uma divisão em surdina entre os suburbanos mais humildes e aqueles que só moravam nos subúrbios de Lisboa.

Além da beleza era também uma divisão social e económica que determinava o campo de escolha de parceira para ensaios de namoros. Com o crescer da idade isso era mitigado com a popularidade do exemplar em questão, mas regra geral, os filhos de pais com mais dinheiro e escolaridade não se

misturavam com os outros, antes mantendo uma prudente cautela e inglês fleuma em relação aos índios filhos de proletários. Deste casulo latente, emergiram os rejeitadores e os assimiladores.

Ana era uma das assimiladoras recentes. Li mal o seu interesse e deixei-me enredar nos nós psicológicos que não tinha. A vontade de ter parceira para dar o amor e receber o amor que o corpo de dezasseis anos exigia, faziam-me forjar na forja da minha imaginação as paixões fáceis onde arderia a minha inocência.

Andava solto e despreocupado sem pensar em gajedo. Estas são as ocasiões mais perigosas.

Não queria saber de ninfetas, e estava contente comigo próprio, e só pode ser pelo gozo de ver as barcaças estatelarem-e fora do rumo, que as cachopas te querem pegar no leme.

Li erradamente sinais de paixão onde só estavam *nuances* de gozo, ela e as amigas não se riam para mim, mas de mim, seria pelas minha camisas de flanela de cores escuras, das calças de terylene ou das sapatilhas com sola de corda? Como não acreditava isso ser suficiente, só podia ser alguma inadequação minha, que até meu pai percebera desde cedo. Fiquei sem perceber porque faltou ao cinema combinado, e antes que eu conseguisse dizer «celulóide» já andava a trocar saliva e língua com outro, um tipo que eu nem sabia que existia, mas que fazia grandes parecenças de estilo com alguns que eu já tinha visto na TV, na MTV que era novidade de satélite então.Tipo.

Certo, já tinha alguns corações não correspondidos no currículo, mas quem eu queria não me queria a mim, e quem me queria eu não ligava.

A paixão pela Rita foi fulminante, tal como a coragem para lhe pedir namoro, que nunca terminou embora ela tivesse dito que ia mudar de casa, apesar de ter morado na mesma durante mais uns anos. Teria sido pelos beijos que não acedeu a dar, enquanto sugeria que só víssemos um filme? Então era aquilo namorar?

Que raio tinha eu que sucedia em conseguir namoro, e depois sem mais era abandonado sem explicação?

Cheirava mal? Tinha alguma costela de fraqueza fétida em mim, só perceptível aos outros?
Nada disto parecia criar mossa e conheci Camões lírico.

Ele tratava o objecto amado como eu o via, meio divindade, meio encarnação do desejo humano pela beleza.

Leve e liberto do desejo, autossuficiente pelas portas de beleza que as ideias do Poeta escancararam em mim, recebi a fatídica carta da Paula que dizia que eu era x y z a partir de observações que havia feito. O tom literário despertou-me o interesse tanto como a indignação de alguém que me pressupunha conhecer sem nunca me ter falado. Eu havia dado pela sua existência porque era bonita, mas achava-a uma tola.

Houve uma troca de letras que nunca mais deixei viciado por poder exprimir beleza através de palavras pretas sobre fundos brancos, entrando pelos olhos directamente ao coração dos meus amores. Não era só placebo para a coragem que faltava para uma abordagem convencional. Eu pessoalmente não sabia que caralho dizer. «Olá, estás boa? Queres ir tomar café?» Eu nem café bebia ainda. Tudo o que me saia da boca parecia anedótico, e nesta altura já eu era anão, pois todas as raparigas bonitas me pareciam mais altas colocadas em pedestais sobre mim, detentoras de sabedorias fatais e visões raio x que depressa descobririam o atadinho que eu era.

O primeiro beijo foi dado sob a abóboda de uma igreja voltada para uma nesga de Tejo, seguida de um abraço de alegria e comunhão ingénua e profunda. Finalmente havia encontrado o amor e forma de o exprimir, comprimido por anos de incompreensão.

Com a arrogância própria da idade pensava que havia chegado ao destino do «sucesso» de forma relativamente simples e rápida, restava cumprir o que minha mãe me havia ensinado sobre as mulheres. Sonhava por campos de azedas e chilreares primaveris os verdes olhos e os verdes pastos, apaixonado pela paixão, num coração de proa inconsciente e temerária masturbando-se apenas por existir em gesto de celebração.

Foi com surpresa que surgiu o afastamento, e o aparente grito de Ipiranga, como se tivesse estado submetida a grande pressão. Mas foda-se, que caralho tenho eu de errado? Os meus medos já suplantavam o tamanho do Adamastor, e a sua amargura. A repetição do mesmo cenário, e o abandono sem explicação (hoje sei que também se lhes perguntasse não saberiam responder) pareciam confirmar sem dúvida que o meu molde era defeituoso.

Quanto mais fugia da dor da rejeição convencido que eu não era adequado ou suficiente tal qual como era, mais me embrenhava no fatal círculo vicioso de perder personalidade saltando de personagem em personagem procurando uma que fundeasse o meu amor por perto, mais tentava tirar ensinamento daquilo que não entendia (não era afinal eu o desadequado?), mais perdia a minha espontaneidade preso a fórmulas e mandamentos para me nivelar pela imagem dos consensuais outros e das *personas* que eu achava que esperavam que eu representasse.

Fechava-me e matava-me num labirinto de medo que asfixiava a minha individualidade como meu pai havia feito e espantava-me por não ter a liberdade e espontaneidade dos outros.

Criei e reconfirmei a minha autoimagem de desadequado bota-de-elástico indigente de sofisticação. No fundo achava-me uma fraude que tinha de esconder, mas por pudor não enganava bem.

Decidido a não me deixar ir abaixo passei dez anos tentando impressionar a mesma mulher, numa longa fila de conhecedoras da minha falha, vergonha tóxica, imerecimento. Tinha de lhe provar que eu era válido, o mais atencioso, profundo, e um achado bom demais para ela poder largar. Quando ela surge na minha vida eu estava no acme, fresco solto livre e íntegro, livre do desejo amesquinhador. Confundi-a com o zénite desse ponto alto, e mais, se no «ponto alto» a tinha perdido, não podia dar passos atrás e perder a ela e ao melhor de mim.

Dez anos de letras livros oferendas e ouvido sempre disponível Nunca disse «não» também ela a braços com a novidade de ter um séquito que por existir lhe dava a certeza de ser um espectáculo digno de contemplar. O seu orgulho e intuição forçavam-na a jogar no lacónico, o meu orgulho e dedução faziam-me querer que a convenceria a ser minha, se eu demonstrasse a minha intelectualidade, jogando o jogo que ela iniciara, e provando a mim mesmo que após a ter como troféu, me certificaria como certificado encantador de serpentes que já não se enganava nas notas.

Só esmoreceu essa crença quando começou a fazer com os namorados aquilo que planeara comigo, nas conversas que ela esquecera entretanto após a cisão, sob o céu das *trienas*, mas que eu gravara em pedra de minha memória. Olhava-a tentando perceber se havia má fé fazendo-se de desapercebida. Finalmente o mundo dava-me o dom da suspeita, nem tudo o que parece é, e apesar de não perceber o jogo, percebia que não havia maldade pessoal para comigo, eu é que sofria como pessoal a adaga do seu esquecimento, eu preso por um anzol enferrujado que ela arrumara no anexo da sua moradia na qual eu não passava da porta.

Desgrenhava-me sem perceber se era ela que me enfeitiçava, se era eu que dançava serpenteando ao som da sua flauta.

O bom da história é que eu tinha forma adequada de exprimir-me, de um lado Camões segredava-me ao ouvido a verdade fatal que a custo entendi.
Camões é muito sombrio, e profundo. O Poeta ensina que o objecto de amor é senão o isco que faz emergir o Leviatã que pulsa sobre a nossa individuação.

Eu a pensar que eram os olhos verdes, e os morenos cabelos, e o objecto de amor mulher, mas não, Camões fala do Abismo.

No outro ouvido sussurrava Platão, de costas largas, mostrando-me a ascese para fora da caverna e do único sentido, presente na perseguição da beleza.

Via essa beleza presente nas coradas bochechas de Alexandra e ficava concentrado no seu belo rosto à espera que ideias belas me tocassem para as deitar no leito de papel branco, como prisma de luz que faz a cama entre o Olimpo e os olhos da moça que captou o nosso desejo. O prazer de imaginar tardes de juras de amor eterno em abraços na luz de sóis poentes e fontes de águas mornas, era suficiente, tal como 99 punhetas chegam porcamente para apaziguar o monstro que ruge dentro de nós. Só o sacrifício da exaustão justifica a paragem da entrega em altar sacrificial das massagens dos mesmos centímetros de sempre, pode ser que ele se cale esse *dâimon* aflitivo que não nos dá paz. Algumas feministas teóricas dizem que as mulheres querem tanto o sexo como os homens… se elas soubessem...puta da testosterona.

A punheta é a luta que acalma, aclama e apazigua o monstro, é a guerra sem quartel onde o inimigo só para para ganhar fôlego, imortal.

Conseguia sentir a escrito e passava essas ânsias de beleza aos olhos delas, as cartas eram sempre monólogos comigo mesmo nos quais elas participavam como personagens secundárias, mas no momento da entrega oculta, eram elas afinal o destino último de todas as palavras, e depois de me lerem, toma, já estou dentro de vós, ou penseis que é só o falo que penetra?

A Ana também, louco de desejo de suas ancas largas, corpo bonito e feitio limitado. Se passava tempo a observar a chave que punha em marcha o meu motor, começava a discernir os contornos que arranhavam o canhão da fechadura. Ainda era qualquer chave que precedia a embraiagem, mas a dedicação a ler o outro, abria a galeria ampla de pensar a condição humana.

Certo dia Paula disse-me que queimara as montanhas (literalmente) de coisas que lhe escrevera.

Apesar de ter rompido o hímen do hímen feminino, percebi que ela não era senão uma desculpa que de mim para mim arranjara para me motivar a escrever e a andar para a frente, como um dedo que tentamos meter no ânus para ver se damos um passo em frente para longe da desmotivação.

Afinal eu não queria Paula. Queria olhos belos que emprenhassem por minha beleza a escrito.

E fiquei fodido e perplexo, por ter tido perdido para sempre as horas que narravam a minha perplexidade com o mundo, em conversas depois dadas a Paula, em amena cavaqueira da qual ela estava completamente alheia no seu mundo em formação, de felicidade adequada. Usei o meu Eros para me forçar ao restaurante do espírito, e nem o papel da conta tenho como recordação.

Vera apareceu por um amigo e fez-me conhecer a minha faceta de caçador recolector, que não caça nada mas come o que apanha morto. Se é que é possível apanhar mortos.

Pairei como abutre por perto até ela fraquejar. Ela não fraquejou, conhecia perfeitamente, aliás como quase todas, o que fazer para enfeitiçar um homem com desejo. Para elas o mercado da carne é uma imensa xávega, ou melhor, uma pesca de arrastão, retirando cardumes inteiros para terem a liberdade de escolher o mais luzídio corpo de prata que reflecte o céu. Nós pescamos à cana sem nunca descobrir se é uma bota velha, um kraken ou uma sereia que com seu canto e esticões nos lança no abismo errado.

O conhecimento intuitivo da testosterona é uma arte em psicologias femininas. O homem submete-se aos efeitos provocados. Elas tiram deles partido. E sabem tão pouco explicar como aprenderam, como aqueles sedutores da C+S sabem explicar ou transmitir a razão do seu sucesso com o frágil sexo. Tão pouco querem saber explicar, funciona e basta. E até são, elas e eles renitentes em explicar, afinal algo que parece não ter explicação, só fundamenta a crença no especial que somos, se gostam de nós não é

porque existam razões ou justificações, mas porque somos intrinsecamente bons, não é? Por isso grande parte das mulheres foge da Lógica e se dedica à Astrologia, e a tudo o que não pode ser explicado, abarcado por palavras ou conceitos. Se o fosse perdia o brilho, revelava a razão e cada uma teria de refazer a sua auto imagem de maneira subjectiva de onde não retiraria o consolo de ser o centro de um palco cósmico, de onde a toque de sorrisos retiras redes com homens prontos a colocarem oferendas no seu altar.

A mulher não precisa de explicação, isto não é sinónimo de que não percebe a explicação. Pura e simplesmente a dispensa, não porque tenha um acesso metafísico privilegiado, apenas não está tão neurologicamente determinada a descobrir a razão para os fenómenos, a reduzir o mundo a res extensa, e é esse o maior truque e a maior perdição do homem.

Ela é a base do anzol da rejeição.

Todas as mulheres o usam em maior ou menor grau, quanto mais manipuladoras, mais usam e abusam desta intuição.

Toda a mulher sabe na sua voz inconsciente que o homem precisa de razões de porquês, do concreto. De perceber. De reconduzir o mundo à ruminação do seu entendimento.

Se conseguir arrastar o seu amor próprio para o deserto das razões, conseguiu mais um escravo, mais uma oferenda no seu altar, tanto mais valiosa e motivo de orgulho quanto mais a vítima chora e grita de dor após o abandono.

A sereia abre a boca e encanta, e o que ela diz não é lógico, é um canto. E espetas com o barco no escolho.

Assim foi Vera, assim é qualquer sedutor. O sedutor masculino em menor número, quer corpos mas pouco drama. A mulher jogadora vê no drama masculino a reconfortante certeza do seu poder.

O sedutor quer ter o poder de foder quem quer. A sedutora quer saber que a sua existência é uma pedrada no charco do Cosmos.

Vera não precisava de dizer que queria casar. Disse-mo, pediu-mo, fez-me acreditar eu que não sou vitíma que era para sempre e almas gémeas e essa merda toda, a mesma sopa reembalada que alguém lhe cantou a ela quando ainda acreditava. Só me devolvia o ruído. Susana combinou os nomes dos nossos filhos. Às amigas diziam que na altura sentiam isso e que foi um erro dele que estragou, limpou a pila ao cortinado, comeu a torrada ou espirrou para o periquito.

O desgraçado que tome as palavras por valor face está bem fodido. É consumido na fornalha.

Eu prestei-me a isso não como vitima mas como xico esperto que acha que é a manipulação do outro e de si próprio a regra certa para o «sucesso».

E a manipuladora que nos usa sabe sempre onde é o nosso ponto fraco. Sempre.

Bicho arguto e astuto.

## Etologia das paixões - Parte II

II

Um dos esqueletos de Maya.

A razão pela qual me anima a dissecação mórbida dos cilícios suavemente depositados em mim, nada tem que ver com saudosismo.

Apenas e só por dois motivos, um emocional e comum a todo o ser que já magoou e foi magoado, e que tem que ver com a razão, a justificação da violência experienciada.

Por outro lado, o frio e mediato esforço de entender as razões e os porquês dos comportamentos, as estruturas que enformam não só quem nos magoou, mas também a natureza das personalidades semi desviantes.

Desviantes porque felizmente, (em relação ao tema tratado), não são a maioria, embora tal como a capacidade de matar das nossas mãos, a capacidade de pressionar cilício está potencialmente disponível em qualquer ser vivo *homo sapiens sapiens* passível de ser objecto de amor, ou de obsessão.

A razão pela qual me anima a dissecação mórbida dos acontecimentos, expressa em interpretações, nada tem que ver com dores de corno, de cotovelo ou ressentimentos. Faz parte da galeria museológica dos meus amores, apenas.

Não quero voltar, atrás senão nas ocasiões em que magoei, não quero retomar relações, não quero vingar-me de ninguém, embora a dor esteja tão presente que é uma tentação viva.

Mas ridícula também, como se púbere aprendiz de feiticeiro que corre a experimentar feitiços para se vingar de quem lhe roubou o pião.

A compreensão e a tentativa de compreensão própria e do outro, nada tem que ver com impressionismos intelectuais como com Paula, ou como galhardete que se troca anónimo para os possíveis leitores que fazem parte desta história, apenas são o abraço forte e para mim na direcção da 'adaga' cravada à esquerda do esterno tal e qual como Sísifo se ri de cada vez que a pedra resvala montanha abaixo, não é por me magoar que deito fora a experiência humana. Como se costuma citar Pessoa sobre castelos em pedras atiradas, não construo uma ressentida fortaleza, antes aprecio as pedradas em cheio na testa e descrevo-as. Pode ser que seja útil a alguém.

O grande Kant é que a sabia toda, actores e espectadores no teatro do mundo e de nós próprios.

A

Segundo o Estagirita, o destino da mulher é o seu corpo.

As nossas experiências pessoais são altamente determinadas pelos conteúdos emocionais que lhes conferimos, e a partir delas tomamos decisões, elaboramos critérios e construímos visões do mundo e sistemas de crenças.

As nossas ideias do mundo são feitas a partir de uma experiência subjectiva a partir de um ego ignoto e inacessível.

E no entanto com igual força de crença e lógica (segundo a premissa de que se sou subjectivo, os outros não o são menos) temos a certeza da que as nossas suposições são tão ou mais acertadas que as dos outros.

Por isso mesmo os sedutores seduzem, têm uma certeza acerca do mundo e da psicologia humana, que não pode deixar de atrair.

E no entanto a formulação de leis não se deixa apanhar nesta divisão entre tímidos e sedutores.

Em última análise o que diferencia o profeta do suicida pessimista e niilista é a força de adesão a crenças interiores. O que de um ponto neutro implica um grau indeterminado de loucura, ou melhor, de falta de cientificidade gnoseológica e epistemológica.

Os pãezinhos sem sal, e os *born to be wild* desta vida, representam a parcimónia com que a Natureza

sempre opera, nada os parece distinguir a nível celular, senão uma certeza muito própria sobre si mesmos.

Essa certeza releva do processo de formação na infância, no tipo de pais, mas acima de tudo na sensação de auto estima que acompanha em diferentes graus (mas nunca longe de um meridiano estável) a vida do sujeito.

Ambos os espectros parecem ter razão, uns aproveitam a vida, outros não conseguem senão perceber que a lucidez é uma maldição, e não raras vezes acabam na ponta de um lençol pendurado a alturas do tecto.

Como qualquer mosquito que sente que o mundo existe para si, os seguros de si sentem plena convicção na veracidade do seu sistema de crenças, na exacta medida em que rejeitam qualquer outro incapaz desta proeza, ou que lhes retalhe estas certezas solipsistas tão aprazíveis.

Vivem centrados em si.

Os desgraçados deste mundo, cujo amor-próprio pouco lhes serve senão para evitar que sejam muito humilhados, não podem senão pairar em contemplação perplexa daqueles que hipnoticamente têm o que lhes falta, a eles.

Daqui nasce uma crença sobre a diferença de naturezas.

O que aprofunda o fosso entre uns e outros, com reflexos na linguagem corporal que exprime determinado sistema de crenças, na exactíssima medida em que certifica: a) uns da sua natureza superior, e b) outros da sua menoridade.

O sistema reticular de ambos, apanhado neste limbo, apenas se limita a confirmar as certezas interiores de cada grupo, a partir da realidade externa.

Os vencedores desta vida quando apertados com o argumento do papel do meio físico e social (nomeadamente económico) , no desenvolvimento das personalidades, gostam de apelar ao livre arbítrio e colocar a coisa num plano genético, ou no mínimo de «vontade». Os nheques nheques são o que são, porque são inferiores ou incapazes, até porque esta crença dá um conforto e orgulho, pensar que se pertence ao lado «vencedor», verdadeiro prémio ou dose que dignificam e parecem animar a individuação do sujeito, isto é, eu sou dos bons, um lutador e vencedor, mereço o que recebo de bom na vida, a minha existência tem valor, etc.

A adequação ao meio é por isso, (por mais idiota ou cruel que possa parecer) feita a partir do sentimento de individuação e totalmente ao serviço do apego à vida. Para se sentir vencedor o individuo precisa da contraposição lógica e ontológica dos vencidos – se formos todos iguais, que especial sou eu?

Sou bom porque tenho um Mercedes, sou bom porque tenho uma mulher boa, sou bom porque tenho uma casa boa, um relógio bom, e todos os outros adereços que me tornam um vencedor, um bem-sucedido. Se todos os outros tivessem o mesmo eu não me destacava. Se estes adereços externos e internos (um diploma, uma felicidade obstinada, a própria aceitação das regras do jogo e a sua interiorização) comprovam que eu sou bom, é porque me arranquei da mediania, da mediocridade, e portanto a vida vale a pena ser vivida. O sucesso é portanto a narrativa da reificação da minha individualidade. A minha dignidade é indirecta e mediada através de adereços.

Mas a falta de cientificidade de uns, (pois ela pode colocar em causa ou é contrária às suas crenças), não lhes permite ver que o psicológico é diferente, muito diferente, do biológico. Se uma aspirina faz passar a enxaqueca, qualquer paliativo psicoterapêutico é em certa medida ineficaz, pois muito raramente entre os 12 e os 30 alguém vai ao psicólogo, ou acalenta sequer a ideia de passear patologias ou crenças destrutivas.

E admitamos, é neste período que se faz a nossa vida mais memorável.

Num ser projectado para não viver mais que 40 anos, percebemos a genialidade da filogénese ao colocar o mecanismo diferenciador entre 'líderes e liderados', no campo psicológico.

Nos extremos, o balanço é para variar, negativo para os que menos estima por si próprios têm, não raras vezes os egocêntricos chegam a ditadores ou a carismáticos profetas.

A Natureza parece, de acordo com esta lógica parcial, querer limpar da existência aqueles que dela duvidam, ao passo que tornar a espécie mais iludida ou agarrada ao existir. Schopenhauer rula.

A partir dos sistemas de crenças.

É no sistema de crenças que se baseia toda a manipulação.

B

Há um lastro especial nestes convictos portadores de certezas interiores, que é diferenciador.

O relacionado com o objecto de amor.

Devemos aqui distinguir entre homens e mulheres. Os sedutores masculinos, geralmente apenas querem ampliar o campo de relações sexuais, comer tanta vulva quanto possível enamorados que estão pelo género feminino no seu todo. Há também os que exigem algum significado e mantém relações com várias pessoas ao mesmo tempo, e há ainda aqueles que querem dar significado à escravatura da testosterona nem que seja a expensas de bom sexo, e esses casam-se. É simplório, mas para o tema que se apresenta é suficiente.

A sedução feminina tem menos a ver com acesso a pila, (pese embora as estatísticas demográficas, é matéria prima em abundância) que com outros elementos psicológicos bem mais interessantes.

Se em tudo a Natureza joga ou com economia de meios ou com força avassaladora acima de qualquer remota possibilidade, as gónadas masculinas que produzem milhões de espermatozóides todos os dias (quando é só um que fertiliza – e apesar das *Sperm Wars* – veja-se o livro) parecem deitar por terra o argumento das feministas teóricas segundo o qual a libido feminina é quantitativamente comparável à

masculina.

Escravo da sua biologia, parece que o homem tem também o seu destino no seu corpo.

Todas as mulheres sabem isto instintivamente, umas poucas delineiam estratégias sobre este desejo, umas escolhidas, capitalizam sobre isso.

No mercado da carne, a carne feminina é sobrevalorizada em relação à carne masculina, basta sorver a máquina de propaganda de filmes e anúncios  comerciais. A mulher é tornada objecto e não se parece importar com isso excepto se nisso houver conveniente. Generalizo e isso vale o que vale.

As feministas reclamam teoricamente contra isto, mas a mulher comum desde há algumas décadas alimenta as grandes indústrias da imagem, como se o belo sexo precisasse de se mascarar de belo para seduzir os homens, que geralmente aparecem retratados como porcos que pensam com a cabeça de baixo. Algumas afirmam que se mascaram para se sentirem bem consigo próprias, como se a obediência a tendências da moda actualizasse o indivíduo, como se esse mesmo indivíduo se vestiria da mesma maneira se estivesse no deserto. Como se os saltos altos que arruínam a coluna vertebral, ou as calças e soutiens que estrangulam a circulação feminina fossem factores de conforto, nas odiosas horas passadas, por gosto ou tédio, a compor a personagem que se leva á rua.

Se pudéssemos supor que as mulheres se aperaltam para ter o poder do fascínio perante os homens, poderíamos supor que esses malandros são uns distraídos ou desinteressados pelo sexo oposto.

Nem nos passa pela cabeça que o sexo seja sobrevalorizado e propagandeado até à exaustão por motivos de controlo de massas e sustentáculo comercial. Se a escolha de parceiro não fosse hiperbolizada, se a vulva não fosse tornada produto escasso, como funcionaria a sociedade?

Comparada com a moda masculina, a volatilidade da moda feminina, na sua vertiginosa dialéctica, parece indiciar que o aspecto é nas mulheres um factor importante. Não há aqui qualquer juízo de valor, a nossa espécie já foi bem descrita por Desmond Morris, como uma espécie obcecada por sexo, daí o tamanho «anormal» de determinados adereços anatómicos, o maior falo e testículos comparativamente, dos primatas, os seios geralmente inaptos para a amamentação, mas tão apelativos como o rubro rabo de babuíno, para babuínos.

É totalmente natural este passatempo, interessantes são os argumentos em torno dele.

A hipersexualização mediática, além da hipersexualização natural, constitui o mercado da carne no qual a mulher parece ter geralmente mais palavra a dizer sobre o acesso à sua vulva, naturalmente, mas por consequência também na escolha de parceiro. Se e somente se, o conjunto dos homens heterossexuais disponíveis, coincida com o conjunto de homens interessados na vulva feminina, o que é garantido com uma educação e propaganda comercial que praticam a hipersexualização.

Não sei se seria humano ou sequer possível, 'nacionalizar' as gónadas, como na distopia *Brave New World* de Aldous Huxley.

Mas sei que no mercado da carne, o masculino tem menos divisa como moeda de troca.

Penso que qualquer pessoa com intenção objectiva, concordará neste ponto.

Desde tenra idade que se vê a mulher assediada por piropos do sexo oposto, como se cada detentor de falo quisesse demonstrar o seu orgulho viril em cada fêmea que tem o azar de passar pela sua visão periférica. É tanto um desabafo sob o efeito da testosterona como uma justificação da sua dignidade enquanto sexo que dizem ser o «forte». Parece que a definição daquilo que seja ser um «homem» passa por satisfazer a mulher.

Nos dias civilizados que correm, a ênfase desta definição já não passa apenas e de todo pela satisfação física, manifesta em orgasmos suor e saliva, mas a definição de «homem» anda mais próxima daquele que existe para agradar à mulher. Transformado numa não entidade, um bócó, um tolo adorável, sem garra ou fibra, mais preocupado com os humores, e superiores conselhos da esposa, que na voluntariosa intenção de se civilizar cada vez mais de acordo com o que for previamente estabelecido como politicamente correcto.

Vejam-se os anúncios da *MaxMat*, onde o tolo marido aparece sempre sob o escrutínio de uma esposa mais adulta, o da Flora onde por sonhar com uma torrada o marido justifica uma agressão com um

candeeiro, ou o do Ford Fiesta, onde uma suposta inconfidência justifica o auto flagelo para aplacar a deusa irada, ou ainda o recente do Mercedes classe B em que o homem é claramente chamado de criança, numa reprodução do arquétipo do tolo adorável, enquanto a mulher é objectiva, séria e profissional, apenas enternecida pelo tolo que a preenche de momentos divertidos, mas é o *seu* tolo.

Já muito se falou e escreveu sob a definição social dos sexos, mas na publicidade contemporânea parece vingar uma simbiose, os homens parecem apreciar ser retratados como tolos adoráveis, e as mulheres gostam de ser retratadas como o elemento forte, prático, adulto, do casal.

O homem dos anúncios oscila entre o bócó e o primário que vive para a bola, seja na televisão seja com os amigos, e quando quer ser macho coça os tomates ou escarra para o chão. A publicidade capitaliza sobre os estereótipos. Geralmente é retirada qualquer dimensão espiritual ou dialéctica ao homem retratado nos meios de propaganda. Ironicamente são apenas as feministas fundamentalistas, ergo, acríticas, aquelas que mais caracterizam assim o homem do modo selvagem como ele gosta de se ver, porco, selvagem, agreste.

Limitado, como se o limite fosse sinónimo de força de algum traço de carácter.

A glória da mulher passa por uma espécie de cultivo da frivolidade e controlo emancipador sobre o bócó. Veja-se o hino a esta dinâmica, a série «O sexo e a cidade.» Perante este tipo de crítica, as mais belicosas feministas argumentam que qualquer crítica é um medo, raiva ou ressentimento que por parte de antiquados patriarcas, receosos de perderem o poder e que querem controlar as gónadas femininas, limitando-lhes a liberdade de expressão, como se a promiscuidade sexual fosse um traço característico dos homens e respectivamente um direito a obter para a igualdade.

Mesmo para as adeptas desta ideologia, a sua definição não deixa de se fazer por intermédio de outro. Reifica o outro e aliena-se ela. Eu sou muito boa porque seduzo os homens. O seu valor não vem de dentro mas dos adereços externos.

A sociedade do políticamente correcto condena artigos onde apareçam fórmulas para caçar mulheres boas ou para tornar os homens independentes em relação ao sexo, mas abundam artigos pelas Marias e Nova Gentes ou outras formas semi literárias dedicadas às mulheres, cuja missão é ensinar a «caçar *geeks*» ou seduzir aquele homem que combina com o vestido ou com a mobília.

Claro que há reciprocidade, o homem também acha que mulher bonita é estatuto, e serve para mostrar aos outros o seu sucesso. A reificação é mútua, mas mais bem aceite numa direcção que noutra.

A mulher tem carta livre para se tornar objecto e objectualizar o homem. O homem tem liberdade para se tornar uma caricatura de si mesmo, isto se quiser acesso à vulva.

Por isso foi durante uns certos tempos, caricaturada a figura do metrossexual.

A sociedade do espectáculo valoriza a imagem, que é diferente do bom tratamento de si.

Mas o mais sinistro e sinuoso sinal de que vivemos na ditadura da vagina, é a impossibilidade de suscitar qualquer debate ou polémica em torno deste assunto. É o fundamentalismo instalado, a verdade feita tornada dogma. Há os que se calam, e há os que se convertem dizendo-se feministas. A dinâmica é em surdina toda a gente reconhecer a fraqueza física de algum tipo, das mulheres, e ao mesmo tempo negá-la socialmente, isto é, passar um atestado de menoridade ao sexo feminino, compensando-o a decreto, subvertendo a compensação, em valorização social não pelo indivíduo feminino, mas pelo feminino. Assim, o feminista e a mulher recebem ou compensação moral, ou social, por defenderem os pobres e oprimidos, de tão bom-tom hoje em dia. Tudo partindo da negação (obrigatória pela generalização) de parte da masculinidade e dos homens enquanto conjunto de indivíduos do sexo masculino. Esses tolos adoráveis devem trabalhar e vergar-se ao bom-tom do pedinchar moral, raios sou uma besta se não tratar as mulheres, qualquer mulher com deferência.

Lembro de certa entrevista da ex deputada e psicóloga Joana Amaral Dias, em que contava num tom exigente de indignação acusatória, as estatísticas que mostravam maior número de licenciadas a sair das universidades por contraposição os dos homens. Sem enumerar atenuantes, afinal a força dos números o demonstrava, ou diferenças no acesso e conclusão do ensino superior por parte de homens e mulheres. O número bruto assim, parece apenas lançar a suspeição de uma conspiração entre homens, que se reúnem ao Domingo com trajes maçónicos para engendrar novos planos para subjugar o sexo oposto, e durante o resto da semana saudando-se nesta missão através de gestos secretos como coçar os tomates com a mão esquerda ou usando códigos cromáticos nas gravatas diárias, provas de um crime em curso para o qual nenhum iniciado tem capacidade de descodificar.

Como se os sapatos de Joana, os *jeans*, o perfume ou o ar condicionado não tivessem sido feitos também por homens decerto desconhecedores das estatísticas, e que só por isso não se colocam à

margem para darem espaço de progressão a mulheres, tão discriminadas socialmente.

O homem não sofre, não é discriminado no acesso à vulva que não pode obter por si mesmo, e se não lha dão, tem de aguentar estoicamente. O facto de mediaticamente a vulva ter mais valor que a pila, é uma das realidades da vida, intemporais como a morte, e portanto ele que se habitue a ela.

C

Temos portanto de um lado a pressão da testosterona, do outro a instrumentalização desse desejo por parte do detentor do acesso ao bem desejado.

Parece-me legítimo supor que esse bem possa definir-se em torno da ejaculação em corpo jovem e bonito.

Este é o lado biológico.

Do lado psicológico, a redução absurda deixa-se orientar pela patologia, isto é, de acordo com a minha experiência pessoal as sedutoras compulsivas, esse tipo de mulher especial, necessitam de algo para suprir uma carência, e esse algo não passa necessariamente pela pila ou pelo orgasmo, nem pelo amor e companheirismo almejados por mulheres ditas «normais». Mas os homens gostam é das malucas dizem alguns, isto se com malucas quisermos dizer mulheres à vontade com a sua sexualidade e que não utilizam a vulva para manipular ou condicionar o comportamento do parceiro.

Comportamentos patológicos não são exclusivos dos homens portanto podemos indiciar patologia na mulher que para suprir carências interiores usa o outro, tal e qual como o homem que trata a mulher como o *bibelot* da sua vida. A reificação do homem em relação à mulher (a mulher bibelot ou a mulher saco de esperma e pancada) e a reificação da mulher em relação ao homem (o homem *provider* ou como *dildo* animado) só são possíveis num plano geral através do desequilíbrio da balança do mercado da carne, isto é do valor de mercado de pilas e pipis. Esse valor de mercado é manipulado, fazendo crer ao elemento

com maior líbido, que tem de pedalar e esforçar para manter o milagre da Natureza que é o ser embonecado com cosmética que é a mulher. A demografia desmente-o.

Basta uma mulher mediana, isto é alguém ligeiramente afastado dos padrões de beleza mediatizados, para darmos um exemplo.

Desde que não seja marreca ou disforme,  crescerá num ambiente que plenamente lhe dará uma lisonjeira opinião de si mesma.

Imaginemos que sai de casa uma vez por dia e que uma vez por dia recebe um piropo, seja ele tão inocente como um olá és bonita.

Imaginemos que a partir dos 15 anos e que até aos 35 recebe o mesmo tipo de cumprimento.

Fazendo estas contas por baixo imaginemos que recebe 7300 piropos por 20 anos de existência.

Se repetirmos a mesma coisa ou comportamento para com uma pessoa, temos neste caso a possibilidade de confirmar determinada crença nessa pessoa, que se parece voltar a confirmar a cada novo cumprimento. Não falo aqui de expressões de mau gosto e traumáticas, isto é apenas um exercício teórico.

Agora imaginemos uma mulher com um corpo mais bonito ainda.

Aumentará o número de elogios, e a convicção de que o seu aspecto é algo digno de admiração e o elemento fulcral na sua definição enquanto pessoa.

Vou ter de me repetir ligeiramente para continuar a explanação.

A mulher (usando o injusto e arbitrário critério do aspecto físico) de mediana em diante, cresce

plenamente convicta do seu valor olímpico, por ser mulher (valor social) e por ser bonita (valor pessoal). A sociedade portuguesa neste primeiro quartel do século XXI, educa as pessoas como se as meninas fossem feitas de pompons e algodão doce e os meninos como se fossem feitos de pedras e cobras.

Por muita e hipócrita campanha que se faça para a suposta igualdade entre géneros, é de bom-tom o politicamente correcto sexista de ser cavalheiresco com as senhoras, abrir portas e ceder lugar, ajoelhar e oferecer anéis de noivado e casamento, oferecer flores, e ser dedicado defensor dos direitos das mulheres sem que tal se exija para com a classe opressora dos homens.

Com isto não defendo qualquer tipo de violência contra pessoas do sexo feminino, por parte de elementos do sexo masculino, que na minha definição não merecem ser chamados de «homem». E vice-versa.

Apenas que ser feminista está na moda.

E parece que os homens não precisam de defesa, e se alguém defende é machista.

A sociedade comercial capitaliza sobre a dialéctica entre homem e mulher de tal forma que a estrita igualdade apregoada pelo discurso social, é mau para o negócio, não cria fluxo, logo não incentiva a necessidade de consumo. Cabe ao homem o papel de burrito perseguindo a cenoura leia-se a vulva sobrevalorizada e embonecada com pó de arroz. A mulher é reduzida a uma parte da sua anatomia, não como igual ao homem mas como objecto sexual ou deusa em alto altar.

Incentivado à fome hiperbolizada pela libido, resta ao homem normalizado afundar-se na espiral de desespero, imbecilidade e miséria, numa vida marital insuficiente não exclusiva do sexo oposto, e numa sociedade em que parece não ter lugar ou papel.

À mulher normalizada resta o retiro nos seus anos de beleza, perdendo gradualmente a legião de fãs, mas ao menos teve mais hipóteses para escolher. E nenhuma mulher é inadequada.

Grande parte da população que é forçada a optar pelo celibato, alimenta a indústria das pseudo espiritualidades, da prostituição, da pornografia e do mercado de bebidas espirituosas consumidas à noite, onde confluem os muitos caminhos que tentam escapar à eminência da solidão.

Qualquer pessoa do sexo feminino não agraciada com simetria anatómica pode ainda aspirar a ter um séquito de fãs, chacalídeos que orbitam pelo possível despojo de uma vulva ou conquista.

Mas basta um sujeito masculino mediano, (com a arbitrariedade do conceito burguês de beleza), ser tímido ou desastrado, e terá mais dificuldades em encontrar parceira.

Por todos os lados a sobrevalorização da vulva, os apelos de uma feminismo feito à conta de um atropelo de determinada existência masculina, são poderosos motores de criação de ressentimento e ódio de um género para outro. Á escassez de vulva no mercado da carne, corresponde um acréscimo do desespero e do sentimento de posse em relação à vulva da qual depende o viciado, que reduz a parceira à entidade a quem agrada e aplaca em tudo porque lhe permite vazar as gónadas maritalmente de vez em quando.

Enquanto a mulher for a coqueluche, o prémio, o bem raro, será tratada como produto e objecto com valor de mercado. Enquanto se deixar ser objecto, e tentar lucrar com isso não conseguirá verdadeira igualdade.

Na reificação mútua o mercado ganha e os parceiros perdem.

Ao homem para ganhar o prémio basta ser servil ou dissimulado, basta tocar bem todas as teclas suavemente indiciadas como passíveis de conceder acesso à maravilha envolta em pregas de carne e pelagem ou penugem.

O epítome da deusa-objecto é a indústria pornográfica, verdadeiro manancial de informação sobre os sexos, onde a mulher despudorada e que não exige rigorosamente nenhum tipo de cortejamento idiota e manipulador, se oferece como contraponto à matrona doméstica trombuda dia sim, dia não por causa das

agruras da sua vida que encontram esteio no parceiro agora oficializado em cartório ou igreja.

Do outro lado temos o homem sempre pronto a sexar em verdadeira expressão facial de luxúria e entrega primal ao festival da carne em sinfonias de pura celebração de corpos, em que por vezes a agressão ou virilidade física no toque para com a *partenaire* indica mais o desprezo para com a deusa-objecto, que uma falta de respeito para com todo o género feminino.

Há um jogo de poder na fita pornográfica. Mas pornografia não é só os filmes de adultos.

Pornográficos são os números de mulheres que nunca atingem um orgasmo.

Pornográficas são as relações Kodak que resultam em divórcios e consequente trauma infantil sob a torpe desculpa de que são feitios ou não se davam bem.

Pornográficos são os números da solidão, e da interiorização da culpa por parte de quem não se acha capaz de atrair e manter companheiro / companheira.

Certo, há uma minoria que opta pelo celibato, mas penso que a haver uma função ou missão individual relativa à vida humana, ela implica a integralidade de realização do potencial de cada ser, sem exclusão de áreas anatómicas, ou de necessidades sentimentais. A opção pela abstinência de um ramo de experiências da condição humana é uma decisão individual que pode ir contra um desígnio natural no caso de indivíduos saudáveis e aptos. Mas não são só estes que precisam de um envolvimento afectivo. Nem o sexo deve servir exclusivamente fins procriativos.

Porque não se resume de todo, biologicamente a isso, como mostrou de forma pioneira Wilhelm Reich.

A tal ninfeta habituada a, por direito de nascimento, obter a atenção do sexo oposto, vai aprender a utilizar esse benefício em usufruto próprio. Esse fascínio está na base do valor inflaccionado da vagina em relação ao pénis. O que parece injusto face à mesma necessidade de transacção entre ambos os géneros, ou entre parceiros emocionais seja qual for o seu género.

A promessa de sexo passa então a ser um instrumento nestes conflictos de interesse.

A escolha da pila dependerá portanto de condições a ela alheias.

Por ser mulher, a sociedade «patriarcal» diz-lhe que tem um valor especial, em relação aos homens, e que deve esperar determinado comportamento deles. O espelho confirma-lhe a fortuna cósmica e realça-lhe a especialidade de ser, criando em conjunção um ser extremamente seguro de si, mas mesmo assim não de forma autista pois mesmo as mulheres mais anatomicamente favorecidas se sentem inseguras, mas isso deve-se menos a uma insegurança na fragilidade, que ao medo de perda da capacidade de satisfazer os seus caprichos de sedução.

Regra geral, a mulher espera tratamento preferencial em relação ao homem.

A feminista despe-se assim da sua manifestação enquanto indivíduo para obter a facilidade de ser mulher e a hipocrisia está no facto de que quase todas as mulheres que conheço alimentam bem no fundo uma crença segundo a qual os homens são mais fracos psicologicamente, menos sensíveis, mais brutos, o quer que seja que isto significa. Baseado na minha experiência subjectiva as mulheres acham ter um melhor e mais apurado conjunto de ferramentas para apreender e interpretar o real.

Para elas, a psicologia masculina pára na base daquilo que precisam de saber, como seduzir, conquistar, manter e manipular. O resto, especialmente a espiritualidade ou vida interior do indivíduo masculino, só interessa às profissionais do ramo, isto é, psicólogas e psiquiatras.

A negação por parte das feministas menos bem informadas, da necessidade de defesa do papel do masculino (e digo defesa no sentido de reformulação anti hipócrita das verdades feitas), é a negação que está na base do fundamentalismo que afirmam ter sido infligido às mulheres no passado.

Para as feministas, (especialmente aquelas mulheres que retiram sustento moral das causas caridosas em que embarcam, mais do que do bem efectivo que praticam), a defesa sem quartel do «feminino» o quer que isso seja, é um dogma inatacável e que em última análise conduz a uma contradição pois se enunciar a individalidade acima do género a que se pertence implica negar a individualidade do género oposto na exacta medida em que este discorde, ou se oponha à redução abjecta da sua natureza, seja a do tolo adorável ou do *homina* (tradução do *mangina* que é aquele que é mais papista que o papa, e que defende a causa feminista mais pelo retorno moral e potencialmente sexual que possa obter, que por genuíno interesse pelos problemas da sociedade hipócrita que realmente castra homens e mulheres) ou a

do deus controlável que é uma imitação de divindade protectora masculina.

Deste ponto de vista uma suposta defesa dos direitos femininos implica a anulação fundamentalista dos direitos masculinos. Deste ponto ainda, a defesa dos direitos femininos é hipócrita, porque se baseia num sexismo feminino anti masculino. E é exactamente isso que o feminismo primário defende, que o homem é o alvo a abater. E há homens que dão para o peditório.

Este fundamentalismo arrepia a noção de que a defesa da mulher é um entrave à defesa do homem, e os fundamentalistas que o sustentam, mencionam e com razão as injustiças crimes e opressões impostos às mulheres ao longo da História por sociedades retrógadas, mas muito raramente mencionam o esvaziamento de sentido, de espiritualidade, de brilho e colorido imposto ao sexo masculino no século XX, em sociedades consideradas evoluídas.

Os milhões que morreram em trincheiras pagaram a justa conquista dos lugares produtivos fora dos lares, permitindo por fim que as pessoas pudessem ganhar a sua independência económica, e por fim reconquistar o seu papel histórico. Estes grupos de causas a sensibilizar, impõem um fundamentalismo de vistas curtas, desfocando o essencial, o direito da mulher é o direito do homem e vice-versa. Não há programa de televisão em que a vitimização não renda na boca dos entrevistados, para salientarem o quão difícil foi o reconhecimento, especialmente por *ser mulher.*

Como se a mera posse de pendentes no meio das pernas fosse uma garantia segura de sucesso na vida em qualquer campo.

Qualquer *masculinista* passa por chauvinista, só por afirmar isto.

D

Se a cultura ensina a mulher a usar todos os meios que estão ao seu alcance, o corpo, a beleza, o fascínio, se ensina os géneros que é uma guerra em que tudo vale, não se percebem os lamentos das sexistas por no seu discurso se queixarem da batalha.

Se a cultura ensina o homem a ser lacaio do seu corpo e do corpo do seu objecto de amor, a ser um ser cuja única forma que tem de ser justo é abdicando das suas características mais marcantes, (não são a postura macho, nem a histeria do controlo, nem a idiotice complacente dos anúncios) o cultivo da espiritualidade, a protecção da comunidade e a honra da força com força de honra, a integridade, então não se percebe como ainda existe uma guerra dos sexos, qualquer compêndio militar já teria dado como definição de vitória, o completo aculturamento ou aniquilação de um dos lados por outro.

Posto isto, parece evidente que a cultura cria cada vez mais, homens fracos, obsoletos, sem espinha ou missão. A masculinidade torna-se um empecilho, algo de incómodo que urge esconder sob camadas de máscaras assexuadas e sem dentes.

Estes indivíduos são o pasto não só das vidas com potenciais por cumprir, como das patologias mentais que provocam em mulheres que buscam o masculino para equilíbrio, mas só encontram um ser masculino que reflecte a sua própria feminilidade.

Estes homens são tão vítimas como as mulheres que vivem com eles vidas frustradas, em frustrações exponenciadas por um condicionamento motivado por efeitos comerciais. A insatisfação das relações parece relevar essencialmente do esgotamento das personalidades dentro de aquários em que se sentem presas, sem tensão externa, sem níveis de relacionamento que não das camadas superficiais das *personas* que se construíram ao longo do tempo e assim acumulando frustração e aceitação da banal inautenticidade. Acredito que o fim da maior parte das relações emana da falta de integridade e integralidade dos participantes. É compreensível numa cultura de medo e propriedade.

Cada vez mais, homens e mulheres são  adultos infantis infantilizados.

Num contexto de deve e haver, de cálculos, de objectivos e ambições fixas *a priori,* como critérios de sucesso e dignificação da existência ninguém se dedica a ser o que é sem a camada de banha de cheiro que tenta passar por merda. O medo motiva-nos, e as nossas inseguranças alimentam-nos no medo. O outro enquanto adereço da minha vida torna-se minha propriedade, como objecto cuja posse comprova o meu sucesso, numa sociedade que sugere padrões de comportamento a pessoas cuja imaginação não vai além de serem aquilo que acham que devem ser sem conhecerem o que são.

Algo de análogo acontece no provincianismo geral. A malta conhece melhor Nova Iorque que Bragança, o

MOMA é mais famoso que o MNAA, as canecas de café compradas nas *souvenir shops* presentes na casa desta geração cosmopolita substituíram as canecas das Caldas da geração anterior.

A alienação em relação ao que nos faz diferentes, parte da vontade de querermos ser iguais aos outros modernos, numa masoquista anulação de todos os factores históricos e geográficos da equação que nos conduziu ao ponto presente.

A alienação ocorre nas relações, onde personagens de si mesmos e mesmas se relacionam durante anos permanecendo estranhos na mesma casa.

Mas parece que as únicas exigências das feministas são bastante concretas, acesso aos lugares de privilégio social, e tratamento preferencial, leia-se auto flagelador por parte dos homens.

Não conseguem estabelecer uma relação de igualdade entre parceiros, sem que esta não se baseia na submissão de um deles, o homem.

O maior problema dos homens não são as feministas, contudo. O maior problema é o vírus mental que assola muita gente infelizmente, e passa pela perda de personalidade que se exprime através da adopção de comportamentos mendicantes e submisso em torno da obtenção de aprovação e dos favores sexuais.

Felizmente não é a maioria, embora o fenómeno se generalize.

Quanto mais os homens se tornam submissos, isto é, menos individuados, mais as mulheres face à sua facilidade em obter pila e validação através da pila, se tornam convencidas não só da sua beleza, do seu lugar social de absoluta e singular significância, como da sua superioridade em termos da espécie, numa forma em que parecem querer assumir a completude da mesma apenas no sexo feminino.

Apesar desta pandemia, parece que ainda não está toda a gente infectada. De facto parece que a maioria das pessoas ainda é «normal» isto é, consegue perceber a artificialidade da propaganda burguesa.

Se a diferença entre os bócós e os sedutores compulsivos, entre as mulheres e as sedutoras caprichosas é apenas *software*, isto é, é apenas a diferença entre sistemas de crenças competitivos, podemos hierarquizar ou estabelecer extremos.

Quem numa interacção consegue fazer o seu sistema de crenças mais presente e dominante controla a relação. O controlo do contexto social, controla os comportamentos. Quantos de nós já não ouvimos tipos e tipas que percebendo menos que nós de determinado assunto, consegue na sua convicção e na sua linguagem corporal, deixar-nos na dúvida em assuntos que normalmente sabemos integralmente o que dizemos e fazemos?

Isto é porque são convencidos da sua realidade e conseguem fazê-la sobressair em relação à do outro.

De facto, com congruência isto traz resultados, o que só certifica o utilizador acerca da certeza da sua visão do mundo, se funciona é porque é assim.

Bócós e sedutores partilham em certo grau a mesma convicção. Uns acham que ou são correctos ou teclam as teclas correctas. Outros também, a diferença é que o resultado é concreto para os sedutores, seduzem. Os moles, conseguem determinado tipo de resultado que só vai confirmar as crenças acerca das suas inseguranças. No fundo a suprema diferença é uns viverem no dever.

XLVII

**De cabeça**

Fodes que nem um macaco.

Ela não disse bem assim, foi mais «Quando estás em cima de mim, no acto, és animalesco, pareces um macaco, um gorilão.»

Fiquei sem saber se era elogio ou reparo.

Era reparo.

Em dois anos de namoro eu com 25 e ela com 24, eu havia sido o seu sonho e o seu primeiro. E ela era o meu amor.

Sentia-me bem com ela, agia como achava que era esperado que agisse, oscilando entre aquilo que achamos que no nosso comportamento prende o outro a nós e entre aquilo que nos garante sempre

ilusoriamente uma opção na possibilidade do abandono. O que vai dar ao mesmo, ao medo. ~

Não o sentia como medo, antes como exorcizar demónios anteriores.

Algo que tinha de esconder para esta pessoa tão especial não me abandonar e provar de novo que eu não valia nada, era uma fraude. E ela era especial não porque gostava muito dela mas porque era apresentável para os outros verem, boa, fazia boa impressão, confirmava como adereço o meu sucesso em algo de palpável.

Tudo parecia bem no país das maravilhas, ensinaram-me que a igualdade no casal passava por mimar até ao limite a mulher, esse ser caprichoso e intemporalmente sapiente, que merece todo o apoio que um homem pode dar, nem que seja a sujeição, se ela disso for merecedora, isto é se aparentar gostar de ti.

Havia que mimá-la, para continuar a dar a vagina e talvez eu a conseguisse enganar a casar comigo.

Ou talvez não.

Que caralho, foder que nem um macaco?

Mas não é assim a paixão?

Uma sofreguidão pelo outro, roçando os limites da vertigem, que não termina como sede saciada por água fresca? Foder era mesmo o meu medicamento. A minha cura, xarope adocicado e procrastinador que impele a ires em frente não porque tens destino mas porque queres fugir de onde estás, onde quer que seja.

O demónio interior só era aplacado com a exaustão do orgasmo, para dele como fénix voltar a renascer, primeiro dormente e relaxado, com o espírito a sós no corpo, depois como música em surdina e crescendo, por fim já como cacofonia aflitiva que urge cessar.

Os espasmos do clímax eram o paliativo para todas as minhas dores e vergonhas, e ao orgasmo me entregava com obstinação de missionário, esperando como caminhante atingir o destino nirvânico por detrás da montanha que de frente se apresenta ao caminhar.

Usava-a para validação e como receptáculo de esperma, objecto para me esquecer de mim, e era natural

que me usasse a mim como ouvido bípede e bengala de apoio aos seus caprichos, e também alguma validação por fazer o que era normal.

Eu pensava que o desejo era por si só testemunha de uma afeição exacerbada, ou mesmo amor.

Eu estava contente, aparentemente. Pressentia já algo que destoava do silêncio.

Pelo menos enquanto obtinha a dose tudo estava bem.

Nunca estranhei a impossibilidade dela ter um orgasmo.

Molhava-se cada vez menos, e dizia que tudo mudaria se eu limpasse os dentes e perdesse a barriga de cerveja.

Era passiva, terrivelmente passiva, descobria-se na experiência, mas não na foda, à qual passava ao lado. Olhava-me como espectadora chocada com espectáculo suburbano.

Deixei de ser uma fuga da vida dela, a partir do momento em que a promessa de licenciatura completa vinha atestar a ela o seu próprio valor.

Abrir as pernas, tornava-se cada vez mais um preço alto a pagar.

Foder que nem um macaco? Mas eu até sou meigo…

Foda-se.

A cena bateu-me como sussurro de baixio em ouvido de marinheiro nocturno.

Magoou-me acordando para a realidade, para fora da narcolepsia da felicidade aparente.

Se o comprimento de onda não era o mesmo, logo não nos amávamos de igual forma, logo ela amava-me menos, portanto, eu estava fodido. Não, apenas se e somente se não apaparicasse todo o capricho e a convencesse com esquemas passivo-agressivos de que eu era afinal o que ela procurava.

Estava fodido. Tanto esforço para evitar a rejeição para o ser assim.

O condenado acaba por acreditar que tem algo de essencialmente mal, que é ele e não algo que faz, ou que é o outro.

Que mal há em foder, quando os corpos borbulham de juventude e desejo?

Que mal há em foder até esquecer o mundo quando o mundo não se interessa de nós para nada, e nós apenas queremos o quem em quem nos afogamos?

Fodes que nem um macaco…e não se ficou por aqui.

Disse que o sexo era para ela algo de sujo e poluto, sem graça e nada higiénico, naquela fricção animalesca de mucosas escondidas pela parra do Génesis.

Mais tarde vim a saber que isso não a impediu de gritar às paredes a um *trainer* do *Holmes Place* escolhido pelo corpo musculado e bronzeado, a quem abriu a intimidade não retribuída, que a fodesse como se ele fosse o Colombo e ela as Américas.

Injustamente caralho, pois já eu tinha há muito percorrido toda a Terra Nova.

Afinal não era o sexo nem a animalidade do mesmo, era eu.

Causava-lhe tal secura na vagina que até ver-me lhe era penoso.

Ninguém vem de fora calar-nos a dor, nem nenhuma mão do céu dar-nos uma ajuda ou afago.

Nem sempre uma lógica irrepreensível é a melhor conselheira quando temos as premissas todas baralhadas.

Eu pensava que era esperto, afinal era apenas marioneta do meu prazer e da minha dor.

Do prazer como forma de enganar a dor.

Os dois anos seguintes pedinchei sevícias sexuais, para foder até que comecei a foder por fora, em vingança passivo agressiva.

Um broche aqui, umas mamas ali, a promessa de cona acolá.

Se, me aprumasse no vestir.

Afinal os afectos nada tinham que ver comigo.

Como desde o primeiro dia continuámos encerrados apenas nas nossas cabeças, orientados pelo medo e calculismo, até um perder respeito e fascínio pelo outro de forma a poder desclassificá-lo por gostar de nós mais do que gostamos dele.

A partir de ficções que elaboramos em conjunto no terreno acidentado da única comunicação possível.

E quando pedes, tratam-te mais baixo que o baixo que te sentes por pedir.

Como o baixio que sussurra a desgraça do marinheiro nocturno  que se vende por detrás de duas pregas de carne.

XLVIII

**Destroçados**

I

Disse-lhe que era o gajo mais normal que ela conheceria.

Riu-se.

Insinuou através de palavras vagas e expressões de rosto bem vincadas na derme que eu tinha algo, 'pancada' na gíria, e que a minha certeza era disso sintoma.

A certeza dela baseava-se na experiência muito pessoal da neurose, sobremedicada por uma mãe que por amor só queria fazer parar a dor de uma filha que como eu vivia revoltada, pela dor sofrida na infância e pela injustiça de uma vida que pareceu amaldiçoar a individuação.

Ambos pertencemos à legião daqueles que vivem com as feridas abertas, e com as crostas destas.

Imagina um cão, um homem ou mulher, mutilado e exangue mas ainda respirando e com forças para gemer e gritar de dor. Nós somos esses, esses de onde tudo o que dizemos, pensamos e fazemos, brota da dor, parte da mais profunda angústia.

Não precisas de ser violado por alguém próximo. Até porque há vários tipos e graus de violação.

A mais pequena e insuspeita coisa a que muitos parece ser trivial e existente para a superarmos, pode deixar cicatriz. A soma das cicatrizes daí decorrentes tornam o belo rosto da alma em superfície de inscrição dos estilhaços.

Sim, há gente que a comeu bem pior. A vida. Há verdadeiras tragédias sob os rostos anónimos e as vidas monocórdicas.

Pertencemos todos à mesma legião, não como vítimas, que o somos, há que assumir, mas como gente à volta dos seus demónios.

O papel de vítima só se perpetua se voltares a cara à dor, se fugires dela.

Como na grande obra de Virginia, *The Hours*, esconder-te não apaga nada. Gastas o tempo, extingues-te sem um lamento.

Somos a legião que vive com a memória fresca da agressão. Se olhamos nos olhos de quem nos violenta ou se olhamos para o cortinado à espera que o mal passe, só depende de nós. Sem nunca deixarmos de ser o diapasão do golpe original.

Nisso éramos irmãos, se bem que ela preferisse dormir de olhos fechados.

II

Lá na terra de onde vinha era conhecida como maluca. Em cada cidadão há um perito em psicologia, que sabe tudo o que pode afligir a alma do seu semelhante. O rótulo sempre fácil, aderia com força. Ela era nervosa, sem dúvida, a diferença é que tinha uma vulva a jogar a seu favor, um rosto gentil, um corpo mediano e uma malícia aprendida que faz a delícia de cada enforcado.

Tinha um rabo *photoshop*, mamas com mamilos hirtos e maiores que a média, um clitóris a condizer, gostava de fornicar, e tal como eu usava a fornicação como analgésico. Quando se fornica não se pensa na dor, ou disso não se tem consciência. Acalma por uns instantes. Por isso é imperioso que se continue por muito tempo, só assim se tem um placebo de paz.

Começara por baixo, esforçada como todas as partidárias de Eva, e também a isso forçada, o epicentro da sua dor havia sido o pai, que abandonou a família deixando-a a ela e à irmã ao encargo de uma mãe que se sacrificou por ambas. Trabalhara onde arranjara trabalho, passou alguns anos na noite desfilando atrás de um balcão, *shots* de tequila para o cliente e aprendizagem constante em como lidar com as solicitações masculinas, sempre mais vigorosas se a bebida as lubrificar.

A noite cobrou o seu preço.

Mostrou-me certa vez uma foto do meio-irmão, e na sua voz e palavras havia uma espécie de amargura em relação ao privilegiado que mesmo posterior lhe ficara com o pai.

Era a mais velha. A irmã disfarçava melhor. Era mais discreta.

Ser discreto não significa ser ponderado. Significa que não se chora para parecer bem.

Susana revoltava-se com a dor, e como todos nós desesperados, mordemos em tudo o que nos tenta dar um afago de consolo, porque o desespero é tal que não sabemos de onde vem a dor, só que dói, dói muito.

À noite perguntamos sem darmos ordem à consciência, (que prova que o assunto não está enterrado) porque aconteceu connosco, porquê eu, que é que eu fiz para merecer. Sim certo que outros tiveram pior, mas dificilmente sinto a dor do outro, a minha sinto bem, não preciso de me pôr no lugar de outrem, ela persiste mesmo contra a minha vontade. Também ela me prova que não sou dono de mim.

Quem ela abominava acima de tudo, eram aqueles, da outra legião, sem traumas, com pais normais, sem feridas abertas por causa da privação.

A bonomia aparece como ingenuidade saloia, a normalidade aceitável como lastro de chumbo da própria miséria. Se outro teve uma infância feliz isso só aumentará o contraste da minha infelicidade infantil.

Como a mim, parecia-lhe que quem não é cínico em relação à vida não a conhece e vive num mundo cor-de-rosa.

Quem não sabe que o mundo é o lugar da expiação, é ingénuo, e toda a ingenuidade só pode ser fraqueza de espírito ou fingimento.

A isto associava-se também o ressentimento de cuspir em todos os que não haviam sido forjados na dor.

E mesmo os que eram forjados na dor, só tinham equidade a seus olhos, se e somente se fossem cínicos. Se e somente se, de qualquer forma se conseguisse identificar com o seu sofrimento. Se não compreendesse que algo pudesse representar sofrimento, catalogava o tipo ou a tipa como ingénuo, ingénua.

O seu cinismo tomava tons megalómanos. Adorava tipos de bem com a vida e adultos, porque lhe conformavam uma peça de teatro na qual a vida era monocórdica *alegro ma non troppo* em que por um lado invejava a sofisticação e superação destes, por outro adorava tirá-los do sério para provar a ela mesma que era só mais um ingénuo fingindo. Identificava esta ingenuidade, como sinal de distinção e sofisticação, como em tempos se encarava a obesidade como sinal de nobreza ou dignidade de nascimento. O seu sistema de valores oscilava em torno deste binómio metafísico e antropológico, o pessimismo e a luta de classes.

Só continuamente provando a ela mesma que todos fingiam, podia ela acreditar que era verdadeira na dor que sentia.

Identificava a aceitação dos infernos terrenos com a mais fidedigna narração da realidade.

Retirava para si valor se se sentisse consciente desta terrível verdade onde o mundo se escora, e para confirmar essa imagem de si mesma, de quem sabe a verdade fatal e terrível, tinha de dar lições, de tempos a tempos, aos que simbolizavam o abandono paterno, esses tolos dos homens.

Eu recebi a sua atenção meramente por ter um perfil no hi5 com retratos de filósofos, sob a designação dos meus mestres. Ela achou uma submissão abjecta da minha individualidade, como um tolinho que pede autógrafos, e por aí começámos a conversa.

III

Quando a olhava, negando a minha convicção de normalidade, ocorreu-me contar-lhe a história.

Mas desde cedo percebi que Susana funciona na mentalidade do arruaceiro da noite. Se o porteiro da *disco* revela bondade, e franqueza, o arruaceiro confunde isso com fraqueza.

Para ela franqueza era fraqueza, mas apenas até ao ponto em que a dissimulação lhe ardia na pele, pois estava farta que a tratassem com panos quentes, sentia nisso e correctamente, um tratamento preferencial no sentido de distância, como se fosse uma paciente a quem convém agradar para tomar o remédio ou não incomodar os outros.

A realidade não fugia muito, periodicamente irrompia em crises nervosas ou discussão audível, e quem a conhecia, evitava a tal franqueza para impedir as erupções mais violentas. Ela ressentia-se com isto pois só lhe confirmava a crença não assumida da sua inadequação.

A única conversa franca que tivemos foi mesmo essa, ela pedindo para eu não a tratar com essa vil deferência, e eu dizendo que só a tratava porque ela não era estável nos humores. Há nomes pomposos para essa merda. Bipolaridade e merdas semelhantes. Não, isso é tudo embrulhos de seda para a mais profunda revolta.

É uma condenação à solidão, a emergência contínua da revolta, e sermos incapazes de passar aos outros o contágio. Todos vivendo como se não soubessem e nós ardendo como o arbusto da Montanha. Sendo consumidos mas perdurando.

Oscilando em torno do sofrimento que parece tornar-nos únicos, e o desfalecimento ao pensar que todos

sofrem e conseguem, de alguma forma, lidar melhor que nós

Esforçamo-nos para lidar, com calma, mas o esforço de traição apenas acumula tensão para mais uma explosão.

De tão próximos da nossa moléstia, não a conseguimos focar bem, nem sempre aparece clara, nem sempre aparece.

A dos outros é sempre mais nítida sempre melhor adivinhada. Disse-lho. Disse que tinha pena, que a pena significa querer que o outro não tivesse passado por isso. Lamentar o seu sofrimento. Agradeceu-me com a sua ofensa e que dispensava a minha pena, que pena têm as galinhas. Ela havia sido muito feliz, tinha tido um namorado que lhe dava um orgasmo por dia e levava a restaurantes caros. Havia homens que a tratavam com muita consideração e eram malta positiva mas mesmo assim ela era infeliz. Precisava de mim para se branquear aos olhos da mana e da mãe. Facilmente confirmaria que coitada não teria sorte no amor, e os homens afinal são sempre iguais.

A prova das minhas falhas morais tornadas públicas limparia todo o seu passado, mostrando-a como vítima, como a boa da fita (desde que controlasse a narração) aos olhos dos outros.

Esta aprovação exterior seria mais uma Redenção a partir da via-sacra dos seus pecados.

Era brusca e incapaz de algum sentimento mais terno, confundia esse proceder agreste com maturidade de carácter e perspicácia existencial. Gozava com as minhas histórias passadas, como se as mulheres que conheci tivessem sido umas tolas por se apaixonarem por mim, e tentava diminuir-me com as histórias dela e dos ex que façanhavam sexualmente e noutros sucessos da vida.

Há mulheres que são tão inseguras ou absorvidas em fazer sofrer, que acham que é através do amesquinhamento do homem que o prendem. Que só o humilhando o prendem de forma a não sentirem elas o fel do abandono. Qualquer conversa íntima, era descartada como inútil e lamechas, contrária à imagem que queria ter de si. Só uma vez confidenciou ter-se sentido amada por mim, e mesmo quando perguntava o que eu achava da planta da sua futura casa que iria comprar, eu já percebia que a opinião que iria ouvir, não me incluía pelo tom da pergunta. Eu não faria parte desse futuro, suficientemente risonho para o confidenciar ao inimigo, (eu), mas não tão referente a ele que a entusiasmasse por demais.

Ela estava completamente presa na sua narrativa da vida, a ginástica que ostensivamente demonstrava na horizontal não tinha par no plano mental. Não conseguia ser arrebatada por pensamentos não mundanos, e acreditava piamente no carácter de unicidade do seu sofrimento, e até a medida de maiores sofrimentos alheios só merecia respeito se de alguma forma comparáveis com os seus.

Por isso nunca consegui demonstrar a franqueza, perante alguém que tentava evidenciar a todo o custo as minhas fraquezas de forma a confirmar as suas profecias auto realizadas, de forma a confirmar a visão que tinha do mundo, procurando neste apenas as provas que confirmariam a sua visão.

Além de que tenho o hábito de dar em troca o mesmo veneno que me oferecem, como forma de dar uma lição, ao jeito de um missionário com mania de superioridade.

Até que passei só a sonhar na narrativa que lhe contaria de forma a ela perceber que apesar de tudo, todos morremos sós e a sós com as nossas feridas que nunca irão sarar como a chaga de Filoctetes.

Vão continuar a cheirar mal mesmo por debaixo das ligaduras.

Certo dia esfreguei a lâmpada de Aladino e após escutar o Morse da chuva num beiral amiantizado ela esfumou-se como a maresia às primeiras luzes de uma madrugada de Verão. Transformou-se no mercurocromo que coloco na minha chaga aberta de forma a ter a ilusão de que está em tratamento.

O conto que lhe narrei começava assim:

IV

«A excitação nervosa leva o seu tempo a acalmar, tal como a perna dormente que muito demoradamente vai permitindo a adiada locomoção.

A violência acabara, ele não lhe batera no rosto, não a marcara na cara. Empurrou-a de um lado para o outro, rasgou-lhe a minissaia de ganga, sob a qual ela mostrava ao mundo o seu pernão que o envaidecia e glorificava aos olhos dos outros homens, que olhavam invejosos para ele pouco antes de olhar para ela

com desejo, fazendo emergir, nele, a raiva da desconsideração, acumulada se em público, explodida em privado sob a desculpa que ela a provocara, provocando-os.

Porra, por vezes as mulheres só querem ser adoradas, ou nem isso, só um pouco de atenção, que não sejam tomadas por garantidas, só porque presas ao casamento.

Coitadas, só têm dois poderes neste mundo injusto. O poder de decisão na alcova, ou o da entrega resiliente e serôdia dedicação.

Dar a vulva ou superar qualquer esforço para suplantar os homens no mundo dos homens.

Algumas, poucas, ressentem-se desta injustiça, e tornam secreto o seu ressentimento, rara ou nunca confidenciado, senão em cochichos de regozijo quando o ovo já jaz na cloaca da galinha.

A juventude inebriante e a grácil compleição do jovem corpo confirmam a qualquer ninfeta e mancebo que o Cosmos só confirma a excepção da sua individuação.

Somos feitos de remoinhos de infinito, *deep roller* chama-lhes Hannibal Lecter, o carácter funda-se neles. Aquele ali, apanhado num que carrega a sede de valor, bate na mulher e oprime o filho.

Identifica os seus defeitos como o seu carácter, e o seu carácter consigo mesmo.

Desde cedo se viu forçado a defender-se no mitomaníaco esforço de não reviver o abandono materno nem a dura palmada paterna, que antigamente muita gente se criava à porrada.

Há qualquer coisa de orgiástico na violência.

Há mulheres que se molham, há homens que se aliviam.

A nossa legião é uma corrente de aço onde somos os elos corroídos, uns mais que outros.

Eu como outros encontramo-nos nos anéis de aço de braços dados na vertical, na linha por onde corre a água a partir de uma caleira silenciando o som da água precipitada.

A criança perde cedo demais os seus guerreiros. Ao ver a mãe ser agredida só a aflição se torna

reconhecida como aflição, torna-se a toca. O castelo sem guerreiros que protejam o rei, torna-se uma mera toca. A criança Sol torna-se num asteroide insignificante.

Sente-se impotente para parar o quer que seja. Por vezes é ela o alvo da agressão, e fica sem saber o que é pior, se ver a mãe ser esbofeteada, se ela própria levar as pancadas. Desde cedo morrem os guerreiros da sua casa psíquica. Ganha uma reacção à tensão e à violência, *primal*, que se sente na próstata e no ânus, dali para todo o sempre.

A sua casa mental nunca mais terá fechadura na porta. Entrará quem quiser, para habitar ou destruir.

Se é inequivocamente impotente, se não depende de si fazer respeitar as suas fronteiras, a criança torna-se uma não entidade, opaca especialmente para si mesma. Alheia ao seu significado mais íntimo, completamente insegura até no seu respirar.

O agressor é incapaz de se ver como tal. Só numa muito rara e estrangulada voz interior lhe chegam ecos, em determinadas décadas, de tal possibilidade. Vê no olhar do outro o estigma da rejeição, instantes antes de desferir a parte do seu corpo que transmitirá a energia que provocará a dor no corpo que é alvo. Como imediata expressão da sua incapacidade de lidar de outra forma. Veste as suas razões como bonecas, e preenche a sua casa com elas, ora o educador, ora o jardineiro de uma ordem correcta das coisas, arauto de justiça. Vinga-se do olhar de rejeição que incansavelmente tenta evitar reviver, aumentando a pressão e precisão da sua violência com fim. Rejeitas-me pois levas mais. Fica magoado por ser rejeitado. Fica magoado por não ser aceite como é. Logo ali, na sua casa, por sua mulher, por seu filho.

Justificada a violência com as suas razões, criado o mundo fantasioso em que as acções são justificadas *a posteriori* revolta-se perante a impotência de vergar os outros à sua vontade, não que esta seja censurável, mas porque os outros, conspiram contra ele, pelas costas, pela calada, odiando-o em segredo, de forma cínica. Só conhece a pancada e o sarcasmo como forma de educação.

Ele resultou bem, portanto se levou, repete a receita, pois a mesma é infalível.

A sua certeza e dignidade fortalecem-se tomando contornos de correcção, afinal ninguém o entende ou parece entender na sua boa vontade educadora, no fundo acto de amor que prova o quão bom e incompreendido ele é.

As prevaricações contra a sua vontade são golpes directos contra ele, e quando inicia o baile só quando descarregou toda a raiva contra os prevaricadores é que acalma, afinal quem é a mulher para o confrontar com as provas do adultério, ou o filho ir para a rua brincar quando ele lhe ordenou fazer por dia 100 cópias de um texto do livro de português, ou 200 cópias da tabuada completa?

A porrada é tão pura, tão directa, tão eficaz.

Mas apesar de tudo não chega. Ao mesmo tempo que não chega, sente remorsos. Tem de haver uma maneira para manter o condicionamento e evitar o remorso de meter alguém aos gritos de dor e de medo, e com olhos vermelhos do choro e aflição.

Pode ser um manipulador malicioso com o filho, e ter mais tacto com a mulher. Precisa dela para evacuar o desejo e para cumprir no lar.

Ao sentir-se desaprovado como pessoa, e não como centro de acções, faz corresponder um conjunto de regras e formas de proceder que garantam o seu grande plano final.

Mulher e filho são sua propriedade ao mesmo tempo que âncoras que o arrastam para o fundo para longe das aventuras eróticas em promessa pelo vento, e que lhe gastam o dinheiro em coisas supérfluas como comer e vestir.

Não perde uma oportunidade de fazer ver ao filho o quão irrelevante ele é, nem de o meter na linha mesmo que não precise. O medo que instiga acaba por ser insuportável e tornar-se em animosidade, não manifestada senão volta a velha da pancada em intensidade nem sequer imaginada. Transforma o filho em passivo-agressivo.

Sente-se em controlo pela primeira vez na vida, tem um reino onde é rei e gosta de pensar em si como monarca esclarecido e amado pelo povo, ressentindo-se quando a reacção é a de ser tratado como tirano.

Um mitómano não conhece o significado de objectividade, irá sempre moldar a narração dos acontecimentos de forma a elaborar a versão mais conveniente para si, daquilo que se passou. Trinta anos passados continua a acreditar que o que fez foi o mais adequado, e os responsáveis pelas tareias foram quem as levou.

Extra afável com os de fora, ditador opressivo *intra* muros. Com todas as fugas de Piombi, ninguém gosta de excesso de autoridade nem de estar preso.

Não é a merda que faz que o torna responsável. Não, os outros é que conspiram e falam mal dele nas suas costas.

Ninguém é capaz de dizer-lhe que está errado, e que é doente.

Preferem continuar a privar com ele, e de qualquer forma em família alheia não se mete a colher.

E afinal trabalha. O trabalho santifica tudo. O agressor, se trabalhador, é branqueado como educador à antiga, ou excêntrico. O ditador sente a importância no medo que mulher e filho revelam nos olhos, e oprime para que nada saia de seu controlo. Só através da violência chegarão todos ao final feliz divisado por ele, certo de que no fim, finalmente será compreendido e agradecido pela visão e convicção no método e meta almejados.

Amargurado e ressentido pela merda que teve de suportar na vida, esquarteja a golpes de machado a merda de ideia ou voz que o tornam filho da merda que teve de passar na vida. Sente-se mais homem e forte por proceder assim. E o mecanismo de auto protecção do ego assim o impede.

Faz o filho odiar os momentos em que partilham o mesmo espaço.

Sempre tão afável para os outros uma besta para a carne da sua carne.

Mete os cornos à mãe, dá dinheiro para casa a conta-gotas e não sem submeter a mulher a um longo trajecto de pedidos, poupando sem reserva para comprar carros atrás de carros, para poder mostrar aos outros, para provar que sucedeu na vida, não é ninguém, para aumentar a facilidade com que faz suceder as suas conquistas fora do lar.

A voz da consciência esbraceja lá muito no fundo esmagada sob o peso de uma bota da tropa que a silencia e humilha, tanto quanto à criança que em situações sociais nunca escaparia ao olhar reprovador.

Essa consciência de tão fundo e afogada só dá sinal de existir nas bolhas ofegantes que sobem à superfície para explodir, entre eras geológicas.

Essa voz cria um eco desagradável na mente do agressor, insinuando que o seu desespero faz sofrer outros, mas ao tomar consciência, entre isso e abdicar do poder que obtém a partir de humilhar e bater no outro, vendo-se a si mesmo como importante no olhar receoso do agredido, nem por nada se pode perder a fonte de valor.

Não pode dar tréguas aos remorsos.

Um dia que consiga, já não conseguirá viver consigo mesmo.

Renegar e magoar são os únicos poderes que lhe restam.

Vira-os para o filho. Esse filho da puta a quem a mãe não abandonou e tem tudo de bom da vida que ele próprio não teve.

A submissão da criança soa-lhe a fraqueza que rejeita em algo que veja como sua propriedade. Por contraposição a uma imagem distorcida que tem da sua própria infância longínqua e das respectivas capacidades de resiliência nessa idade.

O afastamento progressivo e não calculista, a favor da mãe aumenta-lhe o ressentimento para com o filho que injustamente prefere a pessoa que lhe dá amor em vez do incompreendido que afaga com punho fechado.

Sabe bem sentirmo-nos vítimas com a mão ainda no chicote.

Rejeitado pelo pai, o filho rejeita-o de volta.

Não sem antes interiorizar ser portador de uma qualquer falha que levou o pai a rejeitá-lo.

A tensão nervosa não mais o abandonará.

Interioriza que é inadequado e que tem de se esforçar para ser aceite.

Os de fora topam-lhe a fraqueza e usam-na bem.

Humilham-no e amaldiçoa a existência que o revela como filho de um deus menor.

Acredita que tem sempre algo que fazer para comprar o apreço dos outros, macera-se e mutila-se, despede-se da sua espontaneidade cavando ainda mais o fosso entre si e todos os outros. Os próximos, os semelhantes.

Isola-se, perde o comboio da socialização. Passa a viver no único sítio onde o respeitam, de onde não pode ser expulso, da sua cabeça.

A certeza sobre a sua incapacidade, sobre a sua ferida, levam-no a não perceber porque é magoado com a rejeição das miúdas. Porque os homens o rejeitam como igual ou sequer digno de existir entre eles.

Tratam-no como provinciano nhurro, que nada sabe das coisas. Tudo o que é mundo só lhe vem confirmar a merda que pensa de si próprio.

V

Na cantina da C+S tocavam os *Transvision Vamp* e o espaço era preenchido por corpos de Novo Mundo mexendo-se freneticamente ao ritmo do som que ia saindo dos aparelhos de som.

A jovem ninfa deixa antever sob a imaculada camisa branca, cujas extremidades inferiores recebem um nó pela altura do umbigo, vislumbres do soutien, que mais não é que o post-it para os seios que sob ele existem acabrunhados. Uma fêmea linda, bronzeada, cabelos castanhos alourados, com as carnes rijas de 17 anos, bem vestida e aprumada, não só uma deusa de sexo mas também um símbolo de prestígio. Como posso ter acesso a esta promessa de céu?

Gotículas de suor cristalino hibernam na sua testa, ocasionalmente escorrendo pelo rosto de gentis feições, por vezes olhos semi cerrados em enigmáticas e hipnóticas expressões de entrega e sensualidade, também ele o peito sob o ponto supraesternal alberga gotículas de suor lambíveis como mosto morno e alcoólico pelo qual trocaria uma vida de sujeição.

Saia xadrez vermelho, impecavelmente acompanhada por meias pretas até à cintura, numa composição

em que a deusa espreita para mim através do indivíduo num enigmático não, vais ter de esperar mais 4 anos até iniciares o percurso na via da tua libido.

Eu e outros estes outros observados por mim, arredados do centro do palco, reservado a mancebos mais sofisticados, mais libertos da carência, quem tem fome não come, e eu durante tanto tempo a pensar que se me mostrasse esfomeado seria recompensado.

Os marginais, fora do circuito namoradeiro vingávamos a frustração e inadequação falando das proezas alheias, e da existência de estratégias seguras para ter acesso a tais musas cósmicas, contribuindo só para o propagar de ideias feitas e cosmogonias idiotas entre nós.

Espalha-se que há um método, algo bem mais aceitável de entender que a verdade é esotérica. Um método, uma forma correcta de agir que garantirá o acesso à vagina, única resposta concebível para o inferno da testosterona e sonhos nocturnos. Mesmo que não se entenda, chora-se ladra-se de desespero, à espera que nos façam um afago para mordermos porque não sabemos o que fazer com a dor lancinante que não tem meio de ser apaziguada.

Há um método. Agradar-lhes. Parece óbvio.

Elas conhecem esta nossa paixão pelo óbvio, pelo metódico, pelo ordenado.

Usam-na para calibrar o nó da forca.

Com sorrisos ou caras feias condicionam os comportamentos, convictas de que estão a educar.

Através do elogio ou da subtil crítica sabem que desfazem o tronco do jovem homem, que sem acesso às raízes se encontra à mercê do vento e da queda.

E elas adoram todos aqueles apegados às suas raízes.

Como gato que brinca com pardal meio morto, a sedução é o novo jogo que se domina, quando perdem interesse pelo capricho em forma de jogo, já o desgraçado do pardal havia quase desistido de lutar pela vida. Os mais desesperados fazem questão de saber jogar o jogo, e focam-se nisso. Quando o aprendem sentem que a diferença para com os demais é a mesma que separa a borboleta do bulldozer.

No mundo em que nos tratamos como enteados desagradáveis, ter uma namorada é a única forma de validação possível para uma vida de vergonha em ser pobre. Especialmente porque se é pobre, pois sendo pobre e ainda assim tendo namorada, tem atributos secretos para os outros.

Vergonha de ser pobre. Vergonha de não ser sofisticado. Vergonha de ter um pai que bate na mãe, e de ser um desperdício para o pai que vê nele desperdiçados oxigénio e víveres.

Pouco adianta lhes dizeres que gostas delas. Que passas o tempo a pensar nela. Que gostavas de sentir o calor dos seus lábios na tua boca e de beber a sua expiração ofegante.

Levas nos cornos em casa. Não apenas fisicamente – porque nem apanhou assim tanto- umas 7 ou 8 vezes com o cinto- o medo da dor tornou-o bem submisso- mas com votos de silêncio e condenações ao desprezo, constantes insinuações sobre a boa vida que iria acabar e que não acabara já porque o Estado não permite que os adolescentes trabalhem sem terminar a escolaridade. O meu futuro nas obras, tinha de me forjar como aço ou nos trabalhos menos considerados ou na tropa. A via paterna apresentada como cura para a sua inadequação, a representação do amor materno como mimos a mais, como efeminação a partir da boca de um pai que não esboçava um sorriso para ele, não lhe dava um abraço, não lhe fazia uma festa na cabeça, nunca disse que o amava, ou que tinha orgulho dele.

O pai proibia-o de ir para a rua brincar. Nunca percebeu bem o motivo, parecia que era por medo que ficasse debaixo de um carro, ou para não se portar mal como os reguilas coevos. Mas nunca deixou de suspeitar que era por velhaquice pura, pois não o deixava ir brincar com os primos ou socializar de uma forma geral.

Pouco ou nada oferecia ao filho, e não permitia que outros o fizessem. Quando tal acontecia destilava o ressentimento com o filho.

A dialéctica do ressentimento, apesar de tudo o filho não se humilhava nem se subjugava totalmente. Nem a mulher. É impossível subjugar completamente alguém.

Não além do óbvio infantil. Isso só aumentava o grau do seu desprezo e opressão, as proibições como castigo. Tentar criar uma criança no confinamento de um espaço fechado.

Não lhe dava uma polegada de confiança.

Quer a natureza das coisas que neste ambiente disfuncional as crianças disfuncionais ou sejam vítimas ou agressores. No caso da sua dócil natureza, foi vítima. Teve uma infância feliz contudo. Esta é a mancha, a ferida aberta, que borra uma pintura em tons de felicidade geral.

A natureza e este condicionamento fizeram com que fosse aprender a ordem de bicagem com um pé manco, e caso fosse esta a vida da savana não civilizada pela cultura, teria sido com toda a certeza um macho delta condenado a não procriar.

A insegurança e a pouca auto estima são já uma casa para ele.

Condenado, enquanto não perceber os mecanismos evolutivos e psicológicos envolvidos, a ser submisso, manipulável, infeliz na sua vida, por causas a ele alheias. Não por nascer com determinado temperamento, mas porque a miséria humana propaga a triste indigência da condição humana, pais disfuncionais propagam, como vírus ou doença leprosa, a disfuncionalidade pelas gerações do futuro. Poucos emergem desta inevitabilidade.

Poucos se furtam à pobreza e a sair dela, condição necessária para extirpar a infâmia da ignorância cruel e atávica.

Vagas sucessivas sem acesso às proteínas e calorias necessárias, gerações com passagens de testemunho através das crianças nas idades mais impressionáveis. A pobreza não é uma condição social, é uma doença do corpo e do espírito. Só a República o pode combater, numa luta sem quartel a favor da instrução e da igualdade.

N legionários como ele condenados a ter medo, a não compreender, a por fim aceitar a derrota, o medo, o medo de ser rejeitado, da agressão, a cobardia de trocar a sua personalidade por afeição e aprovação, como podes achar-te normal quando um pai te ostraciza e abandona, e se esforça por te ignorar ou desprezar psicologicamente, da maneira mais intensa por todos os motivos mais o facto de saber que a mãe gosta sempre mais do filho que do marido.

Como podes achar-te normal quando o pai exerce a sua vingança do mundo na figura dos seus filhos, para se sentir empossado.

Como achas que tens controlo na construção do inimigo interior que surge a partir da ferida, esse ser insidioso que apenas quer a tua menorização, tudo de mal para ti menos a tua morte, mas somente para

continuar a esfaquear-te a mutilar-te, e ele mesmo a persistir.

Quantos não choram de noite por não entender estas dinâmicas, estes lobos esfaimados por sangue e autofagia que boicotam todos os melhores esforços de evolução e sanidade.

Cresces com o tal sistema reticular a procurar, a filtrar, a realidade de forma a encontrar a confirmação da crença interior de *imerecimento*, de inadequação, de menorização, de submissão, de rejeição.

As afiadas esporas jamais largarão o macio ventre da autoestima. Cresces a sentir que tens de descobrir o método para o sucesso que precisas de criar uma personagem para desempenhares, já que por ti mesmo não serves. Seres quem és é a início estranho e exige grande esforço. Não estás habituado.

Quanto mais foges, maior é a ansiedade na proporção do esforço que evita que se repita.

Depois do ciclo vicioso instalado, a roda de infinito não cessará de rodar, queimando as existências e as potencialidades ao ritmo da areia da ampulheta.

Quanto mais o indivíduo carrega dentro de si maior número de ralos por onde se esvai a sua energia vital, maior será o aspecto cadavérico do seu ser canibalizado por todos aqueles que vivem à conta da energia dos fracos, especialmente o inimigo interior, o demónio da dúvida o destruidor de mundos.

O homem como lobo do homem não deve ser imaginado apenas entre estranhos, ou sanguinários humanóides em ambientes apocalípticos. Acontece entre crianças e parentes.

Confirma-se a verdade suspeita e universal de que não há livro de instruções e a navegação é de cabotagem dando ares de transatlântica.

Como num quadro de Bosh.

A nossa legião é uma corrente de aço onde somos os elos corroídos, uns mais que outros.

Somos os elos que testemunham pelas gerações os fluxos e refluxos da miséria humana, onde os

inocentes são a presa e os culpados são ingénuos.

VI

Ao terminar, percebi que tinha uma cara de rejeição, a partir do segundo parágrafo.

Colocado no cárcere dos idiotas, dificilmente e só por milagre sairia de lá.

A minha historieta só lhe confirmava que eu era um tolinho. Que nada percebia das coisas.

Nestas alturas percebemos por intuição quando o outro se acha completamente superior a nós.

Acrescentei:

«Deixa de odiar os homens Susana. O único sofisma que podes levar ao banco é o de que só na tristeza somos irmãos. Hasteia a bandeira branca, dentro de ti e com o mundo. Não é por sermos filhos da puta uns para os outros que a classe precisa de reprodução assistida. O pobre diabo é um ser como tu, às voltas com um monstro que o consome no interior sem que saiba. Sem soberba, pena por ele.»

«Nem penses, se baixamos a guarda passam-nos por cima, e prefiro ser agressora a vítima.

Dispenso a tua espiritualidade de trazer por casa. A tua retórica de merda não me impressiona.»

VII

Dando-me por vencido, peguei nos meus chinelos amarelos, para fora da sua casa, com o ar da noite parecendo-me mais limpo que nunca.

Outrora achara que a postura conciliadora da total humildade era ingénua.

Condoía-me por ver outro ser humano finito, corroído pelo cilício do infinito.
XLVIII

**Politologia do engate**

A foder também sou de esquerda.

O meu envolvimento com o outro implica não uma troca de serviços com plano de regras - implícita ou explicitamente - conhecido previamente e sujeito às leis de mercado, mas um compromisso entre um grupo de pessoas (geralmente duas) em desenvolver uma vivência que beneficie ambos.

O modelo neo liberal de foda é muito mais simples e despojado, mas o cabrão do cérebro, o meu pelo menos, desafortunadamente não me permite essa ligeireza de afectos.

Talvez tenha a ver com a sobrevalorização decorrente de uma infância e adolescência indigente em vulva. Talvez tenha a ver com a ideologia burguesa.

O excessivo peso que a malta de esquerda coloca no desejo, é a antítese do que a vox populi propaga. Não há a dissolução da individualidade numa supra mente colectiva, da mesma maneira que liberdade não encontra definição na possibilidade de escolha entre mais de duas marcas de pasta dentífrica.

A ideologia dominante segundo a qual numa mundividência competitiva, aqueles que se erguem acima da mediocridade merecem o que seja que a vida lhes oferece, é um fétiche de elevado grau, cocaína intravenosa para o ego, através de uma auto imagem de vencedor, aprazível e aparentemente edificante, o indivíduo se vê a si mesmo como algo destacado dos demais, especialmente daqueles que considera ' abaixo '.

É portanto natural, que muita da malta que vem debaixo, da merda, da indigência, se metamorfoseie em encomiastas do Homo *homini lupus*. Alimento para o ego.

Susana gostava de brincar com os corações dos homenzinhos que cativava com o seu sorriso. Brincava como gato brinca com pássaro semi vivo em peças de mestre de marionetas.

A vulva e a promessa de sexo eram o engodo, mantido com apetite libidinoso e desenvoltura encenada

mesmo ao jeito como nós gostamos de loucas na cama, como diz a canção.

A malta de programação neo liberal procura nos outros a semelhança que os eleve, a malta de esquerda procura nos outros a diferença que os una.  Preferem mergulhar nas características de cada sujeito com que se envolvem, dos próximos, conhecê-los e isso exige tempo.

Os outros não. Tendem a fazer ouvido mouco às profundidades psicológicas – além do conceito de interesse próprio  numa lógica de ter e de haver – e assim, na mais profunda convicção nos seus compromissos ontológicos, podem passar de mão em mão, sem qualquer achaque de consciência ou introspecção judicativa, pelos corpos e mentes dos outros, aqueles que como *res extensa* partilham um espaço geográfico.

A simplicidade deste raciocínio só confirma a sua veracidade, a seus olhos. É muito mais simples arrepiar caminho, que pensar fora da gaiola do *hamster*. Formatada pela doutrina do ISCTE, Susi era a maior das defensoras da ideologia da selva.

Em duas ocasiões pudemos comprovar isso. Os jantares fartos e as sessões de fornicação  são geralmente ocasiões em que a língua facilmente se solta e relaxado o corpo trai a tensão nervosa da personagem representada e dos limites e cautelas do agir.

Em duas ocasiões soltei frases, como velho passarinheiro, e aguardei a reacção. Não foi manipulação pois acreditava em ambas.

Ela adorava falar dos seus ex, especialmente para evidenciar a forma como a tratavam, obviamente a anos-luz de como eu tratava, e carregava na questão dos imensérrimos orgasmos que lhe davam, e por vezes da simpatia com que todos os aspirantes a companheiros de alcova a tratavam, pelos bares da zona saloia, por SMS, nos elogios fáceis na consideração, nas deferências que polvilham todos os chacais que tomam a oportunidade como *modus operandi*. Verdadeiros pescadores de corpos e aventuras, espalham as redes por largos territórios de coxas e mamas, aguardando os desenvolvimentos das fragilizadas até que mordam o isco.

Não cessa de me divertir a forma como branqueiam esta forma de proceder. Eu e tu sabemos que é o método dos abutres. Parece que através de uma pedra filosofal no âmago da sua alma estes condores  que pairam sobre as promessas de amor, são empreendedores arrojados e primos de bucaneiros, que o coiro barato e mais que curtido, são prosas de Camões no alto da sua inspiração.

Se lhe dizes que são máscaras que engorduram seu caminho até à cópula, xingam-te por pensares coisas dessas tão baixas e erradas.

Eu disse ' Sou o melhor gajo que conheço.'

Naquele seu jeito tão característico de quem acha uma aresta, parou de pensar no seu expediente ondulando a perna flectida, e olhou-me com surpresa de quem acha um defeito.

Qualquer bípede pertencente ao espécime *Sapiens sapiens* sabe que é impossível ajuizar matematicamente em causa própria desta forma.

Por causa da escala. Por causa da inexistência de critério.

Mas ela levou a sério a afirmação.

Disse que eu era maluco.

Fica sempre bem dizer que sim, que o objecto de amor tem razão.

Só provou que eu não era de facto objecto de amor.

Noutra ocasião, desta feita num restaurante, disse que era o mais normal que conhecia.

Voltou o seu riso zombeteiro.

Para ela, e todas as outras sedutoras magoadas, o conceito e a sua insustentável leveza são mesquinhices de merda, próprias de *nerds*.

Acreditam tanto na validade da experiência própria que todas as dissemelhantes não podem ser respeitadas.

E por isso, o outro, é cilindrado na sua diferença, especialmente se não falar na sua linguagem.

O idealista, ou o que pensa fora da *box* é tratado como se disfuncional na apreensão da realidade,

exemplo patético do *looser*, ou fraco darwiniano.

Convicção e sinais de fatal sabedoria, juntam-se à testosterona e testemunham os dias do fim dos homens.

O tipo de esquerda cai com os burros na água permitindo-se desenvolver sentimentos de afeição, por esta categoria de pessoas que tem em comum a ridicularização das relações entre indivíduos que não se baseiem em justificações psicofisiológicas ou egocêntricas. Que não apliquem as leis de mercado à paixão.

O menos cínico está do lado que parte a corda. O sinistro.

XLIX

**Ad se ipsum**

Vejo o fumo dançar de braços abertos após a lenta consumição do cigarro.
Sinto a nicotina fazer cócegas na garganta, e deixo-me ir no trenó do transe que me vem buscar quando me abandono ao eco que a suave tontura apenas pressagia.
Palavras são desnecessárias agora.
Medito ao som dos gemidos que ela confessa.
Tenho um segredo que acarinho, um segredo demasiado íntimo...nem a ela o contei.
É um daqueles segredos que temos só para nós. Será segredo? Não o contaremos de certo, mas vive-nos na cara a eminência de querer adivinhá-lo nas caras dos outros quando com eles falamos.
Mas nunca o regurgitamos...
A dúvida fazia parte desse segredo. O duvidoso é chicoteado, balança ao sabor da dúvida que é o próprio chicote.
Ninguém vem ao mundo sem chorar, mas quantas vezes me faltaram as lágrimas, porque não conseguia respirar por causa do nó seco que sentia na garganta quando pensava na suspeita credível que emanava da sucessão dos acontecimentos?
Quantas vezes chorei porque eu não o consigo fazer, e pensava que ela também não...queria nisso acreditar, mas algo nos diz sempre a verdade.
Por um lado é melhor assim. Agora a dúvida foi-se (foi-se?), tenho à minha frente aquilo que me fazia dar em louco (vejam só os suspiros de prazer que ela arranca do corpo ...), o que imaginava...acarinhei

imagens semelhantes a estas com medo que elas fossem verdade, e o nosso medo torna-se tão íntimo, que é como que o nosso melhor amigo, confidente, amigo em segredo que contamos só para nós.
A dúvida venenosa na minha mente tudo consumia (agora tenho nada, apenas este cigarro e cicatriz que me marcam a garganta), a minha alma era como uma ave voando sob o Mar Morto, atraída para o abismo, chegada a meio caminho afundando-se exausta – sem forças para voltar para trás ou para seguir em frente – e no entanto, quando parecia mergulhar na morte e destruição, o próprio sopro ascendente da inerte massa de água me fazia voar mais um pouco, queimado por cima pelo Sol, corroído por baixo pelo Sal. Como uma andorinha.
Ela contorce-se com uma vitalidade de ginasta, no turbilhão de lençóis da nossa cama, vejo à contraluz aquele vale entre os lombares (sempre fui louco por lombares carnudos), ondulando como se estivessem a ser controlados por duas mãos invisíveis de acordeonista.
Vejam como se abandona, até inclina a cabeça para trás (é a mesma mulher que conheço?) fechando os olhos e meneando ( em jeito de pequena dança) o crânio, para retirar do pescoço suado alguns cabelos residuais que a fazem sentir mais calor, ou comichão, ou então é apenas um reflexo do prazer...Concentra-se na penetração e nas ondas e ciclo das marés que prenunciam o clímax, o apogeu, o orgasmo, quando a Terra parece nos sorver para o seu centro, quando nos encolhemos para nós, encarquilhando como folhas velhas e tombadas no Outono.....o orgasmo....
A mulher que casou comigo, faz três anos...
No início é tudo tão cor-de-rosa...connosco foi tão bom...fazíamos amor a qualquer hora e em qualquer sítio...As reverências de um para com o outro eram mais que comuns, mais que constantes. Como general no prenúncio da batalha, como os primeiros contactos com os amigos em vias de o ser, cada um apalpava o terreno e a pouco e pouco ganha-se intimidade, e metemo-nos à vontade – como se estivéssemos em nossa casa.
Nunca nos podemos dar naquilo que realmente somos.
É esta a lição que continuamente reaprendo.
Há sempre uma fronteira na intimidade além da qual, mesmo quem te ama, te abandona, bicho humano que precisa de mistério e desafio. Isto se quiserem manter alguém. A melhor maneira de alguém perder é dar, apostar tudo. A devoção total é o inimigo de uma relação duradoura...provem-me (a)o contrário...
Solidão não é estarmos sozinhos, é nunca poder dar o que somos.
Não sou bom gestor de mistério e de distâncias. Nunca o fui. Não me sei dar, dou-me demais...
Ficámos tão à vontade que se calhar, perdemos o interesse...
Interiorizei que ia ser um homenzinho, ia tratá-la como igual, como deusa até, iria desempenhar o papel de responsável, de farol...(é esse o papel do homem, não é?)Quis fazer vida, comprar casa, carro, hipermercados, cinema ao fim-de-semana, jantares de amigos e de colegas de trabalho, fazer que os outros casais fazem (mas melhor, íamos ser felizes...), pensávamos que nos conhecíamos um ao outro, e

a nós...Tornei-me estóico com frugalidade de asceta...(é preciso disciplina para pagar um apartamento uma vida inteira, e ter tempo para andar feliz depois de um dia de ditador trabalho).
Talvez me tenha tornado sisudo com a responsabilidade (que outrora sedento desejei...), perdeu-se a alegria. Assim até entendo que aconteceu. O que está agora a acontecer. A impotência agora não me envergonha... dói demais para doer.
Mas onde foi que me tornei estranho para ela? Para acontecer isto?
Mas não devia ela amar-me fosse como fosse, mesmo que eu me transformasse num sapo?
Nunca peçam a alguém para não fazer ou fazer algo determinado...ó espécie sombria que vos dá sempre o contrário do que vocês pedem...
Pensar nisto agora é inútil e desapropriado.
Prefiro apreciar as belas mamas da minha mulher balouçando ritmicamente a um som de comunhão ofegante. É este o pulsar da Terra. Todos os seios são mudos e não precisam de falar, são poderosos imãs para mãos e lábios. A cópula é o jogo do puzzle mais antigo da memória.
Como a concha da mão cobre aquele monte carnudo na perfeição, como é bom sentir o mamilo duro na palma da nossa mão, fazendo cócegas que nos fazem render ao involuntário e ter mais tesão.
Agarrar aqueles seios é um código secreto intemporal anunciante da volúpia, da embriaguez da carne. Os seios, as nádegas, as coxas.....a carne deixa-me louco.
Imaginei esta cena por completo. Parece um filme. Se calhar a ideia veio-me de algum filme que vi.
Já tinha imaginado tudo. Sentar-me aqui no toucador aos pés da cama, acender um cigarro (eu, que não fumo...), e ficar a ver. E a pensar.
Que outras coisas podia fazer?
Apontar-lhe uma arma aos cornos e dizer-lhe para continuar, senão dou-te um tiro no focinho? Filho da puta. Ela é minha mulher?
Acho que é melhor assim, encarar lentamente esta tortura angustiante de frente, e pensar, pensar...
Pensar na cara dela a fazermos amor, quando está por cima e lhe vejo entreaberto pelo meio dos cabelos, um sorriso um cometimento, um estar ali compenetrada em si... Como é belo, como tendemos a arrumar mesmo o que é mais precioso para nós em gavetas de incontestável propriedade...Não, não vou pensar que a culpa é minha, que grotesco...

Que diria ela, depois de tudo isto? Teria palavras? Há quem lhes dê uma carga de porrada, que durante uma semana ninguém olha para elas a não ser com aversão e pena... Sempre pensei que se fosse, não seria assim...Nestes momentos é que as pernas da moral fraquejam e tremem sob o peso da fúria.
As palavras que dizíamos de juras infinitas de não sei quê de eterno...
Tudo vão, vago.
Já tinha imaginado tudo. Sentar-me aqui no toucador aos pés da cama, acender um cigarro (eu, que não

fumo...), e ficar a ver. E a pensar.

Saí do trabalho mais cedo. Meti a chave à porta sem fazer barulho (como gostava de fazer amor com ela de lado encaixado no meio das suas pernas, abraçado, tão próximo que tínhamos de virar a cara para não nos sufocarmos um ao outro com a expiração), fechei-a no maior dos silêncios, tirei os sapatos para as meias abafarem o som da minha locomoção.

Já tinha imaginado tudo, naqueles dias inteiro de prazer masoquista passados a fazer filmes (de terror, tragédias, ficção científica, policiais, sitcoms...) na minha cabeça.

Já tivera a certeza quase comprovada (um homem sente estas coisas), de modo que a coisa esfriara de modo a eu puder ter uma certa distância para poder planear.

Comprei o maço de tabaco mais preto do quiosque (de acordo com o meu estado de espírito de mártir), na algibeira o revólver que comprei e que tinha guardado na minha secretária do meu escritório.

A porta do quarto encostada, no dia anterior tinha oleado as dobradiças, não fez barulho nenhum ao ser aberta...em bicos de pés sentei-me, aproveitei o passar de um avião para acender o cigarro, o isqueiro é a gasolina e faz algum barulho a acender...o cigarro vai agora a meio caminho. Como a minha mulher é linda, ainda a amo, se calhar a culpa é minha, tenho vontade de chorar, mas no frio da minha tristeza tenho a água dos olhos congelada em icebergs... Percebem o épico aqui? Os planos até à velhice, planos de felicidade, ecos de uma vida inteira, desde que em puto pensei pela primeira vez o que seria a minha vida futura, e a fé que tinha no casamento? É toda uma vida que desfila...É toda uma filosofia que nos esbofeteia acordando-nos violentamente para as mais pequenas coisas para as quais estávamos dormentes...Toda a perspectiva do mundo entra em suspenso e amarga. Percebem-me? Quero que se fodam...

Ela está a foder, ou a fazer amor? (Ténue indício de esperança que renasce das cinzas...)

Sinto-me ridículo nesta minha figura, (que saudades tenho de lhe lamber a boca e sentir o suor dela a cair-me no rosto e no peito), o corpo dela não está nas minhas mãos, oiço desabafos guturais que ele grunhe, os lençóis que agarra (com força) na minha cama, à medida que investe, e que ela responde (ás investidas) com gemidos...a comunhão entre não eu e ela...fico de fora, meto o revólver na minha boca, fecho os olhos mas logo apago esta imagem da minha imaginação, mudo para um levantar-me e encostar-lhe o cano às têmporas...mas e ela? O que lhe digo?

Vejo o fumo dançar de braços abertos após a lenta consumição do cigarro.

Sinto a nicotina fazer cócegas na garganta, e deixo-me ir no trenó do transe que me vem buscar quando me abandono ao eco que a suave tontura apenas pressagia.

Palavras são desnecessárias agora.

Medito ao som dos gemidos que ela confessa.

Estão-se a vir. Estou-me a ir, vem aí a cena. Vou ficar calado não tenho nada para dizer.

Espero que com o revólver na mão tenham medo e não me digam nada.

Viraram-se, deitaram-se de barriga para o ar, extenuados, vão fumar um cigarro. Ele já me viu, ficou sobressaltado, tapa os genitais com vergonha, não sabe onde se meter, faz sinal (um encontrão com o cotovelo) a ela que reage da mesma maneira, tapa as mamas... Dizem algo, mostram-me as palmas das mãos, explicam-se, gesticulam, levam as mãos à cabeça, parece que se sentem arrependidos...
Palavras são desnecessárias agora.
Como a minha mulher é linda, ainda a amo...

L

**Cronos**

Memórias de fracassos, só aqui me dizem que virás.
Aguardo fixando-me no horizonte, é mais fácil fugir do que tenho a dizer, do que saber que é tarde demais para me ir embora.
Vou para uma estrada que se me afigura tão longa, tão árdua, perco e deito o olhar na imensidão e eco de pedras feito, rochas que jazem no chão dando figura ao caminho.
Ruínas de gestos, palavras e actos, que trago com a minha boca mnemónica e recolectora nas rodas da locomotiva.

A noite era um túnel, olhos e reflexos nas janelas vagueavam como presas para o olhar voluntarioso. À noite todas as auras se misturam com a própria alma da noite. Como se as trevas reclamassem em uníssono, para si, parte da identidade dos espíritos que não comungam nos leitos a reverência do astro nocturno.

Assim que caminho saindo da boca do Metro, acalcanhando o soalho de pedra calçada,
Tombo os olhos no chão que será partida depois da chegada.

Num bar de um dos dormitórios de Lisboa, encontrei um segredo mal guardado.
O seu recheio (do bar, não do segredo...) era composto por clientes com idade madura como as umas que entram em transe na orgia do mosto...(como se fosse a persistência temporal a causa da mudança das coisas...)
Dizia, a esmagadora maioria dos utentes era já um pouco entrada na idade (que expressão épica e bonita...), e cada um sendo estrangeiro em causa própria.
Um bar de retornados(às velhas lides do sexo).
Falamos aqui do eco que se explana pelos três espaços do tempo, senão vejam...
Por um motivo ou por outro, após um certo período (Passado) de vida em comum com alguém, divorciam-se (normalmente esperam até os filhos estarem criados) passam uma temporada na terra de ninguém

(terra sem alguém, neste caso), e depois de algum ressentimento, revolta e amargura, decidem divertir-se (Presente), gozar-se o que não se gozou quando o tempo aparentava ser próprio... e a existência parecia limitada a fraldas, rotinas e paciência.

As mulheres têm de ser boas na cama, e os homens têm de ser divertidos (para grunhos já bastavam os ex-maridos...) e altivos (uma forma de se fazerem desejados – inflacionados o seu valor – mas tão desesperados por serem comprados – por elas, mas mais por eles – ainda serei homem?), não-chatos.

Têm todos de ser poetas. Como?

Os poetas e as poetisas sofrem, que sofram... dizem todos, desde que não gritem e continuem a produzir coisas bonitas, beleza, seja ela a face de um poema, seja ela um elogio a um atributo da vida banal ou a um atributo do parceiro(a) em vias de o(a) ser.

Conhecer pessoas, comer mulheres, conhecer e ouvir as paradas nupciais dos machos (no fundo, a «guerra dos sexos é uma guerra pelas almas).

É difícil e imperioso justificar o primeiro passo. Mas o desejo é sofístico, encontra torce e forma pretextos.

A música composta de ditirâmbicos batimentos de génese africana, e de vozes chorantes entoando temas de sofrimento amoroso( e por vezes de emancipação boçal e bacoca), faz as honras da casa diluindo as inibições, juntando as mulheres embaladas pelo canto dos ex-mancebos, e os machos embalados pelo canto da tesão e o gás da cerveja.

È através do pecado que se tem o primeiro vislumbre da salvação.

Os tempos de sedução da mocidade que já não volta, já não voltam, mas a vontade é forte e desengonçada, e encontramos no meio da pista de dança velhos espécimes retratos fiéis de uma época que já passou.

A idade preenche os sonhos da juventude. A possibilidade afoga-se no girar esférico do tempo.

Vestidos demasiado espampanantes, calças demasiado justas - apertadas, demasiado gastas, demasiado bem (intencionalmente) arranjadas, peitos peludos demasiado à mostra, cabelos demasiado pintados, grisalhos demasiado grisalhos... ou porque o gosto ficou parado no tempo, ou porque a carne de quarenta, cinquenta anos precisa de mais maquilhagem para se impor, para se fazer presente, para esconder as pegadas do tempo.

E no entanto, uma contradição ao nível da derme...maquilhagem em cara de velha desfigura.

Estamos sitiados na nossa época, e esta inactividade cansa, e o exercício é estar inactivo.

Os cotas empunham as imperiais (que estranho e interessante nome!) à cabeça da mão, como se os copos e o respectivo dístico fossem os símbolos de alguma coisa.

Com um copo de cerveja nunca se está propriamente só, possibilita sempre uma fuga, uma desculpa (saborear a cerveja) se acaso algum olhar inquirir sobre a sua presença.

Víamos, dizia eu, este grupo de homens requisitando companhia (sem ela não sabem que fazer, e parece que não se vive), em montes encostados à parede, como nos bailes antigos / da mocidade, em que

suavam as camisas de cetim e envergavam o vigor pueril de jovens homens , nos movimentos bruscos das danças, nos pequenos sorrisos confiantes e plenos de inocente arrogância ( a força da Terra palpita efervescente naquelas veias), além de erecções mal disfarçadas à flor de calças justas assentes em bocas de sino.
Vigor esquecido pelos anos passados em armazéns e fábricas, e oficinas, e alguns escritórios, outros obreiros de rugas.
A parede ampara agora o seu peso e por vezes um pé, uma mão no bolso, a cerveja encostada à (mais larga) cintura, à cabeça de um braço arrumado num ângulo de noventa graus...e os olhos arremessados na atenção à pista onde as fêmeas dançam, olhos de rapina, não deslumbrados mas sombrios de desejo.
Refugo matrimonial.
Vivem(os) com as ruínas e vamos demasiado longe no tempo para encetar nova construção, pelo menos com alicerces mais puros e sinceros. Temos um passado.
O tempo mais belo é o período do primeiro enamoramento. Só o amor recordado é feliz. Só amamos quem, quando perdemos. E volta tudo ao início.
Normalmente os menos deslumbrados...porque a mágoa de deitar fora e cara uma crença na felicidade, anos em comum (afinal a vida não tem aquele sentido que pintámos – como pude eu acreditar - ...) amarga para uma convicção na própria felicidade.
Afinal, sentem-se como se tivessem perdido o comboio e desperdiçado o bilhete.

Oscilamos como um pêndulo entre o filme de aventuras a cores no cinema, e o épico a preto e branco no pão nosso de cada dia. A vida é então um eterno abismo no qual nos lançamos de cabeça, sem fim, sem nada à vista.

Vou de novo para longe, jogo as pernas ao carreiro, reparo de novo que hoje as pessoas só olham umas para as outras pelos reflexos dos vidros do Metro, seja por pudor, seja pelo que for. Chamamos pelo mundo...Quando ele se aproxima, dizemos que não era este.
Preparo-me para sair da estação, um cheiro acre intenso a urina invade o ambiente, é de manhã, as pessoas vão trabalhar para a rotina, o Metropolitano está saturado.
Quase todos pensamos que o cheiro é um infeliz vestígio da vida de diversão nocturna, em que ébrios poisam pelos cantos da cidade marcas de territorialidade inconsequente.
Repousei o assunto.
Saudei-me a mim próprio na partida.
Ao subir as escadas para apanhar o autocarro no Areeiro (sempre o Areeiro), encostado também à parede, jaz um velho de face hirta e assustada, as pessoas passam por ele e vão demasiado hipnotizadas nas suas cogitações da habitual jornada, para repararem nele. Algumas reparam, apercebem-se e fazem

por ignorar. Vejo-o encostado, agarrado a um dos ferros do corrimão, em desesperante eminência de vergonha, temendo sobretudo, o peso dos olhares dos outros (juízos vagamente kafkianos), enquanto abana as calças molhadas e vê escorrer o comprometedor líquido que esbofeteia quem pára no tempo para pensar sobre ele.
Irónico, ser a urina a lembrar-nos do Homem e do tempo, a luta contra o tempo (luta madrasta), em que o Homem perde sempre.
Mandam-nos para a vida, como ensinam uma criança a nadar...mandam-nos para dentro de água e dizem para dar aos braços.

Depois ele mija-se.
Só lhe falta chorar (a vontade não é nada pouca), mendiga compreensão com os olhos, constrói expressões faciais de extremo desagrado (vénia à multidão) e impotência perante a situação.
A verdade é que ninguém repara nele e no cheiro intenso que se entranha nas narinas. Mas ele como que se sente no centro no centro de um tubo de ensaio observado ao microscópio por todos, e corrói-se porque já não funciona como os restantes( está de parte?), a entropia toma conta de tudo.
Parece uma criança (Futuro) , uma criança que aprende agora as leis de higiene e etiqueta, que se prepara para a passagem do tempo vindouro.
A passagem de Cronos.

LI

**Daguerreótipos a la minuta**

I

A Filipa fez-me uma cara como se eu metesse nojo quando contei algumas peripécias passadas com Susana. Senti que a sua sensibilidade burguesa crescera como virulento xenomorfo com hormonas de crescimento. Afinal já não éramos irmãos literários. Do grupo dos 9RH que sonhavam com devaneios da literatura, aparentemente só eu ainda pego regularmente numa caneta.

Ela era das poucas que discutia literatura comigo, mesmo na Faculdade de Letras seguindo todos os pouco lidos escritores obscuros (à sombra dos gostos comerciais das editoras) que a mãe pátria portuguesa em forma de língua vai fazendo emergir.

A pureza do seu coração andava de mão dada com a inexperiência sexual que vogou por mar crispado para assentar na feliz e tépida lagoa que é o casamento.

Esforçada mesmo que as suas origens familiares o dispensassem, dei com ela anos mais tarde a ter posses e a ler livros de motivação para auxiliar a sua nova etapa de empreendedora e empresária.

Excelente pessoa que perdi para a grande mole dos convencionais.

É tão bom ser convencional. Saber que se está correcto a partir de uma visão do mundo que reflecte o nosso conforto material que nos enverniza e aliena a verdadeiras pulsões de vida dentro de uma prisão de veludo. Foi essa a cara que fez, de censura séptica a um turbilhão de experiências que anos antes lhe teriam servido para dissertar sobre a natureza do amor e da condição humana. Cresceu, evoluiu, parece.

Não gosto de gente madura, não gosto de cautela estóica, nem da aura de satisfação pela vida menos ainda que o chilrear infantil das adolescentes. Gosto de ver as pessoas bem e felizes, mas vê-las confortadas com o destino faz-me olhar para elas como se tivessem abdicado do seu fogo interior, afinal análogo àquele de Prometeu que o roubara por sua vez aos deuses.

Partem todos mais cedo ou tarde, para essa longínqua banhada que são as praias do envelhecimento.

Fico aqui sentado neste rochedo olhando, e tornando-me em mais uma ilha esquecida e destinada a dissolver-se com as marés dos entardeceres outonais como um qualquer monte de areia de bom presságio.

Todos entram nos fornos crematórios que os carris da longevidade das suas vidas conduzem por entre florestas de ossos dos que morreram pelo caminho, pela droga, acidente, doença, ou simplesmente desgosto.

Eu infantilmente recuso-me a percorrer tal caminho, no entanto empurrado para os chuveiros de gás por quem vem atrás.

Peter Pan chamam-me alguns, mas apenas não quero ser determinado por um conjunto de velas de aniversário sopradas, fico com saudade do que as pessoas eram, e morro sempre cada vez um pouco mais que percebo que adio o inevitável.

Prefiro olhar para os meus amigos como *doppelgängueres* espectrais, risos joviais e sinceros que me ecoam na memória e já não nos ouvidos…das angústias fáceis e dos amores brutos de uma cruel

existência que dá o sabor da juventude que tudo promete para retirar ao primeiro toque das papilas. Morrer é acamar o corpo ao húmus da terra, acolhedor e compactado como ele.

Escrever tem um preço, Filipa nunca mais o pagará.

Apagou a vela que nos conduzia na escuridão do bosque onde estamos perdidos, optou pela acolhedora cabana climatizada.

Quem escreve queima-se a si próprio na fogueira da vida na qual arde e se aquece, mil vezes caralhos se fodam, se cedo ao canto das sereias.

As belas matronas apaixonam-se pelos livros sobre amores tumultuosos e paixões avassaladoras, que esquecem assim que acasalam, infernizando a vida em conjunto com o amargo de boca que é comparar o que se queria e o que se tem.

Tento fingir, jogar em duplicado, fingir que compreendo a evolução.

Seria mais fácil se tivesse dinheiro, se não tivesse que lidar todos os dias com a necessidade, se não tivesse de pagar duas míseras canecas de cerveja com os últimos trocos ainda resistentes no cartão de débito.

Se eu tivesse mais dinheiro, o meu duplo seria mais cortês, bonacheirão, desapegado, de bem com a vida. Os meus devaneios, loucuras e imprudências seriam exóticos e não censuráveis pecados morais.

Não, não posso. Contente, apaga-se-me a vela.

Tenho de aguentar até ao fim. Contente e conformado engordo e desapareço, outro virá substituir-me. Responsável honrado considerado num grupo de iguais. Coloco citações motivadoras, sabedoria de vida escrita sobre fotos de bebés adoráveis, ou fotos picantes com comentários elegantemente alusivos, nas redes sociais onde me mostro aos outros que sabemos estarem a olhar para nós, que sabemos estar.

Deixo de ser *troll*, os meus amigos já me passam a convidar amiúde para as suas casas, apresentando-me os recém-nascidos filhos, misturam-me com outros amigos mais convencionais, com quem querem privar e imitar.

Deixo de ser um *troll*, um provocador, um pato preto no meio de tanto cisne branco.

Foda-se caralho, deixo de ser eu.

Mas que sou eu senão o conjunto dos meus hábitos.

Encontro desculpas para a minha vida concêntrica no trabalho que à noite faço escrevendo escrevendo e nenhuma merda de jeito sai.

Engasgo-me no meu sangue pelo tanto que puxo pela memória coisas do passado para vestir com roupas diferentes, ver se ficam bem num livro.

Como *Golem* pétreo nada faço de jeito que não à base da força bruta nem consigo parar, e é com expressões de pedra que respondo às caras que esperam ver em mim o conforto do seu reflexo.

Arrasto-me como lesma no gume de uma lâmina afiada, com a consciência que se divide na dor do corte. Toda a gente parece dedicada em percorrer um caminho e eu de passo ao lado vendo-os passar todos em fila indiana, rumo à morte e eu em vez de caminhar, penso, penso penso, foda-se penso.

II

Júlio já nem responde aos SMS. Não responde.

Quando a vida lhe parecia tão pequena ainda havia espaço para os amigos, e para os problemas existenciais, e alegrias da gente comum.

Quando se dedicava às Belas Artes ainda recorria a mim para comunhão de ideias. Tornou-se polícia.

Para a maior parte dos polícias não existe vida fora da sua profissão. Por causa dos horários marados, e porque tudo o resto à parte das excitações de manter a ordem pública, se torna sem relevo e cinzento por comparação com a adrenalina das perseguições da violência e dos tiros.

O poder serôdio de cada agente da autoridade afasta os indivíduos de uma aproximação à realidade que se derrete sob uma capa de mentira. Ninguém gosta de polícia  e as submissões servis e as simpatias fáceis mais exasperam cada agente que bamboleia entre a gota de poder que sorve e o amargor da

manipulação que observa, sente-se puta, usado por calculistas que o ignorariam se não pudesse ser útil no futuro.

É a punição que dá justificação ao ar grave e pomposo que cada agente revela quando circula por bombas de gasolina, minipreços e lojas dos trezentos.

Se tivesse um ar aproximável seria presa fácil dos abusadores.

Ar grave e pomposo, hipertrofia muscular passam a ser parte de si.

O polícia é assim alguém que geralmente se leva muito a sério, que se julga em situação de excepção para fazer impor a regra.

Amiúde se partilha na mesma esquadra, a caixa do continente, a gaja de rabo grande da roulotte ou aquela cabeleireira que adora fardas e empregos estáveis.

Muitos deslocados dos montes e leiras deste Portugal fora albergam-se em Lisboa, numa vida atrás de farda, casteando-se à parte tão próximos dos malandros e prevaricadores com quem partilham o território pejado de redes de influência e de pessoas, de becos…convictos de serem o garante moral da sociedade que lhes paga para usar a violência entre sujeitos, com acesso privilegiado e monopolista à realidade da realidade com a qual pouco regateiam os discordantes.

Júlio já só falava de bola ou de polícia. Nada mais lhe interessa senão a irmandade da corporação e a rectidão de uma imagem que contrapõe aos escândalos da noite.

O mitra tem de ser enquadrado e o cidadão regulado, o agente está afinal entre os correctos da vida.

O conforto financeiro ante a miséria geral, uma dignificação por proteger a vida burguesa, fazem com que se desloque como pater patriae rumo a um assento da reforma, na qual passamos os momentos finais a recordar a vida que se escoa quando fomos príncipes de algum reino e agora somos escudeiros do nosso próprio silêncio.

III

A discussão à mesa já fazia com que a sua mulher olhasse para mim com o olhar de quem aufere se o

outro que parecia ser normal, tem alguma espécie de atraso.

Atrasadinho sim sou eu.

A convicção com que ele, o meu interlocutor, insiste no seu ponto de vista roça uma profunda adesão interior a uma mundividência, como uma reclamação de autoridade baseada nessa cagança, e também para impressionar o pai, que o escuta.

É preciso fazer contas, meter a mão na massa. O progresso é betão armado e alcatrão, fábricas, emprego e nada dessas merdas de letras que servem para nada.

Quer lá saber se o Rei da Restauração era o xico ou o manel, isso é conhecimento que nada adianta na vida. Não é útil como a soma dos catetos ou a raíz quadrada do círculo.

O mundo é dos que fazem e dos que pensam em fazer. Não é de dos que pensam sobre o que se faz. O interlocutor é professor.

A plateia, grave e solene, acatava reverentemente os remates, e ainda pensei ensaiar resposta mostrando as falácias do mundo de hoje. Mas admito, a convicção e pétrea basilar concatenação de argumentos deixou-me desarmado, como perante taxista que diz que os táxis de Lisboa são os melhores do mundo, sem nunca ter saído de Xabregas.

Não só o interlocutor estava 110% certo do que afirmava, como ostentava a pairante ameaça de que qualquer resposta por mim dada que não anuísse com a sua postura, só me confirmaria como menino froufrou, alienado saído da universidade com neuras existenciais.

Estes maricas de letras devem morar em estufas. Fazer contas que é difícil, eles não fazem. Madraços.

Não tenho a *auctoritas* proveniente de um poder público que desdenha as conversas e se hipnotiza com as máquinas, pago apenas o cheque de não saber retribuir em despeito e jactância com que me brindam. Ninguém regateia a um engenheiro o conhecimento de um circuito eléctrico, mas todos acham que a sua opinião é equivalente em quase todos os assuntos de que passou anos a ler a ‘República’ ou a ‘Crítica da Razão Pura’. Por todo o lado se repete que a Filosofia não dá respostas e que portanto isso é equivalente a qualquer resposta ser válida, ergo, as opiniões sobre assuntos filosóficos estão em grau de igualdade entre os iniciados e os que mais tempo perderam a tentar compreender o que outros passaram vidas a

construir.

Há alguma coisa a favor das Letras?

O mundo das ideias é sempre menos óbvio que o das coisas, menos palpável e menos percebido como útil.

IV

Lembro-me dele na secundária, as marcas estavam híper na moda, e usou um blusão de ganga da Lee até à exaustão da gola se desfiar em fios de algodão murcho e lavado.

Quando entrou na universidade eu já lá estava, fez-se melhor amigo até se ambientar. Sempre foi assim, nunca pude deixar de sentir que era muleta dos tempos menos bons.

Mas só a mim me posso culpar.

Talvez dê demasiado valor à amizade, ou então a minha amizade seja sufocante ou de baixo valor porque sempre de perna aberta.

Lembro-me de falar de mulheres que escolhem os amores ou os assomos de acordo com a fabricação prévia do seu paradigma estético. Há homens que são exactamente iguais, em todo lado se vê a igualdade dos sexos, que de tão evidente, só emerge quando este meu amigo se deitou com mãos à vida para pagar as suas despesas. Arrumou o Luís Sepúlveda na gaveta, e ensinou-me algo sobre mim mesmo.

LII

**Chuva dourada**

Costumava sentir na pele, como pressentimento de xamã, quando a morte do Verão se transformava no nascimento de um novo Outono, com o cheiro da terra molhada e os dias mais curtos e escuros.

Sentia no ar que a estação mudara.

Ansiava pelos agasalhos guardados nos suados dias de calor. Sonhava com corpos extenuados de mulheres nuas por debaixo dos *edredons* dos seus quartos resguardados.

Agora a mudança passa por mim senão como mero cumprimento de calendário.

Que faz do autor alguém tão agastado, gasto pela 'vida'?

Os sucessivos pensos que mal suportam as margens de carne que se afastam assim que se mexe nas feridas abertas, ou a sucessão das repetições que já não trazem nenhuma novidade?

Na linha interminável, aparentemente, da sucessão dos instantes, que tenho eu a ver com aquela pessoa que há vinte e oito anos era eu?

Essa merda a que chamam 'amadurecimento' é uma lição de humildade ou uma forma doce de dizer que gradualmente o sujeito enquanto alguém viçoso e pleno de alegria se vê assassinado ao grau de apenas sobrevivente?

Que homem era aquele com acne na carne, que sonhava com beijos de línguas entrelaçadas e amor eterno, cópulas em camas de solteiro semeadas de ursinhos de peluche cor-de-rosa?

Que combinava com a Fernanda encontros debaixo das arcadas com o fato de treino preto de viscose

descosida no bolso como estratagema para os primeiros contactos entre mão e falo imortal que se recusava a dormir todas as noites sem que a memória, de olhos fechados, lhe contasse uma história de mulheres nuas e desejantes de si, com *términus* em papel higiénico de dupla folha dobrado a preceito?

Mas não chegava apenas, a vulva disponível.

Um alto sentimento de si exigia amor. Exigia uma sintonia de corações, era preciso ser desejado simetricamente.

Era necessário sonhar com o rosto e com o afago, com o carinho e o aconchego.

Carne por carne soava a degradação, e o miúdo só queria entregar-se ao trapézio sem rede da paixão.

Os jovens corpos pedem eternidade.

Lembras-te daquela Ana que combinou ir contigo ao cinema, e não apareceu?

E que no dia seguinte, com as amigas te gozaram a bom gozar em plena C+S sem que soubesses porquê?

E que na semana seguinte se via pelos cantos visíveis dos rectangulares pavilhões exercitando a boca esborrachada na boca de outro?

E aquele que foi usado por uma para fazer ciúme a outro? Espezinhado nos seus sentimentos, como coisa ou bocado de madeira seca para a fogueira que na noite solitária chora encostado à cama por uma dor que amachuca o coração feito folha plana de papel A4 transformado em lixo que em forma de bola se lança ao caixote?

E aquela outra, a Paula, que jura sob Oríon, amor eterno por ti, pondo-te a sonhar com olhos verdes e lírica de Camões, nas serras de noite calcorreadas e dois meses depois deixa de te falar, e às tuas perguntas de espanto só te faz sentir culpado sem te dizer a acusação : «-Não entendes, pois não?». Não, não entendi, que foi que fiz mal?

Que botões carreguei mal, ou que falha tão grave tenho eu para me teres rejeitado?

Tens bondade para fazeres doações de caridade para os famintos em África e nunca me conseguiste explicar o que foi que fiz de mal para me teres deixado assim. Só por ter gostado de ti?

Só para eu perceber, nada mais.

Mas eu ia-me vingar, ias ver. Tinha jurado para mim conquistá-la de novo, teria a fêmea e a festa para o ego de ser sedutor, finalmente. Não ficar em suspenso do oscilante amor dos outros, em suma, seduzir para a liberdade. 10 anos escrevinhados a linhas pretas e queimados numa tarde de fastio.

10 anos de testamentos  que na minha ideia eram mais que masturbações literárias, mas assomos das letras mundiais que iriam acordar-te do encantamento do não amor por mim, finalmente percebendo que eu sempre tinha estado ali para algo mais que alimentar o teu ego.

Viveste com outros as fantasias que eu havia combinado contigo, fazendo de mim pedaço de merda completamente ignoto às fantasias que contavas, viajando pelas terras altas da Escócia, que havias combinado comigo e esquecido de forma ainda mais cruel que o amor que sentiras. Tudo feito de forma tão clara, fulminante, aberta e sincera que nenhum ódio senão dor poderia despertar.

Só está em pecado que se sente em pecado, e tu estavas para lá do paraíso.

Curioso como as filhas de Vénus são tão ligeiras voando como libélulas por entre os salpicos de promessas que a vidas lhes lança, na exacta medida em que ignoram ou escolhem relativizar os homens escravos dos amores por elas provocados, que neles perdem o tino, a liberdade e a alegria nas mesmas promessas.

E a Vera que queria que a pedisse em casamento?

Até eu fácil pinga amor achei estranha a ideia, e de desconfiar.

Tinhas feito um aborto de outro gajo havia pouco tempo. Usaste isso para me abrir as muralhas. Era supostamente só para fornicar, mas tu e eu sabemos que pouco tempo dura a cópula sem que eu me apaixone.

Ligas-me a chorar da dor que estavas a passar.

Senti-me como Maomé perante a montanha e cedi, havia que permitir a empatia por alguém que chorava de dor ali exigindo o ombro amigo e a compaixão de Rousseau.

Fiquei convencido da sua sinceridade.

Quem chora assim para desconhecidos não pode estar com os mesmos jogos que vamos aprendendo a deslindar em manhas, estratégias tácticas e fingimentos coquetes.

Casamento simbólico e nem três meses depois não atendia as chamadas.

Ligava-me por vezes, fodendo com outro e deixando o telefone fora do descanso para eu ouvir os gemidos de ambos.

Perguntava-me, caminhando pelas ruas de noite à chuva, para que as minhas lágrimas não se sentissem sós, que podia eu ter feito para merecer tal tratamento recorrente, e cada vez mais cruel por parte de alguém.

O que é que eu não estava a ver?

Porque é que são incapazes de uma conversa frontal e honesta explicando o porquê dos abandonos?

Desprezando por completo as consequências dos seus silêncios?

Não sabe a mulher que o abandono não explicado imita o fogo ardente do Inferno, onde ardemos pela infinidade das justificações possíveis, invariavelmente presos e a sós na única explicação plausível, o Eu, ela largou-me por causa de mim, mas do quê em mim, procurado noites a fio em que não se dorme, em semanas a fio em que não apetece comer, em meses a fio em que só apetece chorar, em anos afio que se perdem para os bonitos ocasos e as lindas auroras, só porque a coroa de espinhos turva de sangue toda e qualquer paisagem.

E aquela que largou aquele por outro com mais dinheiro?

E o outro que foi bater à janela do Honda *Civic* embaciada exortando à mulher para ir para casa ter com as filhas?

E aqueloutro que só fode quando a mulher se apraz com o que ele faz para ela, como se o seu corpo inerte e morto para o amor dele fosse o prémio decorrente do 'Sim' dito na Igreja antes de se verem presos na mesma casa e no mesmo empréstimo ao banco que tem de se pagar, ligados apenas pela canga da vida mais facilitada com dois ordenados para o orçamento da casa. Amor a martelo é melhor que amor nenhum.

Oh e aquela que te gozou quando não tiveste tesão para a foder porque estavas nervoso ou ansioso, ou inseguro? Afinal a função do gajo é dar prazer à gaja, tudo menos que isso é inadmissível para a tua masculinidade.

E a outra que te fodeu numa cama de pensão, em que a dona a conhecia, várias vezes pegando no telemóvel Nokia 7650 para olhar para a fotografia do namorado que desconhecias existir, usando-te para uma vingança passivo-agressiva?

E aquela que trazia o vosso filho na barriga, e te ligou de Espanha a dizer que tinha feito um aborto sem te ter perguntado nada, e como se nada fosse, e que ficaste uma tarde num banco de jardim a olhar o vazio, comigo a teu lado tentando confortar o inconfortável, como qualquer amigo faria?

A outra que gostava de aviões e que na sua casa de banho fotografou as mamas e mandou a um amigo comum, depois da cópula contigo consumada, aguardando tu por ela na cama para lhe dares um beijo e a ela adormeceres agarrado?

Também aquela que numa semana acerta contigo que os feitios de ambos têm de ser calibrados e que vão ambos esforçar-se. Na outra semana combina noite no Bairro Alto e tenta encaminhar-te com uma amiga encalhada só porque ela andava em conversações com outro a quem prezava mais que a ti?

Devemos mesmo ter algo de peçonhento.

Para uma que convidas para um exame importante para ti chegando tarde por ter passado a noite num carro com outro.

Que dava conversa a tipos na disco e no trabalho e se levantava a meio da noite para te bisbilhotar o telefone.

Pagamos uns pelos outros, esses outros que preferem vitimizar a ser vítimas, esses outros que não são acanhados de carácter, esses outros que aceitam o mundo e se adaptam para viver nele. E depois existimos nós de brandos feitios, brandos pastos para as chamas da chapada alheia. Nós que aprendemos eventualmente a ser mais cabrões que as putas que nos magoaram. Bela definição de surto epidémico de filha de putice.

Eu olho agora o ciclo infernal do amor na guerra e da guerra no amor e fico com os remorsos e com os escolhos.

Como estava cego. Como magoei. Sem ninguém que me ensinasse senão os meus erros, ainda que tarde demais depois do mal feito.

Sim, fiz muita merda, magoei e arrependo-me amarga, muito amargamente. Mas pior que isso foi a traição a mim mesmo, a pensar que estava a ser esperto, a correr atrás do prejuízo de um ego magoado e voraz a todo o tipo de vingança em sístole de auto preservação.

No hélix sem conseguir parar por um momento e afastar para ver o horizonte, desiludi a minha

personalidade. A guerra, a sujeição, a falta, em troca de um paliativo, a fuga à dor como a perda de mim.

Ou a amiga dela que te queria fornicar só para fazer pirraças à amiga.

Ou a outra que te achava diferente só porque não davas grande crédito ao seu provincianismo e preferiu outras paragens com personagens chiques saídos de cinema francês confirmando o seu gosto de vanguarda e de ideias feitas e sem nenhuma profundidade.

Ah e a Eliana?

Que habituada a ter todos a seus pés estranhava a tua indiferença ao seu aspecto.

Firme na decisão de reconfirmar o seu valor através de outros, convidava-te para as peças de teatro onde trabalhava, e esperneava de prazer com os beijos que lhe davas, nas mamas não, não te deixava lá tocar, estavam reservadas para o que andava em conversações para namorar.

Sabias perfeitamente o que te estava a fazer, a usar como biscoito para o ego. Trocaste-te por uma hipótese de foda. E de provar a ti mesmo que a tua lábia não tinha obstáculos.

Em última análise o que nos faz perdermo-nos é o ego, esse cabrão.

Indecisa escolheu e bem o que tinha melhores condições materiais.

E aquela que te dizia ser a mais frontal das mulheres, que te amava incondicionalmente, enquanto se enrolava com o novo miúdo do hotel?

Podia perder o Ganges de tinta preta a dar exemplos reais de como elas são iguais ou piores do que eles na capacidade de magoar e fazer sofrer, sem que isso alterasse em nada a ideia de que os homens são feitos de pedras e cobras e as meninas de fadas e de algodão fofinho.

A quantidade de ressabiadas que identifica qualquer defesa do género masculino com ódio às mulheres, como se o fundamentalismo fosse que os homens são todos e sempre uns cabrões e que tudo o que é feminino é puro e elevado.

E a publicidade continua a espalhar essa boa nova. Alguns até dizem ser feministas, de um feminismo que claramente é anti homem.

Confesso ter em tempos nutrido ódio pelas mulheres, para quem tudo era fácil, dançar em cima das colunas do Alcântara, entrar nas discotecas sem pagar, as *ladies nights* sem correspondente para os nativos de Marte, escolher sem esforço o novo parceiro sexual.

O meu ódio vinha daí sim senhora.

De me saber escravo, igualmente do meu desejo e da minha incapacidade de compreender o mulherio.

Mas não há nada que compreender no mulherio.

Apenas em mim, já dizia o Sócrates de Platão e Xenofonte.

Durante anos não lhes liguei importância nenhuma, senão num mal disfarçado ódio secreto e coberto por um cobertor de desdém.

Pensava que não jogavam de forma justa.

Que não era justo terem a faca e o queijo na mão.

Não gosto de dependência, nunca gostei. Não gosto de me sentir dependente de outrém.

E no entanto no meu ódio estava mais dependente que nunca.

Lembro-me que fiz voto de castidade. Os mais felizes 6 meses até então.

Troquei a minha integridade por um punhado de orgasmos como o outro por um prato de lentilhas trocou seu irmão.

Menti, atraiçoei, magoei, para poder usar a fricção e a lenha para a fogueira do meu ego, obter validação através da aprovação de uma mulher da mesma forma como eu criticava a elas de fazer.

Acabei por ser, aquilo que mais abomino eticamente, um hipócrita.

Magoei pessoas, fui magoado por  pessoas semelhantes.

Nenhum dos orgasmos que tive me acompanhou até hoje numa memória que desaparece como rasto de radar, nenhum dos amores eternos jurados pelas bocas dos meus amores pretéritos me faz agora companhia nas tardes em que me sento nos montes a contemplar o mundo que se apresenta.

Tudo fiz para ter orgasmos que agora nem lembro.

E o que perdi foi bem mais importante.

Demorei três décadas a perceber que a deusa se manifesta por potes de barro. Acena a cada homem como as sereias de Ulisses, a partir de cada novo corpo que convida a copular para a Beleza. A coisa em si pisca-te o olho, a cada nova Lolita que esvoaça sorridente negando-te o corpo grácil e inebriante que se adivinha por detrás de cada vestido e adorno que a ninfeta enverga para destroçar o juízo dos homens.

É Cronos que parte o pote de *Ishtar*.

Elas não fazem ideia.

Pelo menos uma ideia concreta.

Sabem que funciona e chega.

Vejo hoje as que então me faziam tremer, por sua segurança, pela certeza e assertividade que tinham no seu conhecimento relativo à vida e ao futuro olímpico, com filhos, casamentos pesados e rotineiros, com o peso dos anos que nos arrasta em direcção ao leito abissal, confidenciam-me as suas fraquezas, inseguranças e sentimento de traição de uma vida que prometia tanto à conta de uma cara bonita e sentimento de profunda especialidade de ser.

As que branqueei convencendo-me de que valiam a pena, só por feições bonitas e traços femininos bem salientes, continuam a exercitar as mesmas personalidades unidimensionais que então já tinham, mas foda-se aos 17 anos toda a gente é promessa.

Vejo-as agora presas no mesmo hélix, a corrida de ratos, sem pinga de dúvida ou perplexidade cogitativa, que eu na altura estaria disposto a aceitar a troco da cópula domingueira.

E no entanto tenho aqui a minha salvação. Vejo-a difusa além da esparsa neblina.

Como a ilusão narcótica da cona se levanta lentamente e a verdade aparece, é uma pessoa, não um reservatório para meu uso. Parece que só agora aceito a naturalidade odiosa da desigualdade que a natureza e a sociedade dá ao portador de pila.

Tarde demais podemos redimir-nos.

Podemos agora entregar-nos finalmente nos braços delas e elas nos nossos, a deusa também as usou a elas, com a ilusão de que eram únicas, especiais e seriam bonitas para sempre. Afinal tremiam com os rapazes apetecíveis e populares, e obviamente nos olhavam a nós com cara má para evitar constrangimentos a dizer não.

Só no cinema o tolo inadequado tem graça. E há muito tolo que acredita no celulóide.

Eu era um deles, e achava-me muito esperto.

Finalmente, com o desejo posto de lado podemos afogar as mágoas e fazer a catarse do ódio. O ódio virado para o ódio que se sentiu. Afinal era tudo um problema de perspectiva e informação insuficiente.

Não podes deixar de te sentir senão enganado. Ludibriado por um véu de ilusão que te parecia tão real como a tua própria existência.

Envergonhado por teres percorrido perfis de redes sociais em busca das paixões passadas, com o ego magoadinho exigindo a vingança na forma da infelicidade sem a tua presença na vida delas.

A mágoa é como uma nódoa que não sai, mas que ainda assim não consegues deixar de escovar para tirar o que sem ser isso passa por um esplêndido lençol branco.

É tão inútil odiar o teres odiado, como ter odiado os jogadores. O jogo é que era merecedor do teu ódio, mas sem saber ou ver achavas que tinhas era de ser hábil na fantochada.

Sentas-te agora na poltrona no mesmo anfiteatro onde passavam as tragédias do passado, e percebes

que não há saber que chegue antes da hora, que tudo tem um processo de evolução, até tu. Sim, não és diferente.
Não podes ser a mesma pessoa que corava facilmente, como a Alexandra corava ao receber cartas de amor.

Não podes já acreditar que é possível fazer alguém amar um desconhecido lendo algumas linhas escritas por ele.

Gostavas de acreditar que ainda tens a paciência de passar tardes a foder perdendo-te num corpo não teu, até à Revelação de uma boa nova que te fará ler o mundo de outra maneira extenuado nos lábios dela perante uma nova cidade sagrada onde vão viver.

Não devias agarrar-te ao ódio, não devias. Não culpes a cultura que prende, antes perde o tempo a encontrar formas de te libertar.

Conta-me, o que farás ao ódio? À mágoa?

Não desaparecem, infelizmente.

Aprende a viver com eles. Não te sintas envergonhado.

Não te sintas culpado. Ter remorsos não adianta. Infelizmente.

Deixa que elas tenham *tshirts* feitas com ódio pelos homens.

Liberta-te disso. Só o amor salva. O amor por ti.

Foi a falta desse amor que te colocou ao lado da via da integridade.

Ser homem é uma experiência espiritual. Negam-te o espírito dando-te o papel que deves desempenhar. Para longe da tua interioridade.

Como máquina desejante da saia esvoaçante.

Vive no teu corpo, e no teu espírito. Não procures complemento fora de ti.

Não amaldiçoes a testosterona. Não a maldigas ou identifiques com algo sem lugar nos tempos que correm. Não acredites em estereótipos.

Não precisas de uma mulher para estar completo.

Respira calmamente. Um orgasmo é como um pastel de nata, daqui a duas horas já nem te lembras do sabor. Os teus desejos não são para manipular tanto quanto não te podes deixar manipular por eles.

Acredita que há algo de mais elevado em ti.

Porque há. Há o tornares-te.

Há o cumprires a promessa de homem que se mostrou na puberdade.

Não deixes que o ódio e a miséria sejam a bitola com que te medes agora.

Não acabes como eu, a dar conselhos que eu não segui, e aqui perdido a lembrar as falhas minhas e de outros perdido agarrado ao passado e ao esforço de entender.

Palavra após palavra violando o silêncio, desagradável como o grito lancinante do desesperado numa festa de alegria.

Não tenhas medo, ama a tua dor.

Amando-a percebes que foi provocada pela humanidade de outros.

Percebe-te como parte de uma equação adiada, na qual só com amor superas as lágrimas que te afogam.

LIII

**Paixão**

Jurei ser teu, amanhecendo no fundo lago rodeado pelo castanho dos teus olhos.
Paixão, vendi-te a alma, uma vez de joelhos para sempre escravo servente, frágil andorinha consumida corroída pelo sal salgado do Mar Morto, e pelo Sol que Ícaro matou.
Preciso só mais de um chuto. Só mais uma dose. Ó ironia divina que nos dás um vício de masturbar defronte do espelho.
Sem ganhar nada, onde tudo se perde, a espiral é medonha e um homem aniquila-se em espiral no abismo.
Só mais uma dose.
Não há dealer a não ser a força pulsante que brota dos colhões até às têmporas, é o batimento cardíaco pulsar da vida cósmica.
O indíviduo pouco mais é que um sorriso de escárnio no meio do Caos e da Forma, e do Imensurável inominável. Sabemos ser algo para sabermos no fim que somos algo pouco mais que nada.
Arfa-me ao ouvido, respira para perto nas minhas narinas e cesso qualquer razão, exclamo o fim de meu corpo e de mim, na união suada e ritmada de dois corpos que mais não querem que deixar de serem unos mergulhando no caudal da dissolução corroídos por baixo pelo sal das lágrimas, por cima pelo Sol que cega, ilumina e derrete as asas de qualquer sonho.
Puta.Puta que te pariu. Como te amo. Como me controlas. Como me submeto em grilhões de veludo, em sonhos do porvir, em promessas de amor feliz, só mais um chuto.
E faremos birras e amor depois, e lirismos trágicos onde fingiremos profundidades e mensagens indirectas em títulos de janelas do *messenger*, ou despedaçando telemóveis contra a parede, em assomos de fúrias que nos arrependeremos quando velhos formos...e tanta vida pela frente e tanto amor por vir, dá-me só mais um chuto por favor, só mais uma dose de amor, para eu não ter que fugir.
Pelo passar das nossas idades, o cinismo, o sal corrói, queimando-nos por baixo roendo as entranhas, e damos connosco tão sérios em coisas tão estranhas, levando já o peso da memória não feliz do passado.

Sal, Sol, Amor. O chicote faz-nos dançar ao som do Bolero que nos embala.
O amor é fodido, ou nós é que o fodemos?

LIV

**Mar de chumbo**

«Aquilo que eu escrevi era só um código secreto de mim para mim passando inutilmente por ti.
É que tu não tens nada a ver com isto. Tens tudo.Só que tu não sabes, nem vais saber, por isso são intrigantes, se alguém os leu, os meus rabiscos.»
Pedro Paixão, *Viver Todos os dias cansa*

Caí do navio onde seguia, que seguia com ocultação de luzes, agora no lindo mar de chumbo, à noite, resta-me ver a sombra silhueta que se afasta deixando-me a esbracejar no meio de um mar onde as minhas mãos parecem tocar o céu prenhe de estrelas, se eu as levantar um pouco acima da água fria.
Só Deus sabe, Deus e o sonho, o que jaz debaixo de mim. A profundidade em que não entro.
Olho nos teus olhos à procura de amor eterno, como se a eternidade coubesse nuns olhos de um doce olhar relativo.

Resta-me tornar cada toque, afago, carinho, miminho, atenção, cada momento em que estamos juntos em epifanias de absoluto.
Só para mim. Só o consigo porque caí borda fora do navio em que seguia, e que agora já só vejo como sombra distante.
Só agora, que vejo a minha vida como silhueta, posso fingir eternamente que o ternamente em que me dou e te beijo é apenas absoluto.
Este fingimento é amor em acabar comigo entregando-me até que desapareço por completo.
Mas é fingimento, não é?

Não estou ainda aqui escrevendo para ti?

Passo o dia pensando em ti, e é o Sal de um Mar Morto que me corrói a carne. Vou voando para junto dos braços que sonho serem teus, e é o calor do Sol que me derrete as asas.
À noite, pela calada, tento nadar para terra, mas faróis de azedume denunciam-me na água, e afastas-me com os teus medos que patrulham a praia.
Nos entretantos assim fico, vendo a minha vida passar, em ocultação de luzes...os teus faróis chamam-me

para terra, para uma praia deserta de mim, onde sei que serei sovado.
Resta-me esbracejar à deriva, olhando a Terra onde estás, que é para onde quero ir, apreciando a colina onde a miragem de ti se forma...Apanhas o cabelo...
a tensão no teu corpo...a tua cara quando pareces dormitar, o teu toque no meu rosto, o teu cheiro no meu corpo.

Não congelo no meio do mar de chumbo polvilhado de estrelas porque saudades de ti crepitam nas minhas fornalhas derretendo a água soltando o sal que arde nos olhos com que vejo o navio da minha vida afastar-se.

LV

**Geração e corrupção**

«Como um cão eu vivi com cada uma das minhas raparigas.
«Senta!» , «Dá a pata!» , «Morre!» Fui muito bem treinado.
A obediência era a minha única maneira de exprimir o amor que, por falha humana, não sentia por elas.
Mas não era por isso que deixaria de lhes dar a melhor reprodução que um coração podia comprar. Não que convencesse alguém.
Mas chegou a haver quem se dispusesse a duvidar.»

Miguel Esteves Cardoso, *Cemitério de Raparigas*

Como é a entropia uma ideia apaixonante para o pensamento.
Especialmente acompanhada por uma teleologia em forma de drama épico de subúrbio.
Os anos pesam mais a uns que a outros, e essa diferença sabe por vezes a vingança saloia. Como se pela maior decadência do outro, ficasse consumada a sua errónea decisão de nos rejeitar, aquela pessoa que tanto fascínio sobre nós exerceu.
Parcelas de mundo tornamos e tornámos absolutas, que se desfazem como castelos de areia, não sem antes deixarem perdurável memória em forma de rasto que persiste e nem se adivinha bem.
Há várias formas de estar no «mundo», há só uma forma de estar no «mundo».
O tremer das mãos, o falir das pernas, o tremer dormente da voz, são concebidos no chão profundo do inconsciente.
Tudo por migalhas de amor. Tudo por um toque meigo e uma partilha de suor.
Nem a águia perscruta a profundidade do coração alheio.
O meu, este agora, olhar, é o olhar do pôr-do-sol. A luz do Sol-posto é a luz que relativiza. A noite já lá

vem, assobiando a sua calma chegada, mas ainda é de dia, ainda há vida a latejar em murmurinho, nas esquinas dos edifícios, em surdina nos cafés.
E todo um caminho agridoce que fica para trás como testemunho da nossa vida, e no ponto onde chegamos ficamos sem saber se somos nós ou a consequência da viagem.

A Vera que desde que me tirou os três não me sai da cabeça, levou duas fodas mal dadas, encornando levemente os namorados que eu desconhecia, está...
Um farrapo. Os anos e a vida que leva já pesam na carne e na pele. O casamento com que alegremente encornaria de novo o marido, também faz das suas aos olhos e às rugas. Emagreceu, ficou mais marreca, cresce-lhe uma verruga no queixo, e ainda pensei levas mais uma foda, de compaixão, pois parece que estou eu agora na mó de cima...Eu não recuso vulva a não ser quando não tenho os tomates cheios até às têmporas, e aí prefiro sonhar com a paixão por um corpo saudável um rosto bonito, e uma história de amor, que isto o homem não vive só de pão, um conduto apimenta as coisas.
Confinada nas memórias tive remorsos de não ter insistido para que se sentisse desejada. Estou-me borrifando para o marido. Não tenho pena dos cornos, e a bem dizer ela era minha, nunca dele. Que fique com ela.
Senti-me com pena, e depois confinei-me ao pensar...cum caralho, coração dum cabrão, apesar do que ela te fez sofrer ainda te preocupas com os sentimentos dela...e é por isso que choro de amor...por amor.

A Ana e tantas outras que a precedem, e heis que o cemitério se amofina, atracções que não duram mais que uma vela para mim, e elas que me velam a mim, por debaixo da terra, desejando a eternidade.

Neste momento, sou uma só caravela navegando no deserto mar deixando um padrão em cada ilha que me permite desembarque.

Puta que pariu esta merda.

LVI

**Divórcio**

«De facto, de um momento para o outro, eu começara a sofrer violentamente como há muito não mo permitia, porque me refugiava ora na melancolia ora na tristeza, duas dores doces e bem diferentes.»
Pedro Paixão, *PortoKioto*

O absurdo é o sentimento de divórcio entre o homem e a sua vida. Não sou só eu que o digo.
Já faz algum tempo que adormecido havia, a minha intelectualidade. Essa monstruosidade socrática. Tenho-me deitado no leito da inconsciência, mas nem a ignorância me deixa feliz. O mundo permanece surdo e indiferente às minhas questões, projectos, fórmulas e teorias. É e também não é, mas sendo só isso ao mesmo tempo que também o não é. Esta é a porta a que sempre chego.
Não há verdade. Não há caminho. Só caminhada.
Logo não podemos estar errados, façamos o que façamos?
Não há verdade, apenas arte na mentira.
Tenho caminhado. Apenas caminhado. Longe destes momentos só para mim. Até que começaram a chamar-me.
Tudo tem um preço. Eu paguei nove anos, mas quanto cresci nesse tempo. Agora apenas tenho a escolher os fios com que me teço.
Este texto é na primeira pessoa para a primeira pessoa.
Todo o mal que a mim fiz, foi tudo o que paguei. Hipnotizei-me em projecções no futuro de felicidade, como se o outro viesse suprir o que me falta.
O princípio da preguiça e da irresponsabilidade está aí.
Os meus brinquedos preferidos de pequeno eram um rato *Mickey* em tamanho grande, com quem brincava aos amigos devotos e a inimigo em cenas de porrada imaginária, e uma noção lírica de amor, onde a finalidade da vida seria a devoção total a uma alma gémea residente no porvir.
Atravesso agora o terrível deserto onde a lírica do amor desfeita pelo leão, já não me acompanha mais. Vagueio sozinho pelo mar de areia e já não espero chegar à Terra Prometida, contento-me em pernoitar em alguns oásis, que logo que passa o sono deixam de o ser e se transformam em miragens óbvias.
E gosto imenso.
Enquanto não chego ao oásis não descanso, para quando lá chegar me lançar de novo ao caminho, caminhando sem cessar, sem destino, auto iludindo-me que é no conforto de um oásis que encontrarei satisfação e paz, e não na ascensão mercerista na prisão do «Expresso da Meia-noite».

LVII

**Regramento**

«É disso que te arrependes?
Sim. Devia ter bebido uma garrafa de vodka em vez de três. Mas de qualquer modo, importa termos um bocado de respeito pelo organismo, porque ainda há século e meio a esperança média de vida das pessoas era 34 anos. Nós não fomos criados para andar aqui mais do que quarenta anos, no máximo, tudo o resto já é esquisito. Os órgãos não foram concebidos para durar sessenta anos, ou setenta, ou

oitenta. A questão agora é procurar o tal equilíbrio de que falavas. Não a cobardia extrema de dizer “já não bebo mais, quero emagrecer, vou entrar na linha”, porque isso transforma-se num pavor da morte. E então é a mesma coisa que estar morto. Se tens o fígado todo fodido e estás a beber, é claro que está mal e que era melhor que não bebesses nada. Mas se vives nesse pavor, estás tramado.»
Miguel Esteves Cardoso

Frases curtas e incisivas.
Regradas.
Eficazes.
Mecânicas.
Ora viveste a vida, embriagado com o perfume.
Agora negas que lhe devesses ter retirado um cheiro.
Amaste até que te doesse, renegas agora a doação...
que em ti se manifestou...
Sob a capa de que, amo a vida e para desfrutá-la mais devia ter tido mais juízo.
A vida é excesso e exagero.
Se a alma não é de asceta, embriaguemo-nos nós pelos corredores do excesso.
Se a alma é de asceta, que se embriague de ascetismo.
A morte só ganha à vida através da ponte do arrependimento.
Há um nó na garganta, não sei como se chama, que dá sempre que somos chamados a pagar o cheque da imaginação.
Perante a morte, o regramento não passa de um cheque careca.
Tudo em excesso é o meu lema.

LVIII

**Apologia do sofrimento**

«Há coisas que não são para se perceberem. Esta é uma delas.Tenho uma coisa para dizer e não sei como hei-de dizê-la. Muito do que se segue pode ser, por isso, incompreensível. A culpa é minha. O que for incompreensível não é mesmo para se perceber.
Não é por falta de clareza. Serei muito claro. Eu próprio percebo pouco do que tenho para dizer. Mas tenho de dizê-lo. O que quero é fazer o elogio do amor puro. Parece-me que já ninguém se apaixona de

verdade. Já ninguém quer viver um amor impossível. Já ninguém aceita amar sem uma razão.
Hoje as pessoas apaixonam-se por uma questão de prática. Porque dá jeito. Porque são colegas e estão ali mesmo ao lado. Porque se dão bem e não se chateiam muito. Porque faz sentido. Porque é mais barato, por causa da casa. Por causa da cama. Por causa das cuecas e das calças e das contas da lavandaria.
Hoje em dia as pessoas fazem contratos pré-nupciais, discutem tudo de antemão, fazem planos e é mínima merdinha entram logo em "diálogo". O amor passou a ser passível de ser combinado. Os amantes tornaram-se sócios. Reúnem-se, discutem problemas, tomam decisões.
(...)Já ninguém se apaixona? Já ninguém aceita a paixão pura, a saudade sem fim, a tristeza, o desequilíbrio, o medo, o custo, o amor, a doença que é como um cancro a comer-nos o coração e que nos canta no peito ao mesmo tempo?(...)O amor não é para ser uma ajudinha. Não é para ser o alívio, o repouso, o intervalo, a pancadinha nas costas, a pausa que refresca, o pronto-socorro da tortuosa estrada da vida, o nosso "dá lá um jeitinho sentimental".
(...)Não é para perceber. É sinal de amor puro não se perceber, amar e não se ter, querer e não guardar a esperança, doer sem ficar magoado, viver sozinho, triste, mas mais acompanhado de quem vive feliz.
Não se pode ceder. Não se pode resistir.
A vida é uma coisa, o amor é outra.
A vida dura a Vida inteira, o amor não.
Só um mundo de amor pode durar a vida inteira. E valê-la também.»
Miguel Esteves Cardoso

Ora...
Tanto se fala do amor, como se fosse um passatempo dos ociosos e odiosos tempos modernos.
Falta de espinha no sofrer. A eterna questão perturbante do fado.
Como que se por maior o sofrimento, mais puro o amor. Ou o encaixe à dor é sinónimo de maturidade espiritual.
Como se a resignação seja sinal de sapiência. Acho que é mesmo ressabiagem emocional.
Quem menos ama controla, controlar para não repetir situações do passado, e tão alto foi o preço que se pagou.
Um desgosto de amor é uma morte em vida, e ninguém quer continuar a morrer.
Cantar a própria lama em que nos choramos, não a fará secar.

LIX

**Miragem**

«Fui a outras terras com essas raparigas mas as terras mudam muito quando lá não param os corações. Mal chegamos onde queríamos, descobrimos de onde precisamos de fugir. (...)O mundo inteiro é muitas vezes muito pouco, para quem não anda à procura de nada.»

MEC, O Amor é fodido

Olho sentado no meu banco,
a baixa burguesia em que respiro
ao vómito toma a compreensão o flanco
viver é a corrida de que não se ouve o tiro.

Calma modorra que oculta
o caos que se anima debaixo

carro casa plasma e colecção dos Pink Floyd
pingo doce ao fim de semana
um terço do vocabulário em *workinglês*

camisas passadas fora das calças
sapatos da moda que trouxeram as brasileiras
tentam muito mostrar o tão casual que são

e acho que sinto o horror deste verniz,
só quando morre alguém, se divorcia alguém,
sem emprego se vê,
pensa esta gente no que é estar vivo.

Eu, como bom espectador,
tenho momentos de me banhar na água morna

e vejo agora que mais que desejada
a monotonia do burgo, é a fuga desesperada do medo.

Como muito amor se dá, porque se tem medo de vivermos sozinhos sozinhas, só com memórias de fracassos.

LX

**Das Ich**

«Já vivi em pessoas que morreram sem que alguém lhes tenha dado uso. Isso sim, é causa de ressentimento contra Deus.»
Miguel Esteves Cardoso, *A Vida Inteira*

Aninhados vivemos encostados a sombras na Caverna, receosos do Sol lá fora e das memórias de amores infelizes.

Os dias passam e com eles o fio de azeite da vida que tempera a existência, que arrefece a lume brando face ao gelo do esquecimento.
Damos sentido às nossas vidas através de projectos solipsistas...conceber, ajudar a nascer e criar os filhos...Passa a pessoa humana a ser uma extensão de propriedade...a criança um humano de estimação.
E os filhos dos outros, não merecem também o teu amor?
Se dás valor universal aos teus filhos porque são crianças, ama-los mais porque apenas são teus?
Que tens tu de tão especial que só os teus filhos porque são teus, são tudo para ti, e de bom grado matarias tudo na Terra, se isso lhes garantisse felicidade?!?
Certos amores de certos pais e certas mães para certos filhos, enoja-me como sempre me enojou. Esses amores são amores de pais para extensões de pais. O filho a filha são apenas apêndices, nesses amores.
Não se ama a criança pelo que ela é, mas pelo que ela é em relação a nós.
Assim vamos sonhando o desenrolar das nossas vidas com o nosso centro fora de nós. Ninguém merece a dádiva da paternidade neste miserável estado burguês.
Como formiguinhas tomamos o casulo como a galáxia, e nenhum homem é digno de o ser, quanto mais ser pai, se não enfrentar os grandes demónios que dormitam no seu subterrâneo. Foi ele o homem, feito para ser superado, já diz a História com todos os seus nomes de Crucificado.
Somos o mais sublime e ridículo momento, animais de pelo com o tempo preso no pulso.
O abraço não é terno nem franco, apenas a caricatura de si próprio.

O beijo não sai do tempo, apenas se esmaga entre as dermes.
Vivemos aninhados, encostados a sombras na Caverna, receosos do Sol lá fora, e do Sal das lágrimas, que corrói as lembranças de amores infelizes, cá dentro.

Vivemos aninhados no casulo com medo desses grandes demónios, dos nossos subterrâneos, suplicando para que não nos vigiem.
Nos recônditos, apenas a árida aragem do silêncio nos aguarda, como sepulcro de mosteiro.

Vivemos.
Aninhados no próprio afecto, encerrados em nós próprios, na louca mistura de guerra civil e masturbação.
Vivemos...
Pelos sonhos da Caverna, maravilhados pelos efeitos das Sombras.

A mulher é tão melhor e com superioridade moral se for também ela a extensão dos teus sonhos e projectos, e parte da tua propriedade.
O amor é condicional pela mulher topo de gama, e existe sempre um modelo acima.
Outros homens são julgados por ti de acordo com a mulher que trazem na ponta do braço.

Também os voláteis amores das fêmeas vão além da imagem. Requerem uma atenta paragem nas paisagens passadas e futuras daquilo que se quer tirar da vida.
O sujeito é o invólucro da minha aspiração. E existe sempre a possibilidade de vir a gostar dele.
Como bolhas ascendentes numa caneca frígida de cerveja, aninhados vivemos nas bolhinhas de convencional segurança, portos de abrigo a prazo de conta-gotas...protegidos que estamos da noite escura que se abate quando entoas as palavras 'Sabes lá tu o que é viver...

LXI

**Deriva**

«Acompanho-a vinte e quatro horas por dia. Seja na forma de pessoas ou objectos. Ela tem uma vida interessante, mas não há interesse que aguente vinte e quatro horas de vigilância.»

Miguel Esteves Cardoso, *A Vida Inteira*

Semi nú garatujo linhas pretas arrojadas para longe por um coração afogado em mágoa.
A mágoa magoa. Magoa mais que qualquer dor.
A mágoa é a alma do desespero.
Como transeunte esteta da vida, onde as estações passam ao ritmo dos orgasmos, vejo-me noutro dos meus desertos, olhando para toda a areia à minha volta.
Esmagado pela imensidão que me espera.
A busca pela vulva logo esmorece quando a encontro num qualquer oásis.
O oásis é só uma lágrima na cara seca do deserto.
No deserto ninguém quer permanecer. O oásis é ainda deserto.
O oásis é só ainda um ponto onde se passa para se prolongar isto do se estar vivo...
Permaneço ainda no deserto, de vulva em vulva. Que isto...já não é a mulher que me leva.
Oásis há, que pelo seu tamanho, pensamos que finalmente fugimos do mar de areia. Mas não.
Tantas almas e sem uma que chame minha.

A parte ética da vida também não me atrai.
Casar, constituir família...
A mágoa está tão dentro de mim, que desconfio que é terminal.
É Metafísica.
Hipermercado lista de compras, bicicletas tejadilhantes nos carros, grossas alianças estacionadas nos dedos...toda a liturgia não apresenta interesse para mim.
Estou cada vez mais só.
A palavra 'amor' sai cada vez mais impune pela minha boca, e nunca dela estive tão longe.

Foi-nos dada uma alma, e não fazemos a puta da mínima ideia do que fazer com ela.

LXII

**Regurgitando**

«Ele bem queria, mas travei-o a tempo. Ele queria parecer leviano, claro, mas a leviandade só fica bem às mulheres. Nos homens parece indiferença. O que nas mulheres é sinal de alegria, é neles um prenúncio de desprezo por tudo o que tem valor na vida. As mulheres levianas parecem ter tomado uma decisão positiva. Os homens parecem ter desistido.»

Miguel Esteves Cardoso, *A vida inteira*

I

Havia regurgitado sémen pouco tempo antes para o chão da sua cozinha.
Tinha observado a sua cara de fêmea dominadora insegura mascarada de submissa.
Olho agora o falo testemunho da cómica natureza humana. Inerte, flácido,adormecido, esquecido no vale das minhas pernas, sem desejo, saciado.
Quando amor não há, ejacular a nada sabe.

II

Tenho-me divertido a observar a dissimulação feminina.
Uma relação heterosexual é uma montanha russa de diversão.
Ambos fingimos. Eu finjo que sou um puro, por vezes um pensador, quase sempre um desconfiado, mas no fundo sou sempre um espectador necrófago e observante à espera de ser surpreendido.
Os olhares, as entoações de voz, as reacções faciais nas disputas lógicas, são as migalhas com que alimento a minha dissimulação, para conseguir o que quero
E eu quero quero tanto compreender o humano, o feminino, que é o que mais me interessa.

III

Agarro a minha glande impedindo-a de cuspir para o chão.
Tanta merda para isto. Até os desejos de luxúria venal se dissolvem.
Vazios, começa a clarear a nublina da mente, e já só quero fugir dali, dos mirrados gémeos das pernas.
Leva o amor grande dose de auto-hipnose, e não sabemos jogar connosco. Por isso nos nascem os amores tão infelizes. O cadáver que fica é só a lembrança do amante que partiu, não como corpo, não como malícia, mas como mais uma rosa que cheirámos na floresta.

LXIII

**Sal Gueiro**

Vejo o castanho concêntrico nos teus olhos.
Nada vejo mas sinto-me em casa neles afogado.
O amor tornou-se metafísico.
Já quase me demito de perder-me na braçada forçada das ondas dos orgasmos.
Agora cada amor é só mais um motivo para tocar o sino das memórias tristes dos que o precederam, em missa de último dia.

Torná-los todos, ecos pelo tempo linear que se espalha como ancião esperando pela morte no leito lítico. Elevar esse momento de angústia a todo o sempre como forma de unificar todos os meus amores...em um Único, diferente de tudo e dos outros, forma de me sentir escolhido e tocado além da individuação . . . um zilião de amores infelizes.

A mais profunda ironia é que me apaixonei pelo meu amor.

LXIV

**Aquarela à chuva**

(crónica a uma página de Escola Secundária numa rede social)

Nesta página radiante e plena de energia positiva, bem sei que venho mijar na parada.

Bem sei que vens aqui rever e matar saudades de pessoas, mas acima de tudo de um tempo em que eras mais jovem e o mundo te entrava com mais impacto pelo corpo dentro.

É natural que lembres com nostalgia esse tempo em que tudo parecia tão intenso e onde o teu corpo de jovem homem ou de promissora Afrodite te enchiam o peito de orgulho e confiança ilimitada no futuro.

Bem sei que és feliz agora, e ainda bem, mas também sabemos que não podes deixar de sentir um pouco de desejo de olhar para trás.

Bem sei que amaste aqueles tempos em que o coração batia mais depressa, os professores eram jovens como tu és hoje,. quando víamos todos os dias o grande e excelente ser humano Abel, e tínhamos uma adolescência com alguma inocência como hoje gostas de lembrar.

Bem sei que se calhar as responsabilidades de hoje, um trabalho, te condicionam, e que o espelho já não entoa palavras meigas para teus olhos.

Mas sei também que com toda a certeza, podes não concordar com nada do que vou dizer, e sustentar com razão que nada do que é narrado se passou contigo como experiência.

Que nada disto se passou na escola, que tenhas dado por isso.

Que estou a exagerar, que sou traumatizado, que a ter ocorrido nenhuma relevância tem, ou importância teve, ou ainda que faz parte da vida.

Peço--te portanto que tomes o que se vai seguir, como uma ficção, caberá ao coração de cada um lembrar se existe um lado negro da lua.

Estes pesos na balança, fazem erguer mais alto esse prato sinistro ou inquietante para alguns, e é desse prato que te venho falar hoje.

Quando olhamos para trás, a memória prega-nos partidas, faz por dourar e apagar o que de feio nos possa ter parecido. A memória é como detergente, que reafirma a nódoa na brancura, ou a apaga por completo.

Tendemos assim a esquecer o que de menos bom se passou. Eu não esqueço, nem quero esquecer.

O que se passou é uma porta para me conhecer a mim e aos outros e não a vou fechar, porque quero viver contigo num mundo a sério e não num mundo cor-de-rosa.

Irónico, dizer-te isto num texto apresentado na página sobre a nossa escola, ainda por cima no *Facebook*, que tem parte do sucesso que tem, devido ao facto de que começou nos EUA exactamente como forma de ex colegas poderem perceber o que os outros andavam a fazer na vida.

Num misto de curiosidade e saudade genuína, como de comparação e até ressabiamento em relação a pessoas que de certa forma se marcaram uns aos outros.

Mais irónico ainda, quando se lê nesta página que é dedicada aos míticos e aos não míticos, frase animada de boas intenções e desprovida de maldades, por certo mas que não deixa de inquietar numa distinção clara entre 'nós' e 'eles'.

Chama-me o que quiseres, todos os nomes e palavras feias que conheceres, tudo o que de vernacular te lembrares, mas eu vou dar uma versão que podes tomar como ficção, e que se encosta às tuas memórias

e é como elas tão verdadeira.

Mesmo que não tenhas sentido ou experienciado o mesmo, deixa nascer em ti a suspeita de que a comichão estava lá.

A vida é uma mão com uma potente bofetada. A bofetada é pior que o murro.

Esmurrada a nossa cara, geralmente apagamos, e acordamos com uma dor de ressaca.

Com a bofetada, é toda a cara que arde, numa dor humilhante e persistente que te arde na carne, com um zumbido no ouvido que também persiste.

Esta é a história desse zumbido. Muitos chamam-lhe 'crescer'.

Eu não.

Se com 'crescer' os degraus que calcorreámos fazem parte de um caminho onde só importa a meta, eu não quero esquecer nada.

E quero que te lembres.

Tu que ainda o ouves sem lhe sentir já o som, podes descobrir o que ele contribuiu para o que és hoje, o que lhe deves.

Quem quer que diga que olhar assim para as coisas é doença, ou até ressabiamento, terá a minha bênção, mas também me revela que não tem capacidade para pensar reflexivamente ou por cenários.

E que reduz a realidade ao mínimo denominador comum que lhe é mais confortável, tanto quanto mais redutor for, de forma a que não suscite problemas que lhe abalem a fé.

A escola, é o ambiente mais classista, conservador e condicionante que existe.

É também o templo onde aprendemos a ser cidadãos, onde nos instruímos, e tudo isso.

É exactamente com uma moeda ou como a lua, tem dois lados.

Educa-nos, mas também nos deforma, em certo sentido.

Transforma-se cada vez mais no local onde os nossos filhos são depositados para absorverem por oito ou mais horas, grande quantidades de matéria, numa lógica clara de rentabilização.

Tal como uma fábrica onde até nem falta o toque para o recreio que emula o toque de fim de turno.

Não a escola enquanto ideia que nasce na Revolução Francesa, mas a escola como se tornou hoje. E há bons exemplos em Portugal de algumas escolas que tentam fugir a este modelo, e pasme-se, conseguem melhores resultados.

Mas não é da ideia de escola que quero falar.

Quero falar da escola onde vemos outros meninos e meninas que reflectem outras famílias.

Nos idos anos 80 eu via que alguns meninos não tinham uma roupa tão gasta como a minha e até já parecia de melhor qualidade.

Outros meninos e meninas tinham botas Botilde e galochas com olhinhos de sapo na biqueira, que eram a última moda de Inverno, contraposta à moda de Verão que havia sido uma argola que se enfiava no tornozelo e que ligava por um pequeno tubo de plástico a um limão sobredimensionado que roçava pelo chão quando a criança o fazia girar em torno do pé saltando sobre ele ao pé coxinho.

Outros meninos e meninas ainda olhavam para mim porque a minha roupa não era tão gasta como a sua, e os meus brinquedos eram melhores, um bocadinho melhores, e eu podia levar papo-secos de tulicreme e eles/elas apenas levavam carcaças com margarina Planta, ou no pior dos casos, Vaqueiro.

Não pensávamos sobre isto claro, só importava o pião, os bilas, a chinchada, as bonecas, a colecção de blocos de notas perfumados do Pierrot e outros, as guerras da calhauzada...etc.

E também se notava embora difusamente, que por mais que se esforçasse, o Professor não tratava da mesma maneira os meninos e meninas de mais bem, dos meninos e meninas de menos bem, embora se esforçasse imenso para tal.

Infelizmente não dependia dele, pelo menos conscientemente.

Se calhar ainda tens resquícios destes zumbidos na memória, se calhar não, se calhar é por isso que dás aos teus filhos hoje tudo o que podes e o que não podes, para que eles não sintam pitada do que possas ter sentido...ou não.

Fomos para a Preparatória.

Já alguns meninos levavam sandes com paio York.

Mantínhamos rivalidades aguerridas com a escola da *Sacor*, que agora é um hospital privado para gente com dinheiro, mas em particular com a escola do Catujal.

Em guerrilha urbana aberta, por dignidade ou para provar quais os mais duros, transformava-se a paragem da Bobadela em frente à pastelaria Torp,no Carnaval, um campo de batalha com munições de sacos com água inertes previamente arremessados contra os autocarros, farinha e ovos partidos.

A capacidade de improvisar asneira estava no zénite, ou assim parece agora.

Passávamos os dias quando podíamos a subir e descer numa novidade que era o elevador dos prédios da rua que levava à entrada da escola preparatória da Bobadela, tentávamos incendiar um carro estranho que era um Lótus branco de aspecto futurista acendendo fósforos para dentro de um dos seus dois depósitos de gasolina que se abriam facilmente.

Rebentávamos bombas de Carnaval bem potentes em tudo o que era lado, em claro frenesim tribal,

jogávamos à bola com as couves e lombardos das desguarnecidas hortas circundantes.

Ouvíamos a música *Final Countdown* dos Europe e olhávamos com alguma ansiedade para o futuro pois tínhamos entrado para uma coisa estranha chamada CEE.

Apanhávamos rãs que vendíamos na escola para depois ir comprar cromos e fascinados pela riqueza disponível, chegámos a roubar durante uma hora todas as canetas que pareciam de valor, dos estojos da criançada e professores que deixavam as portas abertas e estavam no intervalo.

Fomos apanhados porque a Sandra era memorável na sua roliça generosidade de carnes agraciada com o epíteto de 'Gordinha' e então apertada em interrogatório policial delatou sobre os companheiros do crime.

Já se ia para o Centro Comercial da Portela, comer croissants de chocolate e comprar carteiras da moda, com velcro ruidoso e marca 'Dunas'.

Já perguntávamos às miúdas se queriam curtir, e passávamos horas a tactear com a língua todo o ambiente dentário da outra pessoa, olhando para um relógio que não funcionava e dizendo como medalha ao peito que tínhamos dado beijos de mais de uma hora.

Um ou outro precisava de ajuda, pois o nariz às vezes atrapalhava e não fosse uma ajuda caridosa de algum mais experiente sucediam-se os choques frontais de narizes.

Por acaso descobriu-se o desporto do apalpanço, que era mais engraçado por ter de se fugir a uma lambada bem valente, que pela espremidela que se dava nos rabos prematuros das cachopas.

Aqui, como na primária, os meninos mais populares davam-se bem. Na primária recebiam a maior parte dos bilhetes a dizer 'Eu gosto de ti'. A evolução para o preparatório implicava um aumentar da fasquia, que se traduzia numa promiscuidade dentária que faria corar de inveja muito dentista profissional.

Alguns meninos jogavam *ping pong* com raquetes de marca, adornados por belos e refinados estojos, e pegas super hiper mega especiais anti transpirantes, na sala de convívio, outros utilizavam raquetes de madeira imitando a forma geométrica circular em interpretação livre, e com dois bocados de alcatifa em cada face.

Que víssemos, começaram a surgir os primeiros Adidas a três contos e quinhentos, e esses começaram a distinguir de forma mais perceptível, quem podia e quem não podia, quem pertencia e quem não pertencia.

Os índios, os *Huckleberry Finns* do pedaço, já começavam a ganhar consciência de um distanciamento em surdina na forma de estar nas coisas, e se por uma lado invejavam os ténis de marca que nem todo o progenitor se prestava a oferecer, por outro ressentiam-se com aqueles que por terem acesso a esses bens, os rentabilizavam socialmente.

Quem não tem cão caça com gato ou melhor com Sanjo, que custavam um conto e duzentos, e com sorte um blusão da *Chenco* parecido com aqueles que os reformados e o António Guterres usava antes de ser Primeiro-ministro, uns anos depois.

Mas na altura estava no top. A marca.

Fomos para a Secundária.

7º O na escola secundária de São João da Talha.

A escola já era habitada por uma velha guarda um ou dois anos mais velhos que nós, e com uma gravidade nos modos semelhante à de senadores e senadoras veteranos.

Já não eram as posses a única categoria de distinção social, mas também a antiguidade do posto, leia-se progressão na escolaridade obrigatória e antiguidade da certidão de nascimento.

Posição ganha é para ser mantida. E nada como uma boa dose de arrogância e má cara para meter na ordem os pirralhos e pirralhas invasores, do espaço semi adulto já estabelecido.

Nesta escola, já não eram os professores de educação física que torciam ligeiramente o nariz aos meninos e às meninas que não investiam muito em ténis de marca e fatos de treino da moda, muitos dos quais da marca *Olympic*, e a eterna *Adidas*.

Talvez vissem nesta falta de investimento, indícios de desinteresse pela disciplina.

Agora eram os professores de Educação Visual que esperavam as melhores réguas, borrachas, compassos e marcadores, e estojos a condizer, sob pena de uma torção sumária de nariz.

Os bens de prestígio generalizavam-se ao ritmos das modas do consumo juvenil, blusões de penas *Duffy*, blusões pretos, vermelhos ou azuis da *Refrigue* com gola felpuda preta, botas *Dr Martens*, calças *Soviet*, *Levis*, *Benetton*, *Chevignon*, blusões de ganga a *Lee* usados até o algodão se desfazer na gola, alguns tinham aparelhagens *Pioneer* que davam os bons dias, e outros até tinham *scooters* que davam 120 km hora.

Começaram a surgir os mais veteranos com *Sis Sachs* restauradas e com estilo *vintage*.

O corredor que levava ao refeitório/sala de convívio era uma verdadeira passagem de modelos, onde nos mirávamos de alto a baixo, e nos mostrávamos através de adereços.

Alguns, como o meu caso, achavam que não estavam apetrechados a ser populares, nem a darem-se ao trabalho da conversão que passava por ler revistas da moda coeva e dar-se com os expoentes dessa *trend*.

Infelizmente preferia a Gina e a Tânia, a Revelação, a *Newlook* francesa e as páginas centrais da revista do Correio da Manhã ao Domingo, que me dava ao trabalho de recortar e combinar artisticamente nos meus cadernos escolares para choque e indignação dos meus professores em particular das professoras.

Optei assim pelas revistas porno e pelo campo de basquetebol, e se não desenvolvi a minhas inexistentes capacidades sociais, hoje sei pelo menos torcer os tornozelos como ninguém, e em 10 lançamentos, com bom vento faço 5 triplos, se estiver inspirado.

Cheguei a ir fazer treinos de captação ao Sacavenense, mas achei estranho que uma equipa de basquetebol precisasse de guarda-redes, e foi então que vi que me tinha enganado no balneário.

Passei assim ao lado da NBA.

Explode o Metal pela 2a vez, com bandeiras como o *Symphony of Destruction* dos Megadeth, e o *Black Album* dos Metallica.

De súbito a escola pinta-se de preto e cabelos compridos, há um crítico musical em cada aluno e passeiam-se discos de vinil dos Metallica, Slayer, Testament, Kreator e tantos outros, em pulsos recheados de picos, blusões de ganga sem mangas e quanto mais sujos melhor, sem faltar o mega *patch* nas costas de preferência com o bordado mais chocante possível.

Saem de novo do baú as *tshirts* do *Metal up your ass* e a reacção surge com os *acid*, facilmente identificáveis por filosofias diferentes, que dispensavam as calças apertadas que tantos quistos dermóides nos rabiosques promoveram, e os cabelos compridos, mas não dispensavam os pins com um *smiley* na lapela.

Combinou-se até uma luta no parque de Vale de Figueira para esclarecer esta estranha rivalidade.

Depois surgem ou ressurgem os *skaters*, que passavam mais tempo com as pranchas na mão ou a falar da química dos componentes das rodas que saiam nos *states*, que efectivamente a gastar a sola no asfalto, salvo raras e tardias excepções.

A partir daí torna-se impossível enumerar o passar das modas, mas algumas espalhavam-se virulentamente através da MTV que alguns apanhavam por satélite.

No pico da metalada fomos ao concerto de Guns N Roses de lenços pretos ou xailes na cabeça, e *Sweet Child of Mine* na boca, e cheirámos o limão de Alvalade quando os Metallica cá deram o primeiro concerto, ignorando quase por completo os The Cult e o vocalista bipolar.

As fases 'de bem' sucediam às de rebeldia embora alguns indefectíveis se mantivessem fiéis à moda anterior.

Os metaleiros, dos quais cheguei a fazer parte com a formação de uma banda de garagem igual às milhentas que surgiram a imitar o James Hetfield um pouco por todo o país, embora o sonho tenha durado sensivelmente o mesmo que os meus dotes vocais.

Ou seja fui mais depressa despedido da banda que formei, que o tempo que levei a reunir todos os músicos. É preciso muito para despedir alguém de uma banda amadora de *heavy metal* por não saber cantar.

Esqueci-me dizer que de música só sei o que sai nas colunas do rádio, e portanto, depois da tentativa de deixar crescer o cabelo que nunca me passou das orelhas, me deixei de escrever letras de um novo estilo que seria o *death metal* ecológico, exortando por exemplo no meio de *riffs*, a que se salvasse o lobo ibérico.

Para o meu insucesso artístico contribuiu também a minha falta total de dotes sociais, e de irreverência de estrela, que no caso do nosso grupo, os metaleiros, passava pelo desempenhar o papel de maluco, o que intumescia as ninfetas.

Para isso bastava treinar uma pose ou postura de 'que me estou a cagar para tudo' e 'que eu é que sei e tu és um quadrado/limitado/igual a todos os outros/etc'.

Esta era uma pose por vezes contraditória, uma outra versão em negativo de um 'nós' que está *on*, e de um 'eles' que está *off*.

Actos de escarrar e lamber o escarro, ou de estar à chuva debaixo de uma caleira de um dos pavilhões, era para o comum dos mortais motivo de gozo e danação eterna nos risos dos semelhantes, mas para os metaleiros era o ouro pelo qual mantinham o brilho que projectavam, sob epítetos de 'maluco' espectacular' em clara sintonia e respeitabilidade pelas outras tribos dos bem aceites.

Aos metaleiros até era permitida a façanha de serem mal-educados com os professores e de serem grunhos de estimação, o que naquele tempo era privilégio. Mas os verdadeiros metaleiros apenas curtiam metal.

O ponto alto da carreira de qualquer um era o coma alcoólico, ou em excursões, ou ouro sobre azul, no recinto escolar, o que elevava a efémera glória eterna o mítico.

Com o adormecimento do metal até ao advento do nu metal, a rebeldia *mainstream* foi mais o menos representada por uma parte da nossa geração que infelizmente sucumbiu face aos psicotrópicos, mas que durante uns tempos, pelo menos até começarmos a ver os óbitos e as prostituições, manteve o look de renegado sobre os iniciantes.

A passagem do tempo, caro irmão, irmã, revela a nossos olhos algo que podes achar idiota e contra argumentar, nesta espécie de mecanismo de estratificação social, que não se fica apenas pelos critérios de posses materiais, ou pela posse do 'cool', mas se expande também ao mercado da carne.

Pois no fundo, não se trata esta estratificação senão de mercado da carne.

O grau de sofisticação ou afinação com a moda presente como meios de manter a auréola *cool*, junta-se o grau de beleza física, que por si fixa o grau de desejo e por consequência de aceitação.

Alguém considerado 'feio' mas sofisticado, tinha mais probabilidade de ser aceite que bonitos não sofisticados. Digo bonitos, porque neste aspecto era mais fácil para as cachopas o entrosamento no tecido dos 'populares'.

Por mais matrafona que a rapariga fosse, uma pequena aculturação bastava para a calibrar de forma igual às restantes, ao passo que as 'feias' e em menor grau os 'feios' e 'borbulhentos', tinham de desenvolver uma personalidade vincada e descomplexarem-se sob pena de caírem sob o opróbrio dos 'outros'.

O barómetro da sofisticação, regra geral, determinava, os grupos que se formavam ou sob que forma inconsciente se compunham. Muitas das vezes formavam-se grupos por rejeição dos estereótipos, de outros grupos 'estereotipozantes'.

A sofisticação não era apenas psicológica, mas também geográfica, regra geral, os autóctones da Bobadela eram mais sofisticados, e assim vistos, que os de São João da Talha, Portela de Azóia, Santa Iria.

Quanto mais próximos do 12º ano mais à vontade os alunos se iam sentindo pois subiam na hierarquia de bicagem, ou como se diz em americano 'pecking order'.

Chegava-se a olhar até para os portadores de acne recém-chegados aos portões da escola secundária de São João da Talha, com alguma condescendência tal não era a frescura dessa condição na memória individual.

A maior parte dos integrados sofisticados já pensava muito à frente, fosse a nível do que querer e fazer da vida, fosse da mundividência já construída, especialmente no que concerne ao mundo dos adultos que levam a roupa muito a sério.

As saudosas festas na nossa sala de convívio, a entrega à música com copos a cheios de algo a imitar *gin* tónico na mão, que a AE disponibilizava, com cachopas sofisticadas no meio e cachopos não sofisticados de encontro à parede e de olhos bem abertos.

Elas com cachopos sofisticados gritando com estilo e patine as músicas de Transvision Vamp e o último êxito, uns tais de Quinta do Bill e não sei que de filhos da nação.

Elas totalmente inacessíveis, com camisas brancas desabotoadas, com um fosso medieval traçado com o olhar para os que usavam *tshirts* e calças de ganga gasta, Não sofisticados.

Talvez esteja teatralmente a exagerar, espero que não a ser injusto.

O canto do cisne do já falado metal ocorre com os Pantera, Vulgar display of power e Cowboys from hell, mas aqui o metal tradicional estava ferido de morte, cabelos compridos já não eram requisito obrigatório.

As gerações que entravam pelos portões, 7º, 8º, 9º, 10º, já não eram tão fundamentalistas e por isso de mais fácil adesão e adaptação às modas, e menos dadas a tribites.

Entraram já plenamente europeizadas,embora a estrutura discriminatória se mantivesse, aplicava-se essencialmente de forma mais subtil, mais ligado ao carácter do porreirismo reinante, e não tanto à aderência a bens de prestígio.

Voltando um pouco atrás, na mesma altura que surgem as *tshirts* de 'and justice for all' brancas, surge também o *Spectrum*, e a tecnologia é só mais outra estrada por onde se ordenam as diferenças.

Alguns tinham o 48k, outros o 128k que já tinha música, tão complexa como qualquer grito de *Tamagotchi* moderno.

Surge o *boom* do +2, (a que alguns se distanciavam com o *Commodore* 64, ou o *msx*), dependendo a variação mais por questões de a que loja se ia, que a verdadeiras opções ideológicas.

O +2 dispensava a ligação homoerótica umbilical a um gravador externo mas não a presença constante de uma chave de fendas.

Corríamos ao carinhosamente tratado senhor 'Gordo', cuja pastelaria ficava ao pé da loja de pneus em frente à paragem da rodoviária antes dos Lobatos. Passávamos lá horas a escolher cassetes de jogos.

Comprávamos a Capital que tinha o único suplemento de informática e vibrávamos com o *Paradise Café*. Má escolha de palavra para enunciar este jogo feito por portugueses para portugueses.

Íamos a Moscavide a pé ou de bicicleta sem inspecção e travões, para comprar os jogos do vício.

Os mais sérios e com posses já tinham computadores Olivetti com disquetes do tamanho de estiradores, programavam em MS-DOS e para eles o *Target Renegade* era brincadeira de criança.

Surge o *Commodore* Amiga e depois o *PC*.

Mesmo no Amiga havia os segmentos, a populaça com o 500, os pros com o 2000 e depois surgem os novos-ricos com o 600 e o 1200.
Numa perspectiva geral, a nossa escola foi o denominador comum que agregou os diferentes grupos de pessoas que por sua vez reflectem não a variedade como alguns gostam de afirmar, mas a uniformidade de um sistema discriminatório.

A nossa forma de pensar de crianças, não diferia assim tanto no essencial, mais diferindo as condições materiais e o apego a uma ideologia de sofisticação.

A diferença revela-se abissalmente maior quanto mais nos afastarmos geograficamente, por exemplo,

entre São João da Talha e Rio de Mouro ou São João da Talha e Salesianos.

E o que é que isto te interessa?

Até que ponto as tuas condições materiais te levaram a gostar de *metal* ou *acid*, ou a emular os jovens tardios de *Beverly Hills 90210*?

Quantas das coisas te passam hoje pela cabeça, resultam da forma como a miúda mais popular olhava para ti como se fosses transparente ou de um campeonato completamente diferente do dela, ou do rapaz com quem curtiste atrás do pavilhão de Electrotecnia, que curtiu porque apostou com os amigos ou para chatear a namorada?

O que é que isso mudou em ti, e assim ajudou a enformar o resto da tua vida?

De que forma a aceitação das regras tácitas do jogo contribuíram para aceitares e integrares a existência natural de uma hierarquia, da aceitação de um *status quo* ou de uma forma de ver o mundo, que pouco ou nada terá a ver com a tua própria cogitação?

Quantos patinhos feios não se tornaram cisnes e quantas pessoas populares e sofisticadas não continuam a perpetuar a conservação daquilo que é uma das bases da estratificação social?

Como na canção:

«All in all you were all just bricks in the wall.»

Os bons tempos e as memórias banham o passado que aqui celebramos quando espreitamos o perfil uns dos outros para ver como seguiu o caminho de cada um.

No último ano que passei na nossa escola, já se faziam praxes aos recém-chegados, na recorrente forma de fomentar a integração diferenciando.
Há qualquer coisa que me escapa no alcance das palavras, e que talvez se achares nexo a algo do que foi dito possas ajudar a clarificar.

O melhor da vida são as pessoas, e nesta página reencontramos rostos conhecidos e alguns parceiros e parceiras de viagem.

Até que ponto vale a pena olhar para a sombra na miragem, que paira só se quisermos olhar?

Vale a pena olhar para os tijolos menos conseguidos que ajudaram a fazer o que és hoje?
Podem os teus filhos um dia sentir nem que ao de leve como uma brisa estival pela pele passando, essa discriminação suave implícita ou explícita, consciente ou inconsciente porque não tens dinheiro para comprar a lancheira do *sponge bob* ou a blusa da *floribela*, ou porque os teus filhos nasceram com uma beleza não convencional ou sem capacidades de socialização e serão saco de pancada social a não ser que aprendam a ser 'fortes'?

Não é um grande drama que se levanta com isto.

Apenas uma sugestão para reflectir.

A memória torna a pílula dourada, e relembrar objectivamente para lá desse brilho não é tirar valor, é trazer para a luz aquilo que à chuva já não parecia uma aguarela.

Paz.

LXV

**E depois do adeus**

Ninguém o previra. Finalmente nos milhares de aldeias em Choraquelogobebes', alguém havia apagado a luz.

Quando soou o meu rádio às sete da matina, como sempre, não escutei a música de elevar o *mood* rotineira que a rádio generalista que ouço, passa.

Em vez disso, pareceu-me ouvir um comunicado sério, pelo tom da voz e intercalados de silêncio dos amigos amigáveis, locutores e outros modelos de voz que também são humoristas.

Mais uma história de corrupção, pensei eu, agora quase todos os dias havia uma nova, quanto mais ingovernável se tornava o país. Várias vezes pensei que a coisa era tão bem feita que os jornalistas nunca descobriam em tempo útil as maroscas, por mais amplitude que tivessem, e por algum acaso do destino, os escândalos coincidiam sempre numa espécie de transe de *ping pong*, ora agora se descobre uma do partido A, ora se descobre uma do partido A alínea.

Essas histórias exaltam-me, embora eu já devesse estar preparado para elas. Levanto-me a contragosto chocando com o armário, solto um palavrão. Aproveitei a erecção que sempre me saúda de manhã e masturbo-me no chuveiro ao som de água quente, redobrando a concentração pois o termoacumulador só me permite um banho de 6 minutos de água quente.

Comi o meu pacote de bolachas espanholas transgénicas espanholas baratas que vêm sempre todas partidas dentro do pacote, bebi o meu leite de soja transgénica biológica produzida numa fábrica qualquer alemã, e fui trabalhar.

Os supermercados abrem cedo e eu tenho de começar às nove da manhã a satisfazer clientes que gostam de fazer as compras cedo.

Assim que meti a chave no meu corsa de 89 a gasóleo e ferrugem, percebi que algo não estava bem. As ruas estavam desertas e àquela hora não era normal. A urbanização onde arrendei um T0 fica perto de uma das entradas de um dos muitos IC’s onde milhares de pessoas perdem todos os dias horas de vida.

Como metástases de alcatrão, as turbinas dos subúrbios comprimem em feixes de vermelho stop e branco médio os sonolentos proletários para dentro fora e em redor da metrópole.

Hoje não.

Onde se tinham metido todos? Seria feriado? Seria fim-de-semana? Trabalhar por turnos por vezes desorienta-me. Seria dia de jogo de *derby* ou selecção? Tolice, não há jogos de bola a esta hora.

Comecei a tentar lembrar-me do comunicado da rádio a que não tinha prestado atenção, talvez tivesse

algo a ver com isso. Os amigos amigáveis da rádio que conseguem ficar horas a falar de assuntos assexuados e imbecilizantes, nunca ficam sérios a não ser quando morre alguma pessoa importante, diferente das outras, do mundo da música, ou do cinema. Parei numa bomba de gasolina, também ela vazia, para meter gasóleo e perceber o que se estava a passar. Fiquei à entrada com o motor no ralentim, olhando tudo vazio, sem os habituais clientes em fila indiana como aquelas que antes da queda do Muro víamos para o pão.

Fiquei mais calmo quando observei aqui e além a passagem de um camião ou carrinha comercial tresmalhada, mas assustadoramente longe da quantidade habitual, ia chegar cedo demais ao trabalho.

Um pudor de passar por parvo me impediu de sair do carro e ir ao guichet perguntar o que se passava. Lembrei-me como quem se lembra de tocar na cabeça procurando os óculos que lá estão, que tinha rádio no carro. Saquei-lhe o rosto de dentro do porta-luvas e copulei-o ligando-o de imediato.

Azar o meu eram oito e meia e não dariam notícias a esta hora a não ser que fosse mesmo muito grave. Todas as rádios transmitiam o mesmo. Repetições de um comunicado numa voz que reconheci ser a voz do ‘nosso primeiro’ ou a de vários ruminadores criativos, que são aquelas personagens que na rádio, TV ou jornais comentam tudo, ruminam os assuntos apresentam fábulas elaboradas a partir dos assuntos ensinando-nos a nós ouvintes, leitores e espectadores o que devemos ver, ler e pensar.

Portugal saíra da União Europeia e de uma assentada mudara de moeda, de novo para o escudo. Não podia crer. Aquilo que eu tanto desejara e discutira defendendo em cafés e redes sociais, havia acontecido.

II

Foda-se.

Não conseguia deixar de ficar apreensivo.

Instalou-se uma angústia na garganta, não conseguia engolir ou respirar como deve de ser. Pensei nas minhas certezas anteriores e na minha angústia presente, afinal parece que as minhas certezas eram de ressaca, ou então agora começava a temer pelo futuro fora do quente das asas da mãe galinha Europa.

Foda-se e agora? Que se vai passar agora?

Aquele cabrão fez o que havia dito, e isso é algo que não é costume vermos num político.

O ‘nosso primeiro’ havia saído de um dos pardieiros da capital, havia começado com um blogue que se tornou referência nas críticas ao rotativismo indecente da nossa partidocracia que continua a tradição de ambas as faces da opressão secular neste jardim à beira-mar plantado, a nobreza e clero, e a burguesia, que sempre conduzem a sua valsa conjunta ao som de palmas dos pobres diabos que lhes dão invejosamente lugar de destaque. Este gajo conseguira conjugar a esquerda nacional, apenas enfrentando as naturais resistências a Norte do Mondego, mas depois dos motins de Matosinhos, bastou falar em fim de fome e tropa na rua e começou a ser visto com outros olhos.

As memórias setentrionais tradicionalistas foram trucidadas pelos 300 000 mortos daquilo que ficou conhecido como os ‘Motins de Matosinhos’. Isto abriu finalmente os minifundiários a um discurso revolucionário até porque a terra já não valia nada debaixo do peso dos eucaliptos secos. Agora podiam dar-se ao luxo de ser revolucionários, e não houve família a quem não morresse alguém nesse pesadelo.

A fuga repentina do interior para a área metropolitana a Norte do Porto, de milhares de pessoas que fugiam à fome de duas semanas de supermercados vazios, por causa da falta de dinheiro para pagar a fornecedores, conjugada com uma greve franco espanhola de camionistas, e de estivadores, fez com que o caos surgisse. Saque em supermercados, conflitos generalizados, a situação tornou-se insustentável, mas foi só com as rapinas destruidoras das grandes superfícies do capital que o governo decidiu agir colocando a tropa na rua, defendendo a propriedade de uns contra a fome e raiva de outros. O mexilhão é sempre a parte da corda que parte e esta trágica odisseia só termina com milhares mortos nos confrontos com as forças de segurança, e no fatídico mês de Maio, as vagas migratórias de esfomeados param junto ao mar afamado da costa entre Viana e Porto, conhecida pelo peixe que já havia sido todo eliminado pelo arrasto, mas os pobres moribundos ainda tinham a esperança de não deixar os filhos morrer à fome com o recurso natural que pensavam ainda existir.

O mar sem peixe, a terra sem combustível e sem hortofrutícolas, atapetaram-se as estradas com esquálidos cadáveres, e as casas com barricadas e tábuas nas portas e janelas e os proprietários com caçadeiras na mão defendendo a sua propriedade dos desesperados deambulantes. Mobilizaram-se algumas tendas de campanha, a que chamaram hospitais, a ONU lançou alguns aviões para distribuir comida fora do prazo de qualidade, mas era tarde demais. A própria Europa estava a fervilhar com a aliança franco espanhola contra os ‘teutões’ e a Inglaterra avaliando a aliança que teria de fazer para menorizar o poder dos dois blocos que se estavam a formar. A Comissão Europeia limitou-se a manifestar

um voto de pesar e a sugerir que era o resultado de demasiada intervenção do Estado, que se fosse o mercado a regular a 110 por cento a economia, não teriam morrido 300.000 pessoas.

A resposta titubeante do governo em exercício, culpou-o com imagens de fundo de corpos em decomposição e gaivotas sobre eles, velhos, crianças e mulheres.

Assim que ouvi o agora 'nosso primeiro' detestei-o por causa do discurso demagogo. Eu que sempre havia votado numa esquerda responsável, odiava-lo mais que á direita.

Pareceu-me dizer o que queríamos ouvir. Que o povo estava primeiro, que o governo tinha de ser patriótico, que assumir responsabilidades era mais que pagar contas e que cada um era responsável pela situação a que se chegou. Os proprietários e os conservadores ridicularizaram-no e as estações televisivas apresentavam sondagens em que ele nem aparecia. Ele lá ganhou, talvez ninguém achasse que o voto-castigo o elegesse mas pelos vistos muita gente pensou o mesmo.

Nem os discursos do pós-operatório das direitas e esquerdas 'responsáveis e serenas' com fatos sedosos e alianças bem visíveis nas mãos sobre os braços um no outro apoiados em poses de empresário, ameaçando com futuros sombrios, cenários de apocalipse, mas tudo isso foi ofuscado pela súbita e enérgica intervenção da União Europeia, que enviou não só fundos para financiar a campanha conservadora, como recados e ameaças de 'repercussões' a qualquer ameaça à desintegração do monstro em que se tornou. O 'nosso primeiro' na altura respondeu que 'Se a União Europeia não conseguia ajudar a salvar 300.000 esfomeados não se devia preocupar com um mercado de 500 milhões.' Houve um comissário qualquer que sugeriu a possibilidade de uma intervenção militar, mas depois mudou à voz do seu dono que não o povo, e começou-se a falar de decisões serenas e responsáveis, de maturidade democrática que é outro nome para a mesmíssima coisa de sempre, e outras expressões de veludo que percorriam os media como canto de sereia para uma classe média de sofá.

O azar é que já não havia classe média. A classe média restante era apenas constituída por meia dúzia de lambe cus que sustentava e zelava pelo status quo dos mais ricos senhores dos aparelhos. Os *pater família* despromovidos a terem de chorar todas as noites em surdina por não saberem como alimentar os filhos no dia seguinte, subitamente tornaram-se revolucionários. O burguês só se mexe quando a mosca chateia, e assim tivemos pela primeira vez um radical de esquerda no governo, e com maioria no parlamento.

Lembrei-me do que ele prometia e achei-o maluco. Achei na altura que teríamos a reedição sinistra de um

novo Estado Novo, e que Portugal nunca sairia da cepa torta.

O cabrão fez o que prometeu e não estamos habituados a isso. Porra.

III

O que se vai passar agora?

Sair da União Europeia não é solução para nada, se deixarmos os mesmos filhos da puta à solta.

Sorri. A História confortou-me na sua previsibilidade e repetição com um confortável abraço, bastava olhar para trás e perceber que sempre que se dá um passo decidido em frente neste país, lenta, inexoravelmente, metodicamente, os dedinhos empurram a planta do pé para o local de partida, com uma resistência apenas formal do inane calcanhar.

Esperteza saloia, pensei eu, esta do 'nosso primeiro'. Um bluff aos teutões.

Fui trabalhar, pois é essa a minha função como português, a única função do português na vida.

A minha participação democrática é uma combinação de voto sazonal e período de 'justus esperniandis' enquanto acato consecutivamente o que a maioria, outros, decidiu por mim.

Parado no estacionamento do meu local de trabalho a que então cheguei, penso nessa maioria.

É essa maioria mais esclarecida, formada, ponderada, que eu? Modéstia à parte, não.

Passam-me pela mão suas escolhas, pelos olhos e ouvidos, suas caras reacções e conversas, e decididamente, não.

Penso na democracia definindo-se como o acto de esmagamento daqueles que se interessam por uma maioria de acéfalos. Dois mil e tal anos depois de Péricles, e eis como temos a nossa democracia, os cegos conduzindo os zarolhos.

Pelo que tenho visto, a maioria, os eleitores, são crianças que se apresentam ao toque do recreio junto das urnas de mãos dadas como numa excursão à Capela dos Ossos, uma missa domingueira em que se

desfilam os melhores fatos republicanos, e onde se vota por tradição ou convicção clubística.

Para o caralho que os foda.

São a raiz do mal desta merda toda. Era isso que dizia o nosso novo Estaline, que a culpa, esse sentimento tão católico, não se limita ao pagamento da indulgência do crédito excessivo.

Há que fazer a contrição interior que é a única ferramenta de mudar as mentalidades presentes.

Em frente ao meu cacifo olho para o mini espelho tenho a barba com um dia a mais e o rosto com anos a mais em contractos de mês a mês. Espero que não me tirem da caixa e espetem no armazém. Relembro as curvas do rabo da Manuela  da limpeza que passou agora à minha frente, que é um rabo que me ajuda no chuveiro, nada especial, apenas o glorifico aqui porque aqui nada há de especial e sem um pouco de auto-emoção  o meu dia seria uma merda pior que aquela que já é.

O rabo da Nela, tem a forma de uma taça Dragendorff, rabo bojudo e maciço ligeiramente achatado nas extremidades.

O suor disfarçado de água-de-colónia da minha camisa relembra-me que estou pronto para atender o público, inspiro profundamente, ato o último atacador, e vou para a caixa.

Nem me havia lembrado perdido nas minhas cogitações que a moeda mudara.

Foi toda a gente apanhada de surpresa. O Banco de Portugal há dois meses que andava a imprimir moeda noite e dia, e hoje foi o dia. Duvido apanhar alguma nova nota de escudos, ou moedas, mas quem sabe, eu não percebo nada disto. Antes e num genial alcance de visão, os conservadores tentaram vender todo o ouro que o Salazar amealhara, incluindo o dos judeus incinerados. A intenção era impossibilitar uma futura escolha pela moeda própria, e esteve quase o ouro para ser vendido, mas uma decisão do Tribunal Constitucional protelou o processo tempo suficiente para ficar sem efeito, e deixar irritados os compradores.

Ambas as moedas vão coexistir durante dois anos, e são proibidos pagamentos e levantamentos de euros ou coisa que valha, não ouvi bem na rádio.

Os valores dos depósitos (para os poucos que ainda têm conta no banco) sofrem já a conversão, e prevejo

desde já que isto vai dar raia.

Da grossa. As pessoas nem sabem fazer contas aos trocos numa caixa de supermercado quanto mais calcular a taxa de conversão. Pela primeira vez, dou comigo a pensar que o ‘nosso primeiro’ é um gajo com tomates, tolo, mas com tomates, por se meter numa argolada destas.
Dou comigo a constatar que estou com pensamentos de 'serenidade democrática'...eu que nunca fui de classe 'média'.
Coço o antebraço quando me lembro dos exemplos arquétipos da esquerda, sempre convencidos da sua superioridade moral perante os outros, que por acharem que ao defender o 'pobrezinho' são moralmente de estirpe melhorada. Fui sempre mais pobre que todos os que conheci, e sempre me afastei de quem falava em sacrifícios sem nunca os ter conhecido.
Finalmente a esquerda, a esquerda, vai ter o poder. Vão poder, vão poder.
Não posso deixar de dizer que simpatizo com eles, não por superficial adesão ideológica apenas, mas também por os ver constantemente vilipendiados, ostracizados, acossados.
Pela comunicação social, pelos transeuntes de café, ridicularizando os exemplos do passado, as experiências falhadas, uma suposta natureza humana e verdades feitas da economia.
A esquerda revolucionária como as migalhas de um pão repartido em dois e levado à boca quase até à náusea, apresentada raramente e como descargo de consciência para classificar os programas de 'abrangentes' mais que para levar a sério a mensagem difundida.
Os dirigentes diga-se de passagem, como quixotes de circunstância, tentavam remar contra a maré, debalde, a propaganda estava tão mergulhada no subconsciente social como raízes de eucalipto cancerígeno.
A comunicação social portuguesa sempre serviu os interesses dos seus promotores, sempre apresentou a realidade mais promovida por um discurso oficial, sempre apresentou um arco governativo dual como uma esfera de política responsável, com o trabalho dos pivôs a incidir na futebolística obstrução de argumentos, interrupções extemporâneas, foras de jogo ou substituições arbitrárias. Sempre tive pena dessa minoria política, que sustenta e quer mudar o mundo nem que seja à força de ideias montadas em cavalos de papel, e não apenas morar nele comendo as lentilhas que te levam á boca.
Apesar das várias traições e dos fanatismos. Partido é partido e partido é cancro. Já havia perdido a esperança. Não a ganhei, mas agora estou curioso.

A primeira cliente do dia leva duas latas de atum e um pacote de massa. Foda-se, quinhentos euros, salário mínimo nacional.
Foda-se.
Ainda me lembro do café a quarenta escudos. Com o Euro, que Guterres, sempre ele, Portugal iria

permanecer no grupo dos países com peso decisor do eurogrupo. Com o euro o café a cerveja os bolos e outras coisas menos visíveis passaram para o dobro, não por uma pérfida reacção de valorização monetária mas porque provincianamente, os vendedores descobriram que quarenta escudos soam a quarenta cêntimos e vai de obter lucro fácil através do aumento para o dobro. Facilitava as contas a quem não estava habituado a conversões.

Será que alguma vez nos vamos perdoar?

Fomos gananciosos e filhos da puta uns para os outros, nesta grande família que é este pequeno país. Sempre passaram o português e a sua cultura como o andrajo da Europa, especialmente a partir de 1986, e pensei que fosse vergonha dos trajes e indigência do orgulhosamente sós. Hoje vejo que mais não foi que parte de uma campanha inteligente de vender a Europa como remédio único, a par do 'Festival Eurovisão da Canção'  e dos 'Jogos sem Fronteiras'. E Europa como ideia tão boa sempre teve de ser vendida, e legitimada sem sufrágio, como reles dogma que se evidencia por si sem necessidade de discutir alternativas. O que se passou na Irlanda foi vergonhoso caralho. Os burocratas de Bruxelas a patrocinar directamente pelos seus cabrais ruas cobertas de propaganda pró fascista europeia.

Cá no burgo? Foi toda a gente a meter ao bolso, ah ouro da Germânia que sabes melhor que o da Mina. Ah Camenbert que sabes melhor que pimenta, ah *coffe mugs* de New York que sois mais cosmopolitas e prestigiados que as cerâmicas chinesas importadas.

Ainda há quem diga que a estória não se repete.

Que estavam à espera?

Em qualquer civilização na História, quem tenha olhinhos para ver, lê que a seguir ao período de maior esplendor económico, vem o declínio, como a seguir a cada orgasmo se segue um torpor narcoléptico...a sociedade corrompe-se na metade final da sua expansão. Mijem dinheiro para dentro de qualquer país e é uma questão de tempo pouco, para que se desintegre. Isto é tão falado na alta cultura da Europa que até enjoa de tão óbvio.

O velho projecto hegemónico cheira o rabo a Carlos Magno, uma europa de quinhentos milhões de consumidores para ombrear com o resto do mundo que adoptou e melhorou o velho modelo industrial europeu com *nuances* de maior sacrifício não remunerado.

Os liberais tecnocratas defendem a privatização de tudo e o esforço abstracto aos assalariados como resposta à recessão, mas nenhum emigra para a China para viver de acordo com a sua lógica do mais forte. Com as condições laborais chinesas tornar-se-iam revolucionários. Filhos da puta.

Lembro-me do  Guterres, e das crianças que morreram afogadas nas valas negligentes dos imigrantes que construíam a Ponte Vasco da Gama. Lembro-me das parábolas do bom aluno e do petróleo verde do Cavaco e cavaquistas, e olho para esta mulher que hoje como outras noutros dias que se seguem, vai comer com o marido e a filha, massa esparguete com atum.

Lembro-me do Marcelo Rebelo de Sousa dizer que tínhamos de 'acarinhar' os imigrantes pois iriam ser

eles a pagar as nossas reformas e contas...Ouvi Guterres a dizer que imigração torna a nossa economia competitiva, viu-se, os patos bravos da construção civil arrasaram com milhares de famílias para pagarem tuta-e-meia a imigrantes que alojavam em contentores e pré fabricados longe dos olhares das inspecções de trabalho, tudo em nome de um lucro travestido de competitividade. Receber os imigrantes em Portugal sim, mas não para serem burros de carga para empresários cuja única profissão conhecida é de serem empresários e gerir nos espaços da lei com a chico espertisse rotineira o abre e fecha de empresas que ciclicamente se deslocalizam e espetam com desempregados na rua.
Será que algum dia vamos perdoar uns aos outros?

Esta cliente que acaba de sair com a massa e o atum debaixo dos braços, porque o meu patrão desejou aumentar os lucros e taxou os sacos de plástico, defendendo que era por motivos ecológicos, esta cliente era psicóloga num departamento qualquer de recursos humanos de uma qualquer empresa de serviços. Ajustava o pessoal e imprimia os *powerpointes* com desenhos e frases sonantes de motivação para cada colaborador dar o melhor de si e seduzir o sujeito para um amor de performance. Fazia-se tratar por doutora embora sendo apenas licenciada.
Era daquelas que defendia o patrão de forma intransigente mesmo quando ele mudava de carro de luxo de 6 em 6 meses e mantinha salários em atraso, ou sempre que ele se pavoneava com olhar ameaçador grave e sério pelas secções da 'empresa' à procura de um bode expiatório para despedir pela sua inépcia de gestão, ou quando em briefings insultava impunemente as pessoas só porque achava que não davam o máximo seguindo o seu próprio exemplo de que dava tudo pela empresa especialmente quando estava em casa da amante.
Ela era paga para pôr-se no lugar do patrão e como estulto capataz, florear o chicote do despedimento e manter um pesado e sério ambiente de trabalho pois os preguiçosos trabalhadores rendem mais estando com medo que felizes com o que fazem.
Ela não era uma qualquer, tinha feito um *mba* e trabalhado em empresas de renome, e conseguia passar duas horas a falar português com uma plateia só utilizando inglês pseudo-técnico.
Dava aulas de *coaching* por fora e tinha um site sobre sucesso pessoal e sobre o seu método infalível para o obter.
Nas conversas de esplanada estival com antigos colegas de secundário, desprezava tudo o que não estivesse relacionado com a 'sua' área e amava ouvir imbecis como ela trauteando o evangelho empresarial da gestão e da fiscalidade em assuntos que outrora faziam a mais morta árvore morrer de tédio mas que hoje parecem os mais solenes assuntos pintados com tons de ciência de ofiúcos lípidos. Os outros que não participavam na sua psicose eram apenas considerados de lunáticos tolinhos e foi assim que casou com o mais boçal financeiro que o ISEG já formou, um gajo que terminava cada sessão da bolsa de valores com um 'ámen'.

Habituados a reduzir o mundo à sua fracção de realidade tiveram amor à primeira vista, ela embevecida pelo bem que ele lhe ficava na ponta do braço, e ele pelas curvas generosas e pela relativa ausência de antecedentes copulatórios dela, que faziam dela a noiva ideal para mostrar a pais e amigos.
Ela apaixonada pela sua ideia de sucesso e progressão na vida, ele pela sua ascensão e por ter sido certo dia chamado a comentar as previsões económicas para o trimestre numa tv privada, pareciam um casal perfeito fadado a servir de exemplo a tantos outros.
O casamento como o relógio vistoso e a aliança larga trazia uma seriedade e honorabilidade que lhes dava sentido à vida por detrás dos fatos austeros e sorrisos enigmáticos omnipresentes.
Todos os outros, o mexilhão, era vítima da sua inabilidade ou até inferioridade genética em tomar o que de melhor a vida dava, e que se assim o vivia era porque queria.

Eu sei disto porque moramos na mesma rua.
Vi-a sair muita vez no seu Audi comprado a 84 prestações, e o seu marido, quando vinham da República Dominicana todos os Verões com um bronze medonho e fotos para colocar no *linkedin* e *facebook*, ao lado das fotos de praias distantes e da lua-de-mel em Nova Iorque depois de terem saído da Universidade.
Falei com ela várias vezes nas reuniões da junta de Freguesia e pouco se aproveitava do que dizia, além de uma cassete engolida e papagueada  em gritinhos estridentes visíveis para os seus correligionários que com ela estavam na base do seu partido do arco governativo. A sua melhor qualidade era uma ambição a toda a prova movida como qualquer ambição, para completar uma fantasia construída em torno do seu ego, afinal única bússola que indicia o valor da sua existência. Traçar objectivos e atingi-los, e era esta ambição unifocal que a fazia progredir mesmo sendo uma completa ignorante em tudo aquilo que saía fora da sua área profissional.

Para ela, a profissão, o marido, ser presidente de junta, ser alguém no aparelho, eram etapas de uma ascese existencial, de uma progressão fantasiosa que se escolheu como vida e via, e que à mesma serve para dar um sentido de evolução e significado.
Confesso que cheguei a pensar que este tipo de mulheres era o ideal na cama pois a sua ânsia de eficácia as faria dar o melhor mas quero lá eu uma neurótica do sucesso a usar-me como degrau para o seu ego.
Seria esta a raça de *Ubermensh* do futuro?
Ria-se com um canto da boca de esgar escarninho quando eu lhe falava de ideologias e aspirações humanas, e assim com tudo que não implicasse betão asfalto e consumo, como se eu fosse filho de um deus menor.
Ganhou um mandato, e depois outro, no segundo renegou demagogicamente benefícios relativos à sua classe e por se ter incompatibilizado com um superior partidário, ficou de fora das listas no mandato seguinte, pelo que terminou a carreira política. Tentou piscar o olho ao partido da oposição, mas nem ela

era incontornável em termos de ambição pois os 'outros' tinham gente igualmente ambiciosa, e havia criado rudemente muitos anticorpos com o aparelho inverso.
Não parecia a mesma dos cartazes retocados a *photoshop* e com fatos espartanos e braços cruzados sobre os seios demonstrando uma posição de guarda expectante pronta para a acção, para arregaçar as mangas e meter a sua energia ao serviço do eleitor espectador.
Oito anos em que a população escolheu os tipos serenos, maduros e responsáveis, democraticamente. Oito anos em que ponderadas e profundas deliberações os populares escolheram os seus representantes, e eu, como minoria tenho de acatar a vontade da tal maioria mais esclarecida que eu. Oh mel amargo da democracia, a quanto obrigas. Se fosse revolucionária, a democracia seria proibida.
O urbanismo do nosso concelho  tira-nos anos de vida. O presidente de câmara tornou a coisa pública numa reunião familiar nas altas cúpulas camarárias, enriqueceu à custa do loteamento, reformou-se e é um dos que agora se dedica ao futebol e ao conservadorismo para manter o que tem. Aos filhos basta não ser completos imbecis para terem sempre condições de manter a sua propriedade herdada e logo transferirem de geração em geração vantagens que os meus descendentes (se alguma vez existirem) nunca conhecerão, porque os seus antepassados serão narrados no futuro, como moiros de trabalho que com esforço amealharam tanta riqueza, um modelo para os servos do futuro sem dúvida.
Ela, a psicóloga do atum, ganhava na junta três vezes mais que no seu emprego, e estaria reformada neste momento se não tivesse esperado o ovo na cloaca da galinha. O nosso primeiro também cortou esses privilégios pela raiz, e houve até um autarca (que ficou conhecido por dar presuntos aos eleitores para votarem nele) que partiu ambas as pernas ao mandar-se de uma ponte como forma de protesto, não contou com a areia que lá não estava por ter sido retirada ilegalmente por areeiros na noite anterior.
O nosso primeiro cancelou todas as reformas e subsídios a funcionários políticos do poder local, bem como subvenções a partidos e convocou referendo para ilegalizar a existência de partidos políticos. Mandou formar também uma comissão de inquérito com advogados acabados de sair com as melhores notas das faculdades de direito, economia, história e que juntamente com uma renovada Polícia Judiciária, analisaram milhares de casos de enriquecimento desde 1974. Dizem os demógrafos, que nesse ano Portugal bateu todos os números dos registos históricos no que concerne à emigração, facto que o nosso primeiro esperava pois qualquer caso analisado implicava imediatamente congelamento dos bens bancários, sob sigilo absoluto o que evitou que fugissem capitais do reino.
O meu próprio patrão cujo império ajudou a empurrar para fora do negócio milhares de pequenos supermercados locais foi um dos fugitivos, mas esse pouco perdeu porque já só pagava impostos no estrangeiro...mas até nisso o novo primeiro-ministro foi cáustico pois indo contra legislação europeia taxou duplamente as empresas com sede fiscal fora do espaço nacional, com especial incidência nas originárias de Portugal ou sede domiciliária no país. As que não pagavam viam ser nacionalizados os centros comerciais e plataformas logísticas que formaram cooperativas de consumos que a início não funcionaram

bem. O meu patrão promove os produtos nacionais vendendo-os abaixo do preço de custo e pagava o ordenado mínimo a jovens formados para trabalharem como repositores e caixas nos hipermercados... e pagava porque o Estado obrigava. Isto enquanto dava entrevistas-sermões na televisão com ar austero e sério, sempre mostrando a larga aliança e o relógio conservador sob vestes espartanas vestidas para o efeito, e assim servindo de placebo de herói para muita gente que o aclamava como o 'Messias' enquanto domiciliava lucros em terra de infiéis e conduzia à miséria milhares de produtores enquanto cuspia para o ecrã exortações a valorizar o regresso à terra e à produção nacional.
Meu messias seria se me pagasse um pouco melhor, mas não me posso queixar que tenho emprego, aliás nem nada faço com medo de o perder e à vida de merda que tenho e não sei que tenho.
Já estive na gerência mas foi por pouco tempo. Redução de pessoal e voltei para as caixas. Como se quisesses subir umas escadas para tomar Baçaim e te puxassem para baixo por uma perna...

Pior está o marido dela...a que comprou esparguete e atum...desempregado, tinha uma série de *stands* que faliram e uma imobiliária também, onde vendia a outros o superinflacionado objecto 'casa' que subsume o pagamento da vida que supostamente é uma dádiva.
Chegou a aventurar-se na construção, no tempo dos negócios gordos, mas o azar com um cheque que bateu na trave a noventa dias arredou-o do negócio que na altura era melhor que ouro de tesouro.
Carros falência casa falência e apenas *patois* pois que não sabe fazer mais nada a não ser ter a mania que não perdeu, nem quando me veio mendigar um litro de leite a semana passada.
Apenas sabia fazer circular dinheiro e frequentar a 24 de Julho para o cimbalino nocturno, expondo a mulher e expondo-se às mulheres dos outros. Agora passa os dias no café onde falo muitas vezes com ele, e a sua cara esquálida continua a vomitar chavões neo liberais e acéfalos mas desta vez já não com tanta certeza nos olhos mas uma certa mágoa no olhar.
Vejo agora que o 'nosso problema' não era com a Europa mas connosco. Temos sido tão cabrões uns para os outros, temos tratado tão mal o nosso país...através de políticos que tomam a política partidária nacional como o trampolim para carreiras europeístas cagando nos seus livres eleitores que desconhecem por completo a civilidade e sofisticação de uma Europa a Norte do Sena.
Trampolim para a nave dos loucos que é o parlamento europeu e que as gerações vindouras discorrerão em rios de tinta como se demorou tanto tempo a perceber o carácter fascista de uma união europeia que nada tem de união. Só nós temos a culpa.

Será que alguma vez nos vamos perdoar?

Temos comido merda e não fazemos parar a refeição, antes pedimos mais pimenta e um copo de água.

O relógio bateu nas 12. Nunca tive um dia com apenas um cliente a passar pela caixa. O gerente veio ter comigo e disse-me para ir para casa. Não me dá o dia mas que o tempo vai para o banco de horas. Não me interessa, chego a casa cansado de nada ter feito, deito-me a pensar e adormeço. Acordo com um telefonema do meu pai, com a lenga-lenga do costume, que quer um neto e que tenho de assentar. Não vale a pena explicar-lhe que não ganho o suficiente e que não posso ter um filho, e não, não é para manter um estilo de vida. Enquanto imagino distopicamente como será um mundo em que a maior parte não pode ter filhos, e o que valerá a vida individual perante isso, oiço o meu pai chorar-se por ser tratado no lar como uma criança com muletas. Ele e a minha mãe diversas vezes me limparam o cú sob as fraldas e me ampararam em pesadelos nocturnos e febres estivais de encontro ao posto de saúde, ao que parece a vida hodierna não me permite retribuir a cortesia e assim se canaliza a pensão que o velho tem para os bolsos dos empresários geriátricos que despacham expediente numa moradia salobra em bairro de génese ilegal. Como milhares de outros velhos, descartados nas gavetas esquecidas esperando que a morte no seu rosto pouse o beijo de atenção que os do seu próprio sangue lhes sonegam. O trabalho ao que parece tornou-se mais frenético e mais importante que os ancestrais laços entre as gerações. Foda-se que ter um velho em casa entre a *playstation* e a *bimby* não é cool. Nem o cônjuge verá com bons olhos e pode mesmo comprometer o casamento de fachada que se celebrou em bodas mecanizadas pelas moradias engalanadas por bairros de génese ilegal e manchas de pinheiros e eucaliptos onde fica bem tirar umas fotos para mais tarde recordar.

Queixa-se que a sopa sabe a merda, arrepende-se, pede-me desculpa pelos lamentos, e termina soluçando que se pode morrer de tristeza.

Ligo a TV após desligar o telemóvel, e como milhões de outros portugueses contribuo para o meu esclarecimento político através de comentários de comentadores.

Parece que houve desenvolvimentos. A EU ameaçou com uma intervenção armada, mas a saída repentina da Itália e da Espanha foi proposta à Comissão Europeia, pelos ministros dos Negócios Estrangeiros de ambos os países, o que relativizou como é costume a importância de Portugal. Nem quando tentamos falar grosso a voz parece sair no tom certo. Talvez seja a nossa sina sortuda.

O *limes* entre católicos e protestantes entre bárbaros e civilizados sempre variou no lado da fronteira mas a mesma sempre se manteve em colunas de eterno. De entre as várias reacções negativas, um pouco por todo o mundo, Portugal recebeu elogios de algumas áreas políticas dentro da própria ‘União’, curiosamente da Escandinávia, de onde chegam ecos de apreço pela atitude corajosa de um pequeno país querer sair da ‘União’ para a qual entrou sem sufrágio e da qual sai sem enquadramento, pois nunca

se quis colocar a hipótese de algum país a bater com a porta, tal não foi a arrogância intencional destes democratas. Estes filhos da puta forçaram com pão-de-ló de amizade e solidariedade, uma ‘união’ dos povos da Europa, que lenta, gradualmente e calculadamente tornaram um Estado fascista encapotado, onde 70% das leis dos países são imposições de milhares de funcionários anónimos não eleitos democraticamente. Os palhaços, nós, enquanto houve dinheiro para *bigs brothers*, mundiais de futebol, lcds, copos de plástico para os cafés e outras tantas merdas de consumo e despesismo ambiental, até ajudámos à festa, e nem nos ralámos quando com festas pelo lombo nos alaram a canga. Agora estrebuchamos e esperneamos, mas só existe um sentido de marcha ao apelo do chicote.

Será que algum dia nos vamos perdoar?

Todos os dias saem escândalos de corrupção, hoje descobriu-se a negociação secreta entre o Estado português sobre os seus direitos petrolíferos na zona contígua da orla costeira, para as reservas de petróleo *offshore* que foram descobertas, e para as quais o erário público sonegará dez cêntimos por barril, ficando o remanescente com a multinacional, promotora do evento. A referida empresa acaba de contratar o nosso ex primeiro-ministro para seu chairman ibérico, sem dúvida em recompensa pela sua competência.

Caralho. Já só meto os cornos debaixo dos lençóis e espero o temporal passar.

Descobrir petróleo era o pior que podia acontecer em Portugal para Portugal.

Corrompidos e corruptos desde a fundação, desde a medula, vamos mantendo as mesmas classes, que se auto perpetuam, verdadeiro caso de estudo de como gerações desenvolvem a capacidade de manter um sistema de desigualdade social e manter-se ao rumo do mesmo, em choraquelogobebes. Nunca fui comunista mas que hoje me parece que eles sempre tiveram razão, nunca me pareceu tão claro.

Eu já só espero que me chamem a votar, novamente nos dois partidos do ‘arco governativo’.

Quedo-me com sono e lamento o pesadelo que teima não terminar, eu só queria voltar à vida que tinha, telemóveis que avariam pouco tempo depois do fim da garantia, comida modificada geneticamente para aumentar lucros e sem valor nutritivo, televisão imbecilizante, um mundo de cabrões e cabras mútuas.

Fecho lentamente os olhos e pergunto-me se algum dia nos vamos perdoar uns aos outros.

LXVI

**Arquipélago Trabalho**

Chamo-me Andrade.

Sou um dos panhonhas da vida. Deves conhecer-me, vês-me na rua.
Sou uma daquelas pessoas que conheces e esqueces imediatamente sob o peso de um juízo fácil e imediato.

«É um perdedor», um vale nada, um inapto, um triste, um desgraçado, um zé ninguém, sentencias em introspecção.

Penso que tens razão.

Não gosto de trabalhar.
Detesto.

Odeio o mundo do trabalho, pelo menos tal e qual o tenho conhecido até agora.

A verdade do trabalho é uma verdade feita e mais santificada que a necessidade de comer carne todos os dias.

Não me vejo como particularmente rebelde nem particularmente disfuncional. A necessidade que tenho de te dizer isto mostra-nos claramente que começar uma cruzada contra o ‘trabalho’ é visto como rebeldia estéril ou sinal de cabecinha fraca.

Dizes-me que também tu não gostas nada de trabalhar mas que tem de ser. Que o mundo é assim e que tens de pagar a tua vida, que faz parte de ser adulto, que se não trabalhamos nada aparece feito, morreríamos à fome, ficaríamos parados a meio do progresso, que toda a gente tem de trabalhar.

Quando insisto cedes e dizes-me para procurar qualquer coisa que eu goste de fazer. Eu gosto de conspirar contra o trabalho.

Dou comigo assustado quando sozinho na minha cabeça e após os convívios, as gargalhadas, os discursos e as festas de natal, mergulho em cogitações nas quais as companhias, os risos, as palavras e os rituais me parecem um tal véu de ilusão, relativo mas absoluto, um andar intermédio onde todos vivem e no qual escolho retirar-me para viver numa cave auscultando a vida perene e falsa do andar de cima.

Assusto-me com a certeza que tenho que os outros é que estão enganados. Por isso pago.

Pago com provocações, discussões constantes, desconsiderações, e sou de certa forma ostracizado, estrangeiro na minha vizinhança, porque pura e simplesmente não me consigo limitar a fingir que vivo como todos, e forço-me a

engolir a revolta que guardo dentro de
mim.

Em meu redor se encontra tecida uma teia, uma rede de relações
humanas que me tentam puxar para a razão para a normalidade, para a razão, e a
normalidade dá-me vómitos. Estarei tão alienado que consigo reflectir sobre a
minha doença e a normalidade dos
outros?

I

Desde que comecei a trabalhar aos 16 anos, que senti que algo
havia de profundamente errado no trabalho. Eram os braços doridos no Verão
quando nas férias grandes trabalhava junto com minha mãe numa fábrica. Não
percebia muito bem como podiam andar com olhar alegre as pessoas que lá
trabalhavam, quando todos tínhamos durante 8 horas de ficar retidos num
rectangular recinto.

Por detrás da gravidade da função via eu nos operários uma vida
que latejava, verdadeiramente humana, eram as intrigas, as gargalhadas, o choque
de gerações, as dinâmicas entre os sexos, as dinâmicas entre chefes e chefiados,
as novidades dos serviços e as relações com as máquinas, e todo o pano comum era
o de desempenhar um esforço para se poder levar para casa o sustento e sair de
cara lavada à rua perante os olhares judicativos dos outros, aqueles a quem
nunca confessaremos que o trabalho é uma canga com medo que pensem que somos
maluquinhos e nos relativizem. Nada há de pior que ser relativizado, ser
des-considerado no seio dos outros, é como não ter palavra a dizer. O
desconsiderado pode falar mas ninguém o leva a sério. É de certa forma afastado
do núcleo vivo da comunidade reduzido à única e mais abstracta categoria de ser
humano, é uma pessoa, mas sem poder político, sem capacidade de intervenção no
núcleo vivo que são as diversas redes de comunidade e cumplicidade que o

rodeiam. É em parte por isto que tanta gente se preocupa com a postura e as atitudes em público, sob pena de fomentar confiança a mais ou medo de perder relevância ou perder o tal poder político. A criança por exemplo era naquele tempo um des-considerado, pois exprimia-se mas no fundo o que contava era a sapiência fatal dos adultos que estavam convictos da sua maior experiência e acerto de pensamento em relação à realidade, bem como o maior peso dos velhos nessa partilha de uma visão fatal sobre a 'vida', sob expressões como 'antigamente tinha-se de fazer assim ou assado, não é como hoje em dia…'.

Estruturava-se assim no meio proletário uma das ínfimas gradações que se podem olhar em mornas noites de Estio. A sabedoria dos velhos podia ser útil como exemplo ou como base de dados. Hoje num mundo tão aparentemente evoluído e frenético, os velhos são bens descartáveis. Excepto para a indústria que os explora como isco.

No Verão seguinte comecei a formação em obras, com a pintura do interior de uma vivenda entregue a 5 homens de diferentes idades e cuja ligação suburbana passava por se conhecerem uns aos outros lá no bairro. Fazia tudo o que me mandavam mas me diziam que me faltava fibra. Ao mais novo eu tentava seduzir para assuntos mais pueris como observar a parede de outro ângulo ou a colecção de isqueiros do dono da casa. Mas tal era evitado pelo seu medo de ser incluído na mesma categoria de mascote que me pertencia, afinal uma não entrega absoluta à missão significava a desconsideração de um mundo para o qual queria entrar, o dos adultos.

A missão não me suscitava qualquer interesse, nem as conversas que eram orientadas para a criação de boa disposição no desenrolar da jorna. Era eu que ia buscar o tinto com sumol ao frigorífico, era o aguadeiro.

Lavava os rolos, as trinchas, descarregava os sacos de cimento,
cuja minha inconsciência de adolescente, me fez querer também ser adulto, e nada melhor que pegar em 50 quilos de Portland e ganhar uma hérnia discal para mais tarde recordar.

Era insuportável a rotina de nada fazer, e ter de estar condenado
a estar ali, pese embora a solidariedade e bondade dos participantes, para
comigo. Não me seduzia a rotina, e era suportável porque sabia que mais um mês e voltaria à escola. O trabalho era
sazonal.

Respeitava e admirava os companheiros que levavam a empreitada
adiante, e que se sacrificavam aparentemente sem esforço. Abominava a canga monótona que nos conformava a
convivência.

Amealhados os trocos lá fui comprando a minha televisão e vídeo
vhs para ver filmes alugados nos clubes de vídeo
locais.

No ano a seguir já entrei para a função de acartar baldes de
massa para fazer a betonilha mas o vigor da idade não fazia sentir o cansaço e
mantinha-se o ânimo por poder
conviver com meus próximos
a execução fraterna de um propósito comum. O melhor do trabalho é mesmo o convívio humano que através dele se vive.
Entre os meus camaradas de labuta as primeiras percepções de uma veia
coerciva pois a dignificação do trabalho nas conversas sobre política, nas
avaliações das personalidades de conhecidos comuns onde a disponibilidade para o trabalho representa um valor moral, e onde o meu estranhamento residia por saber
que abomino a repetição e o trabalho forçado e abstracto, embora parecer ser o

único. Em que ponto é que o sujeito abdica da resistência e da revolta contra essa imposição e a abraça incondicionalmente? Quando é que cada um cede e transforma esta realidade coerciva num pilar judicativo da sua visão do mundo?

Passa-se um ponto de ruptura ou é mais fácil ceder à evidência do trabalho? No trabalho desde que se o aceite, se o ame, se o defenda, tudo é fácil. Os encomiastas são considerados e ouvidos, positivamente discriminados, porque aceitaram a evidência da vida.

Calões e preguiçosos, laboriosos e dinâmicos, senhores e servos, cantam em uníssono esta melodia elogiosa. Falar contra o trabalho não é insulto, é tolice.

Nem tão pouco não querer fazer nenhum. Insulto é não respeitar a ritualidade do trabalho, a solenidade da sua realidade.'Serviço é serviço, conhaque é conhaque' e a vida é um enclave entre o mundo do labor e o sono.

Empreiteiros passavam por mim e o tratamento não era o de igual para igual, mas de alguém que se sente sentar em degraus acima, mesmo concidadãos de mesma classe social, precisam de vincar a sua antiguidade ou monopólio técnico de sapiência das coisas, numa clara estratificação que visa estabelecer hierarquias que asseguram os operadores, protegendo contra o caos da relatividade da condição humana. Sabendo cada um o seu lugar, nenhum se perde, e o mundo aparece estruturado.

O patrão tem sempre razão especialmente quando é cortejado.

Eram tempos folgados, o admirável mundo novo da riqueza aparente tornava relativamente aprazível viver num ambiente sem pressão mas a rotina, a repetição sem sentido de uma missão que não é para cumprir mas para ir cumprindo, faziam-me ansiar por fazer algo em adulto que não passasse por semelhante harmonia.

Foi a explosão da construção civil que arrastou também milhares de trabalhadores de outros países para o novo el dorado de estuque rachado e vigamento deficiente. Com eles chegaram os tempos das vacas magras pois a competição lançou os preços por aí abaixo e foi cada vez mais difícil viver condignamente.

Certas vezes vinha para casa de transportes e a repulsa pela condição de trabalho braçal e sujo era patente nos olhos dos observadores que se perdiam brevemente a avaliar o andrajoso jovem como mais um condenado à mesma mediocridade especialmente numa altura em que quem se vergava nos sectores tradicionais era considerado como anacronismo.

Temia essas ocasiões e cheguei a levar roupa de casa para não passar por isso. Outros companheiros faziam o mesmo. O olhar judicativo na carreira de autocarro, e as poses de superioridade eram tão assertivos que uma estátua de pedra se sentiria de manteiga na instalação dúvida.

Trabalhar nas obras era considerado fracasso nesse distante Portugal moderno. Os clientes que contratavam os ‘nossos’ serviços tratavam com proximidade o patrão’ mas com soberba os empregados. Acabei o secundário com esperanças de poder escapar a esta lógica de hierarquização e desigualdade. Estava farto de escola e decidi

cumprir o meu serviço militar voluntariando-me. Repetição do mesmo, o melhor é a camaradagem, o pior a contínua variação dos modos de tratamento, mesmo dentro daqueles que teoricamente estariam em posições equivalentes. Já não passava já por uma questão de garantir respeito, mas também de garantir uma visão acerca de si e do seu valor, de acordo com a antiguidade ou a experiência. Os que supostamente ocupavam as cúpulas do oficialato tratavam os de fundo de tabela como epsilons do Huxley, 'ó Zé nabo calcula-me lá isto' mostrando por vezes uma convicção latente de que a diferenciação em dignidade obedecia a factos científicos de origem genética. Adorava o que fazia a maior parte das vezes e não me lembro de negar a nada, insuflado que estava da crença de que servia o meu país. Mas sentia que queria e tinha capacidade para algo mais exigente. Até que nem fosse para garantir um pouco da dignidade de tratamento que desde a adolescência me escapava. Talvez se fosse doutor e pudesse provar que não era mais um, como me sentia tratado, pudesse finalmente viver em igualdade com os homens. Estudei e entrei para a Universidade. Durante uns tempos não cabia em mim de orgulho. Já não me sentia tanto com as diferenças de tratamento porque agora fazia algo que só alguns faziam, e tinha sido seriado e até nem me tinha saído nada mal.

O primeiro ano foi nulo, demorei-me a ambientar e acabei por ter de sair da tropa já numa fase em que me sentia de igual para com os outros que como eu tinham um curso superior, ou estavam em vias de o ter.

Custear o meu percurso levou-me a trabalhar em cinemas, a fazer e servir pipocas em contacto com o público, que quase nunca é simpático e tratam o funcionário de forma mais displicente que o contratador de serviços. É difícil levar a sério um trabalho onde a merda calha sempre aos mesmos e onde após determinada absorção desse mesma matéria fecal, geralmente com exposições prolongadas, se evoluiu para um patamar onde o que há a desempenhar não é tão mau, e onde geralmente se começa a aprender o ofício de capataz, isto é a incentivar coercivamente os outros para o trabalho. Algumas boas almas advogam que se começa por baixo para aprender o ofício, mas em geral, evolui-se do

trabalho sujo para o ‘administrativo’ não parecendo haver relação entre por exemplo a técnica de atender telefonemas e a função de gestão de um grupo de operadores de atendimento, a não ser que a conversa telefónica transmita noções de gestão. Ou seja, fora do discurso oficial o que existe é uma longa cadeia de hierarquias que exigem mais obediência e interiorização do sistema vigente, que propriamente competência. É esta a minha experiência.

Além de que sempre me interessou o facto de que os piores trabalhos são os mais mal pagos. Alguns escudam-se na ideia de que quem estudou merece recompensa. Eu e milhares de outros estudámos e não obtivemos nenhuma recompensa que não comprar um bilhete de avião para voar daqui para fora. Outros escudam-se na ideia de que houve uma aposta em cursos errados e os madraços optaram pelos mais fáceis, mas lá fora, para onde se compra o bilhete de avião, se pede inclusivamente aquilo que aqui não tem aceitação de mercado.

Adiante, depois dos cinemas passei para a facilidade de empregos no sector de recolha de lixo. Vulgarmente conhecido como ‘call centers’ onde pernoitei 10 anos e com consequências psicológicas até hoje em mim perdurando. Se me tivesse aguentado hoje poderia ser coordenador ou supervisor e quem sabe até chefiar um departamento obscuro qualquer.

Mas não conseguia, esforçava-me, mas o nó no estômago e as náuseas colhiam a sua vítima a partir de determinado tempo. Umas vezes porque não aguentava, outras porque mudava porque achava que tinha arranjado algo melhor. Nunca estive ou queria estar de coração num sítio que não respeitava, com a cultura burguesa de camisas engomadas por fora das calças de ganga que cobriam sapatinhos de vela e espreitavam as poupas de gel e laca. Desprezava as projecções de vida louca pelos bares da moda lisboeta, perpétua continuação da aura de popularidade ou sucesso social que havia observado no secundário. Os

«populares» do *call center* eram os que conjugavam uma vida social preenchida e uma sapiência fatal acerca de tudo o que se passava no serviço. Eram os que impunham um respeito e mistificação pela hierarquia, pelos chefes, ainda assim de forma mais rebuscada e serôdia que alguns dos professores universitários que conheci que se referiam a colegas seus pela total extensão dos títulos académicos.

O *call center* em que trabalhava, tinha contrato com várias empresas de trabalho temporário, que retinham dois terços do valor total pago, por cada operador. A função era disponibilizar e disciplinar o recurso humano que serviria para dar a cara perante o cliente, umas vezes para questões de funcionamento do serviço, outras para mascarar as burradas cometidas em tanta mudança de gestão e chefias, a níveis intermédios e superiores da corporação. Se algo funcionava, não era garantia que pudesse continuar. Um pouco como as revoluções no Ministério da Educação, cada gestor de topo queria deixar a sua marca e reformulava como lhe apetecia, e o que era verdade num dia era mentira no outro. Na salinha refeitório tínhamos água engarrafada e microondas para aquecer os tupperwares, com arroz de frango ou massa com atum, ou o omnipresente arroz de tomate com carapau frito.

No Natal havia uma festa da empresa onde os chefes confraternizavam de igual para igual com os outros, que porreirice a deles, mas geralmente só quem acreditava naquela merda é que ia.

A maior parte estava ali para desenrascar alguma faceta da sua vida e depois partia para algo melhor. A facilidade de emprego fazia-me despedir e procurar outra coisa só encontrando aquilo de que eu havia fugido em primeiro lugar. Mas adorei os tempos de escola, miúdas, cinema, livros e tudo isso. Dei por mim a trabalhar para um banco a vender cartões de crédito, onde a solenidade pelo serviço era acompanhada por um dinamismo de manga

arregaçada.

Era giro porque era obrigado a usar gravata. Quem me deu formação foi uma loura bombástica que vestia sempre de branco e tinha uns mamilos extrovertidos e grandes como botões de antigo amplificador hifi a válvulas. Ensinou-me a mim e a a um companheiro de formação, que não acreditava na fidelidade, e que não era fiel ao namorado, numa tentativa clara de angariar séquito entre nós.

Em todos os centros de atendimento em que passei, havia a promessa difusa de que se nos esforçássemos podíamos passar para funções melhores, podíamos até vir a fazer parte do clã.

Sempre tive pudor sobre essa determinação. Eu estudava o que gostava e queria fazer o que gostava. Outros colegas meus tinham estudado para ter o canudo, para no futuro poderem mostrar que tinham completado uma formação e que a culpa seria do mercado por não os absorver. O curso era uma espécie de cicatriz de guerra que revelava a dignidade e a reverência devida ao combatente.

Ao menos tinham tentado e poderem lamentar-se da injustiça do mundo era quase tão bom como ter ‘arranjado’ trabalho na sua área de formação.

Enviava imensas propostas para a casa dos clientes mas eles não compravam o cartão, apreciavam a minha simpatia mas não queriam aquilo, e uma chamada de alguém que se queixou da dificuldade de gerir o ordenado e do peso que seria o cartão, fez-me decidir a não colocar lá os pés nem a impingir aquilo ao meu próximo.

Utilizei a animosidade entre mim e a coordenadora para formular um desentendimento que servisse para justificar para mim e para outros o sair de mais um emprego. Curioso como mesmo saindo de uma merda que sinto que me oprime, não consigo deixar de me sentir deprimido durante uns tempos.

Voguei umas temporadas sem trabalhar, ocasionalmente fazia uma temporada num centro de apoio, mas gradualmente fui queimando o meu nome nas empresas de trabalho temporário e um dos meus últimos foi num projecto pioneiro que nunca saiu da fase de projecto, naquele que seria o primeiro operador de telecomunicações a facultar videochamadas, e para o qual acorri, pensando que o pioneirismo seria sinónimo de tratamento mais ético e responsável para com a mão de obra barata. Nessa altura os TFT's eram novidade e caros para caraças, e cada computador tinha dois. Verifiquei assim que pude o material no computador e verifiquei que tinha do mais barato por dentro. A coisa havia sido de facto baseada na imagem e não me refiro á videochamada.

Os coordenadores eram seleccionados de forma que ainda hoje é ignota, e por causa do pioenirismo do projecto, da sua fase inicial, sabiam tanto ou menos que os operadores a quem davam formação. A sua maior mestria era mesmo assente nos dotes teatrais com que assumiam a sua posição de capatazes, por vezes com episódios deliciosos, como o Conguito a saltar ao lado de um colega nosso a quem o computador prendou com a protecção de ecrã, e o Congas a saltar e a gritar 'Desliga isso, lá em baixo estão a disparar os alarmes!' o que revelou para nós duas coisas, que havia monitorização dos computadores, e que o Congas não sabia o que era o fenómeno da protecção de ecrã.

O Conguito era assim chamado por causa das horas que passava no

solário para ter um aspecto bem sucedido e saudável mesmo no Inverno. Tinha um Golf preto com estofos de pele creme, e usava brilhantina no cabelo preto, especialista em manter uma imagem que o colocasse em igualdade de dignidade da namorada que o escolhera pelos mesmos motivos. Era também conhecido por ‘cu de pato’ por causa da geometria arrojada dos seus glúteos, sob as calças caqui e sapatos de vela que envergava invariavelmente a combinar com as suas camisas de marca.

Havia também o Miguel, o gay de serviço que por causa de um problema de pele, cheirava mal, e quando instado a tratar do assunto, por um supervisor com o mesmo problema, foi fazer queixa da empresa por discriminação homofóbica. Levava livros gigantescos e anotados de programação web, para passar a imagem de tech sapiente, mas a sua inoportuna farsa deitava-lhe os esforços por terra, pois ninguém lhe ligava nenhuma. A última vez que soube dele era candidato do PSD, responsável e tão preocupado com o próximo, como sempre,( ou seja nada) a uma qualquer junta de freguesia dos subúrbios lisboetas.

O centro de apoio estava pejado de personagens e a nexistência de trabalho e a camaradagem desenvolvida fez-nos todos ficar lá até ao fim do projecto. Lembro-me das matronas que tinham uma capacidade de projectar uma aura de eficiência que era hipnótica, particularmente se contássemos os passos dados, geralmente o dobro dos necessários para percorrer determinada distância. Uma delas, psicóloga de formação, era uma águia na leitura dos jogos de poder e das relações, e de a quem devia sorrir, encontrei-a mais tarde numa formação para um emprego de treta, numa fase menos boa que tive, e era ela a formadora comportamental, numa matéria que é sempre a mesma e que eu já cuspo pelas orelhas. Notei que algo havia mudado, pois cumprimentei-a com dois beijos e um abraço mesmo em cima da mão que me estendeu, ao que no decurso da formação liguei o pc para ver o que se passava, foi admoestado, e durante a pausa para café escapuli-me para não mais voltar.

Outro o Ruben, tentou uns anos mais tarde meter-me num esquema Ponzie, a teresa julgo que prosseguiu no teatro, o Filó na televisão e outros tantos que se dispersaram.

Farto da merda dos *call centers* dediquei-me a outro emprego de entrada fácil, a vigilância privada. Duas semanas de formação numa empresa cujo símbolo difere das demais, e sou colocado num cliente a fazer os turnos da noite, de onde saio meio embriagado de sono preparando-me para dormir quando os outros vão trabalhar. A empresa cliente recebia dinheiro do Estado para fazer coisas ecológicas que eram averbadas e destruídas de seguida para serem reutilizadas de novo para receber mais subsídios.
Muitas vezes saia directo para as aulas às 8 da manhã, e o professor não queria dar matéria enquanto não aparecessem os meus colegas que não gostavam de se levantar tão cedo, e passava o tempo a falar sobre o então primeiro ministro que havia feito a sua licenciatura nos conturbados meandros de quando se saneavam professores em períodos revolucionários.

Acabou este emprego por ter consequências desastrosas a nível académico e não consegui ter aproveitamento e perdi o ano.

Saí dessa empresa e passei o restante ano dedicando-me só à escola mas eis que surge a necessidade de pagar o passe social e outras coisas para poder estudar e vejo-me de novo numa empresa de vigilância, desta feita com nome de herbívoro. Dois dias de formação e sou colocado em Monsanto ao fim de semana 14 horas de pé, orientando trânsito e perdendo mais tempo que o normal para chegar por transportes públicos ao local, facto comunicado à chefia e pela chefia ignorado, pois o compadrio fazia com que certos privilegiados ficavam nos postos mais perto de Alcântara, e eu perdia 1 hora a pé e 2 esperando na paragem por ser colocado no cu de Judas do

Parque.

Ao contestar o facto, sou desconsiderado pelo superior, ao que lhe indico que deve fazer o próximo serviço, pois eu não o farei. Entrego a farda, e desejo boa sorte.

Por intermédio de amigo vou trabalhar para um part time em empresa que me paga muito bem por 4 horas, e faço lá um ano inteiro, ia inclusivé assinar contrato mais sério, quando num dia não contacto um cliente que ostensivamente me falta ao respeito e por azar de lhe retorquir, fez queixa à chefia de topo da empresa, que conhecia bem, e que lhe permitia entrar no incumprimento que me levou ao contacto, e desta forma fui despedido.

Sou contratado para um emprego que me havia sido vendido como trabalhando com computadores, e no primeiro dia descarrego um camião de vidro, com uma lágrima no olho por pensar nas horas que havia passado a ler e a absorver alta cultura para um dia ensinar.

O empresário que me contratou não sabia fazer crescer a empresa e por isso alugou parte do espaço o que permitiu continuar a ser o senhor patrão.

Pagava balúrdios por reparações informáticas insignificantes, mas era picuinhas em tudo o resto. Fui-me mantendo porque até nem se ganhava mal, até ao dia em que decidiu embrirrar com o desgraçado do meu companheiro de turno, acossado por todos os outros colegas, só por ser alguém de calma índole, e que não respondia a provocações.
Ao tratar mal o outro, lembrei-lhe calmamente que podia chamar a atenção

para o trabalho mas não rebaixar e insultar as pessoas a nível ordinário, ao que ele se riu e praguejou, ora então o patrão não podia falar como quisesse com o empregado na sua fábrica, e a coisa escalou a partir dali, acabando com ele a insultar as minhas costas no momento em que lhas presenteei para me ir embora. A intenção dele era levar o outro a despedir-se mas eu antecipei-me até porque já estava farto do emprego onde por forretice, a máquina principal estava mal construída e quase todas as semanas parava obrigando a que os empregados desempenhassem funções perigosas e se desunhassem para a colocar de novo a trabalhar. Eu havia-lo feito duas vezes quando era melhor deixá-la parada. Se o patrão não queria saber não era eu que me ia ralar, e os meus colegas, que se continuassem a divertir a conspirar uns contra os
outros.

Voltei lá uma semana depois com umas cervejas para me despedir e
deixei abraços a toda a gente.

Voltei a um call center, voltei a sair, entrei para um emprego
onde iam aproveitar as minhas competências informáticas, e a melhor forma que encontraram para isso foi numa garagem fechado a confirmar e anotar números de série de terminais portáteis de
pagamento.

Saído de lá voltei a trabalhar num call center desta feita para
outra empresa de comunicações que já me havia despedido, e que me fez abrir recibos verdes. Trabalhei lá um mês, a rotina e a pressão não me davam
capacidade criadora, pelo contrário.

Decido tirar outro curso, nem sei bem para quê, e volto para a
vigilância de onde ainda não saí porque só a faço ao fim de
semana.

LXVII

**Hino dos desapossados**

I

Trabalho. O dia todo. O formigueiro da submissão pica-me até nos poucos minutos em que fujo para fingir que almoço, quando circulo pela via rápida em filas intermináveis que derem a ganhar muito dinheiro a muita gente que não nós, e que se calhar agora passam por mim em carros de grande cilindrada, ar condicionado e Mozart nos rádios de alta fidelidade.

Dizem-me que nada fiz para ter uma vida decente, que uma vida decente é cara e tem de ser paga a sangue, paga com esforço, paga com distância de tudo aquilo que amo nesta vida, dos meus filhos, dos meus pais, dos meus próximos.

A competição e a avareza tomaram conta da forma de relacionamento entre as pessoas, e os colegas de trabalho raramente são amigos, e à impessoalidade chama-se profissionalismo. Sou um dos milhares de anónimos que põe fim à vida sem que os jornais o noticiem. São mais colunáveis outras colunas de fumo para as massas. Ninguém fará as estatísticas daqueles que morrem na sombra do anonimato, por dívidas, por solidão, por exclusão, por inadaptação.

Inadaptação a um mundo de merda é hoje sinónimo de estigma. Os fortes espezinham os fracos, com hinos a Galton, são malucos, são estranhos, têm pancada. Como se fosse são viver uma vida de opressão onde as pequenas fugas são os créditos fáceis cedidos com caras sorridentes e os incumprimentos com desdéns judicativos. Claro foda-se claro, endividas como podes para esquecer o facto que és pobre e levas vida de emigrante no teu próprio país. A infância fez-te promessas que aparecem traídas assim que sais da universidade, e o desafogo material não parece ocorrer nunca. És revolucionário no teu ninho de indigência, mas conservador nos teus fartos jantares com amigos ou nas discos por aí e acolá.

Só és merda, quando a onde te domina, quando te enrola e traz para o fundo sem saberes para onde está o Norte, e aí és o alvo das risotas, das desconsiderações externas e internas pois que pensas mal se achas que a tua própria consciência te vai deixar em paz.

Sofre aí filho da puta que nada mais mereces que aquilo que a vida te dá, se encheste o cu, agora pagas pelo juízo que não tiveste.

Que caralho de sociedade esta onde se dividem as pessoas entre normais e entre anormais, entre ajuizadas e entre tresloucadas. O auto flagelo da correcção, daquela forma de estar na qual o sujeito divide o mundo entre ajuízados e os outros cuja epítome é a mentalidade de polícia, que adopta uma postura de indefectível cumprimento das regras que todos os dias vê transgredidas, adopta com ele a visão assustadoramente exacta de um mundo lógico e ordenado em vias de funcionar bem não fossem os inaptos a moer a engrenagem.

O auto flagelo da correcção que qualquer drogado ou pedinte reconhece no olhar do transeunte que passa e que lhe nega a esmola ou a compreensão. O auto flagelo da correcção que serve para uma população inteira como critério para os seus juízos de valor.

Os silêncios de admiração ante as histórias de sucesso empresarial ou as espertezas cometidas, e eu e todos os outros que suspiramos os últimos golfos de ar, a um momento pensamos que as opiniões são uma epidemia, a certeza plena e inamovível de quem se sente na certeza da sua visão do mundo, é uma força tremenda ainda que amputada de pernas, que torna cada um em zombie ao serviço da sua própria miséria. É a prisão a este mundo, ao imediato, ao afã e à curta vida de formiga que transforma os homens em ratos e as mulheres em figuras ridículas, pena que só a àgua do Tejo, sob o alto desta ponte encarnada só agora mo mostre.

Trabalho o dia todo, e mal consigo dormir. Não me chega o dinheiro que ganho, e até nem fui dos que se endividou mais. Nunca tive uma casa, ou tenho alguma perspectiva de ter filhos.

Ainda pergunto à vida, isto é a mim mesmo, que caralho vim eu fazer à vida senão cumprir as aspirações coevas de meus progenitores. Durante anos não nos ralámos com a direcção do comboio que passava lá ao fundo e que determina a nossa vida. O algodão de um suposto progresso embalava-nos no sono dogmático da conformidade, e a bem da verdade estávamos em assim, em torpor narcoléptico, em calmaria imbecilizante. Acho que sois loucos se não vos perguntais para que caralho serve estarmos vivos.

É a vida uma crónica hedonista que se rememora antes do fim numa velhice enublada?

É a sucessão das fases inertes assim que o tempo passa por elas, das fodas, das jantaradas, dos corpos

de mulheres que agarrámos, das bebedeiras que coleccionámos e dos amigos que perdemos? Que caralho dá valor a esta merda? Que fazer com esta merda que me deram, um espírito e um corpo, a meter numa merda de emprego e fazer como todos os outros fazem?

Esta merda aperta e todos estrebucham pela sua fatia. Parece que o socialismo morreu...

II

A acefalia é uma nova forma de regime político. Implica uma ideologia baseada na simplicidade de ideias. A comparação com os processos lógicos da computação não é mera coincidência. O mundo ficou mais 'tecnológico' mas a dimensão espiritual do hipotálamo parace ter sido varrida para debaixo de um monte de silíca em processo entrópico.

Os arrogantes de merda de agora, herdeiros genéticos dos arrogantes de merda de então, sim, daqueles que nas primeiras décadas do século acreditavam mais na solução de todas as aflições humanas através da técnica, até que Auschwitz os calou. A técnica ao serviço da morte abriu portas para outras vidas, e pareceu querer camuflar aquele cerebrelo primitivo, e assim mascarou através de código binário a eterna divisão social já conhecida, e da qual os discursos hodiernos à mesa do jantar são devedores.

Começaram por ridicularizar o discurso interminável do espírito, as letras são tretas, e as línguas servem apenas para tradução, a Filosofia para abrir empresas de auto ajuda e aperfeiçoamento humano, a História para legitimar nacionalismos ou ideias políticas, a Geografia para elaborar estudos de impacto ambiental. Despiram-nas de toda a tensão criadora e problemática na mesma acção que tornou as universidades em centros de formação profissional e mercantilizou professores e alunos.

Logo as Humanidades, que eram aquilo que de melhor tínhamos para remoer a merda que nos querem fazer acreditar.

Quando disseram que o contribuinte isto, o contribuinte aquilo, ninguém bufou nem um sorriso de despeito.

Passámos de cidadão a contribuinte, e todas as almas que assim acederam a pensar gostaram da ideia, pois ao ver o que descontavam por mês para um aparelho estatal, gostaram de pensar que iriam ter algum tipo de poder neutro e objectivo naquilo que se faria ao dinheiro.

O cidadão partira, deixou viúva a sua república e casou com as Finanças. Ao cidadão não se exigia que

se preocupasse com a sua comunidade política, coisa chata que delegava em outros a quem pagava para fazer isso. Mediante a visão do mundo teria no cardápio o partido político correspondente, ao qual não faltavam as pitadas de sal virtual em forma de conspirações e teorias cabalísticas geralmente maniqueístas, que prendem o espectador ao viciante espectáculo, ao qual se juntou tardiamente o debitar diário de comentadores políticos, que são pagos para nos dizerem o que não vemos 'lá'.

O contribuinte começou a tornar-se cada vez mais consciente do dinheiro que largava para o Estado, essa entidade abstracta, só presente nas marchas dos políticos e nas paradas militares. Começou o contribuinte a achar que só tinha palavra a dizer enquanto pagador dessa fanfarra toda, e que se havia gente a viver-lhe nas costas dos descontos, isso seria intolerável. Vai de malhar nos espertos e nos sem nada, enquanto se admirava em silêncio os elegantes alguém que são afamados para a populaça. Ao filho da puta que levanta o subsídio de sobrevivência se lançam vitupérios, mas ao tubarão da falcatrua que se reconhece da tv num qualquer supermercado se devem vénias e nos desfazemos em sorrisos. Afinal que se dizer de um filho da puta que nos desfalcou em milhões, pode ser uma cabala contra ele, que é tão digno por se achar tão senhor de si mesmo. Mesmo que seja culpado esperto é ele que sabe jogar no sistema, não é como o filho da puta que levanta o rendimento social de inserção, que nem para roubar é excelente, só esperto.

A divisão e a preocupação com a divisa, criou uma sociedade cínica, onde se torce o olho a construir um hospital a Norte do Mondego, e se olha com bons olhos mais um casino em Lisboa ou vice versa.

Não temos ninguém que nos salve e poucos escrevem sobre o domínio da linguagem, não só por especialistas, como por assassinos contratados postos a decidir o que é bom para o mercado ou mau, e a submeter a lógicas economicistas, a matéria dos cursos.

Precisaríamos de umas largas centenas de críticos sociais a trabalhar em contínuo para poder dar a imagem a esta sociedade do que ela é e se tornou, mas como não dá dinheiro, o pobre português atávico e emigrante vai continuar a fazer vénia ao senhor que passa e aos navios que passam por ele.

As Letras são tretas.

LXVIII

**Carta para outro de mim**

O poder das palavras só surge por despeito das condições materiais insustentáveis em palheiro ignífugo a todo o hálito.

O poder das palavras só surge pelo completo desrespeito por uma norma e por uma decisão acerca da insustentabilidade desta intermitência.

Não espero portanto mudar o mundo ou criar culto entre corações envernizados, apenas deixar meia dúzia de folhas escritas que atestem que eu fui vivo em determinado tempo e espaço antes que o amarelo do finito desfaça o papel em átomos que voem ao vento.

Que algum dia algum desconhecido leia estas palavras minhas e o placebo traidor da minha vida perdure uns instantes como sombra de nuvem de chuva além da minha morte.

Chamo-me José tenho 37 anos e vivi os últimos onze meses da minha vida na rua de mão dada com a Estação de Santa Apolónia.

O meu plano é terminar esta confissão, embebedar-me uma última vez com vinho tinto barato em embalagem tetra park desbotada e matar-me.

Matar-me não. Pôr fim à vida do meu corpo, que morto já estou eu há dois anos, desde que perdi o emprego, a casa para o banco, a mulher a filha e o meu amor-próprio.

Não decidi ainda se me lanço da ponte, ou nos carris de Belém, onde os comboios circulam mais embalados. É-me indiferente de qualquer das formas, talvez choque meia dúzia de transeuntes, e lhes estrague o dia, mas sei que me ligam mais desfeito em bocados de carne que chorando e vomitando como agora rente ao chão por me sentir um pedaço de merda. Desviam o olhar e fingem não me ver como se eu fosse imperdoável responsável da perdição que se abateu sobre mim. Tratam-me como merda que nem um olhar merece, e sinto-me como merda.

Sou ou fui uma pessoa normal. Quero que penses de mim, que fui uma pessoa normal que se passou. Só as pessoas que se passam é que se matam.

Sempre fui o que se pode chamar de um pobre diabo. Que por mercê da sorte ou inferior condição genética, sou fraco de cabeça ante ti forte leitor com juízo na vida.

Passei-me e deixei de querer viver. Morro anónimo como enteado bastardo que te dá asco só de lembrar.

Cresci na primária a comer sandes de margarina Vaqueiro, pobre mas não tão pobre que não conseguisse disfarçar. É fodido pernoitar ininterruptamente neste limbo em que não se é totalmente pobre de morar em barraca, e não ser rico o suficiente para levar sandes de paio para o recreio. De uns têm os colegas e professores pena, de outros aceitam-nos como mínimo. Aqueles e aquelas como eu são castigados porque apenas parecem desleixados, e o andrajoso que nos cobre parece mesmo ser falta de asseio, cresci com raiva dos olhares que censuram e o meu pai cumpre a promessa de me expulsar de casa quando fui para a tropa, que acabando me lança na rua sem um ofício que não o de limpar as cagadeiras de sargentos e oficiais cuja dignidade de casta se eleva acima do cheiro.

Dou comigo a acartar baldes de massa e a receber os mesmos olhares reprovadores com excepção da que viria a ser minha mulher, pois já eu trazia um ordenado aceitável de servente.

Para aumentarem os lucros os empreiteiros contratam estrangeiros que ganham menos do que eu, e aos quais o Estado faz vista grossa na exploração por interessar à economia.

Boa noite e um queijo, ando dois anos no limbo do fundo de desemprego, e em formações da treta que nada me ensinam senão que há muita gente a ganhar à conta dos fundos da CEE para formação profissional.

O meu ex patrão anda de Mercedes e eu arranjo emprego a cortar erva à beira da estrada, o dinheiro mal dá para pagar a renda e a televisão que é o meu único prazer nesta vida de merda, e fico sem emprego e a minha mulher já andava estranha toda arranjada como nunca se arranjou para mim, e um dia fui bater na janela do carro do outro que tem um restaurante na Baixa e lhe pode dar mais conforto material que eu, andei com a filha ao colo para ela ter juízo e voltar assim, fiquei só, ela com a custódia da filha e eu que nunca soube seduzir uma mulher ou fazer alguma coisa de produtiva tenho os meus amigos aqui a partilhar um pacote tetra pack de tinto, cagando sentenças filosóficas sem consistência pela boca aproveitando o torpor alcoólico para desabafar que se existe um deus sarcástico lá em cima, gostaríamos

de saber qual o pecado da nossa essência que nos fez merecer o castigo.

Assim sendo mandar-me-ei ao encontro de dois rodados de camião na 2º circular em hora de ponta de forma a incomodar-te a vida o máximo que me é possível, não porque te invejo mas porque me vês com a mesma solidariedade que esta vida que já nada tem que me cative.

I

A determinado ponto da contenda era obrigatório parar para avaliar danos.
Lembras-te que em 2006 tinha feito um compromisso para jogar o jogo, em vez de fugir dele? Naquela praia num quente Março a meio da semana, do sentir-me especial e isso tudo?

Ceder agora seria admitir ter falhado.
Falhar seria admitir que eu não era tão inteligente como achava que era.
Sim, porque isto do ser inteligente era um dos pilares do achar-me especial, do único sítio onde podia ir buscar valor para o amor-próprio de forma a poder viver comigo sendo minimamente feliz acerca do que sou e de quem sou.

Era portanto um caso de vida ou de morte.
Sim, já tinha ouvido aquela lengalenga dos gregos antigos e do controlo das paixões como via da liberdade.
Era isso, era isso que eu queria, liberdade, mas na altura achava que ela vinha com a Iluminação e que a Iluminação vinha com o orgasmo, portanto eu queria muita fornicação sem entender o elo entre fornicar e ser livre.

Afinal estavas à espera do quê? Num tipo que passou a adolescência a ver as cachopas a darem-lhe para trás, interiorizando a sua inadequação, sem se fazer a muitas nem a perceber que era uma questão de aprender com os erros.
Mas um gajo naquela idade tem o ego com papel de arroz, tudo rasga especialmente a rejeição.

Na cabeça fazia sentido para mim que livrar-me do desejo era um passo para ser livre.
Mas cheirava-me demasiado a resignação e a derrota, fazendo como a raposa e as uvas, admitir por fim a inadequação.

Aliás havia fingido a minha vida toda, ressentido para não dar o biscoito às gajas, só o coito. Mas debalde, continuavam a não chegar-se a mim.

Fazer cara de grumete embarcado longamente ou de trolha brejeiro e rebarbado como ponta e mola para qualquer fornicação, produzia o mesmo efeito.
Fingir não dava, elas tinham um cabrão de um radar que topava a farsa ainda antes de eu a ter iniciado.
Fingir que não as via, ou que não estava a olhar para os seios revelados em espartanos decotes por entre camisas brancas e queixos supremos sobre sorrisos primaveris.
Ou fingia não ter desejo e surpresa no olhar quando uma bonita mulher torneava a esquina, esquece, não funcionava, olhavam com repúdio e não com (o meu objectivo inicial a obter com o fingimento) perplexidade seguida de tentativa de ganhar a aprovação que eu supostamente não dava.

Nunca consegui acertar as doses.
A lógica era boa, faltava a *persona*. E eu não sabia que faltava a *persona*.

Obtinha continuamente umas expressões de repúdio e aquelas caras de indignação que elas mostram, quando alguém subverte as leis de classe e hierarquia do seu mundo adolescente.

II

Ela jogava sujo.
Eu tolo, achava que a inteligência de alguém se manifestava através da demonstração de velhaquice e que as pessoas pacatas e íntegras eram ingénuas.

Fazia tudo para manter a cona.
Queria a cona a todo o custo, não só ter como manter, como sendo um bem transaccionável e com valor de mercado.
Envergava implícita e doentiamente, a convicção interior de que a vulva é um bem, ou um mal, com valor monetário, social, e espiritual no mercado da carne, que é o terreiro cortesão organizado em que os corpos e almas dos indivíduos de determinada comunidade, se trocam entre si.

A *cona* não é a redução da mulher a uma parte sua.
A *cona* não é a reificação da mulher.
A *cona* é muito claramente a palavra que denota o homem apreciador de cona como a braços com a sua dependência. Pela *cona*.

A *cona*, é o nome que denota a dependência assim reconhecida pelo sujeito. Nada tem que ver com a sua

portadora.

A *cona*, que é algo que não pode obter por si próprio, e nem a masturbação se revela placebo à altura para tal.

Quando um qualquer apreciador de *cona* se refere ao elemento feminino como 'cona' ele apenas parece insultar o género feminino.
O que ele no fundo faz é revelar a sua redução interna da mulher à pequena e escondida parte, que materializa esta dependência mais ampla pelo sexo oposto.

O drogado convencional diz-se preso à droga, não concretamente ao cavalo, liamba, nicotina ou açúcar.
O miserável pobre e despojado de vagina, apenas se refere como carente de mulher, se já estiver em estado terminal. Fora disso identifica bem a sua degradação, que nada tem que ver com a mulher ou com o feminino, mas com a sua dependência subsumida sob a pequena e bruta palavra 'cona'.

Carrega uma hóstia de ressentimento esta utilização do termo.
Na dependência de psicotrópicos o sujeito lida com a sua fraqueza social e espiritual mas a ressaca se bem que o envergonhe por não conseguir sair do poço, nada é comparado com a necessidade de ter uma vagina bem molhada que lhe justifica a vida.
Um autorrádio ou uma noite de venda do corpo, rendem para uma dose. Ao vaginodependente o investimento quer-se mais profundo, ou sabe camuflar a sua mentira ou estratégia, ou acreditar de forma tão convincente mesmo que fingida.

Se não sabe fingir, tem de morder-se todo até alterar o seu carácter, sob pena de ver o fracasso dos seus métodos. Ou adere ao lugar comum do engate que aprende por osmose com amigos e colegas de trabalho, ou dedica-se a dedilhar bonecas insufláveis.

A heroína raramente dá uma má *trip* ao passo que a vulva pode regularmente deixar aquele sentimento de degradação interior assim que ambos os sujeitos se confrontam com as pessoas despidas das personagens, depois de todo o esperma expelido e de todo o carinho dado, o que fica é o sentimento de que o escorpião hiberna por algumas horas e que já se sente na volta do correio o desejo a encher de novo a cisterna.

Precisar de um outro, de uma vagina, é mais vergonhoso enquanto miséria espiritual que as dores da ressaca heroinómana. O drogado revê-se ainda de certa forma como humano, aflito com um pecado, mas com remissão.

O  dependente de 4 pregas de carne húmida, quando mete as mãos à consciência e percebe que trocou a sua integridade por tão pouco, e ainda leva o bónus de ter de aturar uma gaja que ele não gosta, e forçar-se a gostar por causa do período de abstinência forçada no caso de uma futura separação, gostaria de ser acordado deste pesadelo.

A trip química é bem mais recompensante que a contínua mitigação endorfinada da líbido.
Assim que te vens, passa a euforia.
Mil vezes viciares-te em vulva, mas não é por isso que passa a ser pera doce.
Especialmente se é a única maneira que tens para dar significado à tua existência, como se a procura de parceira fosse a razão de teres vindo ao mundo, talvez biologicamente seja, não sei.

Esta suposta superioridade feminina repetida pela propaganda, do belo sexo, da mulher omnisciente a quem basta um silêncio lacónico para ter do seu lado a reverência dos olhares para a sua figura com tons de sapiência de oráculo, é o grande desvio do homem e da sua ligação ao mundo do espiritual.

Ela jogava sujo.
Já começava eu a dar sinais de perceber a dependência e o vício que me afligiam.
Nem era por ser esperto, pois sou teimoso que nem uma porta.
Era mais por aumentar, *ergo* relativizar, o número de paragens de autocarro na viagem pelo feminino.

A cada desilusão amorosa, a cada abandono, eis comigo só fechado no carro a olhar o estuário e a chuva a cair. Por alguma razão ignota o coração continuava a bater, mal mas a sucessão dos instantes na consciência continuava fluir.
Um grande sentimento de perda, mas perda do quê?

De não ter uma fêmea para foder, de não ter uma mulher para mostrar aos outros que tenho um belo objecto animado para provar a minha masculinidade, ou um símbolo de prestígio para mostrar às mulheres que desdenhosas anteriormente viam que afinal eu era digno de atenção e de amor?

Ou de perder o receptáculo de tanto sacrifício, carinho e placebo de amor, na personificação do meu

destino burguês, a namorada?
E a cada separação a angústia de mais uma missão falhada.
Vês essa merda nos filmes, especialmente americanos, em que aparece no cúmulo de azar ou caracterização do *looser*, o não ter emprego, não ter carro, não ter estilo, e por fim, não ter ou perder a namorada/mulher.

Convencia-me que afinal não morria a cada novo desgosto amoroso, e como qualquer crença em inadequação implica acreditar num método adequado –tal como a crença em Deus implica a crença no Diabo -, decidi não ficar sujeito, isto é, limitado na minha liberdade, aos infortúnios de nada perceber do que se passava. Que caralho, afinal eu fazia tudo bem. Tratava bem o objecto de amor, acedia à maioria dos caprichos, abdicava de mim para me apresentar nos bons favores da deusa.

O cansativo nem era a desilusão, mas um não fazer ideia do que levava à desilusão, e eu não queria sair mais magoado destas merdas.

Não ficar em suspenso dos caprichos da quantidade de gajas que apesar do que eu fizera por elas, afinal por mim para manter a sua cona, no final se manifestavam ressentidas, passando para mim o asco da relação, a vergonha oleosa contrastante com o carinho e fascínio alguns meses anterior.

Quando nos conhecemos, no bar de frente um para o outro, os mesmos trejeito que eu já identificara, a manipulação das expressões faciais como método de condicionamento, a atenção como arma de arremesso para atar o anzol, o tactear do interlocutor procurando o seu grau de sofisticação e expressão clara através da linguagem corporal do quanto ele estará abaixo dela na escala de sofisticação, mesmo que essa escala se reduza a conhecer as promoções sazonais no armazém de roupa.

Descolhoado assim, o interlocutor só tem de correr atrás do prejuízo, isto se quiser a cona.
Mesmo que não queira passa a querer, só pelo facto de que ela existe e promete percentagem de possibilidade.

Ora eu já me queria solto do resultado, e quando me sentei não estava a contar com nada senão com uma prometida gargalhada em relação a toda a situação. Além do mais porque o que me interessava, era o caso da literatura.
Havia levado a resma de folhas dos textos que trocáramos, mais eu, claro, ela ficou logo quase na linha de partida.

A certa altura virei-me de lado para olhar o bar e as pessoas à minha volta, também na espectativa de saber qual a sua reacção.
Reagiu mal, ofendida se eu estava ali para lhe dar atenção ou não.
Percebi que significava um ego para ela. E que apesar de bem-sucedido na minha intenção, ela ainda não me tinha feito mal nenhum, para merecer algum destratamento.

O contacto físico seria determinado por mim, primeiro por aconchego de suas mãos no meio das minhas, depois pela troca de línguas que passavam metade da minha última pastilha para a sua boca.

III

A *cona*, é o nome que denota a dependência assim reconhecida pelo sujeito. Nada tem que ver com a sua portadora.

Queria manter a cona.
Se bem que somos o inferno uns dos outros, há uma dimensão além-foda de companheirismo e apreço mútuo que convém explorar do outro lado da equação.
Ora como o sexo sempre esteve tão longe nos anos de acne, e tão manipulado nos anos de jovem maturação, como toda a gente age como se existisse um serôdio esquema para o sucesso, que é a cona ou o ascendente, não posso criticar-me por ter assumido essa ideologia.
Portanto estava de certa forma impossibilitado de apreciar essa dimensão, não só por mim, nota. Mas também pela potencial 'ela', há uma percentagem de ilusão e desilusão, de ganho e de perda que determina a lucidez com que mergulhamos nas relações. A testosterona apenas faz focar o sistema reticular na percentagem de orgasmos a atingir.

Eu dava isso de barato desde que mantivesse o dedo na sopa, neste caso a pila no pito.
Achava piamente que era o método que todos usavam com mais capacidade que eu, vistas bem as coisas eu não seria bom juiz em causa própria tendo em conta a percentagem mirrada de sucesso nas experiências passadas.

Opá, com o foco exclusivamente mantido no «prémio» a mulher *bibelot* os defeitos morais de cada sujeito feminino são completamente relativizados. É chata, castradora, caprichosa ou fútil? Não interessa, o que interessa é mantê-la pois é o prémio.

Via os defeitos, urdia relativizá-los afinal o absoluto era a vulva.
Com menos clareza sentia os meus.

Ela também o sabia. Tinha feito o trabalho de casa. Sabia que coisas fazer para excitar a cópula.

Cheirava como perdigueira as minhas falhas de carácter.
Ela tinha tudo, eu nada.
Perante a separação, os números dão a vantagem ao elemento feminino.
Durante as relações, de forma mais tímida ou menos tímida, qualquer mulher tem sempre outros pretendentes, ou aspirantes à sua companhia.
O abutre, que paira com a fome de ler sinais de fraqueza emocional no alvo para se insinuar furtivamente como 'amigo', confidente.
O chacal, que lança isco a todas as que povoam o seu território de vivência, com mais ou menos charme ou *verve*, viciado pela caça, sedento na procura de sinais promissores.
Cada tipo recém-solteiro tem mais dificuldade estatística em reencontrar companheira para afogar mágoas, por comparação com a sua contraparte.

Ela consegue, em geral, manter um séquito de amigos presentes amantes latentes, que lhe oferecem atenção, compreensão, e validação. Também estes desgraçados recolectores, desconhecem a inexistência de espinal medula na sua anatomia. Acham ser parte do jogo.

A minha viúva era assim. Quantas vezes não atendia na cama chamadas destes 'amigos' a qualquer hora do dia e da noite. Ia-se queixar para as amigas mais próximas, que eu era mau, e básico, e que não aguentava, e sei lá mais eu o que. Mas não contava que certa vez a fazer amor, saltou de cima de mim para atender uma destas chamadas.
Comecei-me a vestir.
Debati-me com o tal pensamento ' Ah, caga, estás aqui pela cona.'

Mas decidi que não valia a pena, até para provar a mim, que algo existia em mim, que eu valorizava mais que a satisfação do meu desejo.
Não deixou, chorou, pediu para ficar, que eram hábitos passados.
Agarrado à fivela do cinto dei-lhe o benefício da dúvida.
Continuava a receber imagens e vídeos de necrófagos destes que te falo, colecionando e manipulando estes bonecos amarionetados e domesticados, com os quais, nos cafés e bares de Lisboa, ela e as

amigas trocavam medalhas de valor sobre a sua emancipação e poder sexual.

Eu lia-lhe todas as manhas. Não porque seja particularmente perspicaz. Apenas porque passas muito tempo a urdir manhas na cabeça, reconheces todas as lógicas dos outros manhosos.
Desde apresentar-me à família, e sair com amigos, gabando-me e dizendo-se feliz quando eu ia aos lavabos mudar a água das azeitonas.
Havia que fingir todas as fases de enamoramento, esta correspondia à fase de contentamento, que depois tem a fase de desencanto, na qual se justifica aos amigos e amigas que afinal ele não era o que ela pensava, e pura estava apaixonada, não tem afinal sorte ao amor, e assim coleciona mais um gajo, que não só fica mal visto, como marcado, a ferro em brasa, possivelmente capaz de se relacionar decentemente nas situações futuras, tal se sente desconfiado de toda a gente, anjinho que foi a ser manipulado.

Quando voltava do mictório a amiga que sendo amiga não a suportava, agarrou-me várias vezes as mãos. Nitidamente tentando fazer ciúmes à outra.
Por entre os sorrisos de circunstância a barraca armada duas horas depois. Que eu muito amigo da sua amiga, que se quisesse podia ficar com ela, e essas merdas que se dizem.

A cada recriminação, percebiam-se dois objectivos, real insegurança e testar-me.
Apelar à emoção e indo contra toda a lógica. Assumir a figura de mulher arrebatada pela emoção de ter sido preterida, traída na sua pureza e atraiçoada no seu amor.
Como tinha decidido não deixar as minhas emoções tomar alguma vez mais controlo de mim, tinha a frieza de lhe perguntar, que agarrar umas mãos, não era pior que guardar vídeos no telemóvel com cenas de masturbação. Ela havia recebido um recentemente e mostrava às amigas para se rirem todas do viril patego que achava assim excitar a destinatária da MMS.

Nestes momentos era visível um curto-circuito na sua cogitação. Chegou a lamentar-se que eu tinha sempre uma cartada em *standby*.
Tentava usar isso comigo dizendo-me que eu não era puro, era manipulador, cheio de segundas intenções.
À noite levantava-se, julgando que não me acordava, como raposa em riste para o galinheiro, para me ir espiar as mensagens no meu telemóvel.

IV

Ressentia-me aleivosamente para com as ‘mulheres’, por causa da injustiça do jogo. Por usarem os

homens como fontes indirectas de validação e aprovação.

Eu fazia hipocritamente o mesmo. Olhando-as como conas bípedes, deusas traficantes e produtoras da minha droga, seres acima de mim, com a posse de algo que me fazia narcoticamente falta.

Deusas anexas à conaça, esse monstro telúrico fotocopiado em estatuetas neolíticas.
Havia que aplacar a deusa, a todo o custo para continuar a ter acesso à minha miséria, a única condição mediante a qual conseguia mitigar o sofrimento interior, e dar um sentido para a vida, validar-me e fugir da minha própria interioridade.
Tudo através de uma simples cona.
Crente e clérigo da religião que professa que 'os rapazes são feitos de pedras e ervas daninhas e as raparigas de algodão doce e rosas', todo o autossacrifício me parecia saudável e não conseguia perceber que era bem pior que as gajas que generalizava como boas, e dando o corpo a todos que não a mim.

Suspeitava-o, pressentia-o, mas de forma muito nublada, demais para se materializar em pensamento.
Sem clareza e noção da fatalidade, não tinha força para chocar e forçar uma mudança.
Continuava a arrastar-me como lesma sobre fio de navalha.

Admirava e detestava simultaneamente aqueles conhecidos e amigos que me diziam livres, a golpes de vontade, da perseguição e do desejo, e assim da perseguição do desejo.

Como não conseguia definir a minha identidade além do ente em busca do infinito desejo pelo belo corpo de uma mulher, e do orgasmo final para lá do horizonte, olhava para estes abstencionistas como pessoas derrotadas, arrenegadores da cona admitindo o seu fracasso nessa luta fratricida para a obter, submetidos na guerra de impacto.
Nunca me passou pela cabeça como hoje, que haviam vencido a luta contra o seu desejo, e quebradas as cadeias da servitude finalmente.

Deixava-me perplexo terem desistido de ser chacais.
Mais ainda quando desistiam de ser raposas, ou seja, quando os mais bem sucedidos numericamente, abdicavam do jogo, pela miséria que lhes causava.

A cona aparecia-me como um dos mais fortes motivos de glorificação da existência.
Que putos novos como eu, só estariam a fazer o que é devido, num esquema metafísico das cenas, a viver a vida, perseguindo a exaustão através do orgasmo, do excesso de boa comida e bebida, erguendo

nossos cálices ao Céu agradecendo a vida no nosso espaço-tempo.
Celebrar a puta da vida caralho, através da ingestão do suor e dos gemidos daquele corpo que seguramos com os braços enquanto o esfaqueamos com a pélvis, a embriaguez da massa de carne bem formada pelos anos, lambendo todo o lúbrico orifício que cumpre aparecer, num claro desafio à luxúria, cerrando os dentes e fazendo o beicinho do prazer com que se olha uma bela anca, um belo quadril de matrona bem torneada.

Agarrar sofregamente dois bons nacos de nádega e estocar rumo à contracção, olhando-as e olhando-me comendo-as, ver a reacção directa que o meu corpo lhes provoca traduzindo gemidos e expressões de prazer, elas no seu corpo perdidas no rumo portulano que se avizinha, foder até à união mais perfeita esquecendo-me de mim, matar por fim o demónio da insaciabilidade com forma de escorpião que durante duas décadas me havia espicaçado sem dó ou remorso.

Apreciava sobretudo o deixar de pensar.
Quem passou uma vida inteira a fingir vem a acreditar que a sua mais pura expressão, daquilo que é, é tudo o que flui saindo sem ser pensado.
Foder era para mim uma expressão de verdade. Contando que conseguisse libertar-me da validação de dar orgasmos, e ser confundido com um bom amante. Ou se me conseguisse libertar da insegurança de divagar receoso sobre a autenticidade dos sentimento s de amor delas.
O tal demónio com forma de escorpião, que me levava a masturbar 7 ou 8 vezes ao dia, impedindo-me de estudar, de ler, de fazer alguma coisa que não acumular pornografia e escrever cartas de amor que fossem tiros certeiros na arte do engate.

Isso e ir comprar creme paliativo para meter na gaita por causa de tanto abrasão esfolador.

Cada corpo bonito e rosto a condizer, conduzia toda a minha força de imaginação.
Como elas precisavam de uma atenção ou de um olhar de desejo para se sentirem ‘mulheres’ eu só precisava de um corpo que se abrisse incondicionalmente nesta estrada de Damasco em busca de parceira.
Eu para aplacar o cavalo de guerra de três pernas, ela para me validar fazendo sentir-me desejado.
Para ambos o outro como meio, no meio da guerra dos eus contra o mundo.

V

Quando nos separámos, (se é que alguma vez estivemos juntos) pela primeira vez, foi um rude golpe para

a minha esperteza.
Pensava que finalmente tinha afinado o método, mas aqui estava a realidade a dizer que não.
Aqui estava eu de novo a enganar-me a mim próprio, pois era mesmo dor de amor, que eu recusava sentir, por ter decidido não mais sofrer dessa merda.

O ressabiamento do abandono, aliado ao vexame da minha congénita estupidez nestes assuntos faziam fermentar em bolhas de muito mau fígado, os vapores de mau ambiente crónico e totalitário do meu humor.

Em certa viagem para ajudar um amigo a mover mobília para 300 quilómetros a Norte, um amigo desse amigo farto de me ouvir lamuriar mandou-me calar pois tinha de aguentar as coisas como um homem, forte, ser homenzinho. Retorqui ao Filipe, era seu nome, a minha surpresa por causa da total desconsideração da minha ex em relação à minha individualidade sem que eu tivesse feito nada para merecer isso.

Mas fiz, tolerei e foi suficiente.
Ele respondeu que todos passamos por isso e que eu não me devia considerar particularmente afectado, apenas estava a fazer demasiado espectáculo numa mariquice comum.

Podia ser que ele tivesse razão. Outra dimensão que me escapava. A da redução das minhas premissas antropológicas e psicológicas em relação à minha experiência subjectiva.
Ainda não tinha conseguido implementar a fria objectividade do método científico a este tema.
Passava essa insuficiência no vício de amar, na dependência daqueles químicos que se soltam dentro da cabeçorra e que nos fazem sentir e interpretar de forma diferente.
Mais tarde vim a saber que o mesmo Filipe teve um problema mais burguês de trocar a mulher por uma mais nova e sofisticada, e que durante uns tempos descobriu a Filodoxia, que é o que acontece à maior parte das gentes quando defronta uma situação-limite.

Parece que andou a bater mal, e que a sua certeza inamovível balbuciou alguns choros, e foi quando descobri a expressão sobre a pimenta ser refresco no rabo dos outros.

Afinal esta merda é uma guerra de mundividências, não na complexidade das mesmas, mas na convicção com que se vive acreditando nelas. Foda-se estou fodido, desde que me lembro que sou vergastado pela

dúvida sistemática.

É óbvio que não sou respeitado pela minha viúva porque não represento o arquétipo que lhe merece o respeito, e mesmo que fosse tinha de acreditar sem reservas…na minha experiência particular.

Arrogante e convicto da minha capacidade de formular leis e princípios de acordo com a minha experiência caí no mais profundo relativismo.
O mundo tem esta forma de te mostrar um ritmo ou harmonia que convida a uma generalização só para depois se entreter a destruir todas as tuas crenças sobre ele, ora as comprovando ora as desmentindo.

Afinal a narcose susanina advinha do sentimento de maioridade emocional que eu julgava ter.
Completamente negado pela escolha de ter jogado o jogo.
Lembro-me perfeitamente dessa escolha, dentro do meu *Fiesta* de 1994.

Ela havia chegado tarde num Sábado a um exame que fiz, que havia convidado a que assistisse. E a explicação foi que passou a noite num carro com outro a falar.

O digno em mim esboçou uma postura de ok, foi bom conhecer-te até sempre.
Ela insistiu, confidenciando semanas mais tarde que trair era um método para conseguir amar, indo buscar força ao remorso.
Insistiu no perdão e que nada tinha acontecido.
Lembro-me do meu espírito aventureiro me ter dito:
«Caga, nada vais ter de sério, dá umas fodas, e não te rales muito com isso. Vais ter tempo para a tua vingança.»
A cona, qualquer cona, era lucro.

Perdoar a esta pessoa que me magoara assim tão sem motivo, só me apetecia tirar de esforço, como aqueles jogadores da bola que mal conseguem esconder a vontade e o plano de dar uma trancada na perna do outro que antes lhes deu a eles.

Completamente inusitado. Pensava na altura que ela me tinha ensinado um grande segredo da vida dos adultos. Que a violência é um facto, que a completa acção de fazer tábua rasa dos sentimentos dos outros é uma constante e que o homem adulto sabe lidar com isso sem tremer.
Foda-se devia ser mesmo inadequado.

Embora em algumas ocasiões fraquejasse assim, e quisesse admitir :«Foda-se, admito que sou inadequado e inapto a fazer uma mulher apaixonar-se por mim, desisto foda-se.», acabava sempre por rejeitar a confissão porque sempre consegui olhar-me como alguém amável.
Com lado sombrio e magoado, certo, mas no geral digno de amor.

Mas foda-se, neste ponto de vista até o carrasco é digno de amor.

A cona era o meu único problema. Não a cona *per si*, mas a cona para mim.
A cona como eixo de validação para a crença interna da minha indigência de valor.
A cona como instrumento para mim, e para elas.

Se ainda não te apercebeste, elas cheiram dependência a léguas.
Se fosse um toxicodependente, ainda assim seria passível de despoletar sentimentos de atracção, quem sabe até ser irresistível, para boa parte das mulheres.
A coisa do não conhecer limites ou ter uma sofisticação muito à frente, mete a macacada aos saltos.

Tudo dependeria do meu grau de corrupção.
Mas ser dependente da única droga em que a deusa controla totalmente o circuito de produção e distribuição, era azar demais.

A cada nova relação havia sempre um ponto neutro como na caixa de velocidades dos carros.
Havia sempre um ponto nítido entre ela pedalar para te ganhar a atenção e te ter, e o saber-te fisgado como peixe que acompanha a corrente que o leva para a morte, só para aliviar a dor no beiço onde repousa o anzol.

Podes sempre ver uma espécie de satisfação revivida nos seus rostos, satisfação por mais uma vez terem provado a si mesmas a validade e eficácia do seu método de manipulação, provado por mais um que havia ficado aprisionado na teia, qual marioneta que tem de esbracejar correctamente para não se dar à morte, à aranha silenciosa que aguarda escondida as vibrações da próxima refeição.

Elas sabiam. Elas sabem.
Não por A+B, mas ainda assim de forma clara, qual é o seu poder.
A salvação só veio quando percebi finalmente (outra machadada na crença sobre a minha esperteza) que é tudo, tudo, um jogo de números. Não é um jogo de tudo ou de nada.

Á minha miséria somavam-se dimensões, ou então começava tal e qual Alice, a descobrir a profundidade da toca do coelho.

Percebi que havia um buraco algures, que jorrava mulheres bonitas.
Cada uma não era a 'única', ou pelo menos não mais que cada uma das anteriores, ou cada um de nós.
Afinal somos grãos de areia no espaço-tempo, tão únicos e iguais, como qualquer paradoxo pode garantir.
E poeira de estrelas passadas também.

Sabes, temos a tendência de colocar a deusa acima de nós.
Aquela hipnose que ferve o transe da legião masculina quando olha as ancas flutuantes de uma jovem mulher convicta da sua feminilidade e do seu poder sexual.

Ou a mistificamos com poderes inexistentes, que contudo ela não nega que os tenha, ou a tratamos como receptáculo de esperma degradando-a e a nós no processo.

Isto porque vivemos sem lidar bem com o cinismo. O jogo é cínico, velhaco.
O método mais fácil de aplacar o desejo é jogar o jogo assim. Torna-se cada homem em joguete da sua fraqueza. Repara, ninguém quer sublimar o desejo, mas aplacá-lo.
A maior parte como eu, não queria chegar aos 50 e dizer que fodeu uma, duas ou três gajas na sua vida inteira. É manifestamente pouco, tal como é igual no caso de uma mulher nas mesmas circunstâncias. Não é preciso foder meio planeta para se saber o que se quer.
Mas é preciso foder o suficiente para saber que a cona afinal é um estigma nosso.

Alguns são mais clarividentes, ostentam aquela energia masculina de Zeus, masculina e dominante o suficiente para não cederem ao capricho infantil do seu desejo.
Era estes que eu hostilizava.
Desde sempre.

Havia também outros bem-sucedidos, cheios de mel, atenciosos, melosos, sorridentes e bem aprumados.
Que geralmente se revelavam diferentes quando nas confidências masculinas. Foi esses que tentei emular, pois achava que o jogo era cínico.

Eu sabia. Eu sabia.
Mas não queria acreditar.
Perdia-me no processo.

Prendia-me no processo.
Mas achava que no final valeria a pena.
Toda a humilhação teria valido a pena se conseguisse miseravelmente manter a cona e agradar à deusa.

## VI

Havia-me tornado um cemitério de mulheres bonitas.
Fazia questão de não lhes dar qualquer biscoito.
Perceber que a beleza pode ser uma maldição, e que em certos casos eu só fazia parte daquilo a que chamo as injustiças deste mundo, sendo algumas vezes arrogante para com pessoas decentes, que sendo bonitas eram tratadas como estereótipos de gente que se fez em torno de um ego alienado.

Não deixava que nenhuma me apanhasse a olhar-lhe o rabo ou em posturas submissas e engraxadoras.
Segundo elas, ficavam a achar que eu ou não gostava de mulheres ou que era antipático.
Uma antipatia que disfarçava um ressabiamento, de não as saber levar, não ter desenvoltura social, ser um chato, inadequado, uma pessoa demasiado pesada com a vida.

Logo eu que achava que as impressionava com a minha visão trágica da existência.
Ui que elas ficavam logo molhadas de me ver falar de Schopenhauer.
Eu morria de medo de falar com elas. Nas experiências passadas tantas vezes havia tentado que havia ficado traumatizado com as caras de aversão à minha desenvoltura.
Para evitar reviver esses pequenos desgostos, ou só falava de metafísica ou só dizia os olás e bons dias.

E eis que um tipo se veste desmazelado ganga e t-shirts dá por si a desprezar todas aquelas ninfetas que acham que o centro de massa do Universo se materializa no seu umbigo.

Eu confirmava a minha fantasia de ser excêntrico por não entrar nesta dialéctica, mas tão mortinho para encostar a minha pele à delas. Ser assim por outrem validado.

Era coisa de números, to digo a ti.
Não dá, passa à frente.
Lentamente comecei a projectar imagem de prestidigitador.
Pouco habituado sabia contudo que a imagem e o onírico são bilhetes para a cama.

Perante o desafio, a viúva profissional, caiu que nem o rato na minha armadilha.
Ia finalmente jogar o seu jogo, mas melhor que ela.
Ia vingar todos aqueles que como eu, se achavam aos caídos na vida, por causa de mulheres que lhes pegaram na autoestima, limparam o rabo com ela e a deitaram fora.

Não, esta ia ser a minha vingança contra o mundo.
Contra todas as outras que imbecilmente haviam feito pouco dos sentimentos que sem me compreender por elas nutrira, sem qualquer outra reacção que não a de repulsa.

Minto, conheci pelo menos uma ou duas excepções, o que confirma a ideia de que é uma coisa de carácter pessoal, ou que também elas são vítimas da sua biologia e psicologia.
Quando percebeu que o estava a perder tentava fazer-me convencer de que era pura e sincera, fosse qual fosse o chorrilho de mentiras que eu lhe apanhasse.

Nisso tinha já aprendido que quem se diz algo, é porque não o é. Usando a mentira de forma funcional para passar por verdade.
E com ela obter mais credulidade, *ergo* fraqueza, do outro lado.

À viúva também não ajudava o seu carácter. Tinha as suas falhas bem visíveis.
Mas a um rabo de saias tudo se perdoa.
Tinha um medo tremendo de se ver presa à estagnação numa relação estável e monótona como são todas as relações, o que a fazia, mais tarde ou mais cedo, partir em busca de novas efabulações acerca dos homens que escolhia foder como desafio, criando fantasias impossíveis de cumprir por parte dos desgraçados, a quem ela manipulava precisamente com a arma do desejo, tal e qual Mefistófeles mais conhecedor da natureza humana que o próprio Criador.

O seu objectivo era só que eles sentissem que a haviam desiludido, para ter um duplo retorno.
Ficava ela a sentir-se com a superioridade moral da vítima, na boa luz e atraiçoada pela sorte, e ele sentindo-se como tendo falhado, em falta moral para com ela, sentia que a tinha de compensar, mexendo-se para inadvertidamente apenas reduzir a folga ao estrangulamento que já estava no sítio.

De vítima em vítima, a vitimizada ficava sempre por cima da história, com uma capacidade mitómana assinalável para justificar a bom-tom as suas acções.

Eram parte desses que eu apanhava a ligar às tantas da manhã, ou a mandar mensagens com

confidências ternas. Esses e os outros a quem ela brincava com a promessa de sexo se aceitassem pertencer ao seu séquito.

Plantava assim no seu vaso e nas cabeças dos contendentes a sua semente revigorada, a sua autoimagem limpa e renascida, confirmada com os seus sentimentos de pureza e vitimização por causa da desconsideração dos homens, e confirmava externamente esta crença falaciosa com o comportamento que todo e qualquer homem tem nestas situações, de complacência e correr atrás do prejuízo.

Qualquer desgraçado que caísse na teia de tocar harpa nas notas certas para cumprir expectativas era descartado como fralda mil e uma vezes reutilizada, levando a mais fria e certeira estocada no âmago do seu sentimento de individualidade, quando esta era pura e simplesmente abandonada à estiagem e à cacimba por esta alma sem paz, vítima de carregar o infinito em si.

Muitos queixando-se aos astros no firmamento com algumas lágrimas telegrafadas à mistura, da guerra que o mundo lhes fizera.
Da completa relatividade da sua existência assim desconsiderada.
Como uma boa bofetada, que acima de tudo e de surpresa, para qualquer reacção.

Estas mulheres jogam bem, e jogam sujo.
Não frequentaram nenhum curso de Psicologia.
Aprenderam de acordo com o que lhes fizeram e declararam guerra ao mundo, decidindo-lhe pagar na mesma moeda.
Não te podes dar ao luxo de ser ingénuo.

Se escolhes jogar sujo também, podes dizer adeus a quem és.
Quando o fiz, acenei-me com um lenço branco, de mim partindo como paquete emigrado.

Eu também estava em guerra com o mundo.
Havia de jogar com as mesmas armas do oponente, vencer a deusa que sempre me havia descolhoado, fazendo-me sentir submisso e impotente.

O ódio suplantava o amor. Em relação a isso sentia que afinal, não me perdia por causa da cona, pois era exactamente o recalcado sentimento de mim que valorizava acima de todas as vaginas que pudessem pernoitar na minha imaginação.

Dela, sentia sempre por trás de cada beijo que dávamos, uma reserva como que se em relação a um parente desconhecido e distante a que se tenta convencer pelo toque de uma improvável familiaridade. Sentia sempre uma reserva baseada em deve e haver, como que se estivesse sempre numa lógica de receber algo para si e para o seu ego, de todo o nosso relacionamento.

São estas pequenas coisas que os chico-espertos da vida desconhecem ou esquecem. Ninguém é parvo. Pode ficar a dúvida, mas não se consegue enganar ninguém sem o seu consentimento.
Dela se podia dizer que tinha um riso de escárnio e forçado, e uma total incapacidade em gerar sentimento de cumplicidade.

VII

Infantilmente eu havia decidido que pura e simplesmente não ficaria com a pior mão neste jogo.
Não, bastava.
Era por fim, o meu grito de Ipiranga.
A cona ia deixar de mandar em mim.
Mas sem desejo que me caracterizasse, quem era afinal eu?
Se deixava de ser o desejante, o que era a minha identidade?

A cavaleira viu que eu não estava desesperado por sexo.
E usou todos os truques da sua cartilha.
Após noite de copos no Bairro Alto, em quente noite de Outono, ao sairmos para a rua tira uma mama para fora e olhando-me começa a lamber o mamilo.
Esperava ver em mim uma cara surpresa.

Pensei, deve ser a dica para eu chupar.
Ok, agarro-a, beijando-a e quando dobro o pescoço para brincar com o assumido mailo em torno da minha língua, ela tapa-se e afasta-se como qualquer campónia faria imitando os filmes dos anos 50 em Hollywood.

Ok, certo, deve ser para eu a seguir.
Pela ruela ladeada de gente feliz bebendo e dançando ela avançava olhando para trás, espreitando-me por cima do ombro, avançando em direcção ao jardim no Príncipe Real.

Caminhava para trás virada para mim assumindo poses outrora ensaiadas.

Não via o anzol, mas sentia em toda a sua glória a presença da deusa, convidando-me para o abismo, como faz a todos os homens que convida para a morte, sorrindo-lhes.

Resolvi devolver à morte um sorriso.
Não tenho medo do abismo.
O abismo testava-me.
Procurava fazer um juízo rápido e que me executasse sumariamente para o ostracismo.

Percebi e ri-me de forma terna, ela sentiu que era de forma paternalista.
Inquiriu-se sobre a minha invulnerabilidade às manhas antigas.

Apoiando uma perna calçada por botas de cano alto num banco de jardim, cria espaço entre as suas apertadas calças de ganga e o fio dental tocando-se querendo-me levar ao ponto de ebulição do seu rebuçado engodo.

Trazendo a mão para cima lambe o caramelo dos dedos olhando-me directamente com expressão provocadora de olhos semi abertos.

Imito-lhe o gesto agarrando com a minha mão inteira aquela conaça cujo clitóris me fazia cócegas na palma da mão, e olhando-a com a naturalidade do meu olhar lhe dizia, «-É uma vulva, e então?»

É boa, mas a deusa não manda aqui.
O cérebro límbico contudo calcula que havia a promessa real de sexo, urge portanto fazer um acto de compromisso.

Quando vou a lamber o sabor do caramelo ela agarra-me o braço chamando-me maternalmente de parvo.
Testa-me. Passa a vergonha para mim, usa a acusação de inadequação sobre a desculpa de me ter em estima suficiente para não repetir o acto que ela própria tinha feito.

A minha indiferença e ar de juiz curioso fizeram curto-circuito nela.
A minha imagem, de alguém feliz só por olhar, tanto me dando se estava a foder ou a ver a vida passar, fazia tremer-lhe as pernas por causa da dúvida do seu ascendente.

Desde o início que eu não era alguém. Era apenas um meio para provar a si, e às outras o quão é fácil arrancar alguém do sério a puro golpe de capricho. Torna-se a desgraça do outro, o meio de sobrevivência psicológica dos mais capazes politraumatizados.

Quando o côncavo do ângulo recto de minha mão lhe tapou o convexo da sua vulva, como boca que se tapas a alguém para que não conte um segredo, olhou-me para aferir qual o grau de experiência que eu tinha com gónadas, até que ponto eu me transfiguraria perante a vista da peça de caça.

Certa vez a soldo de uma fingida espontaneidade decidiu foder dentro do meu carro, no meio da mais movimentada gare de transportes públicos da capital, em hora de ponta, só para assistir com satisfação a uma ejaculação precoce provocada por vários olhares inquiridores.
Satisfeita por ter conhecido um dos cantos da casa do alvo de estudo.
Era assim, testes e testes. E acham que os homens são tão estúpidos que não sabem quando estão a ser testados.

Tão facilmente prometida como retirada se mal tocadas as notas da teia.

VIII

Sim fodas boas, muito boas até.
Companhia quase sempre agradável, se bem que um risco por causa das erupções do seu magoado ego.
Só no amor não jogava pelas regras. Argumentava que não havia regras no amor.
A não ser para os outros.
Em tudo o resto era monotonamente convencional, cumprindo entusiasticamente todas as regras e convenções sociais.
Exigia comportamento semelhante para com os outros.
Achava que a sua missão no mundo também passava por evangelizar os outros para isso mesmo.
É uma guerra pelo espírito, tornada mito por Ulisses e pelas sereias.
As forças de atracção e repulsão em acção no indivíduo.
A engrenagem não cessa.

Já tarde demais aprende o cicatrizado a não acreditar numa palavra que lhe dizem sem o ar paternalista com que elas conseguem olhar para o amante prévio aliviado da sua carga de esperma, como que se perguntando «-Ecce homo?».

Como que batendo em cada azulejo para descobrir onde está a parede oca, a sereia tenta os ouvidos dos varões cantando tudo o que acha que estes querem ouvir.

Ao amotinado resta ouvir o canto não passível de resposta, e perdoar-se a si mesmo, foda-se como podias conhecer o engodo de antemão?
Além de que a vitória só é total se te deixares, mesmo perder.

Não pode pois senão, o conhecedor do mecanismo, rir do maravilhoso sentido de ironia, por ver que aquilo que achava ser o seu carrasco, não passa de mais um autómato ou marioneta *ex machina* num palco onde forças impessoais se confrontam em completo arrepio da sua individuação.

Todo o ascendente que a deusa tinha sobre si parecia dissipar-se.
Só próximo do ocaso da cona se transforma o indivíduo naquilo que é, evaporando-se o sentimento de mágoa recebida, que permanece como lembrança dos bons sentimentos pr cada mulher que connosco viveu.
Sob certo ponto de vista são amores eternos, exilados em alguma caverna ignota guardada cá dentro onde os gritos encurralados ecoam.
Assim elas jogam sujo, mas eu fiz as minhas pazes, perdoando, e perdoando-me com a bonomia de quem entende a posição do outro.

LXIX

**Cogito ergo Sum**

Ascendo para lugar nenhum.
Não há evolução. Tudo acontece como acontece, na altura que acontece porque assim tem de acontecer.
Viver com 20 anos numa mentalidade de 40, é não viver os 20 anos.
E vice-versa também. É travestir a idade do corpo.

Nada revelam estas páginas senão o profundo ressabiamento e ressentimento dos amores infelizes.
Fazer as pazes com a vida?
Perdoar? A quê? A quem? Porquê?
Que significa perdoar aos que nos magoaram e esperar perdão dos que foram magoados por nós?

Deixar de os culpar pela nossa infelicidade? Que teria acontecido se fosse diferente?
Algo não teria sido aprendido.
A aceitação do que és e de como o mundo é já não parece derrota e resignação.
Antes, sanidade mental.
Certa parte de nós permanece constante ao longo do tempo, mas não permanecemos as mesma pessoa.
Eu e a vida andamos às turras.
Eu, ela, tal e qual como monólito negro imperturbável e completamente muda ante meus achaques e perguntas.
Só há lucidez além do desejo.

LXX

**FIM**